

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

LETICIA FERNANDES

**DE NORTE A SUL E DO SUL A OUTROS DESTINOS: A PRESENÇA E
MOBILIDADE NORDESTINA NO MUNICÍPIO DE MARINGÁ**



MARINGÁ

2014

LETICIA FERNANDES

DE NORTE A SUL E DO SUL A OUTROS DESTINOS: A PRESENÇA E
MOBILIDADE NORDESTINA NO MUNICÍPIO DE MARINGÁ

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História – PPH,
linha de pesquisa em Políticas e
Movimentos Sociais, da Universidade
Estadual de Maringá para obtenção
do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Viel Moreira

MARINGÁ

2014

LETICIA FERNANDES

DE NORTE A SUL E DO SUL A OUTROS DESTINOS: A PRESENÇA E
MOBILIDADE NORDESTINA NO MUNICÍPIO DE MARINGÁ

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História, da
Universidade Estadual de Maringá,
como requisito para obtenção do Título
de Mestre em História.

Aprovado em: _____

Banca:

Prof. Dr. Luiz Felipe Viel Moreira (UEM)
Orientador

Prof. Dr. José Henrique Rollo Gonçalves (UEM)

Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva (UNESPAR)

Dedicatória

Aos meus pais Elena Passoni e Joseni Fernandes. A minha avó Jeni Carvalho, que pacientemente respondeu a todas as indagações sobre sua trajetória, desde a vinda do Estado da Bahia para o Estado do Paraná. Principalmente ao Menino Aluizio Carsten, pela paciência, pelo companheirismo e contribuição em todas as fases desta pesquisa. Esta dissertação não contou com recursos financeiros institucionais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente na realização desta dissertação. A Cecília Módena Dutra, pela colaboração na realização do levantamento nos Títulos Eleitorais e ao Carlos Eduardo Rodrigues (Carlota), pelo auxílio prestado em questões burocráticas e no envio de materiais por correio.

Ao pessoal da Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá, Sueli Gomes Gonçalves, Elizabete Dourado e ao historiador João Laércio Lopes Leal, pela viabilização do acesso ao arquivo e pelo convívio diário durante longos meses de pesquisa neste setor.

Aos amigos, Juliana, Felipe (Boto), Ana, Bia, Luane, Paulinho, (Negavan), Monielle, Lucas, Elizângela.

Ao professor Zé Henrique e Carla, pela amizade, pela colaboração, pelas sugestões e pelo incentivo.

Agradecimento especial ao prof. e orientador Luiz Felipe Viel Moreira por todos esses anos de trabalho juntos, pelo apoio prestado durante as fases críticas atravessadas desde o início deste trabalho, e também por viabilizar financeiramente para que parte desta pesquisa fosse realizada. A sua esposa Marcela Cristina Quinteros, pelas dicas desde o início desse trabalho.

Aos meus irmãos, André (Jacaré) e Emerson (Palmolive). A Mabilly por todas as risadas e musiquinhas marotas e ao Sr. José Aluizio e Maria Helena.

Ao pessoal da Tulha e ao professor Lúcio Tadeu Mota pelos apontamentos na qualificação.

Em especial a todos os entrevistados, Sr. Luiz (Tio Lulu), Sr. Osvaldo (Moquinha), ao casal Dona Alice do Carmo e Sr. Manoel do Carmo, Em especial a Laércio Souto Maior, Messias Mendes, Miriam Ramalho e Dona Dilce Ramalho (em memória). Mesmo que os depoimentos colhidos não

tenham sido utilizados nesta pesquisa, ajudaram muito a compreender a trajetória de tantos nordestinos em Maringá.

Ao Menino Aluizio pelas viagens, pela ajuda fundamental durante este trabalho e a todas as discussões sobre o desencadeamento desta dissertação. A ele, “mar aberto”. Por juntos, durante a realização desta dissertação, elaborada em tantas cidades distintas (Sarandi, Maringá, Itararé, Colíder, Itaúba, Tomazina, Bandeirantes) também experimentarmos várias experiências migratórias, PR-SP-MT. E pela tentativa de estabelecimento numa região de fronteira ainda em expansão, o que permitiu vivenciar os motivos que levam tantas pessoas a migrarem. Durante essa experiência foi possível ver a construção e propagação do mito dos pioneiros e a eleição daqueles que serão lembrados nesse processo. Nesse contexto, mais uma vez, gaúchos, catarinenses, paranaenses e estrangeiros estão sendo lembrados, ao nordestino mais uma vez, cabendo um papel secundário.

Resumo: A migração de nordestinos para o Norte do Paraná, e especificamente para o município de Maringá foi um tema presente, ainda que brevemente, nos trabalhos produzidos por historiadores, geógrafos, sociólogos, memorialistas, ensaístas, jornalistas dentre outros, que se dedicaram a escrever sobre o processo de colonização e o movimento migratório para essa região. Nesses materiais foi possível identificar informações sobre as experiências pessoais desses migrantes, e também como sua participação foi vista por diferentes autores e pela sociedade maringaense. Aliando uma revisão bibliográfica, com pesquisas nos títulos eleitorais do município de Maringá, emitidos entre 1956-1972, foi possível confrontar os dados levantados, com os discursos proferidos sobre esses nordestinos, tornando possível a obtenção de um quadro mais detalhado sobre sua contribuição e participação na história regional, assim como seus posteriores deslocamentos.

Palavras chaves: Nordestinos; migrações; história do Paraná; história regional.

Resumen: La migración de nordestinos al Norte de Paraná, específicamente para la ciudad de Maringá fue un tema presente, aunque brevemente, en los trabajos producidos por historiadores, geógrafos, sociólogos, memorialistas, ensayistas, periodistas y otras personas que escribieron sobre el proceso de colonización y migración en esta región. En estos materiales ha sido posible identificar informaciones acerca de las experiencias personales de estos migrantes, y también como su participación fue vista por diferentes autores y por la sociedad maringaense. Con la combinación de una revisión de la literatura, con la investigación sobre los títulos de votantes de Maringá, emitidos entre 1956-1972, fue posible comparar los datos recogidos, con los discursos producidos sobre los nordestinos, haciendo posible la obtención de una imagen más detallada de su contribución y participación en la historia regional, así como sus posteriores desplazamientos.

Palabras-claves: Nordestinos; migraciones; historia del Paraná; historia regional.

LISTA DE QUADROS:

Quadro 01 Norte Novo de Maringá. Brasileiros natos não naturais do município onde residem, segundo a região de nascimento em comparação com o Município de Maringá 1970-1980.....	30
Quadro 02 Norte Novo de Maringá. Naturalidade dos cônjuges, por sexo, segundo as principais unidades da federação – 1944-1980.....	31
Quadro 03 Vereadores eleitos no município de Maringá, naturais dos estados do Nordeste entre a 1ª e a 11ª legislatura.....	47
Quadro 04 Origens dos entrevistados por LUPION (2003).....	52
Quadro 05 Dados pessoais presentes nos títulos eleitorais 1881-1986.....	96
Quadro 06 Qualificação dos eleitores em categorias votantes e não votantes entre 1881-1985.....	98
Quadro 07 Cronologia e relação das eleições realizadas entre 1956-1972.....	105
Quadro 08 Quantidade de eleitores nordestinos identificados entre 1956-1972 no Município de Maringá.....	106
Quadro 09 Nordestinos presentes no arquivo eleitoral, por Estado de nascimento e sexo.....	108
Quadros 10 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor primário, separados por quinquênios.....	110
Quadro 11 Quantidade de profissões por categorias de atividades e de trabalhadores nordestinos no setor primário.....	111
Quadro 12 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor secundário, separados por quinquênios.....	112
Quadro 13 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor secundário, separados por quinquênios (a).....	113
Quadro 14 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor secundário, separados por quinquênios (b).....	115
Quadro 15 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor secundário, separados por quinquênios (c).....	116

Quadro 16 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor secundário, separados por quinquênios (d).....	117
Quadro 17 Quantidade de profissões por categorias de atividades e de trabalhadores nordestinos no setor secundário.....	118
Quadro 18 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios.....	120
Quadro 19 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (a).....	121
Quadro 20 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (b).....	122
Quadro 21 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (c).....	124
Quadro 22 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (d).....	125
Quadro 23 Categorias de atividades e profissões – migrantes empregados no setor terciário, separados por quinquênios (e).....	126
Quadro 24 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (f).....	127
Quadro 25 Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (g).....	128
Quadro 26 Quantidade de profissões por categorias de atividades e de trabalhadores nordestinos no setor terciário.....	129
Quadro 27 Categorias de inativos, profissões indefinidas e não consta, separados por quinquênios.....	130
Quadro 28 Quantidade e percentual de nordestinos em Maringá que reemigraram para outras regiões.....	134
Quadro 29 Tempo médio de permanência dos migrantes nordestinos que se deslocaram para outras regiões.....	134
Quadro 30 Reemigrados para os estados da região Sul entre finais de 1950 e 1980.....	136
Quadro 31 Reemigrados para os estados da região Sudeste entre finais de 1950 e 1980.....	137

Quadro 32 Reemigrados para os estados da região Norte entre finais de 1950 e 1980.....	137
Quadro 33 Reemigrados para os estados da região Centro-Oeste entre finais de 1950 e 1980.....	138
Quadro 34 Reemigrados para os estados da região Nordeste entre finais de 1950 e 1980.....	138
Quadro 35 Deslocamento de nordestinos de Maringá, separados por regiões e década.....	139
Quadro 36 Quantidade e percentual de reemigrados no setor primário por região.....	146
Quadro 37 Quantidade e percentual de reemigrados no setor secundário por região.....	147
Quadro 38 Quantidade e percentual de reemigrados no setor secundário por região.....	148
Quadro 39 Quantidade e percentual de reemigrados entre os inativos por região.....	149
Quadro 40 Reemigrados para a mesorregião Norte Pioneiro Paranaense por período.....	152
Quadro 41 Reemigrados para a região Norte Central Paranaense por período.....	155
Quadro 42 Reemigrados para a Mesorregião Noroeste Paranaense por período.....	159
Quadro 43 Reemigrados para a Mesorregião Centro Ocidental Paranaense por período.....	161
Quadro 44 Reemigrados para a Mesorregião Centro-Oriental Paranaense por período.....	163
Quadro 45 Reemigrados para a Mesorregião Metropolitana de Curitiba por período.....	165
Quadro 46 Reemigrados para a Mesorregião Centro-Sul Paranaense por período.....	167
Quadro 47 Reemigrados para a Mesorregião Oeste Paranaense por período.....	168

Quadro 48 Preconceitos e estereótipos direcionados aos nordestinos no Norte do Paraná e no município de Maringá.....	175
---	-----

LISTA DE FIGURAS:

Figura 01 Mapa geográfico Estado do Paraná – Norte do Paraná.....	26
Figura 02 Nordestinos reemigrados – percentuais por região.....	141
Figura 03 Mapa do Estado do Paraná – mesorregiões.....	151
Figura 04 Distribuição dos nordestinos reemigrados por município para a Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense.....	154
Figura 05 Distribuição dos nordestinos reemigrados por município para a Mesorregião Norte Central Paranaense.....	158
Figura 06 Distribuição dos nordestinos reemigrados por município para a Mesorregião Noroeste Paranaense.....	160
Figura 07 Distribuição dos nordestinos reemigrados por município para a Mesorregião Centro-Occidental Paranaense.....	162
Figura 08 Distribuição dos nordestinos reemigrados para a Mesorregião Centro-Oriental Paranaense.....	164
Figura 09 Distribuição dos nordestinos reemigrados para a Mesorregião Metropolitana de Curitiba.....	166
Figura 10 Distribuição dos nordestinos reemigrados para a Mesorregião Centro-Sul Paranaense.....	168
Figura 11 Distribuição dos nordestinos reemigrados para a Mesorregião Oeste Paranaense.....	169
Figura 12 Distribuição dos nordestinos reemigrados para a Mesorregião Sudoeste Paranaense.....	170
Figura 13 Mapa de distribuição dos nordestinos reemigrados por município no Estado do Paraná.....	173
Figura 14 Propaganda da CTNP sobre o Norte Novo do Paraná.....	182

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 Participação dos naturais dos estados do Nordeste na população da mesorregião Norte Novo do Paraná - 1970.....	28
Gráfico 02 Distribuição dos nordestinos nos municípios da microrregião Norte Novo de Maringá 1944-1980, segundo os dados cartorários.....	32
Gráfico 03 Distribuição dos nordestinos por setores de atividades e períodos.....	130
Gráfico 04 Nordestinos reemigrados por setor de atividade e região.....	150
Gráfico 05 Nordestinos reemigrados por mesorregiões e setores de atividades.....	171

LISTA DE SIGLAS:

AL - Alagoas

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

BA - Bahia

CE - Ceará

CMNP - Companhia Melhoramentos Norte do Paraná

CTNP - Companhia de Terras Norte do Paraná

GPH/PMM - Gerência de Patrimônio Histórico/Prefeitura do Município de Maringá

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

FAP – Frente Agrária Paranaense

MA - Maranhão

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PB – Paraíba

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PE - Pernambuco

PI - Piauí

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PDS – Partido Democrático Social

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PR - Paraná

PSD – Partido Social Democrata

PSP – Partido Social Progressista

PST - Partido Social Trabalhista

PT - Partido dos Trabalhadores

RMM – Região Metropolitana de Maringá

SE - Sergipe

SUDENE - Superintendência desenvolvimento do Nordeste

TRE - Tribunal Regional Eleitoral

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

UDN - União Democrática Nacional

UFPR – Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I.....	26
O NORDESTINO NA HISTÓRIA SOBRE O NORTE DO PARANÁ.....	26
1.1 A migração nordestina a partir da demografia histórica.....	26
1.2 A “presença/ausência” da migração nordestina na produção bibliográfica regional.	34
CAPÍTULO II	63
MEMÓRIAS E DEVANEIOS: A PRESENÇA NORDESTINA EM MARINGÁ PELOS MEMORIALISTAS, ENSAÍSTAS E JORNALISTAS	63
2.1 A mão de obra braçal e itinerante.	65
2.2. O preconceito.	71
2.3 Influências socioculturais.	79
2.4 Trajetórias individuais.	83
2.5. Discussões	90
III CAPÍTULO	94
UM NOVO OLHAR SOBRE O MIGRANTE NORDESTINO EM MARINGÁ...94	94
3.1. As fontes eleitorais.	94
3.2. Profissões.	109
3.3. Deslocamentos internos no Brasil.	131
3.4. Deslocamentos no Paraná.	150
CONCLUSÃO	174
REFERÊNCIAS:	183
APÊNDICES.....	195
ANEXOS.....	203

“Mais difícil que superar o tabu ou a superstição é extinguir o mito da historiografia. Os tabus alimentares vão sendo abolidos pela carência da nutrição, ao passo que para restabelecer a verdade histórica é preciso demolir aparelhos ideológicos protegidos quase sempre pelas forças da terra, mar e ar.”

José Joffily

INTRODUÇÃO

A frente de expansão econômica iniciada para a região genericamente denominada Norte do Paraná, nas primeiras décadas do século XX, inaugurou um dos mais importantes movimentos de migração interna no Brasil. Atraídos pelas possibilidades de compras de terras e de frentes de trabalho, migrantes de diferentes regiões do país e também estrangeiros, se deslocaram para essa região, recriando nesse espaço suas experiências de vida e estabelecendo novas redes de sociabilidades.

Diversos pesquisadores que se dedicaram a escrever sobre o processo de colonização do Norte do Paraná, mesmo que suas investigações fossem desprovidas do compromisso de problematizar o intenso movimento de migração interna, trataram de grupos com diferentes origens e procedências que ali se estabeleceram. Nesses estudos foi construído um modelo migratório que privilegiou grupos comumente tratados, como imigrantes europeus e japoneses, assim como migrantes paulistas, mineiros, gaúchos, catarinenses, e mesmo de paranaenses oriundos do chamado Paraná tradicional¹.

Tendo como base esse contexto e esse espaço, enfatizando principalmente o município de Maringá, dediquei-me sobre os migrantes naturais dos estados do Nordeste, que se destaca entre os nacionais de diversas procedências, como o terceiro maior grupo de migrantes não naturais do Estado do Paraná. Até a década de 1970, sua participação na composição da população desse município correspondia a 10%. (LUZ, 1988, p.177-180) Desempenhando os mais variados ofícios e atuando em diversas camadas da sociedade maringaense, a participação dos nordestinos ficou marcada na historiografia tradicional, como força de trabalho desqualificada e itinerante.

¹ Para a historiografia paranaense o Paraná tradicional corresponde às regiões de Curitiba, Campos Gerais e Litoral, povoado entre os séculos XVII e XIX.

Devido à significativa presença e pouca atenção investida, procurei situar os nordestinos no contexto da história da região. A reconstrução de sua ação se deu a partir de dados demográficos, da identificação de como sua inserção foi discutida por diferentes autores e como foram construídas algumas imagens, amplamente propagadas em torno de sua participação nesse processo. Também foi buscado a partir de registros diretos e indiretos, o resgate de impressões e trajetórias individuais de muitos desses migrantes. Desse modo, a escolha dos nordestinos como objeto de estudo vem em duas direções: uma pela forma peculiar na qual sua participação ficou marcada na historiografia e na memória local; e por outro, por sua relevância para o entendimento da história local e regional, ainda com muitos aspectos a serem discutidos.

A história da colonização do Norte do Paraná, construída por memorialistas, jornalistas, e intelectuais de diversas áreas, ficou atrelada a narrativa da elite colonizadora. A saga do “herói colonizador”, hoje conhecido como “pioneiro”, ofuscou outros aspectos da história local. Etnias que habitavam a região, povoadores independentes como caboclos e aventureiros foram marginalizados, assim como os grupos que aqui chegaram para vender sua força de trabalho. A propagação desse discurso teve início com os esboços regionais desenvolvidos por geógrafos e absorvido pela historiografia, que ocultou e/ou menosprezou a presença dos não qualificados como pioneiros na história regional, ou seja, os relegados do sistema que estava sendo implantado nessa região.

O início desse processo, contado nos livros didáticos, e nos diferentes trabalhos que abordaram o assunto, seja quando feito por acadêmicos ou entusiastas da história, tem como marco a colonização efetuada pelo “homem branco”, que supostamente teria vindo “trazer a civilização” para a região, a partir de meados do século XIX. Nesse período, a passagem das tropas de gado e muares pela região do rio Itararé (água divisora entre o nordeste do Paraná e o Estado de São Paulo) despertou atenção de fazendeiros paulistas e mineiros para essa região do Paraná, conhecido como Norte Velho, ou Norte Pioneiro. O território habitado por indígenas foi

“conquistado” por esses fazendeiros, que hipoteticamente em menos de cem anos teriam iniciado a ocupação do Norte Novo e Novíssimo com base na nova cultura em ascensão, o café. Foi na segunda metade do século XIX, e a partir de então, que teve início um novo modelo de colonização para essa região como um todo, realizado com as prerrogativas do capitalismo moderno.

Outra explicação, amplamente disseminada sobre a colonização de toda essa região consiste na difundida ideia de “democracia da terra”, levada adiante pela iniciativa privada por meio da ação das Companhias Colonizadoras, feito atribuído principalmente a CTNP - Companhia de Terras Norte do Paraná. Na década de 1930, ela iniciou suas atividades de venda de lotes, sendo responsável pela colonização de apenas 20% do território da região norte paranaense. No entanto, vários autores superestimam sua participação e atribuem o processo de colonização da região em sua totalidade, como obra da referida companhia. Isto em função do maciço programa de publicidade, orquestrado pela própria CTNP/CMNP, em torno de seu projeto de colonização, onde afirmava ser uma empresa privada agindo em função do bem público². Este discurso ocultou a atuação do governo do Paraná na região, e seu papel como agente colonizador. (GONÇALVES, 1999. p.95).

Até o início da década de 1990, os diversos estudos realizados sobre a região apresentam uma monótona linearidade em relação ao movimento migratório interno, e verificam-se algumas regularidades nos mesmos. Por um lado, frequentemente são atribuídos a alguns grupos de migrantes à responsabilidade no “progresso” da região, em função de suas experiências em atividades anteriores no local de origem, e o seu suposto êxito em solo paranaense. Por outro lado, outros grupos não “privilegiados”, quando não são omitidos, estão restritos a números ou então a breves menções, e não

² A empresa imobiliária Companhia de Terras Norte do Paraná- CTNP foi fundada em meados da década de 1920, com capitais ingleses. Na década de 1940, com a entrada da Inglaterra na Segunda Guerra Mundial e a necessidade de recursos, ela foi vendida para um grupo de brasileiros. Com a venda, além da comercialização de terras, houve uma diversificação em suas atividades. Na década de 1950 seu nome foi modificado para Companhia Melhoramentos Norte do Paraná - CMNP.

raro, com conotações negativas, como é o caso dos nordestinos na história do Norte do Paraná.

No interior da historiografia regional paranaense consolidada, os nordestinos são apresentados como o grupo que veio para realizar serviços pesados, pouco qualificados e transitórios³. O marco inicial das publicações historiográficas paranaenses se deu com Romário Martins no início do século XX, e a busca pela construção da regionalidade e da identidade desse Estado. Nas décadas de 1950 e 1960, o propósito de elaboração de uma história regional, atentando para suas singularidades e seus elementos constitutivos, continuou com os historiadores vinculados a UFPR e intelectuais paranistas⁴. A elaboração da mesma também foi influenciada pelas publicações dos geógrafos que nas décadas de 1930-1950, vieram ao Norte do Estado e se debruçaram sobre aspectos fisiográficos, sobre as ações das companhias colonizadoras, povoamento da região e sobre o pioneirismo. A história do Paraná, segundo esse modelo interpretativo tem início com a chegada do homem branco. Populações indígenas, caboclos e posseiros foram omitidos dessas narrativas, assim como a existência de conflitos e violências ocorridos nos processos de ocupação de terras.

Na década de 1990, após o surgimento de novos estudos sobre a história do Norte do Paraná, escritos a partir deste local, atentando para os silêncios e equívocos perpetuados na historiografia e nos discursos sobre a região, teve início a elaboração de alguns trabalhos que abordando outras temáticas passaram a identificar o nordestino, também como um sujeito ativo e participante no processo de construção social. Mas isto feito de forma

³ O deslocamento dos nordestinos teria se dado basicamente pelo fenômeno das secas no Nordeste. Essa imagem que associa a participação dos mesmos como uma “migração da miséria” apaga a complexidade do movimento migratório. Dentre os trabalhos que trazem o nordestino a partir desta perspectiva generalizante, consultar: MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo-SP: Editora Hucitec-Polis, 1984. (Edição francesa de 1952) PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da Sessão Legislativa Ordinária de 1958 pelo Senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba, 1959. ANDRADE, Arthur. **Maringá, ontem hoje e amanhã**. São Paulo: Rumo, 1979.

⁴ Para maiores informações ver: ARRUDA, Gilmar. PROENÇA, Wander de Lara. A historiografia do Paraná e o espaço simbólico da universidade: os historiadores, seus lugares e suas regiões (1970-2012). **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v.18 n.1, p.240-260, 2013.

indireta, junto com os demais grupos migratórios. Essa nova abordagem trouxe novas perspectivas para o entendimento da história local, através do questionamento dos modelos interpretativos correntes, onde discursos ideológicos produzidos pela CMNP foram desvelados, assim como os processos de violências e grilagens, os personagens marginalizados e as lutas sociais na região. Neste sentido, destacam-se os trabalhos de Nelson Dácio Tomazi, Lúcio Tadeu Mota, José Henrique Rollo Gonçalves, Antônio Paulo Benatte, Kimmie Tommasino, dentre outros.

No que se refere aos estudos que remetem ao município de Maringá e a microrregião Norte Novo de Maringá, de um modo geral, a temática migratória despertou muito pouco interesse de estudiosos, sendo discutidos apenas introdutoriamente, havendo mais trabalhos sobre a atuação da CMNP, aspectos relacionados à cafeicultura, política local e seu projeto urbanístico⁵. Apesar do grande aporte de migrantes de diversas regiões do país entre as décadas de 1940-1960, os trabalhos mais representativos sobre a temática migratória para essas localidades são o de Maria Adenir Peraro (1978), sobre a região do Norte Novo do Paraná, no qual inclui o município de Maringá⁶; o de France Luz (1988), sobre a temática migratória para a microrregião Norte Novo de Maringá e o município de Maringá; e indiretamente o trabalho de Ivani Omura (1982), sobre a questão eleitoral maringaense. Entretanto, nenhuma das autoras teve por objetivo tratar de algum grupo de migrantes específico.

Somente entre os anos de 2012 e 2013, surgiram os primeiros estudos no âmbito acadêmico sobre os nordestinos nesse município, trazendo-os

⁵ Microrregião é um conceito utilizado pelo IBGE e que correspondem as atuais divisões regionais das áreas geográficas que apresentam, características “homogêneas” resultantes do mesmo tipo de ocupação e transformações econômicas. Não é levada em consideração a sua extensão. Os municípios da microrregião Norte Novo de Maringá em 1988 incluía os municípios de São Carlos do Ivaí, Florai, São Jorge, Ourizona, Dr. Camargo, Ivatuba, Floresta, Itambé, Paçandu, Mandaguaçu, Atalaia, Uniflor, Maringá, Marialva e Mandaguari. (LUZ, 1988, p. 114) Atualmente constituem parte dessa microrregião somente os municípios de Paçandu, Maringá, Marialva, Mandaguari e Sarandi. (IPARDES, 2012, p. 03)

⁶ Integram o Norte Novo do Paraná as seguintes microrregiões: Norte Novo de Londrina; Norte Novo de Maringá e Norte Novo de Apucarana. PERARO (1978, p.20)

como sujeitos ativos e participantes da história local, e com ênfase em suas experiências pessoais⁷.

Na historiografia brasileira, algumas das referências acerca dos nordestinos foram elaboradas a partir de uma clivagem Norte x Sul, na qual sua migração remete ao atraso e a problemas sociais. Já a migração de naturais dos estados do Sul e Sudeste, por outro lado é representada por imagens de progresso e desenvolvimento⁸. A existência de estereótipos comumente propagados sobre o Nordeste e os nordestinos foi construída historicamente. De acordo com Penna (1992), o regionalismo nordestino foi construído a partir de um complexo jogo de articulações entre a confluência de interesses políticos, econômicos e culturais, que levaram ao reconhecimento dessa região por aspectos que ultrapassam a delimitação territorial juridicamente instituída. O resultado foi que o Nordeste passou a ser reconhecido como uma região portadora de valores culturais singulares no conjunto da nação e principalmente, por um fenômeno climático, o das secas.

Os primeiros esboços do regionalismo nordestino foram originados no final do século XIX, vinculados a algumas mudanças políticas e econômicas ocorridas nesse período, ou seja, o deslocamento do eixo econômico e do centro de poder antes concentrados no Norte, para o Sul do país. Segundo Albuquerque Júnior (2011) essa região nasceu da construção de uma

⁷ FERNANDES, Leticia. De Norte a Sul: os nordestinos na frente pioneira do Norte Novo de Maringá (1950- 1970). In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL: MEMÓRIA, DEMOCRACIA E JUSTIÇA, 11., 2012. Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. p. 01-14. Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340415862_ARQUIVO_DENORTEASULOSNORDESTINOSNAFRENTEPIONEIRADONORTENOVODEMARINGA.pdf>. Acessado em: 12/03/2014. CAVALCANTE, Joel Júnior. **A presença nordestina em Maringá: memória e sociabilidade dos migrantes**. 2013. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2013.

⁸ Para mais detalhes ver: MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec-Polis, 1984. BALHANA, Altiva Pilatti; PINHEIRO MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. História do Paraná. IN: In: EL-KHATIB, Faissal. (org). **História do Paraná**. 2ªed. Curitiba: Grafipar, 1969. 1º. V. ANDRADE, Arthur. **Maringá, ontem, hoje e amanhã**. São Paulo: Rumo, 1979; Para obras mais recentes ver: STECA, Lucinéia Cunha. FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina: EDUEL, 2002.

totalidade político-cultural, como reação à de perda de espaços econômicos por parte dos produtores tradicionais de açúcar, dos comerciantes ligados a esses setores e a perda de poderes políticos das elites locais com o deslocamento do eixo de poder do Norte para o Sul após a Proclamação da República. Essas elites regionais em decadência, antes dispersas em torno de percepções estaduais, passaram a se articular como um grupo regional, objetivando obter recursos financeiros e cargos políticos. A seca tornou-se um dos principais objetos dos seus discursos, sendo a ela atribuída a responsabilidade no atraso econômico da região, e a principal desencadeadora de outros problemas sociais como o cangaço, o coronelismo, o messianismo.

Apesar de gestado desde finais do XIX, o regionalismo nordestino se consolidou nas primeiras décadas do século XX, com a emergência do nacionalismo da década de vinte. A busca por símbolos que unificassem e criassem uma identidade nacional comum, levou ao surgimento das regiões e dos discursos regionalistas, que por sua vez, também passaram a buscar símbolos, costumes, relações e práticas sociais que marcariam suas diferenças e definições no conjunto da nação⁹.

No plano cultural, as elites agrárias nordestinas solidificaram dois tipos de enunciados sobre a região. Um pautado na tradição, na rejeição do mundo moderno e de um passado de glória do Nordeste, baseado na sociedade escravista, na família patriarcal, no sertão, na vida rural – sendo sua figura mais conhecida Gilberto Freyre. E o outro enunciado, tendo como base a literatura realista do final século XIX, reiterou os discursos da seca, sendo sua figura mais destacada Djacir Menezes. A confluência desses discursos contribuiu para a elaboração de uma “ideologia do atraso” do Nordeste, no qual este passou a ser reconhecido como uma região onde

⁹ Até 1910, a divisão regional do Brasil se fazia apenas entre o Norte, que abrangia todo o atual Nordeste e toda atual Amazônia e o Sul abarcava toda a parte do Brasil que ficava abaixo do estado da Bahia. Por isso, ainda hoje, os nordestinos comumente são chamados de nortistas em São Paulo ou em outros estados do Sul e do Sudeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012. p. 123).

repousa a nacionalidade, livre de influências estrangeiras, e também como um local devastado por calamidades sociais, ocasionadas pelas secas¹⁰.

A produção historiográfica regional paranaense, entretanto, não é refém destas referências. Inegavelmente, é a obra de Wilson Martins: *Um Brasil Diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*, produzida em 1955, que marca a intelectualidade local em relação ao tema do regionalismo paranaense¹¹. Wilson Martins viu o Paraná como um Brasil diferente, formado por europeus e seus descendentes, mas sem a presença de negros e índios. A preferência deliberada pelos grupos de imigrantes europeus e japoneses influenciou na forma como foi escrita a participação dos nordestinos na colonização do Norte do Paraná e no Estado como um todo.

Nesta pesquisa restringirei a minha investigação ao município de Maringá, embora faça uma análise bibliográfica da História regional paranaense, para que fique explícito como se desenvolveu a escrita da história do Norte do Paraná. Aqui é enfatizado o estudo da inserção desses migrantes na fase intermediária da colonização do município de Maringá, entre as décadas de 1950 e o início da de 1970, etapa mais importante desse processo. Para corroborar a decisão dos limites temporal e espacial adotados por esta investigação, foram utilizados dados estatísticos computados por autores que fizeram trabalhos sócios demográficos sobre a região.

¹⁰ Para uma melhor leitura sobre o tema, ver: PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: Identidades Sociais, interesses e o “escândalo” Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar - As fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012.

¹¹ Wilson Martins (São Paulo -SP, 1921 - Curitiba-PR, 2010) foi um magistrado, professor, escritor, jornalista, historiador e crítico literário. Bacharelou-se em Direito pela Universidade Federal do Paraná, em 1943, e, pela mesma universidade, em 1952, concluiu o doutorado em Letras após uma especialização na França. Atuou como professor de literatura francesa na UFPR (1952-1962), professor visitante da Universidade do Kansas (1962), professor associado na Universidade de Wisconsin-Madison (1963-1964) e professor de literatura brasileira na Universidade de Nova York (1965-1991) aposentando-se deste cargo em 1992, quando foi homenageado com o título de Professor Emérito. Foi autor da coleção “de 7 volumes História da Inteligência Brasileira”. Para mais detalhes ver: GURGEL, Rodrigo. Os pecados de Wilson Martins. **Gazeta do Povo**, Curitiba, mar, 2010. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/os-pecados-de-wilson-martins/>> Acessado em: 14/07/2014.

Também foi realizada uma revisão bibliográfica nos trabalhos de historiadores, geógrafos e outros intelectuais vinculados ou não ao meio acadêmico, que escreveram sobre o Norte do Paraná e município de Maringá, somado aos trabalhos produzidos por memorialistas, jornalistas, ensaístas, e outros que se dedicaram a escrever sobre o mesmo. Desse modo, ao investigar a produção bibliográfica regional, ultrapasso um limite cronológico preciso, pois recuo aos primeiros escritos sobre a presença dos nordestinos no Norte do Paraná na década de 1930, e avanço até o ano de 2013. Esta ampla temporalidade permite verificar como a participação do nordestino foi descrita nas narrativas sobre a colonização da região. Com isso, são buscadas informações que vão muito além dos dados quantitativos sobre a presença nordestina. Temas relacionados às motivações migratórias, às formas de socialização entre naturais da mesma região e a interação com outros grupos regionais e/ou estrangeiros, à adaptação a um novo clima e uma nova forma de alimentação, impressões sobre o local, às profissões desenvolvidas e demais aspectos referentes ao cotidiano desses migrantes no Norte do Estado e essencialmente, no município de Maringá, dentre outros temas fazem parte das prioridades desta dissertação.

Aliadas às informações identificadas nesta revisão bibliográfica foi realizado um levantamento nos Títulos Eleitorais do município de Maringá, com o objetivo de compor um quadro mais detalhado da participação desses migrantes na construção do município. O recorte temporal tem como início 1956, ano referente à instalação do seu Cartório Eleitoral, e como limite final 1972, ano da eleição de um nordestino como vice-prefeito. Os dados presentes neste material proporcionam informações sobre o local nascimento, períodos de maior ou menor incidência no alistamento eleitoral, proporção de homens e mulheres, profissões e setores de atividades exercidas, o tempo médio de permanência de parte desses nordestinos no município de Maringá, e as dinâmicas de mobilidade dessa parcela da população no conjunto da federação e no interior do Estado do Paraná.

As informações coletadas nos títulos eleitorais foram sistematizadas e organizadas em quadros numéricos. A partir daí foram cruzadas algumas

delas e extraídos percentuais e médias básicas. Posterior a esse procedimento, os dados foram interpretados e relacionados primeiramente com a história regional, depois estabelecidas conexões com contextos históricos nacionais. No entanto, mesmo que não tenham sido utilizados programas e fórmulas estatísticas específicas, os resultados obtidos foram bastante satisfatórios, e reveladores de vários aspectos referentes à presença nordestina em Maringá, e também dos deslocamentos posteriores realizados pelos mesmos.

Com as informações logradas, foi possível verificar que os títulos eleitorais apresentam uma grande vantagem em relação a vários tipos de fontes. Esses dados ajudam a complementar informações que escapam aos Censos Demográficos do IBGE, principalmente em análises de movimentos migratórios de grupos regionais e etnias específicas, em intervalos intercensitários. Com este material é possível verificar: a) a dispersão ou concentração de um grupo migratório dentro do município de alistamento eleitoral; b) o estabelecimento de rotas de saída de determinada região em intervalos intercensitários; c) verificar o tempo de permanência no município de alistamento eleitoral; d) mudanças das atividades desempenhadas, dentre outros aspectos. Deste modo, os movimentos migratórios podem ser analisados em grandes e pequenas escalas. Além disso, os títulos eleitorais abrangem boa parte da população economicamente ativa, sendo possível verificar aspectos referentes aos setores produtivos, de determinado município ou região e o nível de qualificação profissional dos grupos analisados.

As informações presentes nesta fonte são de pessoas já instaladas no município, devido à exigência para o alistamento eleitoral, de um tempo mínimo de residência, e do mesmo modo, para transferência. No entanto, existe uma limitação nos títulos anteriores a 1986. Até essa data era vedado aos analfabetos o direito de voto. Devido às altas taxas de analfabetismo no campo, o material eleitoral abrange apenas uma pequena parcela da população. Com isso, os dados obtidos, apresentam uma superioridade da população urbana em relação à rural. Embora apresente essa lacuna, tantos

os títulos eleitorais anteriores a 1986, arquivados em alguns poucos municípios, e também os mais recentes posteriores a esta data, são fontes de inesgotáveis possibilidades de estudo e de conhecimento de novas temáticas.

A partir deste material foi possível contestar algumas ideias consolidadas em torno da presença nordestina em Maringá. Principalmente aquelas que afirmam serem os nordestinos desqualificados e itinerantes. Ao contrário dessas afirmações correntes, foi identificada uma enorme gama de profissões por eles desempenhadas e um grande período de permanência em Maringá.

A dissertação foi organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, “O nordestino na produção bibliográfica sobre o Norte do Paraná”, é resultado de uma revisão historiográfica que foi além da área delimitada para a pesquisa – o município de Maringá. Seguindo um levantamento cronológico que remete as primeiras décadas do século XX, trato de ver como essa produção intelectual abordou a migração dos nordestinos para a região e para o município de Maringá.

O segundo capítulo, “A presença nordestina em Maringá pelos memorialistas, ensaístas e jornalistas”, amplia o tema de investigação para além dos estudos acadêmicos. O objetivo desse capítulo é evidenciar as formas de interpretação sobre a presença dos migrantes nordestinos em Maringá, escritas tanto por aqueles que escrevem sobre as memórias do município, quanto pelos próprios nordestinos – experiências reconstruídas através de entrevistas e trabalhos publicados.

No terceiro capítulo, “Novo olhar sobre a migração nordestina: as fontes eleitorais”, confronto os dados obtidos nas revisões da produção historiográfica e de memorialistas, jornalistas e ensaístas, com os dados obtidos nos Títulos Eleitorais do Município de Maringá e nos documentos de Isenção Eleitoral, emitidos entre os anos de 1956 e 1972. Com a utilização desta fonte foi possível trazer outra perspectiva em relação à presença dos nordestinos em Maringá.

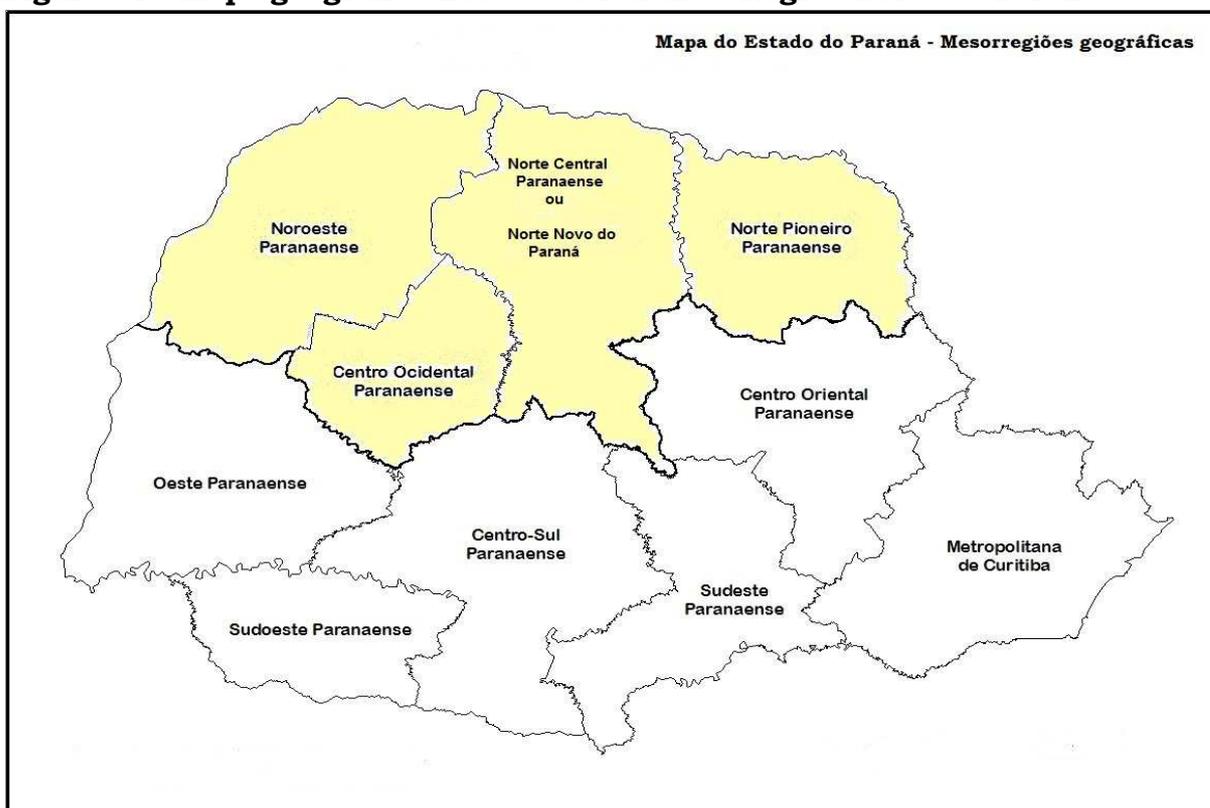
CAPITULO I

O NORDESTINO NA HISTÓRIA SOBRE O NORTE DO PARANÁ

1.1 A migração nordestina a partir da demografia histórica

Entre as décadas de 1940 e 1970, o Estado do Paraná teve um dos maiores índices de crescimento populacional do Brasil. O processo migratório rumo em sua direção não foi uniforme, concentrando-se principalmente na região norte, onde a cafeicultura alcançou sua expressão máxima. Com isso, o norte do Estado foi a região mais beneficiada com a criação de novos municípios. (LUZ, 1988, p. 153) Dirigiram-se a ela brasileiros vindos do estado de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Ceará, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Alagoas dentre outros, somados aos estrangeiros de diferentes nacionalidades.

Figura 01 - Mapa geográfico Estado do Paraná – Região Norte do Paraná.



Fonte: IPARDES, 2004.

Apesar da grande intensidade do movimento migratório desde o início do século XX, estudos sistemáticos sobre esse fenômeno passaram a ser desenvolvidos apenas a partir da década de 1970, com a divulgação dos dados do Censo Demográfico de 1970, que passou a conter informações mais precisas para as microrregiões e municípios como um todo. A partir de então, surgiram pesquisas sobre esse movimento migratório utilizando como base os dados censitários, eleitorais e cartorários, possibilitando, desse modo, a obtenção de uma dimensão precisa dos migrantes de diferentes regiões brasileiras e nacionalidades que aqui aportaram.

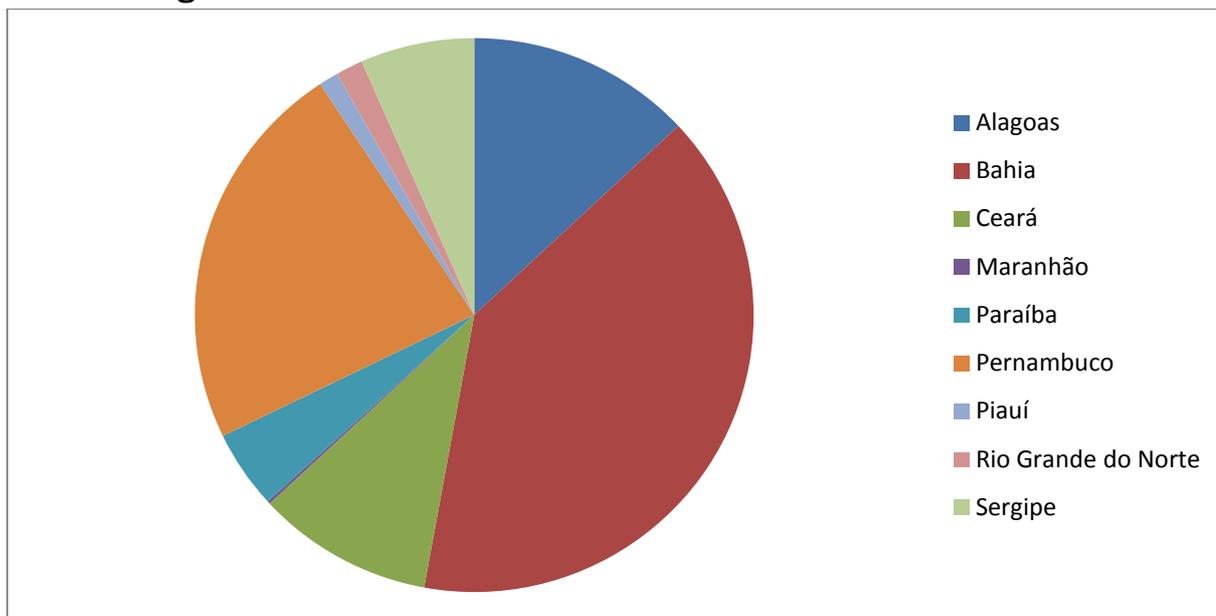
Sobre a mesorregião Norte Novo do Paraná, ou Norte Central, região onde está situado o município Maringá (Figura 01) - área principal de análise nesta pesquisa - o primeiro estudo demográfico foi realizado por Maria Adenir Peraro em 1978, a partir dos dados do Censo Demográfico do IBGE de 1970¹². Nesses dados, a autora constatou que 44% da população existente no Norte Novo do Paraná, à data do Censo era composta por pessoas não naturais desse Estado, sendo os paulistas e mineiros, os maiores grupos de populações naturais de outras regiões do país. Na sequência, constam os naturais dos Estados da região Nordeste como o terceiro maior grupo migratório¹³. Os nordestinos vieram majoritariamente

¹² A região Norte Novo do Paraná abrange o território que compreende a mesorregião Norte Central do Paraná, no qual estão incluídas as regiões metropolitanas de Londrina e Maringá. (Figura 01) Nesta pesquisa se optou pela utilização dos dados Censos Demográficos do IBGE de 1970 e 1980, pois somente neles foram trazidas informações sobre a naturalidade dos habitantes que se encontravam fora de seu município de nascimento. Nos censos anteriores de 1950 e 1960 não consta essa informação. Para a região Norte Novo do Paraná, microrregião Norte Novo de Maringá e município de Maringá, que utilizam os dados censitários de 1970 e 1980, sobressaem os trabalhos de Maria Adenir Peraro (1978) e France Luz (1988). Neste sentido, foi optado pela utilização dos dados já computados pelas autoras.

¹³ O historiador Masanori Fukushima (1984) ao investigar a naturalidade dos eleitores que realizaram transferências eleitorais no Estado do Paraná entre 1900-1984, identificou que a participação dos nordestinos no conjunto do Estado, representava no período considerado, um percentual de 8,3%. Deste total, a maior parte estava concentrado na região norte. (FUKUSHIMA, 1984, p.315) O historiador Ruy Wachowicz (1987) ao investigar a naturalidade dos migrantes de 24 municípios da mesorregião Norte Pioneiro a partir de dados cartorários, referentes aos casamentos realizados nesta região entre 1884-1950, identificou uma participação dos nordestinos em 2,1%. (WACHOWICZ, 1987, p.165) Cabe ressaltar que não foram encontrados registros precisos da migração de nordestinos ao Norte do Paraná num período que antecede a década de 1930, havendo contudo um maior deslocamento entre as décadas de 1950-1960 (LUZ, 1988, p.233-234).

dos estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Ceará. De acordo com os dados trazidos por Peraro, em 1970 no Norte Novo do Paraná, constavam 109.279 nordestinos, representando esse volume, 7,57% da população da região, com destaque para a migração de baianos. (Gráfico 01)

Gráfico 01 - Participação dos naturais dos estados do Nordeste na população da mesorregião Norte Novo do Paraná - 1970.



Fonte: IBGE. Censo Demográfico do Estado do Paraná – 1970. In: (PERARO, 1978, p.106)

Entre os nordestinos que se deslocaram a essa região, existe uma superioridade numérica da proporção de homens em relação às mulheres, representando o total de homens 62.134 indivíduos (56,8%) e as mulheres, um total de 47.242 (43,2%). (PERARO, 1978, p.109) Sobre o peso da migração nordestina no Norte do Estado, a autora justifica o deslocamento desses migrantes em função da mudança do eixo de atração do Sudeste e da cidade de São Paulo para essa região do Paraná, e sua maior oferta de trabalho, principalmente na área agrícola. (PERARO, 1978, p.120)

No conjunto do processo de colonização do Norte Novo do Paraná, o Norte Novo de Maringá e o município de Maringá, microrregião colonizada entre as décadas de 1930 e 1950, sobressaem como um dos mais expressivos exemplos de migração interna já ocorrida no Brasil, dado o seu

acelerado crescimento até a década de 1960¹⁴. (LUZ, 1988, p.106) Sobre o movimento migratório em direção a microrregião e município em destaque, sobressai o trabalho de France Luz (1988) realizado a partir dos Censos Demográficos do IBGE de 1970 e 1980, e da utilização de registros cartorários, referentes aos casamentos realizados nos municípios da microrregião entre 1944-1980.

Os dados dos Censos de 1970 e 1980, analisados por Luz (1988) mostram que entre os naturais dos estados do Nordeste, que se deslocaram para o Norte Novo de Maringá e município de Maringá foram principalmente os naturais do Estado da Bahia, seguido de Pernambuco, Alagoas, Ceará e Paraíba. Os naturais dos estados do Sergipe, Rio Grande do Norte, Maranhão, Piauí tiveram um aporte menor. (LUZ, 1988, p. 169-172)

Na década de 1970, os nordestinos somavam 22.268 pessoas, representando 10,6% do total de brasileiros não naturais deste Estado, na microrregião Norte Novo de Maringá. Na década de 1980, verificou-se um decréscimo da participação destes nordestinos na microrregião, caindo para 17.156 indivíduos, representando 8,3% do percentual de sua população. (Quadro 02)

No município de Maringá, os números do Censo Demográfico de 1970 mostram um total de 7.661 nordestinos, representando 9,6% do total da população maringaense. Na década de 1980, a participação desse grupo migratório no município aumentou para 8.862 pessoas, no entanto, seu percentual em relação à população total maringaense, inversamente diminuiu para 7,9%. (Quadro 01).

¹⁴ A delimitação da microrregião Norte Novo de Maringá trazida por France Luz (1988) incluía, para a época, os seguintes municípios: Atalaia, Doutor Camargo, Florai, Floresta, Itambé, Ivatuba, Mandaguaçu, Mandaguari, Marialva, Maringá, Ourizona, Paiçandu, Sarandi, São Carlos do Ivaí, São Jorge do Ivaí, e Uniflor. (LUZ, 1988, p. 114)

Quadro 01 - Norte Novo de Maringá. Brasileiros natos não naturais do município onde residem, segundo a região de nascimento em comparação com o Município de Maringá 1970-1980.

Região de Nascimento	NORTE NOVO DE MARINGÁ				MUNICÍPIO DE MARINGÁ			
	Bras. não naturais do Município				Bras. não naturais do Município			
	1970		1980		1970		1980	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Norte	120	0,1	168	0,1	48	0,1	123	0,1
Nordeste	22.268	10,6	17.156	8,3	7.661	9,6	8.862	7,9
Sudeste	116.880	55,5	86.068	41,5	41.431	52,3	44.269	39,3
Sul	70.840	33,6	102.776	49,5	29.771	37,6	58.631	52,0
Centro-Oeste	563	0,2	1.002	0,5	323	0,4	694	0,6
Brasil s/ Espc.	-	-	270	0,1	-	-	168	0,1
Total	210.671	100	207.440	100	79.234	100	112.747	100

Fonte: Censos Demográficos do Estado do Paraná. 1970/1980. IBGE. IN: (LUZ, 1988, p.177-180)

Luz (1988) também investigou a partir dos dados dos Censos Demográficos, a situação de domicílio anterior das pessoas não naturais dos municípios de residência nestas duas localidades. Com isso foi possível perceber que o movimento migratório dos nordestinos se fez por etapas, passando por outras regiões, principalmente dos estados de São Paulo e Norte do Paraná. (LUZ, 1988, p.189)

Ainda sobre o movimento migratório realizado ao Norte Novo de Maringá, Luz (1988) consultou os registros de casamento dos cartórios de Registro Civil de 15 municípios e 10 distritos da microrregião, num período que se estende de 1944, ano de instalação do primeiro cartório de registro civil em Mandaguari, até o ano 1980, limite cronológico de sua pesquisa¹⁵.

A autora fez um levantamento de 74.729 casamentos, envolvendo 149.458 pessoas. Nestes dados, os cônjuges naturais dos estados do Nordeste somavam 16.980 pessoas ou 11,4% do total de cônjuges

¹⁵ Segundo Luz (1988) a área da microrregião Norte Novo de Maringá, não possuía os mesmos contornos na época de sua pesquisa, quando da instalação de seu primeiro cartório civil em 1944. O município de Mandaguari, nessa data incluía toda a área da atual microrregião "Norte Novíssimo de Paranavaí" e seus limites atingiam os rios Paraná e Paranapanema, a partir da margem direita do rio Ivaí. O distrito de Maringá abrangia uma área que corresponde atualmente, além do município de Maringá, os municípios de Floresta, Ivatuba, Doutor Camargo, Mandaguaçu, São Jorge do Ivaí, Uniflor, Florai, Atalaia. Incluía também os municípios de Nova Esperança e Presidente Castelo Branco, que hoje integram a microrregião "Norte Novíssimo de Paranavaí". (LUZ, 1988. p. 220)

identificados entre 1944-1980¹⁶. Em relação à naturalidade, os dados identificados nos dados cartorários apresentam as mesmas feições daqueles trazidos pelos Censos Demográficos de 1970-1980, representando o Estado da Bahia o principal local de nascimento dos cônjuges nordestinos, seguido do estado do Pernambuco, Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão¹⁷. (Quadro 02)

Quadro 02 - Norte Novo de Maringá. Naturalidade dos cônjuges, por sexo, segundo as principais unidades da Federação 1944-1980.

NATURALIDADE	PESSOAS QUE SE CASARAM					
	TOTAL		Sexo			
			Homens		Mulheres	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
São Paulo	54.131	36,2	28.060	37,5	26.071	35,0
Paraná	49.140	33,0	20.618	27,6	28.522	38,2
Minas Gerais	20.374	13,6	10.979	14,7	9.395	12,6
Bahia	6.903	4,6	4.130	5,5	2.773	3,7
Pernambuco	3.723	2,5	2.142	2,9	1.581	2,1
Alagoas	2.491	1,7	1.399	1,9	1.092	1,5
Santa Catarina	2.279	1,5	1.238	1,7	1.041	1,4
Rio de Janeiro	2.165	1,4	1.159	1,6	1.006	1,3
Ceará	1.929	1,3	1.150	1,5	776	1,0
Espírito Santo	1.350	0,9	705	0,9	645	0,9
Sergipe	771	0,5	482	0,6	289	0,4
Paraíba	747	0,5	441	0,6	306	0,4
Rio Grande do Sul	603	0,4	342	0,5	261	0,3
Outras unidades	741	0,5	426	0,6	315	0,4
Estrangeiros	2070	1,4	1.443	1,9	627	0,8
Sem declaração	44	0,0	15	0,0	29	0,0
TOTAL	149.458	100,0	74.729	100,0	74.729	100,0

Fonte: Livros de Registro de Casamentos dos Cartórios de Registro Civil – 1944-1980. IN: (LUZ, 1988, p. 230. Quadro nº64)

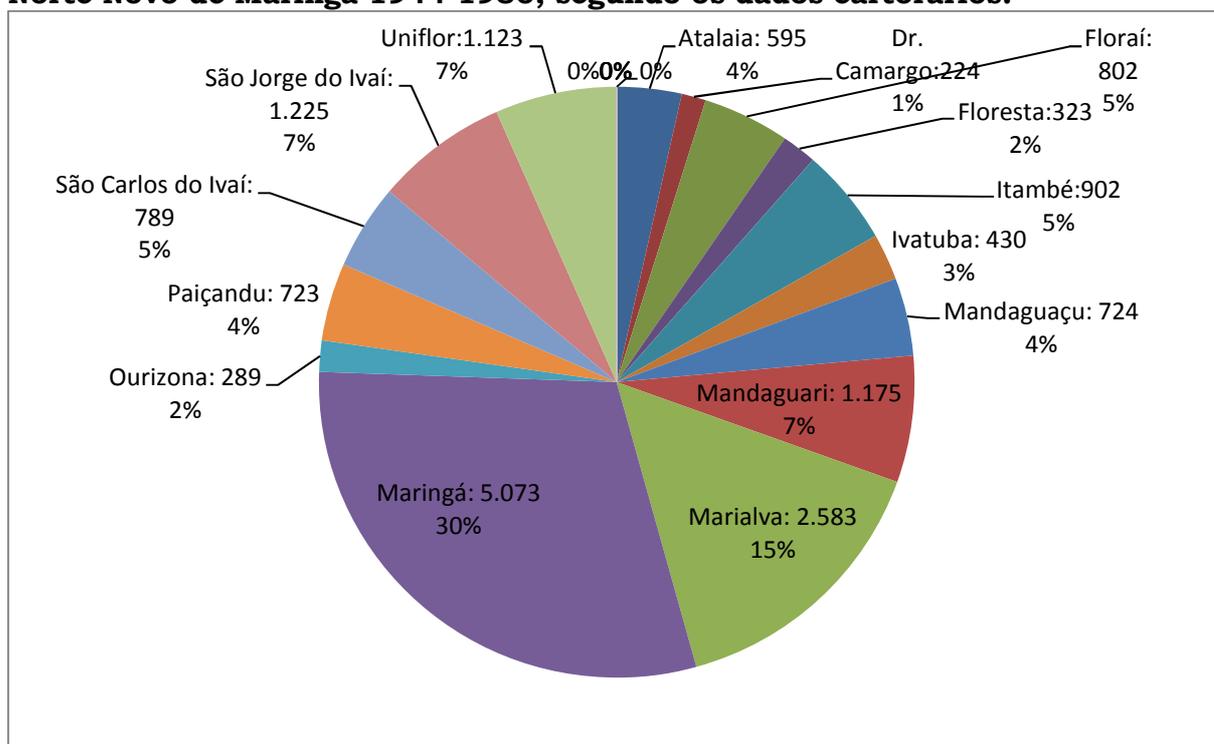
Nesses dados também foi possível verificar para quais municípios da microrregião, os nordestinos se deslocaram em maior ou menor número. De um total de 16.980 cônjuges naturais dos estados do Nordeste, 5.073 se casaram no município de Maringá, o que indica que entre os municípios da

¹⁶ Dentre os dados trazidos pela autora foram selecionados principalmente aqueles que remetem ao aporte de nordestinos na microrregião. Com isso, alguns quadros estatísticos trazidos pela autora foram agrupados, transformados e colocados como apêndice para uma melhor compreensão destes números, no que diz respeito à participação desses migrantes no Norte Novo de Maringá.

¹⁷ A participação dos naturais dos estados do Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão está agrupada no item “Outras unidades” no quadro acima. No apêndice 01 desta dissertação estão os números de cônjuges naturais de cada um destes estados.

microrregião, essa foi a mais beneficiada com o aporte desses migrantes. Na sequência, por ordem de importância aparecem os seguintes municípios como principais locais de concentração dos nordestinos: Marialva, São Jorge do Ivaí, Mandaguari, Uniflor, Itambé, Florai, São Carlos do Ivaí, Mandaguaçu, Paiçandu, Atalaia, Ivatuba, Floresta, Ourizona e Doutor Camargo¹⁸. (Gráfico 02)

Gráfico 02 - Distribuição dos nordestinos nos municípios da microrregião Norte Novo de Maringá 1944-1980, segundo os dados cartorários.



Fonte: Livros de Registro de Casamentos dos Cartórios de Registro Civil – 1944-1980. IN: (LUZ, 1988, p.226-228)

Do total de casamentos envolvendo os nordestinos, esses se concentraram entre os intervalos de 1956-1970, atingindo seu maior pico entre 1961-1970. Nos intervalos seguintes após 1971 houve uma sensível queda neste número. Com isso, verifica-se que eles se dirigiram para o Norte Novo de Maringá principalmente entre as décadas de 1950 e 1960,

¹⁸ A representatividade de cada Estado do Nordeste entre os cônjuges da Microrregião Norte Novo de Maringá está presente no Apêndice 01.

diminuindo seu deslocamento a esta região nas décadas de 1970 e 1980¹⁹. (LUZ, 1988, p.233-234)

Além dos dados quantitativos, também é possível verificar algumas considerações tecidas pela autora sobre as possíveis motivações do movimento migratório de nordestinos. Ao discorrer sobre os movimentos de migração interna aos centros industriais do Sudeste e para as áreas de expansão agrícola do Paraná e Centro Oeste, a autora aponta entre os fatores do deslocamento desses migrantes: a) migração pela seca; b) mão de obra utilizada na derrubada das matas; c) grande mobilidade; d) desagregação da economia rural do Nordeste. (LUZ, 1988, p. 22; 44; 59; 338) Ainda sobre a presença nordestina no Norte Novo de Maringá e município de Maringá, atribui pequena importância desse grupo na composição da população local. (LUZ, 1988, p. 177) Contudo, a migração de nordestinos representa o terceiro maior volume de migrantes não naturais deste Estado, e apresentam percentuais muito maiores que a imigração de estrangeiros, tão enfatizada pela memória local²⁰.

Além do percentual representado pelos nordestinos também existem dados sobre sua representatividade no eleitorado maringaense. Ao investigar a origem dos eleitores de Maringá entre os anos de 1956 a 1964, a historiadora Ivani Omura (1982) constatou que os eleitores naturais dos estados do Nordeste representavam o quarto maior número de votantes do município, ou o terceiro grupo em relação aos não naturais do Estado do Paraná²¹.

[...] Dos Estados da Região Nordeste, procederam 8,5% dos eleitores. Desses, cerca de 2% eram naturais dos Estados de Pernambuco e Bahia. Das regiões Centro-

¹⁹ Os números envolvendo os casamentos de nordestinos entre 1944-1980, estão disponíveis no apêndice 02.

²⁰ De acordo com os dados dos Censos Demográficos de 1970 e 1980, trazidos por LUZ (1988), em 1980 a participação dos estrangeiros representava 3,0% e em 1970, 2,4% no conjunto da população da microrregião Norte Novo de Maringá. No mesmo período, para o município de Maringá a participação de estrangeiros representava 4,5% e 3,0%, portanto, bastante abaixo do percentual de participação dos nordestinos trazidos no Quadro 02, variando entre 10,6% e 9,6%.

²¹ Ao investigar as profissões dos eleitores maringaenses, Omura (1982) identificou entre os nordestinos as ocupações de lavrador, agricultor e operário. (OMURA, 1982, anexos 05 e 06)

Oeste e Norte, vieram apenas 18 eleitores, nenhum exercendo atividades ligadas ao setor primário. (OMURA, 1982, p.25-140)

Nestes estudos demográficos, foi possível verificar os principais estados de procedência desses nordestinos que se deslocaram a mesorregião Norte Central do Paraná e município de Maringá, entre as décadas de 1940 e 1980, e também os municípios da microrregião Norte Novo de Maringá em que se deslocaram em maior ou menor número. No entanto, estes dados nos mostram apenas uma faceta da migração de nordestinos, pautados em aspectos quantitativos. Buscando um quadro mais completo da participação desses migrantes na região, na sequência analiso como eles foram abordados na produção historiográfica regional paranaense.

1.2 A “presença/ausência” da migração nordestina na produção bibliográfica regional

Aqui se pretende ver como a historiografia sobre o Norte do Paraná e também outros pesquisadores tais como geógrafos e sociólogos, abordou a presença nordestina na região, principalmente nos trabalhos produzidos sobre o município de Maringá. Parte dos estudos publicados sobre o Norte do Paraná até a década de 1990 esteve marcado pela influência dos trabalhos produzidos entre as décadas de 1930-1950 por geógrafos, que buscavam nessa região, um entendimento mais apurado dos movimentos migratórios, *“das relações interétnicas, das possibilidades de modernização das atividades econômicas tradicionais e, em particular, dos modos e instrumentos de ocupação mercantil, dos chamados ‘vazios demográficos’”*. (GONÇALVES, 1995, p.06) E também, pela influência de uma história regional que buscava afirmar uma identidade particular ao território e aos naturais do Estado. No contexto das comemorações do centenário da emancipação política do Paraná (1953), as publicações de intelectuais paranistas, cumpriam este propósito, pois reivindicavam uma formação “diferente” do homem paranaense aos do restante do país. Este seria resultante da miscigenação de diversos grupos de imigrantes europeus. Muito embora a imigração de estrangeiros tenha sido menor que a de

nacionais no Norte do Estado, ele foi selecionado por esse tipo de abordagem, junto com os grandes proprietários, como os principais responsáveis por sua colonização e desenvolvimento.

A migração de nordestinos para o Norte do Paraná aparece pela primeira vez no trabalho do geógrafo francês Pierre Monbeig, *A Zona Pioneira do Norte do Paraná*, publicado originalmente em 1935 pela revista *Geografia* de São Paulo. Monbeig procurou encontrar nesta região uma continuação linear da cafeicultura paulista, e enfatizou principalmente as experiências de paulistas e estrangeiros em solo paranaense²². (MONBEIG, 1935, p.06)

No Norte do Paraná, como e outros lugares, a derrubada é raramente feita pelos próprios colonos. O mais comum é entregar este serviço a trabalhadores especialistas, na maioria caboclos da região ou então a turmas de Bahianos que costumam empreitar este genero de serviço. (MONBEIG, 1935, p.06)

Pierre Monbeig também publicou *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*, editado originalmente em francês em 1952, e traduzido ao português tardiamente em 1984. A migração de nordestinos para as zonas cafeeiras do Estado de São Paulo e Norte do Paraná é abordada com detalhes pelo autor. Nele é possível verificar vários tipos de críticas depreciativas suscitadas com o aporte desses migrantes nas duas regiões.

Essa imigração, que bem se pode chamar a **imigração da miséria**, não deixou de suscitar certas críticas por parte dos paulistas. A princípio, ao que parece, tratava-se de imigração de indivíduos isolados, celibatários ou pais de famílias que deixavam mulher e filhos no torrão natal. Voltavam, depois de ter amealhado modesto pecúlio. Não ultrapassava este alguns contos de réis, que mais não permitiam os salários, e mesmo esta soma representava um ganho muito apreciável para homens **acostumados a um nível de vida dos mais baixos**. Nisso, entretanto, podia-se ver uma forma de êxodos dos capitais paulistas. [...] Mas então, foi frequentemente formulada outra crítica em São Paulo: **era portadora de doenças a gente da**

²² Herdeiro dos estudos do geógrafo francês Pierre Deffontaines, Monbeig esforça-se para descrever a marcha para o Oeste dos clássicos estudos de fronteiras ocorridos nos Estados Unidos da América e do Canadá. Deffontaines esteve no Brasil na década de 1930, e se dedicou a estudos em que buscava estabelecer uma tentativa de classificação e delimitação das regiões naturais do Estado de São Paulo, o qual influenciou Monbeig a considerar a região norte do Paraná como um prolongamento natural desse Estado vizinho, tanto por questões climáticas, como pela expansão da cafeicultura paulista em direção a essa região.

Bahia, Minas e outros estados, aqui desembarcada; eram quase todos **maleitosos**; padeciam de **afecções parasitárias** de todas as espécies, ignorando as mais elementares noções de higiene. Consequentemente, **não eram elementos desejáveis**. [...] A propósito, é de lembrar igualmente a concorrência que os baianos, ao aceitarem baixos salários, podiam fazer aos trabalhadores rurais paulistas. (MONBEIG, 1984, p. 151. Grifos meus)

Sem abster-se de comentários negativos, Monbeig (1952) ressalta os trabalhos desempenhados pelos nordestinos na abertura de florestas e colheita do algodão. No entanto, salienta claramente a preferência pelo estabelecimento de estrangeiros nas frentes de colonização.

Nem tudo era inexato nessas críticas. Mas, contudo presta grandes serviços a mão-de-obra proveniente dos estados do Norte, e assalariada nas zonas novas: o baiano é o desbravador da floresta. Quase não se podia circular nas frentes de colonização dos planaltos ocidentais, sem topar com algumas cabanas de lenhadores baianos. São também empregados nas plantações de algodão **os imigrantes do Nordeste, que forneciam o grosso da mão-de-obra para a colheita**. [...] Posso, contudo, indicar que, no curso de minhas últimas viagens, colhi muito menos críticas aos baianos; encontrei mais de um que, com a família, parecia estabelecido como agricultor. **Certamente são os menos preparados para desempenhar o papel positivo dos colonos**. Mas, foi providencial para os plantadores a chegada em massa desses braços, pois que sucedeu no momento em que começavam os estrangeiros a fazer-se raros e a procurar mais a cidade que o campo. Tomaram os baianos o lugar da mão-de-obra estrangeira, como trabalhadores assalariados, nas zonas pioneiras. (MONBEIG, 1984, p.152. Grifos meus)

A associação dos nordestinos como um “problema do ponto de vista social”, também aparece nos discursos de políticos paranaenses na década de 1950. Em mensagem publicada em 1959, o governador do Paraná entre 1955-1960, Moysés Lupion, afirma [...] *recebemos esses irmãos do Nordeste, embora sabendo que novos problemas surgiriam sob o ponto de vista sanitário*. (LUPION, 1959, p.103. IN: BURMESTER, et all, 1990, p.147) Vistos como aventureiros e portadores de doenças, a migração de nordestinos era indesejada pelos políticos paranaenses, que buscavam a atração de categorias distintas para o Norte do Estado, tais como o investidor, o

profissional liberal, e detentores de posses em geral. (BURMESTER, et all, 1990, p.146-147)

Dentre as publicações produzidas por geógrafos sobre o Norte do Paraná, também se destacam os trabalhos de Lysia Maria Cavalcanti Bernardes (1953); Salette Magdalena Cambiaghi (1954); Neide Prandini (1954); Nice Lecocq Müller (1956), que entre os temas abordados, estava a colonização e os grupos migratórios que se dirigiram a essa região.

Ao tratarem dos grupos que colonizaram a mesorregião Norte Central, a migração de nordestinos foi mencionada por apenas uma das quatro autoras. Contudo, foi enfatizada principalmente imigração de alemães, japoneses, italianos. A população negra foi apontada como inexistente na região.

[...] Foi esta a origem de 'Londrina' onde chegaram os primeiros colonos em 1931, nacionais **vindos de São Paulo, aos quais se seguiram alemães, italianos e japoneses**".(BERNARDES, 1953, p. 364)

[...] Dos povoadores da região nesta fase do povoamento do norte do Paraná, destacam-se ainda paulistas, mineiros e fluminenses; talvez os paulistas estejam em primeiro plano. Além desses, aparecem ainda, com certo destaque, **os nortistas, mais conhecidos como "bairanos"**, que deixam o torrão natal em busca de terras mais férteis, indo grande parte fixar-se no norte do Paraná. (CAMBIAGHI, 1954, p. 80)

[...] **O elemento dominante é, pois, o paulista e o japonês**; aqueles entre os nacionais, estes entre os estrangeiros. Devemos lembrar que **o negro praticamente não aparece** em Londrina. (PRANDINI, 1954, p.103-104)

[...] De um lado, houve a invasão de **paulistas** de Itararé e Faxina (atual Itapeva) que, com base em São Sebastião do Faxinal, tomaram flancos meridionais do espigão mestre: eram criadores de porcos e "safristas" que tipicamente, não chegaram a se fixar na região. Por outro lado, a região vem recebendo, recentemente, um influxo povoador partindo de Campo Mourão, de **colonos gaúchos e catarinenses** que, atraídos pelo renome do Norte do Paraná, abandonaram suas policulturas para tentarem o café. [...] (MÜLLER, 1956, p.44)

No início da década de 1950 foram publicados vários estudos que buscavam entre seus temas, definições em torno do que seria o Paraná e

também, sobre o surto de desenvolvimento que estava ocorrendo no período, principalmente no Norte do Estado²³. Essas publicações são marcadas pela grande influência do paranismo, ideologia regionalista forjada na década de 1920, que dentre seus objetivos artísticos e políticos, estava à construção de uma história regional e de uma sociedade para o plano local, baseada em uma visão “branca” e particular da sociedade e do próprio Estado do Paraná. (OLIVEIRA, 2007, p.01) Desse modo, segundo os ideais paranistas, o típico paranaense seria o europeu e seus descendentes, denominados euro-brasileiros²⁴.

Essa definição distinta do homem paranaense vinha se gestando desde finais do XIX, quando iniciou a imigração de europeus para a região do Paraná Provincial²⁵. Os primeiros estudos históricos que assinalava essa suposta “diferença” da população do Estado em relação ao restante do país foram produzidos por Romário Martins, (1874-1948), um dos principais ideólogos do paranismo, que enfatizou a contribuição europeia, e excluiu a presença do negro no Paraná²⁶. (CAMARGO, 2007, p.34)

As aspirações dos paranistas se concretizaram “cientificamente” pela publicação, do livro *Um Brasil Diferente: ensaio sobre fenômenos de*

²³ A primeira publicação que resgata os ideais paranistas é a de Temístocles Linhares, **Paraná Vivo: sua vida, sua gente, sua cultura**, de 1953. Para maiores detalhes ver: LINHARES, Temístocles. **Paraná Vivo: sua vida, sua gente, sua cultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

²⁴ As buscas para marcar a diferença do Paraná em relação ao restante do Brasil, não se resumem apenas a sua formação racial, mas também por questões econômicas. Para mais detalhes consultar: OLIVEIRA, Márcio. Imigração e diferença em um estado do sul do Brasil: o caso do Paraná. **Revue Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Debates. Bogotá, mai, 2007. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/5287?lang=pt>> Acessado em 10/07/2014.

²⁵ No final do século XIX foi efetivado um programa de estabelecimento de imigrantes europeus em núcleos coloniais, nas proximidades das vilas e cidades no Paraná Provincial: Lapa, Antonina, Paranaguá, Guaratuba, Curitiba, Pinhais, Palmeira, além de Castro e Ponta Grossa. Destaca-se entre estes imigrantes, o estabelecimento de poloneses, alemães, italianos, eslavos, dentre outros. (FUKUSHIMA, 1984, p.04)

²⁶ Alfredo Romário Martins nasceu em 08 de dezembro de 1874 e faleceu em 10 de setembro de 1948. Desde cedo trabalhou em jornais, primeiro como auxiliar de tipografia e depois como redator. Em 1902 foi nomeado diretor do museu paranaense, cargo que ocupou durante 25 anos. Foi também diretor do Departamento de Agricultura do estado e deputado estadual em 1904. Para esse cargo foi reeleito mais sete vezes. Ele também organizou congressos e fundou revistas literárias e científicas. Entre suas publicações destaca-se: “Vozes íntimas”, “Noites Alvoradas”, “O que é o Paraná”, “Terra e gente do Paraná”, e principalmente “História do Paraná”, publicada originalmente em 1899, sendo revisada e reeditada em 1937 e 1953. FORECK, Simone Cristina. **Biografia de Romário Martins**. Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/noticias/biografia-de-romario-martins/76>> Acessado em 14/07/2014.

aculturação no Paraná, de Wilson Martins, em 1955²⁷. Com uma análise que conjuga dados históricos, demográficos e étnicos, Martins (1955) buscou reafirmar essa matriz cultural “distinta” no Estado. Inspirado no trabalho *Casa Grande e Senzala, e Sobrados e Mucambos*, do antropólogo pernambucano Gilberto Freyre, em que defende a formação do brasileiro através da miscigenação do português, do negro e do índio, Martins de maneira distinta, afirma que a contribuição do português, do escravo negro e do indígena foi praticamente insignificante na composição do homem paranaense.

É que, como veremos, existiram no Paraná elementos “perturbadores” (como se diz, em astronomia, de um planeta ainda desconhecido que “perturba” o comportamento dos demais), e que lhe atribuem um caráter de todo diferente do da região especialmente estudada pelo sr. Gilberto Freyre, mesmo que essa região seja, não apenas o Nordeste brasileiro, mas os vastos domínios da “cultura luso-tropical”: a presença do imigrante, em primeiro lugar, e, depois, a ausência do português e a inexistência da escravatura, de tal forma que os dois últimos não chegaram a atuar como forças sociologicamente ponderáveis.

[...] O tipo físico do homem sulino apresenta notáveis sinais de cruzamento de sangues europeus, principalmente dos diversos povos dólicos entre si. A estatura, a cor dos cabelos e dos olhos, a conformação sanguínea, seriam outros tantos aspectos a observar no sentido da fixação de uma medida científica de miscigenação que aqui se fez se faz mais entre brancos de povos diversos (portanto num caldeamento de proporções incalculáveis) do que entre brancos e negros que é o tipo de mestiçamento, com as suas subclasses, mais comum no norte do Brasil. Atribuo a maior importância a esse detalhe, não por injustificadas tendências arianizantes, mas por ser exatamente o que distingue a miscigenação do sul e do norte do Brasil. Quando se fala em mestiço nos estados do Paraná e Santa Catarina, é difícil supor o mulato ou o mameluco, que existem em proporções mínimas, mas deve-se entender o misturado de elementos diversos de raça branca, o que não chega cientificamente a ser um mestiçamento, no sentido rigoroso da palavra. (MARTINS, 1989, p.03-05)

²⁷ Este livro teve uma segunda edição em 1989. No entanto, Wilson Martins não fez nenhuma atualização de suas afirmações, ainda que reconhecesse as novas configurações dadas ao Estado pelo processo de colonização do norte do Paraná, e das várias críticas recebidas por omitir a existência de alguns grupos na composição do homem paranaense.

Apesar de concentrar suas análises a apenas uma parte do Estado, a região do Paraná Tradicional, o autor também teceu algumas considerações sobre a região Norte do Paraná, definida por ele como *‘um corpo estranho no Estado, uma exceção, qualquer coisa de “diferente” da sua definição essencial’*. (MARTINS, 1989, p.19) Sem omitir o grande aporte de paulistas e mineiros, e até mesmo a presença de nordestinos na região, o autor selecionou principalmente informações que evidenciavam aspectos desta parcela de estrangeiros, dando ênfase a instalação de japoneses, franceses, ingleses, portugueses, alemães, etc. (MARTINS, 1989, p.136-176)

Por sua vez, o *Atlas Corográfico da Cultura Cafeeira*, referente ao estado do Paraná, e publicado em 1941 pelo Departamento Nacional do Café, observa como umas das principais características da zona cafeicultura paranaense – zona que tantos acreditam maciçamente habitada por **baianos, mineiros, nortistas** – a sua face “*eminentemente cosmopolita*”. (Departamento Nacional do Café. *Atlas Corográfico da Cultura Cafeeira*. 1941. s/p. IN: MARTINS, 1989. p. 176)

Para Martins (1955) o clima frio paranaense, supostamente mais próximo do europeu, teria favorecido o estabelecimento desses imigrantes, que passaram a reproduzir no Estado seus hábitos alimentares, formas de habitação, e a criar *“uma nova civilização europeia, caracterizada pela urbanização”* no Paraná. (BURMESTER, et all, 1990, p.150). Além de possibilitar a fixação desses migrantes no Estado, para o autor, o clima frio também teria influenciado o caráter do homem paranaense, que seria mais “*introspectivo*”, ao contrário dos homens do restante do país. Segundo Martins (1955) (...) *é suficiente conviver com um paranaense típico para verificar que se trata do contrário do homem expansivo, amante de gestos escandalosos ou das atitudes coloridas, das expansões comunicativas ou dos entusiasmos fáceis*. (MARTINS, 1989, p. 19) Este tipo de interpretação teve grande respaldo na imprensa, que passou a buscar no homem paranaense, estas marcas que os tornavam “diferentes”.

A marca do legado paranista na historiografia regional consiste na grande ênfase atribuída aos estrangeiros, como principais protagonistas da história deste Estado, ofuscando desse modo, a participação de outros grupos na formação do homem paranaense. Ao salientarem a imigração

européia, e atribuírem um papel primordial aos “pioneiros” paulistas e mineiros na colonização do Norte do Estado, este tipo de abordagem também influenciou no modo como a participação do nordestino foi descrita nas produções bibliográficas paranaenses. A migração nordestina para esta região, ao contrário desses grupos citados anteriormente, é marcada pela pouca ênfase, sendo até mesmo, muitas vezes omitidos.

Entre as principais compilações sobre a história do Paraná, destaca-se o livro *História do Paraná* (1967) do historiador paranaense Ruy Wachowicz, e o também intitulado, *História do Paraná* (1969) produzido por Maria Cecília Westphalen, Brasil Pinheiro Machado, Altiva Pilatti Balhana. Ao abordarem a colonização do Norte do Estado, seguindo a tendência até aqui apresentada, os autores enfatizaram principalmente a imigração de estrangeiros para a região. A migração de nordestinos é abordada rapidamente, onde são apontados como mão de obra dos fazendeiros paulistas e mineiros²⁸.

Em 1931, já se registrava a venda de 3.000 alqueires. Os compradores acorreram em grande número, atraídos pelos preços e pela propaganda da Companhia. Paulistas, mineiros, **baianos**, catarinenses, paranaenses, **estrangeiros – os japoneses formam grande parte da cidade Assaí, os alemães fundaram Cambé (antiga Nova Dantizig), os tchecos fundaram Nova Vlast (hoje inexistente), os poloneses fundaram Varta, e ainda italianos, portugueses, espanhóis, etc.** (WACHOWICZ, 1967, p.163)

[...] Quando as lavouras paulistas decaem, aparecem as paranaenses, acionadas por paulistas como também por fluminenses e mineiros e **trabalhadas pelos migrantes nordestinos.** (BALHANA, et all, 1969, p. 14)

[...] Colonos **estrangeiros, de variada origem e procedência, também se estabeleceram no Norte do**

²⁸ O historiador Ruy Wachowicz (1986) ao discorrer sobre a colonização da região Oeste do Paraná, resultante do avanço de várias frentes, aponta a existência de preconceitos direcionados aos nordestinos pelos elementos da frente sulista (gaúchos e catarinenses). Segundo o autor: “*No encontro dessas três frentes de colonização no Oeste, o elemento sulista avaliou o elemento nortista de uma forma algo pejorativa. Ele sentiu o seu melhor preparo, sentiu que era mais rico, que possuía um nível de escolaridade melhor e externou essa superioridade momentânea, estereotipando de certo modo o nortista*”. (WACHOWICZ, 1986, p.154) Como exemplo dos preconceitos aos nordestinos nesta região, o autor cita ainda um episódio envolvendo uma professora universitária, no município de Marechal Cândido Rondon, demitida de seu cargo por conta de sua origem regional nordestina, muito embora fosse a única com melhor qualificação em sua área de atividade. Para maiores detalhes ver: WACHOWICZ, Ruy. *Frentes Pioneiras*. In: **História do Paraná** (Série Ideias em Debate). Curitiba: SECE/Biblioteca Pública do Paraná, 1986. V.5.

Paraná, muitos espontaneamente, outros dirigidos por companhias colonizadoras. No último caso, constituem exemplos significativos, as colônias de Assaí, Uraí, fundadas respectivamente pela Brazil Tokushoku Kaisha-Bratac e pela Nambei Tochi Kabushiri Kaisha, com imigrantes japoneses e seus descendentes. (BALHANA, et all, 1969, p. 216)

Com uma proposta distinta daquela apregoada pelos paranistas, Faris Antonio S. Michaele em *A Formação Étnica do Paraná* (1969) procura delimitar a contribuição de diferentes grupos étnicos na formação do homem paranaense. O autor questiona o mito difundido no Paraná de que a maioria esmagadora de sua população no século XX é composta de euro-brasileiros. (MICHAELE, 1969, p.91) Citando o grande volume migratório ocorrido em direção ao Norte do Estado a partir da década de 1930, o autor evidencia a migração de nordestinos e o peso da escravidão no Paraná Provincial.

De um modo geral, pelo que nos foi dado observar, nos diversos pontos do Estado, historicamente ligados à tristemente célebre época da escravidão, os pontos de maior concentração do africano foram: Lapa, Castro, Palmeira, Guarapuava, Campo Largo, Morretes, Paranaaguá, Antonina, Ponta Grossa, Jaguariaíva e Curitiba, por ser naturalmente, a Capital, e, como consequência, de maior coeficiente de escravos domésticos ou citadinos.

[...] Mas, nunca percamos de vista a crescente invasão interna, principalmente dos Estados de Minas, São Paulo, Nordeste e Rio Grande do Sul. **É de Minas e do Nordeste abaixo de Pernambuco que nos vem o maior desmentido para a desejada brancura, graças a Deus!** (MICHAELE, 1969, p.92-94)

Importante referência para o estudo do Norte do Paraná, a tese de doutorado da historiadora Nadir Cancian, intitulada *Cafeicultura paranaense 1900/1970: estudo de conjunturas* (1977), posteriormente publicada em formato de livro, em 1981, enfatiza somente a imigração estrangeira e não menciona a migração de nordestinos na região.

Nas áreas de ocupação mais antiga os estrangeiros tinham menor participação como proprietários. Na micro-região 280, onde são assinaladas apenas 8 propriedades de dezenove proprietários, dois eram brasileiros, dois italianos e quatorze japoneses. A atração pelo café apresentava-se reduzida, embora houvesse expansão. No caso dos japoneses, sabe-se que eram pequenos

proprietários, dado a colonização japonesa existente na área, cujos lotes não ultrapassavam a 10 alqueires. (MONBEIG, 1952, p. 218. In: CANCIAN, 1977. p.76)

Dentre as publicações consultadas nesta pesquisa, o nordestino aparece pela primeira vez com um pouco mais de visibilidade em trabalhos circunscritos a análises municipais, através da figura do pioneiro. De acordo com Ribeiro (2008) por trás da prática corrente de inclusão de grupos sociais distintos na categoria de “pioneiros”, existem mecanismos ideológicos produzidos a fim de apagar contradições existentes entre os sujeitos participantes da construção ou consolidação de um projeto, de uma cidade, de uma região. Com isso, são incluídos na mesma categoria proprietários e trabalhadores, patrões e empregados, etc. Neste discurso, as tensões, explorações, privações, grilagens, violências são ocultadas, para dar lugar a imagens de um processo de ocupação pacífico e ordenado, com o aparente desaparecimento das diferenciações sociais. (RIBEIRO, 2008, p.186) Objetivando propagar a ideia de uma relativa harmonia e tranquilidade em sua colonização, o mito do pioneiro é constantemente reiterado em publicações e discursos oficiais sobre o norte do Paraná, sobretudo, em comemorações municipais.

O historiador Arthur Andrade, no livro *Maringá ontem, hoje e amanhã*, 1979, remonta a migração de nordestinos para o município de Maringá desde finais da década de 1930, remetendo sua participação como trabalhadores na derrubada das matas e na construção de estradas de ferro²⁹. (ANDRADE, 1979, p.60-61) Apesar de também colocá-los entre os “pioneiros” do município, Andrade reproduz alguns estereótipos referentes ao Nordeste e ao nordestino, como a redução dessa região à caatinga, e a migração justificada essencialmente pelo fenômeno das secas. Ao remetê-los a uma participação efêmera, o autor oculta a permanência daqueles que adotaram o município de Maringá como seu novo lar, e reafirma a ideia de

²⁹ Com um discurso idealizado, e retomando alguns dos enunciados de Euclides da Cunha em relação aos sertanejos, o autor remete os nordestinos como fortes, valentes, intrépidos. (ANDRADE, 1979, p. 59-61) Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha aponta o sertanejo nordestino como o herói nacional, a “chama viva de nossa nacionalidade”. No entanto, para Cunha, o paulista seria o grande responsável pelo desenvolvimento do país. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 66)

uma migração transitória, frequentemente associada a esse grupo migratório.

Por mais que lute, por mais que tente mudar uma situação, **o nordestino é obrigado a se curvar diante da terra seca e da inclemência do sol abrasador**. Os anos de prolongadas secas, de intensas promessas, de um lutar incessante por dias melhores, **fazem do homem do sertão das caatingas** um bravo, um valente, um destemido, um homem marcado pela dureza da luta travada sem trêgua e pelo sofrimento do seu coração.

[...] **A sua passagem é efêmera dentro da história de uma cidade.** (ANDRADE, 1979, p.83. Grifos meus)

A historiadora France Luz, em sua dissertação de mestrado, intitulada *O Fenômeno Urbano numa Zona Pioneira: Maringá*, de 1980, ao resgatar depoimentos daqueles que foram considerados os primeiros habitantes desse município, os chamados “pioneiros”, cita alguns nordestinos bastantes conhecidos da história de Maringá, sem, no entanto, entrar no mérito da naturalidade³⁰. Estes se destacam por ser a eles atribuída a primazia na realização de determinados tipos de atividades. Entre os nomes citados, consta o hoteleiro Sr. José Inácio da Silva, e seu irmão Sr. Aniceto Gomes da Silva, considerado um dos primeiros habitantes do município, ambos pernambucanos; também é lembrado o médico baiano Sr. Lafayette da Costa Tourinho, considerado por alguns memorialistas e por historiadores regionais, como o primeiro médico de Maringá e o responsável por instalar o primeiro hospital de Maringá, o Hospital Santa Cruz em 1944. (LUZ, 1980, p.190-191)

Luz (1980) também cita o comerciante e político baiano Napoleão Moreira da Silva. Entre os “pioneiros” locais, este é sempre um dos mais

³⁰ As informações referentes a estes personagens que dentre outros foram considerados como os primeiros habitantes de Maringá, trazidos por France Luz (1980) e as informações sobre a naturalidade deles, surgiram a princípio no livro *Terra Crua* de Jorge Ferreira Duque Estrada, 1961, p.17-21. Os discursos de Duque Estrada foram reproduzidos em grandes proporções, estando presente no livro do memorialista Manoel Cabral em *Maringá da floresta à selva de pedra*, 1977; pelo historiador Arthur Andrade em *Maringá: ontem hoje e amanhã*, 1979; pela historiadora France Luz em sua dissertação de mestrado *O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá*, 1980; em Ivani Aparecida Rogatti Omura em *Eleitores e eleitos – composição e comportamento: Maringá 1956-1964*, 1982; no capítulo de livro *Maringá: a fase de implantação*, 2002; no estudo dos historiadores: João Laércio Lopes Leal e Elise Sayuri Yoshida em *Maringá: as primeiras notas da Cidade Canção*, 2009; e também no Blog virtual: *Maringá Histórica*.

lembrados, devido sua popularidade como comerciante e sua forte atuação política, colaborando inclusive para a formação dos primeiros diretórios políticos e a emancipação política de Maringá em relação à Mandaguari. Junto a Napoleão Moreira da Silva, a autora cita também o empreiteiro pernambucano João Tenório Cavalcanti, também bastante lembrado pelas atividades no recrutamento de machadeiros³¹. (LUZ, 1980, p.195-196)

Somente na década de 1990, com uma perspectiva distinta de escrita da história tradicional, teve início outro tipo de abordagem da história paranaense marcada por um enfoque revisionista e crítico, que buscou e ainda busca, um novo entendimento sobre a história regional e de como ela foi feita no Estado. Desse modo, vários autores demonstraram o quanto discursos ideológicos, frutos de uma historiografia oficial exercem projeções e influenciam pesquisadores e estudantes³². A partir destes estudos, outras dimensões de temas consolidados passaram a aparecer, e novos agentes entraram em cena. No entanto, isso não implicou no desaparecimento do modelo tradicional que passou a coexistir com esta nova tendência, revelando desse modo, a dificuldade e demora na superação de paradigmas fortemente enraizados. A partir deste novo modelo interpretativo foram trazidos aspectos qualitativos, sobre a migração de nordestinos no Norte do Paraná e município de Maringá.

Uma concepção distinta em torno da presença nordestina na região pode ser verificada no livro dos pesquisadores Reginaldo Benedito Dias e Celene Tonella, (1999) sobre questões políticas municipais, processos eleitorais e partidárias do município de Maringá. Mesmo que a temática

³¹ A partir de uma metodologia própria, Luz (1980) realizou entrevistas com dezenas de “pioneiros” que se estabeleceram no município de Maringá entre os anos de 1939 e 1947. De um total de 100 entrevistados, seis eram nascidos na Bahia e dois em Pernambuco. (LUZ, 1980, p.243)

³² Para maiores detalhes consultar: MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. 2ª ed. Maringá: Eduem, 2009. GONÇALVES, José Henrique Rollo. **História Regional & Ideologias: Em Torno de Algumas Corografias Políticas Do Norte Paranaense – 1930/1980**. 1995, 264f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1995. TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná” história e fantasmagorias**. 1997, 342f. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1997.

migratória estivesse fora dos objetivos dos autores, foi possível verificar que a Câmara Municipal de Maringá entre 1956-2001, contou com pouco mais de uma dezena de vereadores nordestinos.

Nesse período foram eleitos treze vereadores, que tiveram como local de nascimento os Estados do Nordeste. Desse total, dois foram eleitos por mais de um mandato, sendo eles Euclides Zago Alexandre da Silva, eleito na sétima, oitava e nona legislatura, e José Maria dos Santos, eleito na décima, décima primeira e décima segunda legislatura. Do Estado da Bahia foram eleitos (06) vereadores, de Pernambuco (03), do Ceará (02), do Maranhão (01) e Piauí (01).

Entre as atividades desempenhadas por esses vereadores, foi identificado o exercício de trabalhos agrícolas, no comércio, no funcionalismo público. Além das profissões de arrumador, industriário, despachante, professor, advogado e bacharel em contabilidade. Esses dados mostram outro perfil profissional dos nordestinos em Maringá. (Quadro 03)

Quadro 03. Vereadores eleitos no município de Maringá, naturais dos estados do Nordeste entre a 1ª e a 11ª legislatura.

	Nome	Legislatura	Partido	Data de nasc.	Natural de	Profissão	Votos
01	Napoleão Moreira da Silva	1ª(1952)	UDN	20/02/1907	Timbó – BA	Agricultor; Comerciante	304
02	Miravam Barlavento Salles	2ª(1956-1960)	PSP	22/11/1930	Recife – PE	Professor; Contador	216
03	Joaquim Ferreira Dias	3ª(1960-1964)	PTB	01/08/1917	Valença – BA	Funcionário Público	281
04	Walber Souza Guimarães	5ª(1964-1969)	MDB	07/01/1933	Colinas – MA	Industriário	998
05	João Carlos do Nascimento	5ª(1969-1973)Supl.	MDB	24/06/1932	Maraú – BA	Contador	555
06	Paulo de Barros Campelo	6ª(1973-1977)	ARENA	29/06/1933	Garanhuns– PE	Despachante	713
07	Francisco Timbó de Souza	6ª(1973-1977)	MDB	04/03/1943	Ipu – CE	Vendedor	629
08	José Capituleio da Silva	6ª(1973-1977)Supl.	MDB	27/10/1934	Vitória da Conquista – BA	Arrumador	616
09	Maurílio Correia Pinho	7ª (1977-1983)	ARENA	-	CE	-	1242
10	Euclides Zago Alexandre da Silva	7ª(1983-1988) Supl. 8ª(1989-1992) 9ª(1999-1999)	ARENA PDS PDS	-	Águas Belas – PE	Comerciante	768 1079 1330
11	Damião Adorno Reis	9ª(1989-1992)	PDC	-	BA	-	808
12	Antônio Preto O. Leal da Silva	10ª(1993-1996)	PDT	-	BA	-	690
13	Umberto Crispim de Araújo	10ª(1993-1996)	PMDB	-	PI	Advogado	1560
14	José Maria dos Santos	10ª(1993-1996)Supl. 11ª(1997-2000) 12ª (2001-2004)	PT PT PSD	-	BA	Policia Militar	647 1480 1805

Fonte: DIAS; TONELLA, 1999, p.56-100 e Câmara Municipal de Maringá. Quadro adaptado ³³.

³³ Foram selecionados somente dados referentes aos vereadores naturais dos estados do Nordeste. Câmara Municipal de Maringá. Disponível em: <<http://www.cmm.pr.gov.br/?inc=legislatura05>>. Acessado em 12/06/2013.

Os pesquisadores Celene Tonella, Reginaldo Benedito Dias e Jorge Ulisses Guerra Villalobos publicaram em 1999, o livro “*As memórias do sindicalista José Rodrigues dos Santos: as lutas dos trabalhadores rurais do Paraná*”, sobre a trajetória deste sindicalista no Norte do Paraná. Natural do Estado da Bahia, Santos foi um militante ligado ao PCB e participou ativamente da fundação de 86 sindicatos no Norte do Paraná e da Federação dos Trabalhadores na Lavoura do Estado do Paraná³⁴. Chegou a Maringá em finais da década de 1950, e esteve junto à formação de vários sindicatos neste município³⁵. Como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Maringá esteve à frente da organização do II *Congresso dos Lavradores e Trabalhadores do Paraná*, em 1961, evento que causou alvoroço entre os setores agrários paranaenses, contrários à formação dos sindicatos rurais no Estado³⁶.

Apesar dos autores não remeterem aspectos voltados a regionalidade nordestina, ou ao fenômeno migratório desencadeado a essa região, a inclusão da participação de José Rodrigues dos Santos neste levantamento contribui para uma mostra mais detalhada da grande atuação dos nordestinos em Maringá. Nos depoimentos de Santos são relatadas várias situações de conflitos, greves e exploração de trabalhadores em Maringá, principalmente em máquinas de café e em fazendas. Nesse município além da atuação como sindicalista, Santos também foi candidato a vereador nas

³⁴ Durante sua atuação como líder sindical e partidário do PCB, José Rodrigues dos Santos circulava entre os principais dirigentes partidários do PCB como Marighela, Francisco Julião, Prestes, e políticos como o ex-presidente João Goulart e Brizola. (TONELLA, et all, 1999, p.02-12)

³⁵ De acordo com as memórias do sindicalista, por volta dos dezesseis anos de idade, em 1936, Santos deixou a casa dos pais e passou por municípios da Bahia, Minas Gerais, São Paulo. Nesse percurso, aprendeu a ler e a escrever, e em 1945, em Frutal-MG teve seu primeiro contato com o PCB. Ao filiar-se passou a trabalhar em usinas de cana e demais áreas de produção agrícola com o objetivo de conscientizar e organizar os trabalhadores em relação aos seus direitos, através da entrega de boletins e informativos. Devido sua militância sindical passou a ser perseguido. Santos chegou ao Estado do Paraná em 1952, se instalando primeiramente no município de Apucarana. (TONELLA, et all. 1999. p.13-39)

³⁵ Em oposição a esse congresso realizado em Maringá, o bispo desse município Dom Jaime Luiz Coelho, junto com os bispos de Londrina e Jacarezinho mobilizaram a FAP (Frente Agrária Paranaense) para contrapor a mobilização dos trabalhadores e a formação de sindicatos rurais no Paraná. (TONELLA, et all. 1999. P.71)

³⁶ Em oposição a esse congresso realizado em Maringá, o bispo desse município Dom Jaime Luiz Coelho, junto com os bispos de Londrina e Jacarezinho mobilizaram a FAP (Frente Agrária Paranaense) para contrapor a mobilização dos trabalhadores e a formação de sindicatos rurais no Paraná. (TONELLA, et all. 1999. P.71)

eleições municipais de 1960, pelo PST (Partido Social Trabalhista) e como primeiro suplente ocupou o cargo de vereador nessa condição, por aproximadamente seis meses em 1963³⁷. (TONELLA, et. all, 1999. p.41-79)

No início de 1957, saí de Londrina e fui para Maringá. O próprio partido foi quem decidiu a minha ida para lá. O partido via a necessidade de fundar um sindicato nessa cidade e não tinha quadros.

[...] Em Maringá, havia somente três organizações de trabalhadores: o Sindicato dos Bancários, o dos Comerciários e o dos Motoristas Autônomos.

[...] O primeiro sindicato formado a partir da UGTM foi o dos Trabalhadores Rurais, o segundo foi o da Construção Civil, o terceiro dos Ensacadores, o quarto dos Arrumadores, o quinto dos Motoristas, o sexto dos Marceneiros, o sétimo foi a Associação Feminina de Catadeiras de café. (Depoimento de José Rodrigues dos Santos. IN: TONELLA, et all, 1999, p.61-62)

No livro *Projeto Memória dos Bairros: Vila Operária*, produzido pela Prefeitura do Município de Maringá e Secretaria de Cultura Gerência de Patrimônio Histórico (2002) sobre um dos bairros mais antigos desse município, a Vila Operária, são trazidas informações sobre a participação dos nordestinos na composição da população do bairro. No entanto, sobre eles são ressaltados principalmente aspectos relacionadas à miséria e baixa qualificação profissional³⁸.

Conversando com os moradores mais antigos, constata-se que desde o advento da área (1947) **havia uma presença maciça de nordestinos**, como se a Zona 03 fosse um reduto das pessoas oriundas dessa região do Brasil que vieram para Maringá. **O fato significativo dessa parcela migratória era o caráter de despossuídos financeiros, faceta que os nordestinos apresentavam invariavelmente.** (MARINGÁ, Prefeitura Municipal. 2002. p. 29. Grifos meus)

Isso os levava a exercer atividades **sujas, feias, pesadas e perigosas**, e ainda por cima **mal pagas**, numa combinação de exploração e conveniência por parte de quem os contratava, aproveitando-se da realidade **penuriosa e desesperadora** que os cercava. [...] A Vila

³⁷ Para maiores detalhes consultar: (TONELLA, et. all, 1999. p.41-79)

³⁸ Diferentemente do modo como os nordestinos são caracterizados, os estrangeiros neste trabalho são apresentados de forma distinta. A eles são remetidos adjetivos que remetem a prosperidade, modernização e tradição. Para maiores detalhes ver: (MARINGÁ, Prefeitura Municipal. 2002. p. 53-79)

Operária recebia frequentes visitas de pessoas da cidade inteira interessadas nos serviços desses profissionais, sabendo encontrar neles a solução dos seus problemas, e esse trinômio (poceiro/ saqueiro/ carpinteiro) era gênero de primeira necessidade. (MARINGÁ, Prefeitura Municipal. 2002. p. 29-30. Grifos meus)

As historiadoras Lucinéia Cunha Steca e Mariléia Dias Flores publicaram em 2002, o livro didático *História do Paraná: do século XVI à década de 1950*, elaborado a partir de uma revisão bibliográfica dos principais livros sobre História do Paraná. Foram utilizados como base, principalmente o trabalho dos historiadores Cecília Maria Westphalen, Altiva Pilatti Balhana, Brasil Pinheiro Machado (1969) e do historiador Ruy Wachowicz (1967) que escreveram sobre diferentes períodos, regiões e acontecimentos desse Estado.

Neste livro, as autoras dedicam algumas páginas sobre presença de imigrantes estrangeiros na região do Norte Novo do Paraná. Portando um discurso que enaltece esta parcela imigratória e a atuação da CTNP, Steca e Flores (2002) atribuem a eles o papel primordial na sua colonização e ocupação. Já o movimento de migratório interno pouco chama a atenção, sendo mencionada pelas autoras brevemente a vinda de paulistas, mineiros e nordestinos. Na sequência é retomada a temática da imigração de povos de diferentes nacionalidades.

A colonização da região Sul, como vimos, foi realizada por imigrantes europeus, **enquanto que a região Norte do Paraná, teve uma diversidade de nacionalidades muito maior, procedentes dos continentes europeu e asiático** contribuindo cada um com um pouco de sua cultura na formação da sociedade norte paranaense.

Não tirando o mérito dos trabalhadores nacionais, **os imigrantes foram em grande parte os responsáveis pela colonização e ocupação do Norte do Paraná, pois além do grande fluxo, chegaram na Região Norte do Paraná** com mais recursos financeiros, ou com mais ânimo para trabalhar e conseguir aquilo que a sua terra natal não lhes pôde oferecer, como: tranquilidade, vida farta e prosperidade.

A grande quantidade de terras e a fertilidade do solo atraía pessoas de diferentes partes do mundo, especialmente da Europa.

[...] A propaganda de venda de terras foi feita tanto no Brasil quanto no exterior, e atraiu brasileiros de São Paulo, Minas Gerais e do Nordeste. Atraiu, também, imigrantes estrangeiros que já se encontravam no Brasil e fora dele. Atraiu também, imigrantes estrangeiros que já se encontravam no Brasil e fora dele. (STECA; FLORES, 2002, p. 42-149. Grifos meus)

Márcia Regina de Oliveira Lupion em sua dissertação de mestrado intitulada *Nas Águas de Lobato: a construção de um espaço social na zona rural de Lobato, Norte do Paraná (1948-1973)* (2003) realizou um estudo sobre os núcleos sociais que se formaram na zona rural do município de Lobato, no Norte do Paraná, em finais da década de 1940 até início da década de 1970, no espaço conhecido como Águas³⁹. Lupion (2003) identificou que dentre as distintas procedências, haviam habitantes naturais dos estados do Nordeste.

Dos dezenove entrevistados para sua pesquisa, seis eram nordestinos. Metade deles ao chegar ao Paraná, trabalhou primeiramente na agricultura. Os outros se dedicaram a atividade de professor, oficial de farmácia e delegado de polícia. Após a desagregação da agricultura, esses nordestinos que se dedicavam exclusivamente a atividades agrícolas, passaram a realizar atividades urbanas, tais como carpinteiro, pedreiro, costureira, no funcionalismo público e no legislativo municipal. (Quadro 04)

³⁹ Águas referem-se a demarcações de lotes rurais comercializados pela CMNP na região de Lobato, em locais que incluíam pelo menos um acesso á aguadas ou córregos. (LUPION, 2003, p.68)

Quadro 04. Origens dos entrevistados por LUPION (2003).

Nome	Chegada a Lobato	Origem	Profissões
Manoel Batista de Freitas	1950	Capim de Planta – mun. Pesqueira – PE	Lavrador; servente de pedreiro; carpinteiro
Olindina Cordeiro de Freitas	1950	Pedra Buíque – PE	Dona de casa; lavradora; costureira
Agripino Lucio dos Santos	1950	Feira de Santana – BA	-
Raimundo Saraiva Peixoto	1952	Serrinha – PE	Lavrador; funcionário público
Olírio Xavier Cotrim	1953	Igaporã – mun. Riacho de Santana – BA	Lavrador
Tânia Martins Costa	1956	Várzea – RN	Professora, vereadora, prefeita
Valdir Cotrim Ribeiro	1952	Sibira Maia – BA	Oficial de farmácia; vereador

Fonte: (LUPION, 2003, p. 102-167) Quadro adaptado⁴⁰.

Entre as entrevistas trazidas por Lupion (2003), os depoimentos dos pernambucanos, Olindina Cordeiro de Freitas e Manoel Batista de Freitas sintetizam bem as experiências de parte dos nordestinos no Norte do Paraná. As falas desse casal revelam aspectos referentes às primeiras impressões ao chegar ao Paraná, o convívio entre os conterrâneos, decepções, o enfrentamento com um clima e hábitos alimentares diferentes e a manutenção de aspectos culturais de origem⁴¹.

[...] A impressão foi mal. Eu pensei que a gente vinha para dentro de uma lavoura de café, e quando eu cheguei na beira da Fazenda, que só tinha ela de aberto, e era tudo mato para cá e para lá, [...] Aí entrei na fazenda com aquela impressão ruim. (Depoimento de Manoel Batista de Freitas)

[...] Mas, depois que o meu irmão pegou ela [a fazenda], foi que ele foi mandando pra vim o povo do Norte, de Pernambuco. Vinham aqueles caminhões de gente, jogava lá, os conhecidos que tinha lá. O povo se iludiu, vinha muita gente, mas foi muita gente pra sofrer, porque lá na fazenda, além de nós encontrarmos só aquele mato, que nós não tínhamos nada, que a casa não era nem matajuntada não era, tudo aberto, (Depoimentos de

⁴⁰ Foram selecionados somente os entrevistados naturais dos estados da região Nordeste. In: (LUPION, 2003. P.102-167).

*Os depoimentos colhidos com o sargento José Cavalcanti da Silva, referem-se sobre o tempo em que seu pai, o Sr. Valdemar Galdino ocupou o cargo de Delegado de Polícia em Lobato na década de 1960. Tanto o pai como a mãe do sargento era de origem pernambucana. In: In: (LUPION, 2003, p. 102-167).

⁴¹ Como a entrevista é muito extensa, somente alguns trechos de entrevistas serão apresentados. Para maiores detalhes, consultar: (LUPION, 2003, p.141-151)

Manoel Batista de Freitas e Olindina Cordeiro de Freitas.
In: LUPION, 2003. p. 132-134. Grifos meus)

[...] E as comida, as comidas, eu mesmo tinha o jeito do Norte, eu fiquei um ano pra poder aprender a comer só arroz. Porque eu era acostumada lá em Pernambuco, a gente comia: arroz, feijão e carne e o arroz lá para nós era uma mistura.

[...] Com o tempo foi descobrindo, foi animando e meu irmão, festa nós não tinha, passeio nós não fazia, aí então quando era tempo de São João assim, [...] meu irmão inventava aquelas festinhas lá na Fazenda Moron, e eu dançava lá na cozinha, a gente saía dançando lá na cozinha, só assim de ano em ano, São João. (Depoimento de Olindina Cordeiro de Freitas. In: In: LUPION, 2003. p.137)

Outro dado identificado nos depoimentos do casal de nordestinos consiste na importância da mediação exercida entre conterrâneos, para a vinda e estabelecimento de muitos migrantes em solo paranaense. A identidade regional constituiu um elo fundamental na construção de novas redes sociais, facilitando a aproximação e a identificação a partir de aspectos regionais em comum. De acordo com Ribeiro (2008), o regionalismo seria o primeiro passo no sentido de reconstruir uma nova rede social que substitua, ao menos em parte, aquela deixada no local de origem e que possa se contrapor à situação encontrada. (RIBEIRO, 2008, p.117)

Paulo Fernando de Campos, a partir dos desdobramentos de sua dissertação de mestrado publicou o livro *Os Enfermos da Razão: cidade planejada, exclusão e doença mental (Maringá, 1960 – 1980)* (2004), no qual inquiriu sobre como eram tratados os grupos que viviam a margem da sociedade maringaense nas décadas de 1960 e 1970. Notam-se em publicações de jornais de circulação local trazidas pelo autor, que os nordestinos eram vistos como sinônimos de problema social na região. Com isso foram frequentemente alvos de críticas, sendo associados à pobreza e a indigência, categorias apontadas juntamente com a loucura, como criminalizáveis e perigosas à sociedade maringaense.

A reportagem do JM, tomando conhecimento de que havia chegado ao **Albergue Noturno “Luzia Marillac”**, grande número de infelizes doentes mentais, provenientes do Hospital Aduato Botelho, de Curitiba,

além de várias famílias de nordestinos itinerantes, que viajam como indigentes, de cidade em cidade, de Estado em Estado, sempre em busca de um destino melhor, para lá se dirigiu, pois sabe que é limitado o número de camas e de alojamentos do Albergue, que se encontra sempre lotado. Porque. **Porque não de ser as nossas famílias as que terão de viver sempre apavoradas com o enxame de loucos, doentes e indigentes de todos os cantos** do Paraná que, mesmo sem saberem o que fazem, podem qualquer hora cometer uma irreparável desgraça em qualquer lar maringense? (O JORNAL, 13.01.1963, p.6. IN: CAMPOS, 2004. p.77-78.)

[...] Estamos nas lindes de uma verdadeira calamidade pública, com o surgimento de mendicância, redução visível no mercado de trabalho, crianças cada vez mais sujas e mais famintas, cada vez mais abandonadas... **A miséria endêmica do Nordeste assumindo feições mais trágicas do que nunca e se esparramam por todo o país, vindo eclodir nas estações rodoviárias e ferroviárias do sul.** [...] (O JORNAL, 21.10.1966, p.4. IN: CAMPOS, 2004. p.122-123. Grifos meus)

Carla Holanda da Silva, em sua dissertação de mestrado intitulada *O encontro de territorialidades na diáspora: japoneses e nordestinos em Assaí – PR* (2008) desenvolveu um estudo enfocando a construção o que ela chama de territorialidades culturais, produzidas de formas distintas pelos grupos de imigrantes japoneses e migrantes nordestinos, que se deslocaram para o município de Assaí a partir da década de 1930⁴². Neste trabalho, a autora explícita bem o papel e o lugar desses dois grupos em sua análise. Os japoneses são apresentados como a parcela migratória detentora de capitais

⁴² Além desse trabalho de Carla Holanda da Silva (2008), outros que envolvem a temática da migração de nordestinos para Assaí também foram identificados. O projeto coordenado por professores da UEL e Núcleo Regional de Educação de Cornélio Procópio, intitulado **Catadores de algodão: tantas vidas... tantas histórias**, de 2005, deu origem a várias publicações sobre esse tema, inclusive à referida dissertação analisada. Para mais detalhes ver: ALEGRO, Regina Célia; SANTOS, Janete Oliveira; GASPAR, Edna de Souza. **Catadores de ALGODÃO. Tantas vidas... tantas histórias**. Londrina: EDUEL, 2006. GONÇALVES, Cátia Rocha. ALEGRO, Célia Regina. A presença dos migrantes nordestinos em Assaí na década de 1950. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16., Porto Alegre, **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: AGB, 2010. PAULO, Miriam Lopes. **As migrações internas e a configuração sócio-econômico-espacial de Assaí - PR: o caso dos nordestinos**. 2010. 112f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas. Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2010. Apesar desta grande quantidade de trabalhos que tratam do mundo do trabalho envolvendo nordestinos catadores de algodão nesse município, foi selecionado apenas um, já que saíram todos de uma mesma matriz, muito embora cada um traga suas particularidades.

e proprietária de terras, e os nordestinos, como o grupo que invariavelmente veio ser para mão de obra desses japoneses. (SILVA, 2008, p. 58)

Nas entrevistas realizadas por Silva (2008), junto aos nordestinos, é evidenciado que as propagandas sobre a fertilidade das terras, os laços de parentesco, redes de solidariedade desenvolvidas entre conterrâneos e a busca por melhores condições de vida, desempenharam um papel muito mais ativo no deslocamento desse povo, do que o citado fenômeno climático, repetido exaustivamente nos usos comuns e apropriado também por estudiosos, como uma das principais causas de sua mobilidade.

[...] Os entrevistados durante as conversas revelaram esses objetivos:

“... *A família queria ganhar dinheiro com a lavoura...*” (ASSIS, 2008, informação verbal).

“... *Vimos para Assaí para melhorar de vida, por causa da fama do algodão e do café...*” (BORBA, 2008, informação verbal).

“... *foi pra fugir da seca...*” (Manoel Sapateiro, 2008, informação verbal).

“*Assaí tinha uma grande fama, dizia que um pé de feijão dava quatro sacos de feijão...*” SANTA (2007, informação verbal). (Depoimentos de Francisco Assis; José Antônio Borba; Manoel Sapateiro; Santa Maria Francisco. IN: SILVA, 2008. p.84. grifos da autora)

Nos depoimentos dos nordestinos, também foi possível verificar que entre as estratégias por eles adotadas, para manterem seus traços culturais de origem e suas formas de socialização vivas, estava a realização de reuniões entre conterrâneos na praça e nos bares da cidade, assim como a organização de bailes nos domingos⁴³.

Como demonstra Manoel Sapateiro em entrevista “... *agente não esquece o torrão... sou um nordestino Assaiense... nunca deixei de ser nordestino...*” Manoel sapateiro mostra grande ligação com a terra deixada não apenas em suas ações do cotidiano, como ouvir músicas que lembram o nordeste e narrá-las com sentimento de pertencimento “... *a canção de Luiz Gonzaga devolve a terra, o rio que tomava banho...*” Relata também os encontros com os conterrâneos na pracinha da igreja

⁴³ Segundo Silva (2008) no ano de 2005 a prefeitura do município de Assaí, impulsionada com a mobilização da comunidade nordestina no município passou a organizar uma festa em homenagem à cultura dessa região, uma vez por ano.

para lembrar a terra deixada, e conta que ainda visita a terra deixada todos os anos levando sapatos aos conterrâneos do sertão. Esse personagem demonstra, assim, grande emoção e afeto ao falar da terra deixada mostrando que as ações do desejo estão intrínsecas e compõe um território simbólico dos migrantes nordestinos, cujo campo de poder podemos decifrar como um campo internalizado, ao contrário da freqüente externalização simbólica dos japoneses. (Depoimento de Manoel Sapateiro. IN: SILVA, 2008. p. 96. Grifos meus)

O livro de Miguel Fernando Perez da Silva, intitulado *Sala dos Suplícios- o dossiê do caso Clodimar Pedrosa Lô* (2010) sobre o controverso caso policial ocorrido no município de Maringá, em 1967, envolvendo a morte do jovem cearense de 15 anos, Clodimar Pedrosa Lô, traz importantes informações sobre os preconceitos direcionados aos nordestinos em solo paranaense. Acusado de roubo injustamente, Lô foi torturado e morto pela polícia militar maringaense. No entanto, o Sr. Sebastião Pedrosa Lô vingou a morte do filho, assassinando Atílio Faris em 1969, o responsável pela queixa contra o jovem. Entre 1969 – 1972, o Sr. Sebastião Pedrosa Lô foi julgado por três vezes⁴⁴. Nos autos da defesa do réu, é facilmente notado o estigma de que as pessoas do Nordeste são moralmente vingativas e violentas⁴⁵.

1º julgamento – Agosto 1971.

Surgiu outra questão colocada pela acusação, a vingança. [...] A defesa reagiu, parafraseando que era muito mais que vingança, era um homicídio, mas “sob a coação moral irresistível”. Ou seja, o sujeito fora induzido a realizar o crime pelas pressões adversas em seu meio. A defesa concluiu a tese relatando que o homem é fruto do meio, que Sebastião **“veio com a cultura de um nordestino e não de um sulista”**. (Processo Indenizatório nº 8.155/69. IN: SILVA, 2010, p.94. Grifos meus)

⁴⁴ Com o tempo, o martírio sofrido por Clodimar, fez com que ele se tornasse uma espécie de “santo popular” no município. Para mais detalhes consultar: VIANA, Roberto dos Santos. ANDRADE, Solange Ramos de. O perfil do fiél no culto ao santo popular: o caso Clodimar Pedrosa Lô em Maringá. In: ENCONTRO DO GT NACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES, 1.,2011. Ponta Grossa, **Anais...** Ponta Grossa: ANPUH, 2011. p.01-05. Disponível em:

<<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st2/Viana,%20Roberto%20dos%20Santos%20.pdf>> Acessado em 14/07/2014

⁴⁵ De acordo com o autor, no terceiro julgamento, os advogados de defesa, mantendo a teoria da “legítima defesa da honra”, no caso, “um feito honroso entre os nordestinos”, conseguiu a absolvição plena do pai de Clodimar.

2º Julgamento – fevereiro de 1972.

[...] A turma da defesa trabalhou muito a questão do coator, elevando as questões sócio-culturais. **Descreveram diversas vezes a figura do Lampião, que matava a sangue frio devido à sua naturalidade.** Assim foi colocado Sebastião, **“um nordestino que vingara seu filho, pois em sua terra natal, o feito era tido como honroso e pré-estabelecido entre os homens”.** (Processo Indenizatório nº 8.155/69. IN: SILVA, 2010, p.99. Grifos meus)

Em 2012, os historiadores Angelo Priori, Luciana Regina Pomari, Silvia Maria Amâncio e Verônica Karina Hipólito, publicaram o livro *História do Paraná: séculos XIX e XX*. Produzido para fins didáticos, este livro privilegia alguns aspectos da economia, da política e dos movimentos sociais ocorridos no Estado do Paraná entre os séculos XIX e XX. Além do mais, possui um capítulo inteiro é dedicado ao tema da imigração no Paraná ocorrida neste período. Privilegiando a presença estrangeira no Norte do Estado, os autores também mencionam a participação dos migrantes paulistas, mineiros. No entanto, em nenhum momento, a presença e a contribuição do migrante nordestino na região foi citada.

[...] Por fim, entre os grupos que merecem destaque estão também os japoneses. Maringá, Londrina, Uraí e Assaí são os grandes núcleos de presença japonesa, e as duas últimas cidades originaram-se como colônias fundadas por japoneses. [...] Além da cultura tropical, os japoneses se empenharam na psicultura, cultivo de hortaliças, fruticultura e na introdução do bicho-da-seda no Estado. (PRIORI, et all, 2012, p. 40-41)

[...] Existiam também os camaradas volantes, que no Paraná tinham fundamental importância, principalmente no período de colheitas, pois eles que supriam a falta de mão de obra. Segundo informações de antigos trabalhadores e dirigentes sindicais, entrevistados por nossa equipe de pesquisa, milhares de trabalhadores de outros Estados acorriam ao Paraná, entre os meses de maio a setembro, para trabalhar na colheita do café. (PRIORI, et all, 2012, p.109)

No ano de 2013, Joel Júnior Cavalcanti na dissertação de mestrado *A presença nordestina em Maringá: memória e sociabilidade dos migrantes* (2013), por meio de entrevistas com um casal de nordestinos buscou resgatar a participação desses migrantes, através das histórias de vida do

Sr. José (cearense) e D. Cergídia (pernambucana). Em depoimento, o casal conta como seu deus o processo de partida de seus locais de origem até a chegada e o estabelecimento em Maringá. Através dos relatos, o autor relaciona essas experiências pessoais às dinâmicas de desenvolvimento do município⁴⁶. Segundo as declarações dos entrevistados, a vinda deles à Maringá teve como precedente a presença de familiares instalados previamente neste local.

[...] vieram do Nordeste, ela, o esposo e os 4 filhos pequenos. Saíram do município de Barbalha no Ceará, no dia 2 de Novembro de 1957, 10 anos após a fundação de Maringá. Seu José já se encontrava na cidade havia um ano, tendo vindo do Nordeste para o Paraná para pedir a “benção” à sua mãe que estava na cidade fazia 2 anos. Acabou gostando e se adaptando a nova cidade durante a visita, arrumou emprego e após 12 meses trouxe o restante da família- a esposa e 4 filhos pequenos. (CAVALCANTE, p.54, 2013)

O casal relata dificuldades logo da chegada ao município, como péssimas condições de trabalho e atrasos nos salários. No entanto, a vida da família começou a ter melhoras quando puderam comprar um lote, e construírem sua primeira casa na Vila Operária, local que ainda residem atualmente.

[...] Ao chegarem ao local, seu José trabalhou com os mais variados tipos de serviços, com ocupações temporárias, até conseguir um emprego na Prefeitura de Maringá, ofício que desempenhava com múltiplas funções como carpintaria, jardinagem, consertos, entre outros serviços gerais. Apesar do cargo público, a ocupação não representava prestígio ou estabilidade, uma vez que além

⁴⁶ Apesar da relevância do trabalho para um conhecimento mais completo sobre a participação desses migrantes em Maringá e no Norte do Paraná, um ponto questionável trazido pelo autor consiste no percentual trazido referente à participação dos nordestinos, no qual afirma ser entre 15 e 20%, sem, no entanto, citar onde esses percentuais foram extraídos. (CAVALCANTE, 2013, p.12) Além disso, o autor questiona as informações cedidas pelos entrevistados, onde narram que entre os motivos de sua migração ao Estado do Paraná, estava a busca pelo encontro com familiares que já estava na região, e questiona também, a pujança narrada pela entrevistada em seu local de residência no Estado do Ceará. Contudo, os questionamentos do autor baseiam-se no depoimento de um dos filhos desse casal, em que afirma que a vinda de seus pais foi por conta da seca e da pobreza no Nordeste. No entanto, ao deixar o Estado do Ceará, esse terceiro entrevistado possuía apenas 04 anos quando migraram do Estado do Ceará para Maringá, não constituindo desse modo, um informante ideal pela sua pouca experiência no local de origem. Para maiores detalhes consultar: (CAVALCANTE, 2013, p.54-91).

do serviço penoso, cotavam com os atrasos no pagamento, isso quando o provento não era abatido coercitivamente em compras nas mercearias da cidade em determinada época.

[...] *“Olha, eu varria rua, trabalhava no caminhão de lixo, na cidade inteira. Eu trabalhei naqueles caminhão de lixo caçamba, quebrei meus dentes tudinho, emprego ruim era meu, salário ruim era meu.”* (Seu José) (Depoimentos de D. Cergídia e Sr. José. IN: CAVALCANTE, 2013, p.56-63. Grifos do autor)

“O Zé já tinha trabalhado na prefeitura. Aí o irmão dele comprou uma casa em frente ao João XXIII, hoje derrubaram essa casa, tá vazia a data. A data tinha uma casinha de 3 cômodos na frente e no fundo era para gente. Aí nos ficamos morando naquela casa. Até que meu cunhado comprou uma casa na rua Itapura, Vila Operária. [...] Foi aí que o Zé comprou essa casa da companhia (Melhoramentos Norte do Paraná) e construímos o ranchinho. mandou cavar o poço, aí nos moramos no ranchinho um ano, aí o Zé fez a casa.” (Depoimento D. Cergídia. IN: CAVALCANTE, 2013, p. 70. Grifos do autor)

Nota-se nos depoimentos do casal, mais uma vez a importância dos laços de parentesco na chegada e estabelecimento dos nordestinos em Maringá.

Ao longo dessa revisão bibliográfica realizada em livros de História do Paraná, e também em trabalhos de alguns geógrafos, sociólogos e etc., foi possível estabelecer algumas conclusões referentes ao modo como o migrante nordestino foi tratado nesses trabalhos produzidos entre meados da década de 1930, até o período atual, no ano de 2013. Naqueles que abordam o Norte do Paraná, feitos por geógrafos e intelectuais vinculados ao movimento paranista, o grande protagonista foram os imigrantes estrangeiros, principalmente europeus e japoneses, apontados como os responsáveis pela colonização e desenvolvimento do Estado, e por dar ele um aspecto “diferente” do restante do país, tanto na cor da pele, no caráter, e nos tipo de atividades realizadas em solo paranaense. A migração de paulistas e mineiros também foi lembrada, porém com menos ênfase que os primeiros. Já os nordestinos em parte dos trabalhos analisados são mencionados brevemente, com um discurso repetitivo e muitas vezes com conotações negativas, como pode ser visto no trabalho de Monbeig (1952) e

no discurso do governador Moyses Lupion (1959), e naqueles trazidos por Paulo Fernando de Campos (2004) e Miguel Fernando da Silva (2010).

Nota-se também que ao nordestino, coube à designação quase estanque, do grupo que veio para ser exclusivamente mão de obra nos serviços de derrubada da mata, na lavoura e em serviços urbanos, tidos como “sujos e pesados”, se estendendo essa definição até o período atual, em alguns dos trabalhos analisados. Esse discurso perpassou gerações de historiadores e pesquisadores de diversas áreas, e permanece influenciando os trabalhos nos dias de hoje, visto que muitos estudos publicados recentemente possuem como referência de base, os mesmos autores que perpetuaram esse enunciado, sem que houvesse uma crítica, uma revisão desses postulados, absorvidos como verdades incontestáveis.

Apesar de remeterem aos trabalhadores que realizaram serviços braçais, feito atribuído principalmente aos nordestinos, não significa que nessa produção bibliográfica tenha sido feita uma história dos homens comuns que se dirigiram ao Norte do Paraná, pois os discursos propagados foram produzidos pelas elites locais, deixam bem claro quem é o típico pioneiro no desenvolvimento da região: os proprietários de terras e os colonos estrangeiros. A atribuição de mão de obra itinerante, invariavelmente associado ao nordestino, também foi uma realidade presente tanto nas experiências de paulistas, mineiros, estrangeiros, que se deslocaram até o Norte do Paraná, atraídos pela pujança da cafeicultura e das terras desse Estado.

Estereótipos e preconceitos construídos historicamente e propagados sobre os nordestinos, também foram encontrados em alguns dos estudos até aqui analisados. Além do discurso corrente em que associa a migração desse grupo como uma fuga das secas e da miséria do Nordeste, eles também foram apontados como sinônimos de problema social, moralmente vingativos e violentos. Estes enunciados depreciativos foram encontrados somente em torno da presença nordestina, não se estendendo a nenhum outro grupo migratório regional.

Com o surgimento de uma nova abordagem sobre a história do Norte do Paraná e de se escrever a história regional, foi dada voz a esses sujeitos, onde puderam falar sobre suas experiências pessoais, sobre estranhamento ao chegar a um local completamente distinto, com um clima diferente, da adaptação aos trabalhos no campo, sobre as estratégias desenvolvidas para se estabelecerem, os laços de solidariedade entre conterrâneos e também sobre as relações de parentesco, que tiveram um papel fundamental na vinda desses migrantes.

Por fim, mesmo que os nordestinos tenham contribuído com o desenvolvimento dessa frente pioneira, eles foram relegados a um papel secundário por uma historiografia estabelecida, que propagou um discurso elitista e amplamente assimilado por veículos de comunicação. Esse discurso também foi aceito majoritariamente pela população local, levando a invisibilidade desse grupo, na tentativa de forjar uma ideia de que a população dessa região foi formada a partir da chegada de outros povos.

Embaixo de muitas lágrimas, iam deixando uma vida construída e uma saudade que apertava os corações de todos. Tudo isso para conhecer um lugar do qual a maioria só ouviu falar.

Um mundo desconhecido...

Miriam Ramalho

CAPÍTULO II

MEMÓRIAS E DEVANEIOS: PRESENÇA NORDESTINA EM MARINGÁ PELOS MEMORIALISTAS, ENSAÍSTAS E JORNALISTAS

Não foram somente acadêmicos que reivindicaram a história local. Memorialistas⁴⁷, jornalistas e ensaístas⁴⁸, também se ocuparam de escrever sobre a colonização ou aspectos gerais da região de Maringá e do Norte do Paraná. Uma pequena parcela da população teve suas próprias impressões, seja a partir de suas memórias, ou a partir de trabalhos encomendados que buscavam resgatar e/ou construir suas trajetórias de trabalho, e mesmo ascensão econômica, política, profissional, e social.

Nessas produções, quase sempre são ressaltadas os principais personagens políticos da época, as ações da CMNP e a coragem e atuação do pioneiro, como fator preponderante para o sucesso do empreendimento Maringá. Além desses, aspectos políticos, sociais, culturais também fazem parte do escopo de alguns trabalhos, assim como o movimento migratório ocorrido em direção a esse município, tratado ainda que de forma indireta, mas que ajudam a urdir os vários entendimentos sobre a história de Maringá. Ao investigar essas memórias locais foram encontrados aspectos referentes à migração de nordestinos para Maringá, sua inserção e o modo como foram recebidos nessa cidade.

⁴⁷ Memorialistas são pessoas que mesmo sem formação específica ou compromisso historiográfico elaboram livros de cunho histórico através de memórias individuais sobre sua trajetória. Escrevem sobre episódios históricos de territórios que habitaram, revelando aspectos sociais e culturais a partir do seu entendimento próprio como indivíduos inseridos em um contexto histórico regional.

⁴⁸ Diferentemente dos memorialistas, jornalistas produzem seus textos a partir de investigações de caráter historicista, muitas vezes confundido pelo público leigo como História, no entanto, não possuem formação acadêmica específica na disciplina, portanto, muitas vezes não são consideradas em seus trabalhos escolas teóricas ou metodologias, o que pode tornar o suas investigações frágeis, utilizam fontes, mas nem sempre sabem como trata-las. Não reivindico aqui uma história verdadeira, a dos acadêmicos, mas a divisão precisa ser feita, pois embora distintas, trazem aspectos e pontos de vistas diferentes e convergentes, que podem ser discutidos e analisados. Já os ensaístas, expõem seus pontos de vista sobre temas diversos.

Embora, não sejam análises sistemáticas e nem fontes primárias, essas informações servem de matéria prima ao historiador e a demais pesquisadores, que desejam ir além dos discursos cristalizados em estudos acadêmicos, e buscam outras fontes de interrogação e interpretação de determinado fato ou acontecimento histórico. No entanto, é necessário ter cautela em seu manuseio. Essas produções bibliográficas muitas vezes são construídas com o objetivo claro, o de reproduzir os valores de uma elite pioneira e a construção de um passado glorioso, com o enaltecimento de certos grupos, apontados como os “legítimos” desbravadores e fundadores na ocupação de determinada região. (DAL MORO, 2012)

Os trabalhos desses autores que requerem para si a incumbência de contar a história da região, e atuam como “guardiões da memória regional”, diferentemente daquele produzido no âmbito acadêmico, não se restringem a um público específico. Assim, a circulação dessas “memórias impressas” é algo de difícil mensuração, uma vez que estes livros geralmente não são comercializados, mas sim, divulgados e distribuídos entre amigos, parentes, imprensa, biblioteca e etc. Com isso, esses autores ajudam a reforçar e construir as memórias coletivas propagadas nas escolas e nas datas comemorativas do município ou de instituições. Privilegiando acontecimentos dos quais foram testemunhas, os livros de memorialistas possibilitam ao leitor que também participou desse processo histórico, uma identificação com os temas abordados e com as pessoas citadas.

Essa atração de leitores comuns para a história, de fato existe. Muitas vezes são os moradores dessas localidades, no caso estudado, que consideram esses memorialistas como historiadores eméritos, poetas, artistas, jornalistas, doutores, heróis, afinal é deles a tarefa de eternizar a importância local dessas cidades e das pessoas que vivem ou viveram nelas, em uma relação entre escritor e leitor muito mais próxima do que acontece com textos acadêmicos. Talvez essa seja uma das explicações sobre o sucesso desses memorialistas: são eles que registram a memória local, realizam uma narrativa que se aproxima com o cidadão comum, que cresceu e socializou através dos “causos”, ouvidos ou narrados, sobre a sua terra. (DOMINGUES, 2011. p.12)

Apesar de proporcionarem uma proximidade maior com o leitor “comum”, essas memórias também segregam, pois majoritariamente está relacionada a um grupo, no caso de Maringá, a elite pioneira do município. Personagens coadjuvantes, conflitos, desavenças e injustiças foram corroídas por uma amnésia seletiva e elitista. Esses lapsos foram bloqueados da memória coletiva, pois desfazem a ideia de uma Maringá sem problemas, quase perfeita, muito embora em algum deles, tenham sido relatados esses conflitos, “tumores” sobreviveram, e entre uma vez ou outra, revelam-se em tensões políticas ou antigos rancores mal resolvidos.

Sem realizar uma análise crítica, as visões da cidade reveladas por seus aforistas conduzem às representações impositivas que envolvem os sentidos públicos do passado e a autopercepção das pessoas que fizeram parte do processo de construção da sociedade maringaense. Quase sempre, essas memórias traduzem tendências culturais pautadas na narrativa cronológica e apologética de acontecimentos notáveis, praticados por seus heróis [...]. (CAMPOS, 2004. p.29)

Essa história das trivialidades embora não tenha feito grandes análises ou críticas da história local, se destacam por fazerem descrições, tanto do espaço, como dos sujeitos, portanto, essas informações apresentam aspectos nem sempre priorizados por historiadores, e ajudam a pensar sobre vários temas. Buscando compor um mosaico de pequenos recortes sobre a participação nordestina na história local, este capítulo abordará as temáticas mais recorrentes nesses materiais.

2.1 A mão de obra braçal e itinerante

Assim como na produção bibliográfica regional, nas memórias locais o nordestino também aparece num discurso linear, como mão de obra para serviços pesados e transitórios. Essa ideia também é propagada em comemorações municipais, reproduzidas nas escolas, na mídia e no senso comum.

A primeira edição da revista *Maringá Ilustrada*, publicada em agosto de 1957, em comemoração ao aniversário de dez anos da cidade, aborda entre

seus temas, alguns nomes que ficaram marcados na história do município. Ao se referir aos grupos migratórios que aportaram na região de Maringá, a primeira referência feita aos nordestinos, reitera a ideia corrente de que esses vieram essencialmente como mão de obra para a derrubada das matas.

Esta associação acerca dos nordestinos é constantemente reafirmada em torno das origens do nome do município de Maringá. Existem duas versões sobre a origem de seu nome. Uma vinculada à música de Joubert de Carvalho “Maringá”⁴⁹. E outra que vincula os nomes dos municípios da região, inclusive Maringá, aos responsáveis do setor de Topografia, da CTNP/CMNP⁵⁰. Mesmo com a ausência de elementos plausíveis que afirmem a primeira hipótese, essa versão para o nome de Maringá é a mais difundida. Muitos escritores associam sua escolha aos “peões nordestinos” que cantavam a música de Joubert de Carvalho, enquanto realizavam seus trabalhos.

⁴⁹ A música do médico e compositor Joubert de Carvalho “Maringá” composta em 1932 narra a saga de uma retirante nordestina, Maria do Ingá, que deixou sua terra natal assolada pela seca e seu amado em busca de uma vida melhor. Segundo Araújo (2009) essa música foi encomendada por José Américo de Almeida, então Ministro da Viação de Getúlio Vargas, que pediu uma letra que falasse de Ingá e Pombal (cidades do sertão da Paraíba, atingidas pela seca). Em Maringá, a música segundo a autora, acabou se tornando uma espécie de Hino da Cidade, cantada por corais em vários eventos cívicos e culturais. (ARAÚJO, 2009. p.10)

Maringá, letra Joubert de Carvalho: Foi numa leva/Que a cabocla Maringá/Ficou sendo a retirante /Que mais dava o que falá. E junto dela /Veio alguém que suplicou/ Prá que nunca se esquecesse/ De um caboclo que ficou. Antigamente/Uma alegria sem igual/Dominava aquela gente/ Da cidade de Pombal. Mas veio a seca/ Toda chuva foi-se embora/ Só restando então as água/Dos meus óio quando chora. Maringá, Maringá, depois que tu partiste, tudo aqui ficou tão triste, que eu garrei a imaginá: Maringá, Maringá, para havê felicidade, é preciso que a saudade, vá batê noutro lugá. Maringá, Maringá, volta aqui pro meu sertão, pra de novo o coração De um caboclo assossegá. CARVALHO, Joubert. **Maringá**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/joubert-de-carvalho/939572/>>. Acessado em 13/08/2013.

⁵⁰ No livro comemorativo ao cinquentenário da CMNP, o engenheiro topógrafo Wladimir Babkov, integrante da equipe que realizou os trabalhos iniciais de colonização na região do Norte Novo do Paraná, afirma que a escolha do nome das “águas” (demarcações de lotes rurais pelo menos um acesso à aguadas ou córregos) ficava ao cargo do Departamento de Topografia. Estes se utilizaram do dicionário guarani, nomes de santos, de marcas de cigarro, de quadros de futebol ou mesmo de namoradas e esposas dos agrimensores para batizar essas localidades, que posteriormente foram adotados para nominar as cidades locais.

Porque Maringá?

A canção de Joubert de Carvalho batiza uma cidade. Desencontrados são os comentários sobre quem, primeiramente o lembrou. Si afirmações recaem sobre a Sra. Elizabeth Tomas, esposa do Sr. Artur Tomas, **outras fontes admitem-no nascido de “peões” que demandavam o sertão, em maioria nordestinos**, e que na imortal página do compositor patricio, cantando sempre, buscava, motivo de consolo para a saudade que lhes cruciava os corações voltados para as terras que ficaram longe. O que não deixa dúvida, porém, é que MARINGÁ tem o seu nome oriundo da bela e formosa de **Joubert de Carvalho** e que reproduzimos nestas páginas por gentileza de seu genial autor. (MARINGÁ ILUSTRADA, 1957, p.09. Grifos meus)

Apesar da perpetuação dessa memória um tanto quanto idealizada e muito difundida, não existe uma identificação dos nordestinos em Maringá com a escolha do seu nome, sendo, no entanto, apenas uma imagem mitificada construída pela memória local.

Manoel Cabral no livro *Maringá da floresta à selva de pedra*, 1977, ao abordar temas referentes à colonização de Maringá, remete aos trabalhadores que chegavam de pau-de-arara.

O trabalho de homens humildes que para cá vinham em “levas” amontoados em arcações de caminhões velhos – os chamados **“paus-de-araras” e que, quando aqui chegavam se instalavam em barracões improvisados, culminou no conforto com que hoje os maringaenses são agraciados.** (CABRAL, 1977, p.45. Grifos meus)

Côrrea Júnior (1991), retomando a discussão sobre as origens do nome de Maringá, repete o discurso em o que associa com os peões nordestinos encarregados nos serviços de desmate, e a música de Joubert de Carvalho.

[...] Ela era esposa de Arthur Thomas, diretor da colonizadora. Ouvia constantemente a canção “Maringá Maringá”, **cantada pelos nordestinos que procediam à derrubada das matas**, gostou da melodia e sugeriu a denominação em homenagem àqueles desbravadores. A sugestão teria recebido aprovação dos diretores da Companhia Melhoramentos e assim se batizou a nova cidade que empreendiam. (CORREA JUNIOR, 1991, p.86-87. Grifos meus)

José Hilário em *Maria do Ingá: amargo sabor de mel na colonização do Paraná* (1995) aborda vários temas referentes à colonização de Maringá e do Norte do Paraná, dentre eles, a violência aos caboclos e posseiros na região. No entanto, o livro de Hilário também contribui para verificar como algumas ideias enraizadas a respeito dos nordestinos em Maringá. O responsável pelo prefácio de *Maria do Ingá*, Rafael Campos Bezerra, com uma linguagem romantizada e estereotipada, os associa a flagelados e miseráveis⁵¹.

Ainda no correr do Século XIX, as levas de retirantes que, vindos do Nordeste, chegavam para começar vida nova no Norte do Paraná, inicialmente percorreram a caatinga imensa, espinhenta e inóspita que era um nunca acabar. Abandonavam casas, roçados e plantações, motivados pela dificuldade de sobreviver com dignidade. Deixavam para trás um deserto de escaldante e selênicas solidões, onde o sol castigava até as pedras. No caminho, nem uma só nuvem num céu de coloração demasiadamente azul. Léguas sem uma miserável corrente de água. Sol, suor e calor. Homens, animais e areia sedentos. Arbustos venenosos, escorbuto, Sapiranga e um desânimo que imobilizava, deixando muitas carcaças defuntas pelo caminho da desesperança. Léguas e mais léguas rolaram sob s solas das alpercatas e dos pés doloridos, até que começaram a desaparecer os cactos, os avelós, os xique-xiques e os calumbis. (...) estavam chegando nas montanhas mineiras, também castigadas pela estiagem prolongada. Nesse ponto, saindo do mato ralo, tentando escapar da fome e da miséria flagrante, novo contingente de retirantes veio engrossar a caravana e, todos juntos, silenciosamente, como uma procissão fúnebre, seguiram rumo ao desconhecido e misterioso Sul. (HILÁRIO, 1995, p. 09-10. Grifos do autor)

Com uma narrativa figurativa e linear da jornada dos vários grupos de migratórios que aportaram nesta região, Bezerra faz a descrição do trajeto desses indivíduos que saíram do Nordeste, de Minas Gerais e São Paulo. Ao remeter aos naturais destas regiões, o autor apresenta os nordestinos e mineiros como miseráveis e possuidores apenas da sua força de vontade e de trabalho. Já os paulistas, de um modo distinto são colocados como possuidores de técnicas, tecnologia e ambição.

⁵¹ Rafael Campos Bezerra afirma que a migração de nordestinos ao Norte do Paraná teve início ainda no final do século XIX, no entanto, durante a realização desta pesquisa não foram encontradas evidências sobre essa afirmação.

Sedentos, famintos e esqueléticos, depois de muito andar, alguns sobreviventes conseguiram chegar à província de São Paulo. Aí, o verde que fora avarento durante quase todo o percurso, ia se estendendo mais constante e generoso, porém, **trazendo consigo novos viajantes**, que também procuravam novos horizontes. **Estes, entretanto, mais bem aparelhados, traziam ferramentas, sementes, animais de carga, carroças e, como os outros a indômita vontade de prosperar.** (HILÁRIO, 1995, p.10. Grifos meus)

No decorrer de sua narrativa, ao se referir aos peões contratados para a realização de trabalhos nas fazendas do município, Hilário remete a participação dos nordestinos somente pelo termo “*paus-de-arara*”. De acordo com autor, não seriam apenas estes os contratados para a realização desses serviços, havendo, no entanto, peões do Estado de Minas Gerais, do Estado de São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro dentre outros⁵².

Em meus sete primeiros anos de vida, praticamente vividos na selva, sem outro contato que não fossem as pessoas da família, não podia compreender o motivo daquele movimento todo: rádio falando alto, turcos que se concentravam nas atividades comerciais, famílias nordestinas que se amontoavam pelas calçadas dos estabelecimentos comerciais à espera dos **gatos** que as levassem às fazendas. Mais tarde, meu pai tornou-se um desses **gatos** e, na sequência dos anos, muitos foram os **paus-de-arara** e capixabas que contratou na derrubada das matas, coveação e plantio de café na região. (HILÁRIO, 1995, p.91. Grifos do autor)

Dentre os **camaradas**, não existiam somente nordestinos. Havia mineiros, capixabas, paulistas, fluminenses, etc. Tinha **peões** magros, gordos, brancos, pretos, mulatos, sararás: (HILÁRIO, 1995, p. 92. Grifos do autor)

Em 1999, o jornalista e escritor Ildeu Manso Vieira publicou o livro *Jacus e Picaretas: A história de uma colonização*, em que escreve sobre o processo de colonização da área circunscrita ao raio de ação da CTNP/CMNP, e sobre fatos políticos da região do Norte Novo do Paraná. Ao

⁵² Para o autor, existe um paradoxo entre o enriquecimento dessas pessoas e a prosperidade de Maringá, em relação ao discurso da CMNP, no qual afirma que essa realidade só foi possível graças ao seu projeto de “reforma agrária democrática”. Para ele, apesar das facilidades proporcionadas por essa empresa para o pagamento dos lotes, a aquisição de um lote só era possível graças à posse de algum recurso previamente, ou através do exercício de atividades que propiciaram esses migrantes ascenderem socialmente. (HILÁRIO, 1995, p.297)

se referir as levas de nordestinos que chegavam a esse município, o autor os apresenta de forma ambígua e romantizada. Ao mesmo tempo em que os colocam como famintos e desnutridos, essas características são postas lado a lado à ideia de coragem, condição atribuída como inerente à origem regional nordestina.

Os nordestinos, vítimas de fome chegavam desnutridos. Conseguiram superar a fragilidade orgânica com a coragem inerente ao sertanejo.

Não eram só nordestinos e mineiros, paulistas e capixabas que chegavam em Maringá para desbravar matas. Apareciam espanhóis, alemães e japoneses. (VIEIRA, 1999, p.147. Grifos meus)

José Rodrigues do Nascimento, no livro *Do Gumex ao Laquê*, publicado em 2007, ao retomar a história da colonização de Maringá e do Norte do Paraná, salienta entre os grupos que migraram a esta região, primeiro os estrangeiros, e por último os migrantes vindos do Nordeste, ressaltando, no entanto, o fenômeno das secas.

O norte do Paraná foi aberto pela saga, raça e coragem do homem e da mulher interiorana, normalmente descendente de italianos ou japoneses ou oriundos do interior de Minas Gerais e de São Paulo **ou dos estados secos do Nordeste Brasileiro**. (NASCIMENTO, 2007, p.41. Grifos meus)

Em entrevista cedida ao Instituto Victor Neves (2009) o jornalista Rogério Recco, conhecido por suas publicações acerca da história de Maringá e de seus pioneiros, remete aos nordestinos como mão-de-obra transitória e “servil” dos pioneiros de Maringá.

Isso. É. Maringá tinha muito nordestino.

Nordestino veio pra... veio pra... como mão-de-obra de empreita pra trabalhar. Na verdade, o nordestino não era como os pioneiros que vieram pra ficar rico com o café. O nordestino em geral vinha pra trabalhar, pra corta árvore, pra... pra... **quer dizer pra emprestar mão de obra.** Então eles vinham e iam embora, alguns ficavam né, quer dizer, muitos... muitos de repente ficavam, mas a maioria ia... ia pra outros lugares. **Então eles eram assim uma mão-de-obra é... do trabalho bruto mesmo sabe?**

Então é... os nordestinos eles vieram pra cá pra trabalhar né? **Então era uma... era uma classe de pessoas que servia a esses pioneiros** que vieram pra... pra morar,

pra fazer uma casa ou pra abrir uma fazenda de café.
(RECCO, 2012, p.07)

No livro, *Desbravadores do Comércio de Maringá: Setenta anos de uma história e tanto*, publicado em 2012 o jornalista Rogério Recco em sua introdução à história da colonização de Maringá, com uma visão idealizada do sertanejo e com um discurso herdado do divulgado determinismo geográfico, remete aos nordestinos como o grupo de migrantes que veio basicamente para a realização de serviços pesados.

O maior contingente de trabalhadores empregado no desmate, serviço bruto, é de nordestinos. Manejando foices e machados, eles põem abaixo a floresta. **Adaptados para suportar o mormaço e o esforço físico desmedido**, convivem com toda a sorte de insetos, e não raro, adoecem. No dia a dia, estão expostos a acidentes com animais peçonhentos ou a queda de pesados troncos e galhadas. (RECCO, 2012, p.19)

É inegável que milhares de nordestinos tenham migrado a essa região para se dedicar exclusivamente a atividades no desmate e demais serviços braçais. Mas de acordo com estes enunciados, seu papel é muito bem delimitado: apenas abrir caminho para a entrada dos “pioneiros”. Esses discursos construídos pela memória local, assim como foi demonstrado no primeiro capítulo, mostram a propagação de uma imagem do nordestino diferente daquelas construídas em torno dos migrantes provenientes de outras regiões. Além de caber a eles a realização dos trabalhos mais pesados e de menor prestígio, eles também ocupam nestes discursos o posto mais baixo na escala da sociedade local, sendo sempre associados à fome e miséria, e tratados por apelidos pejorativos.

2.2. O preconceito

Em algumas das publicações consultadas, é possível perceber nitidamente várias formas de preconceitos direcionados a esses migrantes na região de Maringá. Tanto por sua origem regional, condição social, cor da pele, sotaque, alimentação. Voltados essencialmente aos que aportaram no início da colonização, esses nordestinos são nominados de: *cabeças-chatas*,

paus-de-arara, exóticos, pessoas de hábitos espalhafatosos, e independentemente do estado de nascimento, chamados de “bairianos”. De um lado, esses preconceitos são expressos por certos setores da sociedade maringense, e por outro, ele é trazido em tom de denúncia pelos próprios nordestinos que os vivenciaram.

Em 1983, o jornalista Eliel Diniz escreveu o livro intitulado *Lô*, sobre o controverso caso policial ocorrido em Maringá em finais da década de 1960, envolvendo o garoto cearense Clodimar Pedrosa Lô⁵³. Esse crime teve ampla repercussão na mídia maringense. No entanto, muito mais que informações sobre um caso policial, este livro permite verificar um pouco do ambiente hostil encontrado por muitos nordestinos em Maringá. Ao se referir ao tratamento dado à Clodimar em seu local de trabalho, afirma Diniz (1983):

[...] Tinha ele, basicamente, a função de porteiro.

Com o passar do tempo suas funções foram se ampliando, era porteiro, carregador de bagagens, arrumador de quartos, mensageiro interno e externo. Enfim, fazia tudo o que lhe pediam. Até mesmo o ambiente começou a mudar, já recebia broncas e insultos, era chamado de **“bairaninho”**. Para evitar atritos trabalhava mais e mais, nunca reclamava, nem mesmo para os tios, com quem morava.

[...] **Clodimar era tratado como uma pessoa inferior, nunca era chamado pelo seu nome, somente por apelido.** (DINIZ, 1983, p. 22. Grifos meus)

A morte de Clodimar foi vingada por seu pai, Sebastião Pedrosa Lô. Diniz (1983) narra os fatos envolvendo a vingança, a prisão e a absolvição do mesmo. Em depoimento, induzido pelos advogados de defesa, Sebastião Pedrosa Lô incorpora o discurso corrente, de que um ato vingança é tido como um feito honroso entre os nordestinos. Aqui, nota-se mais uma vez a associação da origem regional nordestina com a violência⁵⁴.

⁵³ Sobre este caso, já foi comentado no capítulo I, com o livro de SILVA, Miguel Fernando Perez da. **A Sala dos Suplícios: dossiê do caso Clodimar Pedrosa Lô**, 2010. Como já foi dito no Capítulo I, o jovem migrante de 15 anos, foi acusado do furto de uma quantia em dinheiro por um hóspede no hotel em que trabalhava o Palace Hotel. Seu gerente Atílio Farris, acionou a Polícia Militar, que levou o garoto detido, e, no entanto, para que confessasse a autoria do roubo e revelasse onde esse dinheiro estava escondido, Clodimar foi brutalmente torturado e assassinado pelos policiais.

⁵⁴ Os discursos produzidos pelos advogados de defesa já foram discutidos no capítulo I desta dissertação, p.57-58.

[...]O tempo foi passando e eu fiquei morando com o meu irmão por dois anos, tava trabalhando e tudo. Mas meu **sangue de nordestino** quando esquenta é duro de esfriá, o meu ferveu quando vi aquele italiano andando com cara de santo, era como se nada tivesse acontecido, ele andava livremente pelas ruas da cidade. Não teve jeito, esperei ele chegar mais perto. Foi aí que tudo aconteceu. (Depoimento de Sebastião Pedrosa Lô. IN: DINIZ, 1983, p.17-18. Grifos meus)

Em 1985, o advogado, jornalista e escritor pernambucano Laércio Souto Maior, publicou o livro *São os nordestinos uma minoria racial?*⁵⁵. Neste livro, o autor reúne uma compilação de ensaios próprios, onde aborda várias temáticas referentes aos preconceitos e discriminações direcionadas aos nordestinos nos estados das regiões Sul e Sudeste. No interior da bibliografia consultada nesta pesquisa, o livro de Souto Maior (1985) é o primeiro escrito por um nordestino relatando suas origens, seu povo e suas vivências no Sul.

Pautado em sua experiência pessoal e no contato com outros de mesma origem regional, Souto Maior (1985) descreve várias formas de preconceitos sofridas cotidianamente pelos nordestinos nesta região do país.

Todo migrante nordestino lembra que, no local de trabalho, seus colegas e chefes ao invés de os chamarem pelo nome de batismo, passam, num tom pejorativo, a chamar-lhes com deboche de “baiano”, “arataca”, “cabeça chata”, “pau-de-arara”, “comedor de gilete”, “terra seca”, ou mais raramente, de cearense, pernambucano, conforme seus Estados de origem.

[...] Expressões ou falares nordestinos como “oxente!”, “Virge!”, pronunciadas no tom cantado, arrastado, inconfundível dos migrantes, é motivo de gozações de toda espécie nas rodas sociais sulistas. Brincadeiras de mau gosto, tipo: “televisão de baiano é janela de trem”, “bambolê de baiano é pneu de fenemê”, “lambreta ou motoca de baiano é britadeira de asfalto”, “telefone de baiano é o despertador” etc., seguidas de sonoras gargalhadas infernizam e relembram sempre a condição de discriminado do nordestino. (SOUTO MAIOR, 1989, p.90)

⁵⁵ Laércio Souto Maior nasceu no município de Caruaru-PE, e migrou para o Estado do Paraná com sua esposa em 1962, residindo nos municípios de Maringá e Curitiba, permanecendo neste último atualmente. No município de Maringá formou-se em Direito e desempenhou atividades na imprensa e como advogado. Como militante na causa política e trabalhista, atuou ativamente na formação de sindicatos trabalhistas no município.

Além desses tipos de discriminações presentes no ambiente de trabalho e nos demais espaços sociais, o autor afirma que muitas vezes casamentos entre nordestinos e descendentes de imigrantes eram proibidos por algumas famílias, tanto em função da origem regional como pela cor da pele.

A discriminação nos sítios, fazendas e cidades dos Estados do Sul chega a tal ponto, que os velhos descendentes de imigrantes alemães, italianos, espanhóis, eslavos, holandeses e japoneses, proibem terminantemente a aproximação das suas filhas para fins de casamento com os jovens nordestinos, morenos e demasiadamente escuros para o seu gosto racial. A exceção é sempre para o nordestino doutor ou que obteve sucesso financeiro como empresário ou fazendeiro (uma minoria, aliás, na multidão de homens de empresas urbanas ou agropecuárias de outras origens étnicas. Mas, existe). (SOUTO MAIOR, 1985, p.100)

Além disso, eram frequentemente associados como criminosos potenciais.

Moacir Correia, advogado e professor de Direito Penal da Faculdade de Direito da cidade de Jacarezinho, Estado do Paraná, em declaração feita ao autor, lembrou que “nos anos de militância forense por diversas comarcas, foi informado por delegados, juizes e promotores, que a maioria dos crimes de sangue eram cometidos por nordestinos ou seus descendentes”. Na época, o advogado argumentava que este fato se devia ao alto grau com que os nordestinos conservaram o conceito de honra resguardado durante século de isolamento cultural, e que continuava refratário à moderna e permissiva sociedade atual; e, também, às condições de trabalho e de sobrevivência dessas massas, geralmente abandonadas ao seu próprio destino, incultas e exploradas, fáceis presas, portanto, do germe da violência e da revolta. (SOUTO MAIOR, 1985, p. 123)

Preconceitos relacionados a aspectos profissionais e à culinária típica dos estados do Nordeste, também são listados pelo autor⁵⁶.

Não há “baiano”, índio, negro, judeu, mestiço ou oriental que escape ao seu crivo implacável. Com ares doutos e voz melíflua, atacam: “Fulano é branquicéfalo”, “Beltrano é de cor”, “Sicrano é mestiço”, “Os nordestinos são indolentes e incompetentes”.

⁵⁶ Para exemplificar os preconceitos com relação à culinária nordestina no Estado do Paraná, Laércio Souto Maior cita o autor já trabalhado no primeiro capítulo Wilson Martins, com o livro **Um Brasil Diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. 1955.

[...]E não existe opinião mais abalizada sobre o preconceito contra alimentos tidos como do “Norte” do que a citada na página 3 do livro “Um Brasil diferente” (Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná), do sociólogo e escritor paranaense Wilson Martins:

“Nenhuma daquelas comidas de que fala o Sr. Gilberto Freyre, por exemplo, como sendo as genuinamente nacionais, comparece nos menus sulinos a não ser como exotismo, assim encarada e tolerada”.

Evidentemente, o Sr. Wilson Martins, refere-se aos pratos da culinária nordestina e brasileira já citados e, amplamente elogiados em sua obra, pelo sociólogo pernambucano. (SOUTO MAIOR, 1985, p. 129-130. Grifos do autor)

No capítulo denominado *Depoimentos de migrantes nordestinos moradores na região Sul do Brasil*, Souto Maior (1985) entrevistou alguns nordestinos residentes em Maringá. O primeiro depoimento consiste na narração do próprio autor de sua viagem de saída do Estado de Pernambuco rumo a este município. Segundo o autor, sua origem regional consistia numa barreira para a ocupação e ascensão aos melhores cargos no mercado de trabalho maringaense.

[...] O que mais me impressionou foi que não vislumbrei à nossa passagem, nenhum gesto de boas vindas, nenhuma manifestação de solidariedade ou hospitalidade. Horrorizado, percebi, nitidamente, que nos olhavam como inimigos. No primeiro momento, não atinei com o motivo de tanta hostilização. Mas, só por pouco tempo. No dia-a-dia, percebi tudo. **Notei que era quase impossível galgar posições dentro das empresas ou repartições públicas ao disputar com os naturais da terra.** É claro que esta situação não era absoluta. Convivi com pessoas maravilhosas que respeitavam e admiravam os nordestinos. Tinha e tem as exceções. (SOUTO MAIOR, 1985, 134-135)

O depoimento seguinte é o de Ernesto Luiz Piancó Morato. Nascido no Ceará, Morato migrou ainda jovem para Maringá e nessa cidade se dedicou a carreira de advogado e jornalista. Em seu relato, Morato revela que além da imposição de apelidos depreciativos, sofreu preconceitos no campo profissional, devido à sua origem regional e ao sotaque característico.

Todo nordestino aqui no Sul já passou por isso alguma vez, de alguma forma.

[...] No ambiente jornalístico, onde me iniciei profissionalmente, tive outras experiências com tal preconceito. A começar pelos apelidos como “pau-de-

arara”, “Ceará”, “Flagelado”, “Arataca”. Todos lembrando, sistematicamente, minha condição de migrante. Sempre no sentido pejorativo, humilhante, revelando nas entrelinhas o incômodo que lhes causava em termos de competição profissional. Esbarrei com a má vontade do chefe de reportagem e, o que é pior, descobri, certa feita, que ele colocava seu nome nas minhas matérias, retirando o meu.

Noutra oportunidade fui convidado, em Maringá, após ter ganho três concursos de oratória, para fazer um curso de atenuação do sotaque. Segundo o professor de nome Burnett, fazendo-o estaria eu (de sotaque corrigido) mais apto a ingressar no mercado de trabalho. De modo geral, com exceções é claro, no Sul do País, dependendo do contexto, procura-se diminuir, ofuscar o prestígio, a importância, o valor de muitos nordestinos, através da discriminação mui sofisticada que é o humor. (Depoimento de Ernesto Luiz Piancó Morato. IN: SOUTO MAIOR, 1985. p. 136-137)

Segundo o entrevistado José Eugênio de Souza, natural do Estado do Pernambuco, muitos nordestinos no Norte do Paraná adotavam uma nova identidade regional, ou até mesmo omitiam sua naturalidade para livrarem-se das discriminações dos quais eram alvos.

Discriminados por todos os lados, conheci vários conterrâneos que, sob a pele alva e rosto afilado, renegavam as origens:

-Sou paulista, nasci em Ribeirão Preto.

Inclusive, orientando os novatos, os recém-chegados:

-Não vamos dizer que somos nordestinos. (Depoimento de José Eugênio de Souza. IN: SOUTO MAIOR, 1985. p.140)

Ainda de acordo com Souza, muitos eram hostilizados por serem considerados uma ameaça aos empregos dos trabalhadores do Sul.

[...] por mais que pedisse ou implorasse não consegui que nenhum dos motoristas – todos sulistas – me ensinassem a dirigir. No momento, não compreendi o motivo daquele comportamento. Com o tempo, escolado na vida aqui no Sul, entendi o real motivo: era um concorrente que ameaçava o emprego de todos. (Depoimento de José Eugênio de Souza. IN: SOUTO MAIOR, 1985. p.141)

Apesar de ter sido escrito na década de 1980, são praticamente inexistentes trabalhos historiográficos sobre Maringá, que utilizaram esse trabalho de Souto Maior como referência ou como fonte de pesquisa.

No livro *Jacus e Picaretas: A história de uma colonização* (1999), o jornalista e escritor Ildeu Manso Vieira, ao destacar os grupos migratórios

presentes na região de Maringá, traz informações sobre o estabelecimento dos nordestinos e as relações travadas com migrantes procedentes de outras partes do país. Em formato de diálogos, Vieira narra às experiências de duas famílias, uma de mineiros e outra de nordestinos. Nesses diálogos, o nordestino é sempre referido pelo termo pejorativo de “pau-de-arara”. Além desse, vários outros termos com conotações negativas são utilizados, dentre eles “treteiros” (brigões/ violentos) e exóticos.

- “Os polista, é tudo papudo. Só sabe mesmo é conta lorota. Já os pau-de-arara é tudo trabaiadô. Só que é danado de **tretero**. Eis fica intê uma semana atraís do tôco, de tocaia...”

[...]Na carroçaria do caminhão, dirigido por Cipriano, outro nordestino **atarracado**, de tez morena e de olhos azulados, viajava a família de Severino ao lado dos móveis velhos, de um cavalo, de cães vira-latas que respondia às provocações do cachorro paqueiro, de cabras, marrãs amedrontadas, galinhas, balaios, uma gamela preta de sujeira, bacia para banho e o tradicional e indispensável pinico.

[...] Zé Custódio observou em silêncio a mudança do seu vizinho de lote, os animais, as **peçoas exóticas** [...] (VIEIRA, 1999, 123-124. Grifos meus)

Já a mulher nordestina é apresentada como exótica, masculinizada e portadora de hábitos espalhafatosos⁵⁷.

[...] O filho mais velho de José Custódio não tirava os olhos de Chica do Agreste. Ele era criticado pelo irmão Carlos José, por alguns membros da família e pela mãe, a Maria de Jesus, que não suportava os **hábitos espalhafatosos da exótica nordestina**.

[...] - “Izé, esse casório vai dá com os burro nágua. A fãmia do Sivirino **num é aseado** quiném nóis não. Lá é tudo **lambão**.”

⁵⁷ A reprodução de imagens do nordestino como cabra-macho, do homem valente, do cangaceiro no cenário nacional, seja pelo discurso das secas, ou pela literatura regional, contribuiu para que a mulher nordestina também aparecesse masculinizada. (ALBUQUERQUE JR, 2012, p.113-114). A música de Luiz Gonzaga: *Paraíba Mulher-macho*, também ajudou a sedimentar essa imagem masculinizada das mulheres do Nordeste. “Quando a lama virou pedra/ e mandacaru secou/ quando o Ribação de sede bateu asas e vou/ foi ai que eu fui me embora carregando a minha dor/ hoje eu mando um abraço pra ti pequenina/ Paraíba masculina mulher macho sim senhor /êta pau pereira/que em princesa já roncou/êta paraíba mulher macho sim senhor/êta pau pereira/ meu bodoque não quebrou / hoje mando um abraço pra ti pequenina/ paraíba masculina mulher macho sim senhor/sai pra lá peste”. Luiz Gonzaga/ Humberto Teixeira (1950). Disponível em: <<http://www.letras.com.br/#!luiz-gonzaga/paraiba-masculina>> Acessado em: 29/04/2014.

O noivo, constrangido, abaixou a cabeça e ouviu a mãe continuar com seu falatório:

- “A Chica num sabe fazê quitanda. Num é capaiz de fazê biscoito fofo, brôa de mio e nem temperá um feijão cum arrois. O que ela é memo um **imprasto**”.

[...] – “A Chica num é mulé prele, Izê. Nosso fio merece coisa muito mió.

[...] A cabocla de Cabaceiras, com seus **braços musculosos**, conseguia tirar na roça mais de uma tarefa e cortava de machado melhor do que muitos homens. A ordenha das vacas, no sítio de Severino, ficava aos seus cuidados. Até as batatas das suas **pernas masculinas**, que tanto chamava a atenção da mulherada e **servia de pilhéria**, agradava o namorado.

José Custódio admirava a disposição da futura nora, a sua coragem em amansar novilhas treteiras, quebrar cavalos chucro e derrubar matas com a destreza de machadeiro. (VIEIRA, 1999, p. 153-155. Grifos meus)

Para a elaboração do livro *História da Música na Cidade Canção* (2009) pelo Instituto Victor Neves (2009a), foram realizadas entrevistas com várias personalidades conhecidas de Maringá, sobre aspectos relacionados ao cenário musical e a interação entre os diferentes grupos regionais no período de sua colonização e consolidação⁵⁸. Nestas entrevistas, também foi possível notar impressões negativas de alguns entrevistados em relação aos nordestinos, podendo ser verificadas por meio de associações com a miséria e conseqüentemente como causadores de problemas sociais ao município, e também à violência⁵⁹.

[...] O Lar Betânia funciona até hoje, naquele tempo com muito mais crianças porque Maringá não tinha creche, e **tinha muita criança na rua que eles vinham do Nordeste, os caminhões pau-de-arara, e chegavam em Maringá a mãe abandonava os filhos na rua porque não tinham comida**. A gente pegava aquelas criancinhas mortas de fome mesmo na rua, então geralmente nós tínhamos 120, 130 crianças no lar. Hoje a média é umas 50 porque hoje é... não temos mais essas crianças morrendo de fome na rua aqui [...]. (Entrevista de Arlene de Lima. IN: NEVES, 2009a, p.08. Grifos meus)

⁵⁸ As entrevistas realizadas pela escola de música de Maringá Instituto Victor Neves em 2009, para a elaboração do livro **História da Música na Cidade Canção** (2009) organizado por Luiz Carlos Assumpção Neves, foram doadas à Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá – GPH/PMM e disponibilizadas para pesquisas e consultas ao público em geral.

⁵⁹ No capítulo I dessa dissertação, uma das publicações trazidas por Paulo Fernando de Campos, também faz essa associação dos nordestinos como um problema social, sendo associados ao aumento da marginalidade e mendicância no município, p.54-55.

[...] Mesmo porque o nordestino por natureza ele é festeiro, ele gosta. Ele tem um talento natural pra cantar, pra... pra tocar um instrumento e tudo. Então geralmente eles... eles já vinham trazendo essa bagagem né? De... de música, de conhecimento, traziam os instrumentos também. Então eles se divertiam e muito né? E era uma época assim em que haviam alguns contrapontos né, por exemplo, no mesmo modo em que havia uma certa harmonia na convivência, **também havia uma hostilidade por qualquer coisa, qualquer... qualquer problema era motivo de uma... uma morte, seja por um tiro.** [...] Isso tudo ... vai formando assim uma... uma grande história né? Com muito tempero né? Em que a música também faz parte, a própria música faz parte. (Entrevista de Rogério Recco. IN: NEVES, 2009a, p. 07. Grifos meus)

Além dessas formas de discriminação demonstradas, outra forma de preconceito verificado, mas que também pode ser enquadrada neste grupo é a da omissão. Algumas das publicações de jornalistas, memorialistas e biografias consultadas, ao abordarem ainda que brevemente o tema da colonização e aos grupos que migraram a esse município, não incluem a participação dos nordestinos em Maringá. Abarcando uma periodização que recua ao ano de 1957 e se estende ao de 2012, esses trabalhos versam sobre vários temas, que vão desde os primeiros anos do município, seus pioneiros, personalidades influentes e outras temáticas, mas, no entanto, destacam apenas a presença de outros grupos migratórios. (Apêndice 03)

2.3 Influências socioculturais

A participação dos nordestinos no Norte do Paraná vai muito mais além da mera força de trabalho, como geralmente são lembrados. Alguns trabalhos indicam influências de sua cultura na região, sendo um dos traços mais visíveis de sua presença em Maringá, a existência de Casas do Norte, ou seja, estabelecimentos comerciais especializados na venda de produtos da culinária típica dos estados do Nordeste. Tais como a rapadura, carne de sol, charque, licores, doces, feijões, farinha de mandioca, etc. Essas casas de

comércio também estão presentes em vários municípios do Paraná, assim como restaurantes especializados em comidas típicas do Nordeste⁶⁰.

O pernambucano Laércio Souto Maior (1985) atribui às Casas do Norte uma importância muito maior, que a mera a venda de produtos típicos. Para o autor, elas também significam um ponto de encontro e de bate-papo entre conterrâneos.

É preciso lembrar, afinal, que em quase todas as cidades de médio e grande porte do Sul do Brasil onde existe concentração de migrantes nordestinos, estão presentes, também, as famosas “Casas do Norte”, vendendo alimentos e bebidas vindos do Nordeste (rapadura, queijo de coalho, requeijão, carne de sol, charque, bolachas, doces, aguardente, licor, etc). Essas casas de comércio são, invariavelmente, eleitas por todos como ponto de encontro para bate-papos sobre as últimas novidades da “santa terrinha”. (SOUTO MAIOR, 1985, P. 130)

Dentre uma grande variedade de comidas típicas que se tornaram comuns em Maringá, a professora Hulda Ramos Gabriel (2001) menciona a influência da culinária dos estados do Nordeste no município.

Maringá de todas as origens
 [...] Era gente que chegava de toda parte do Brasil e do estrangeiro, de trem de ferro até o ponto final, de carona, “jardineira”, até onde havia linha, ou a pé. Caravanas organizadas pela Cia chegavam de qualquer forma, e com todos os tipos de gente.
 [...] Pelos sobrenomes encontrados entre pioneiros, percebe-se que Maringá foi colonizada por imigrantes e migrantes de quase todas as origens: portugueses, italianos, espanhóis, poloneses, alemães, ingleses, ucranianos, japoneses, russos, árabes e, em menor quantidade por pessoas de outras nações. Uma mistura de gente bonita e saudável, línguas, e costumes diferentes, que no final das contas, resultava em convivência harmoniosa.
 [...] **Estados do Nordeste – Carne de sol, buchada, farinha de mandioca e rapadura.** (GABRIEL, 2001, p.139. Grifos meus)

Nas entrevistas realizadas para a elaboração do livro *História da Música na Cidade Canção* (2009), a influência de ritmos musicais

⁶⁰ No município de Maringá existem duas Casas do Norte, a Casa do Norte Odorico e a Casa do Norte Pedro Taques.

nordestinos nas primeiras décadas do município de Maringá, é bastante citada por vários personagens que vivenciaram este período⁶¹.

Agora música do Nordeste ... nós tivemos sempre aqui a música nordestina aqui... predominou a música nordestina. O acordeon nordestino nunca faltou aqui... mas como nós nunca tivemos um clube específico da etnia nordestina ... tínhamos aqui em Maringá festas tradicionais nordestinas, que hoje parece não existir mais. Por exemplo, faziam encontro de músicas tradicionais da Bahia... mas depois não vingou muito... O próprio nome de Maringá é nordestino [...]. (Depoimento de Alcides Siqueira. IN: NEVES, 2009a, p.05)

Aqui em Maringá era a música gaúcha, imperou e impera até hoje. Tinha também a música do nordeste. As músicas com relação ao Lampião e seus seguidores. O baião marcou tempo também em Maringá. (Depoimento de Antenor Sanches. IN: NEVES, 2009a, p. 01)

Não era nem lá em cima nem lá embaixo, era média. O sertanejo. Dominava a música nordestina e a gaúcha, as duas pontas. (Depoimento de Constantino Del Conti. IN: NEVES, 2009a, p.06)

O radialista Antônio Mário Manicardi, mais conhecido por Nhô Juca, ao falar sobre os programas de rádio por ele apresentados, relatou a existência de um programa dedicado à música nordestina no município.

Eu tinha um programa chamado “Galpão do Gaúcho”. Então eu tocava músicas gaúchas do Teixeira e outros conjuntos... [...] O pessoal ouvia depois “Boa Noite Nordestino”, com músicas do Nordeste. O prefixo era aquela do Luiz Gonzaga “Triste Partida”. (Depoimento de Antônio Mário Manicardi. IN: NEVES, 2009a, p. 06)

Entre os ritmos musicais tocados nos bailes maringaenses e lembrados pelos entrevistados, estão o xote e o baião nordestino.

E também, foram as valsas, tinha o xote, se ia num baile se dançava xote, se dançava baião a noite inteira valsa e baião e xote e isso aí, a noite inteira. (Depoimento de Darci Ribeiro. IN. NEVES, 2009a, p. 07)

[...] Praticamente a nordestina. Já, e essas músicas chamadas caipiras, até parece que a Rádio Cultura está

⁶¹ Os depoimentos citados fazem parte da coletânea de entrevistas realizadas para a elaboração do livro **História da Música na Cidade Canção** (2009), de Luiz Carlos Assumpção Neves. No entanto, a influência da música nordestina em Maringá, só consta na compilação de entrevistas e não no interior do livro.

querendo voltar a transmitir pra o povo do interior que não acompanha mais, então teria que voltar a estas músicas.

- Se eu me recordo, era o baião?

-Era o baião sim. (Depoimento de Geraldo Altoé. IN: NEVES, 2009a, p. 02)

Apesar de essas memórias resgatarem a grande influência do xote, do baião e do forró em Maringá, a disseminação desses ritmos se devem mais à sua popularização pelo rádio a nível nacional, por músicos como Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira Dominginhos, etc., que traziam entre suas temáticas, o cotidiano dos nordestinos e do Nordeste. Com isso, também serviam como fator de aproximação e identificação regional, sendo tocadas em bailes, festas, conversas informais para relembrem aspectos do seu local de origem. Anualmente, em alguns municípios do Norte do Paraná são realizadas festas populares que reúnem esses dois elementos citados: culinária e música nordestina. Dentre elas destaca-se o *Festival da Cultura Popular Nordestina* em Londrina, que já está 17^a edição e a *Festa Nordestina*, no município de Assaí, realizada desde 2004. Ambas são organizadas por Raimundo Maia Campos Júnior, com o apoio da Secretaria de Cultura dos dois municípios⁶². Em 1991, um grupo de nordestinos criou o CTN (Centro de Tradições Nordestinas) no município de Goioerê, onde também eram realizadas festas com comidas típicas e ritmos regionais. Atualmente, o CTN está desativado⁶³.

⁶²PREFEITURA MUNICIPAL DE LONDRINA. **Museu de Arte recebe nova edição da Festa Nordestina**. Disponível em:

<http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16234%3Amuseu-de-arte-recebe-nova-edicao-da-festa-nordestina&catid=108%3Adestaques&Itemid=288>. Acessado em 17/05/2013.

OURA, Márcia. Festas nordestinas ajudam a reduzir o preconceito, diz Ceará. **Jornal Revelia**, Assaí, 17 abr. 2013. Disponível em:

<<http://www.revelia.com.br/?pagina=posts&id=7178&tipo=Assa%ED>>. Acessado em 29/07/2014.

⁶³ Informações disponíveis em: GOMES, Camila. Os nordestinos que viraram “pés vermelhos” em Goioerê. **Jornal Itribuna**, Goioerê, 07 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.tribuna.com.br/regiao/os-nordestinos-que-viraram-pes-vermelhos-em-goioere-1694/>>. Acessado em: 29/07/2014.

2.4 Trajetórias individuais

Para os nordestinos que migraram para Maringá, tudo estava por ser reconstruído. A adaptação a um local distinto com costumes e culturas diferentes, o estabelecimento de novas amizades, a busca por emprego, doenças, a frustração de não conseguir voltar à terra de origem, são todas histórias que marcaram a trajetória desses migrantes que escolheram o Norte do Paraná, e depositaram suas esperanças de uma vida melhor. As trajetórias individuais/ e ou familiares de alguns desses nordestinos estão expostas em relatos, em entrevistas e também em formato de autobiografia. Muito embora algumas publicações tragam essas histórias brevemente, elas também contribuem com um conhecimento mais amplo das vivências dos nordestinos no município.

Eliel Diniz no livro *Lô* de 1983, além de descrever a tragédia da família de cearenses em Maringá, também traz os relatos do casal de sergipanos Osvaldo Pedro Gouveia e Emília Soares Gouveia, amigos de Sebastião Pedrosa Lô. Além dos obstáculos encontrados nos trajetos percorridos, relatam um começo difícil neste município.

[...] Primeiro nós parou em São Paulo, mas lá não dava pra fica, a gente não tinha todos os documentos, e assim era muito difícil arrumar emprego, e tem mais: ali só eu e o filho mais velho poderia trabalha. O nosso costume mesmo era na lavoura, e novamente, a famiage entrou no ônibus e viemos para aqui. [...] mas finalmente nós chegou e você logo arrumou emprego prá você, pra mim, pra Odélia e pro Célio. Tava eu você e os filhos trabalhando.

- Só num trabalhava os menorzinho.

- A Augusta cuidava deles enquanto nós dava duro.

- Foi até que eu consegui um emprego pra mim e outro pro Célio na cidade, esse emprego que ainda nós trabalha, aí você e os outros filhos não precisava mais trabalha, o que nós ganhava já dava pra vive. Dava até pra mandar os filhos pra escola.

- Se bem que mandando eles pra escola melhorou prá nós também, eles lá dava menos trabalho do que se estivesse aqui o tempo todo.

[...] Esse casal morava com mais seis filhos em uma casa de madeira, alugada. [...] Quando eles vieram do nordeste não trouxeram muita coisa, pensavam em ganhar dinheiro no sul, e com isso comprariam tudo. Foi muito

difícil, mas trabalharam muito, conseguiram sustentar com muito sacrifício os filhos e compraram os seus modestos móveis. Só não conseguiram até agora a tão sonhada casa própria.

[...] Osvaldo era encanador e trabalhava na mesma firma que Sebastião, antes de ser preso. Era funcionário da Soapal. (DINIZ, 1983, p. 69-70)

O livro *Retratos do lugar de uma gente*, publicado em 1987, traz o depoimento de um nordestino que sintetiza as frustrações de muitos que deixaram a terra natal, e viram seus sonhos de prosperidade e de um dia retornar ao local de origem desfeitos.

“Porque eu vim pra cá? Porque a fama daqui do Paraná, principalmente de Maringá, diz que a gente achava dinheiro de rastelo, né? Então o nortista doido prá aventurá a vida, pra vê se ficava mió de vida, prá depois volta lá com um dinheirinho prá compra alguma coisa né?”

[...] Só ficou eu por causa, eu já tava aqui mesmo, né? Ficava feio, né? Então eu não volto, sem dinheiro eu não volto. Então eu tô até hoje aqui. (Depoimento de José de Oliveira Alencar. IN: MONTAGNARI, 1987, p.18-22)

Nascido do Estado da Bahia, o baiano Manuel Messias Mendes atuante no cenário jornalístico maringaense, publicou o livro intitulado *Sociologia de Botequim* (1995), no qual reúne uma compilação de artigos próprios sobre diferentes assuntos, escritos ao longo de dez anos no jornal maringaense *O Diário*. Na contra capa existe uma breve biografia do autor, contendo informações referentes a seu local de nascimento, sua família, a migração ao Estado do Paraná, o começo de uma nova vida em Maringá e sua trajetória profissional, até se tornar um jornalista conhecido e atuante nesse município.

O AUTOR

Manuel Messias Mendes Almeida, 45 anos, é natural da Bahia. Nasceu em Pintadas, então distrito de Mairi e hoje município. É o terceiro dos 13 filhos de Domingos Gonçalves de Almeida e Bernadete Mendes de Almeida. Veio para o Paraná em 1960, com 10 anos de idade. Trabalhou em lavoura de café com o pai e os irmãos no município de Monte Castelo até 1962, quando se mudou para Maringá.

Em Maringá Messias morou na “favela do cemitério” e até 1964 trabalhou ajudando o pai na limpeza de datas

vazias e como engraxate. Foi como engraxate que conheceu dona Geny, proprietária da agência de notícias Transpress, que lhe deu emprego de Office-boy. E a Messias quem levava aos jornais e rádios locais os textos produzidos pela agência. Dessa convivência para o jornalismo foi um passo.

Formado em Estudos Sociais e História pela Universidade de Maringá, Messias trabalhou 8 anos na Folha de Londrina (sucursal), 14 anos e meio na TV Cultura, dirigiu dois programas de rádio-jornalismo (Jornal da Manhã, na Rádio Cultura, e Jornal Difusora, na Rádio Difusora) e trabalhou como free-lancer do jornal O Globo, na cobertura da participação do Grêmio no campeonato Nacional. (MENDES, 1995, s/p)

Ildeu Manso Vieira, no livro *Jacus e Picaretas: A história de uma colonização* (1999), ao relatar a vinda e instalação de uma família de paraibanos no município de Mandaguari na década de 1930, afirma que estes já vieram como proprietários de um lote de terras. Contudo, o autor afirma que a lida com as geadas e doenças contagiosas, esteve entre os obstáculos que muitos nordestinos tiveram de enfrentar na região de Maringá.

O nordestino estava no auge do contentamento. Afinal de contas tinha se tornado proprietário de um lote em Lovat. [...] Agora, ele dera um passo além. Não era a primeira vez que tinha um pedaço de terra. Lá em Cabaceiras, já fora dono de um naco. Só que lá, os rios secavam e se transformavam em estradas porque as chuvas não vinham.

[...] Terminado o susto da geada, que causou sérios prejuízos aos jacus da beira dos Ribeirão dos Dourados, apareceu a febre amarela, como um verdadeiro espantinho.

O nordestino, com cor amarelada, olhos no fundo, tremia de frio como se tivesse com maleita. Sentia dores nas costas, no peito e a cabeça latejava sem parar. Esgotado, reclamava da vida e da perda de dois filhos em menos de duas semanas. (VIEIRA, 1999, p. 130, 131, 151-152)

Dentre os músicos que se destacaram em Maringá, no livro *História da música na Cidade Canção* (2009), é mencionado o nome de José Gonçalves de Brito, mais conhecido como “Britinho”. Natural do Estado do Ceará, sua família mudou-se para Maringá na década de 1950. Britinho iniciou sua carreira ainda jovem, tocando em bandas e duplas musicais no município, tornando-se bastante conhecido no cenário musical local.

Filho de cearenses que emigraram para Mato Grosso, Britinho passou a sua infância nas fazendas daquele Estado. [...]

Em 1955 mudaram para Maringá. Seu pai trabalhava de carroceiro e sua mãe de lavadeira. Britinho e seu irmão começaram a tocar nos “Bailes de Barraca”, organizados nas casas da periferia da cidade e dos sítios. Assim ganhavam a vida e conseguiam ficar mais conhecidos. Em 1957 começou a tocar na Rádio Cultura; foi quando o apresentador, Orlando Manin, começou a chamar a dupla de “Brito e Britinho”. Neste mesmo ano fizeram a primeira apresentação no Cine Horizonte, que era na Av. Brasil. Quando seus irmãos foram servir no exército, Britinho ficou sozinho, mas continuou tocando. Formou vários conjuntos musicais, mas o que ficou mais famoso e conhecido foi o “Britinho e Seus Cometas”. Hoje Britinho tem um escritório de promoção de eventos sociais. (NEVES, 2009, p.214)

Em 2010, a pedagoga Miriam Ramalho, natural do Rio Grande do Norte, publicou o livro *Memórias de uma Potingá*, no qual narra a experiência migratória de seus familiares, saindo do Rio Grande do Norte rumo ao Norte do Paraná. Segundo a autora, seu pai João Ramalho teve notícias sobre esta região através de jornais e espalhou aos “compadres” e parentes, que logo decidiram conhecê-la.

E assim foi feito. Em março de 1951, organizou-se uma caravana de umas dez pessoas para conhecer essa maravilha de mundo, tão sonhado por eles.

Para quem estava acostumado a viajar pequenas distancias de carro, jardineira, trem ou lombo de jegue, a comitiva de “heróis do sertão nordestino” viajou de avião, saindo do aeroporto de Natal rumo ao Paraná, em busca de seus objetivos principais: conhecer este novo mundo e ali construir suas vidas.

A comitiva de dez pessoas, chefiadas pelo meu pai, ficou um mês inteiro no Paraná, observando tudo desde Curitiba até o Norte do Paraná.

[...] Após um mês de sondagem, embarcaram novamente no avião, rumo à capital potiguar, já com os planos todos arquitetados em vender seus pertences e urgentemente correr em busca de seus objetivos. Um mês parecia um século para mim. Era início de 1951. (RAMALHO, 2010, p. 22-23)

Ramalho afirma que a mudança foi realizada com um caminhão novo adquirido pela família. Além deles, vieram juntos alguns parentes que

também se estabeleceram na região. As famílias de nordestinos chegaram a Mandaguari, em julho de 1951, onde permaneceram por um mês, até se mudarem para a Fazenda Paiçandu, localizada entre os municípios de Paiçandu e Maringá. (RAMALHO, 2010, p. 30-33) A autora também relembra o drama de sua mãe, que contra a vontade deixou a vida confortável e o emprego estável como professora na terra natal, para acompanhar a aventura do marido em solo paranaense.

[...] Mamãe muito assustada com tudo aquilo, não acreditava que estava ali. Vivia um pesadelo. E agora João?

Papai parecia muito contente com aquele lugar.

[...] O mato fechado vinha até próximo ao quintal. A revoada de pássaros era constante. À noite, os vagalumes apareciam e era a coisa mais linda de se ver...

Mamãe tomava muito cuidado com a gente, pois diziam para ela que tinha onça à noite.

[...] Muitas vezes, peguei minha mãe chorando de saudades...

Papai não dava o braço a torcer. (RAMALHO, 2010, p. 33)

Logo as novas amizades proporcionaram trocas culturais, onde aprenderam receitas distintas com os vizinhos, e também ensinaram pratos típicos do Nordeste.

[...] Seu João, Seu Antônio, Dona Ana, Dona Effa, considerávamos como se fossem de nossa família. De origem italiana, foram logo nos ensinando seus costumes.

Foi aí que aprendi a comer polenta, macarronada com frango, pão feito em casa e outras comidas, que nunca havia visto na minha vida.

Da nossa parte, ensinamos a fazer cuscuz, tapioca, galinha a cabidela, mingau e tantas outras variedades da cozinha nordestina. Papai aprendeu a fazer porco no tacho e a guardar carne em lata cheia de banha. Também aprendeu a fazer doce de laranja da terra. (RAMALHO, 2010, P. 33-35)

Para matar a saudades, a família de nordestinos se reunia com outros conterrâneos, para conversarem e lembrarem a terra de origem⁶⁴.

⁶⁴ Após cinco anos residindo na zona rural, nas adjacências de Maringá, a família Ramalho segundo a autora, decidiu se mudar para a cidade de Maringá para que seus filhos pudessem dar prosseguimento nos estudos. Nesse município, Dona Dilce permaneceu com

Durante os cinco anos que moramos na cerâmica, vinham de Maringá para nos visitar a professora paraibana Izaura Gomes Luz e seu esposo Luiz, que era rio-grandense do norte como nós.

[...] Chamava a atenção de todos e era uma festa! Passavam o dia relembrando o nordeste em bons papos com nossa família. Do mesmo modo, quando íamos a Maringá, ficávamos em sua residência. (RAMALHO, 2010, p.47)

A autora prossegue com suas memórias referentes às suas experiências em Maringá principalmente como professora e como coordenadora do C.A.C. (Centro de Ação Cultural), e fundadora do grupo cultural Seresteiros de Maringá. Depois de uma longa trajetória em Maringá, seu pai João Ramalho Leite, postumamente foi homenageado com uma rua que leva seu nome em um bairro do município. (RAMALHO, 2010, P. 98) A professora, Dilce Ramalho morreu em dezembro de 2012, aos 92 anos. Também foi homenageada em Maringá com uma creche, inaugurada em seu nome⁶⁵.

Parte das publicações produzidas pela memória local maringaense é voltada à exaltação do projeto urbanístico planejado da CMNP, e homenagem e o êxito de seus pioneiros. Desses últimos, são ressaltadas suas qualidades morais e a dedicação ao trabalho, ou seja, características que forjam uma imagem de Maringá como sinônimo de trabalho e acolhedora de pessoas honestas. No vasto rol de pioneiros de Maringá, é possível verificar alguns nomes de nordestinos incluídos nessa categoria. Muitos são lembrados pela suposta primazia em realizar certas atividades, como o primeiro padeiro, o gerente do primeiro hotel. Outros são lembrados pelo exercício de profissões de maior prestígio social, como militares, médicos, empresários, religiosos, advogados, ocupantes de cargos políticos, dentre outros.

Alguns desses nordestinos são apresentados como um modelo típico de pioneiro, que com trabalho árduo, se tornaram políticos ou empresários

sua profissão, lecionando em escolas, e seu João, abriu um comércio na Vila Operária. (RAMALHO, 2010, p.67-71)

⁶⁵ Foi inaugurada no mês 04/2013 o Centro de Educação Municipal Infantil, Professora Dilce de Lima Ramalho.

bem sucedidos⁶⁶. Entre eles são constantemente lembrados: o médico baiano Lafayete da Costa Tourinho; o hoteleiro pernambucano tido como o primeiro morador de Maringá José Inácio da Silva; os irmãos pernambucanos Aniceto Gomes da Silva e Severino Gomes da Silva; o empreiteiro pernambucano João Tenório Cavalcante; o político maranhense Walber Guimarães; o empresário cearense Raimundo Coimbra Leite; dentre outros. No entanto, outros nomes foram praticamente esquecidos pela memória local⁶⁷. Em relação a esses que ocuparam/ocupam posições de destaque, os preconceitos em relação às origens são minimizados, mas não excluídos. Entre as expressões utilizadas para definir esses nordestinos que ascenderam socialmente, constam sentenças como “*até mesmo os paus de arara*”, e “*o nordestino vencedor*”. Esses dois modos de se referir ao progresso alcançado por esses migrantes, reafirmam a ideia corrente de que todo nordestino é “miserável”, já que nessas descrições, o êxito de um nordestino aparece como um feito extraordinário, ou como algo quase inalcançável a um natural desta região do país.

A prefeitura de Maringá tem um setor institucionalizado que salvaguarda a memória do pioneirismo, registrando as histórias daqueles que desejam ter seu nome na galeria de pioneiros homenageados anualmente em eventos promovidos pela secretaria de Cultura, ou como um banco de nomes para a nomeação de ruas, creches, escolas, etc. Nas

⁶⁶ Entre os trabalhos que remetem aos primeiros pioneiros de Maringá, as informações trazidas na revista *Maringá Ilustrada* de 1957, e no livro *Terra Crua* de Jorge Ferreira Duque Estrada, de 1961, são as principais bases para a reprodução de informações sobre esses personagens da história de Maringá. O trabalho do advogado carioca e ex-vereador Jorge Ferreira Duque Estrada foi o primeiro de cunho histórico produzido sobre Maringá. Duque Estrada chegou a Maringá no final da década de 1940, período de sua fundação, permanecendo por 14 anos, vivenciando os processos desde a abertura de picadas nas matas, e a configuração de um ambiente sócio político no município recém-criado. Escrito em 1957, seu livro *Terra Crua* foi publicado, somente em 1961. A importância de *Terra Crua* para a história maringaense, não se restringe por ser o primeiro estudo sobre seus primeiros anos, desde a chegada dos primeiros colonizadores, mas sim pela grande influência exercida tanto em nível acadêmico, como nas demais produções bibliográficas sobre o município. Memorialistas, jornalistas e demais acadêmicos e escritores que também versaram sobre as primeiras décadas de Maringá, repetiram exaustivamente os discursos produzidos por Duque Estrada. Este livro também é a principal referência para a descrição da trajetória política, do comerciante e ex-vereador baiano em Maringá na década de 1950, Napoleão Moreira da Silva.

⁶⁷ Os nomes dos nordestinos que se enquadram na categoria de pioneiros e demais nomes que foram lembrados por memorialistas, jornalistas, ensaístas e etc., estão disponíveis no apêndice 04.

comemorações de 66 anos de Maringá, realizada em maio de 2013, o tema do desfile anual realizado pela prefeitura, homenageou os nordestinos que se deslocaram ao município, sendo ressaltados aspectos da música e folclore dessa região. Esse foi o primeiro evento institucionalizado, aqui realizado, em homenagem a essa parcela migratória e de sua contribuição em diversos aspectos.

2.5. Discussões

Por Maringá ser uma cidade relativamente jovem, muitos de seus autores e depoentes vivenciaram os processos de formação, desde a derrubada da mata, a pujança da cafeicultura e demais culturas desenvolvidas em seu espaço. E também incorporaram os discursos ideológicos da ação colonizadora, pautado no trabalho e no progresso. Ou seja, valores que estiveram na base da construção da memória do município, e na seleção daqueles que seriam seus representantes. Os escolhidos foram os imigrantes japoneses, poloneses, italianos, espanhóis, paulistas, mineiros, gaúchos, ou seja, todos aqueles que logo se estabeleceram como proprietários. Já os trabalhadores volantes, pessoas comuns e marginalizadas que se deslocaram para essa região, também com o objetivo de prosperarem, mas por não se enquadrarem nessas categorias, não ocuparam esse espaço privilegiado nas memórias da cidade.

Sobre a migração de nordestinos, vários autores analisados reiteram o discurso presente nos trabalhos de historiadores, geógrafos, sociólogos, dentre outros que escreveram sobre a região. Esses discursos apontam a presença nordestina como mão de obra desqualificada, utilizada principalmente nos trabalhos no desmate e realizadores de serviços braçais. Numa cidade que cresceu sob o lema do progresso e do pioneirismo, a realização de trabalhos manuais não especializados, não possui o mesmo reconhecimento que o *status* de proprietário ou de um profissional liberal. Por isso, os responsáveis pela realização dessas atividades, e também aqueles em que é atribuída a responsabilidade no seu cumprimento, tiveram sua participação minimizada na história e nas memórias de Maringá, sendo

colocados como coadjuvantes desse processo. Esse fato pode ser facilmente constatado nas falas de um dos autores analisados.

Então é... os nordestinos eles vieram pra cá pra trabalhar né? Então era uma... era uma classe de pessoas que servia a esses pioneiros que vieram pra... pra morar, pra fazer uma casa ou pra abrir uma fazenda de café. (Depoimento de Rogério Recco. IN: NEVES, 2009a, p. 07)

Aqui, nota-se claramente a diferenciação estabelecida entre “pioneiros” e nordestinos. Nesse discurso, em torno do pioneiro é criada uma imagem de fixação e pertencimento. Já os nordestinos, são apontados como uma categoria inferior aos primeiros, por sua “condição” de mão de obra itinerante. A perpetuação dessas imagens excluiu aqueles que ficaram, se estabeleceram, seja por um período mais breve ou que estão até hoje no município. A construção desse discurso predominante, não se deve apenas a esses trabalhos, mas também pela existência de uma ideia criada no senso comum, que se institucionalizou como natural, sendo reiterada em eventos municipais, comemorativos, ou informativos.

Mesmo com o considerável daqueles que se destacaram na política, como profissionais liberais, em carreiras públicas e até como empresários bem sucedidos, essas características quase nunca são ressaltadas. Mas pela posição social diferenciada, esse grupo de nordestinos “ilustres” foram postos na categoria de pioneiros do município. Já aqueles, tanto no campo como na cidade, que não fazem parte dessa galeria de personagens, foram resgatados de forma indireta em alguns dos trabalhos analisados. Suas trajetórias foram expostas apenas por estarem em contexto com algum fato ou acontecimento marcante, ou relacionado a outros grupos regionais, como foi verificado no trabalho de Eliel Diniz (1983) e Ildeu Manso Vieira (1999).

Ao referirem-se a essa parcela migratória, alguns autores reiteraram estereótipos enraizados no senso comum. Preconceitos relacionados à língua, ao sotaque, à origem são facilmente verificáveis em alguns discursos, mas principalmente, nos relatos daqueles que foram hostilizados. Para enfrentarem essas situações ou mitigar seus efeitos, alguns ocultavam sua origem, tentavam atenuar seu sotaque ou adotavam uma nova região de nascimento. Com isso passavam a serem *paulistas*, *paranaenses*, *mineiros*,

gaúchos, como se o fato de ter passado por esses outros estados, lhes conferissem o *status* de trabalhador, pois perpassaram por uma espécie de “processo civilizatório”, que ofuscava a “má reputação” da região de origem.

Em termos culturais, suas contribuições mais visíveis e rememoradas no interior desses trabalhos, foram em relação à culinária e também à música. A lembrança de bailes e festas com comidas típicas, as Casas do Norte com produtos da culinária nordestina, as conversas entre conterrâneos e laços de solidariedade foram e ainda são estratégias utilizadas por esses migrantes para manterem-se ligados à sua cultura e de relembrem da terra de origem.

Um dado constatado na maioria dos trabalhos analisados consiste na predominância do papel desempenhado pelo homem, e mostrando muito pouco do universo feminino e da contribuição das mulheres que migraram para o Norte do Paraná, e igualmente participantes nesse processo histórico. As menções as mulheres nordestinas, geralmente estão associadas à imagem dos seus esposos. No entanto, naqueles trabalhos em que são trazidos detalhes sobre o cotidiano feminino é verificado que o cuidado com os filhos, o trabalho na lavoura. Assim como o desempenho em outras atividades como as funções de lavadeira e professora.

Contudo, por meio das análises desses livros de memorialistas, ensaístas e jornalistas ficou evidente que passadas várias décadas do fim desse processo de expansão no Estado do Paraná, existe muita especulação sobre a participação dos nordestinos, e poucos trabalhos empíricos que atestem uma realidade distinta. Exceção à parte, aqueles produzidos pelos próprios nordestinos e os que trazem relatos sobre suas experiências, seus dramas, a interação com outros grupos, solidariedade e preconceitos sofridos. Esses nos dão um panorama bem maior de sua atuação, mas ainda são poucos consultados, talvez pelo pouco interesse até muito recentemente na reconstrução da trajetória desses personagens, colocados como coadjuvantes na memória do município.

Nos nossos dias, já ninguém duvida de que a história do mundo deve ser reescrita de tempos em tempos. Esta necessidade não decorre, contudo, da descoberta de numerosos fatos até então desconhecidos, mas do nascimento de opiniões novas, do fato de que o companheiro do tempo que corre para a foz chega a pontos de vista de onde pode deitar um olhar novo sobre o passado...

Johann Wolfgang von Goethe

III CAPÍTULO

UM NOVO OLHAR SOBRE O MIGRANTE NORDESTINO EM MARINGÁ

3.1. As Fontes Eleitorais

Ainda que a produção bibliográfica sobre o Norte do Paraná e sobre Maringá evidencie a migração de nordestinos para a região e sua participação na formação da sociedade maringaense, ela nos mostra apenas uma parte desses fenômenos. Com o objetivo de trazer maiores informações sobre estes migrantes, foram consultadas as duplicatas dos Títulos Eleitorais do Município de Maringá e os documentos de isenção eleitoral⁶⁸. Nesse material é possível verificar a naturalidade (com indicação de Estado e município de nascimento), data de nascimento, sexo, estado civil, profissão, residência (constando a rua, município e Estado), data da emissão, seção e zona de votação.

Apesar de ser um documento com um grande número de informações quantitativas e qualitativas, as fontes eleitorais ainda são pouco utilizadas em pesquisas acadêmicas. No Estado do Paraná, foram encontrados apenas dois trabalhos que o fizeram. O de Ivani Omura (1982), sobre o perfil eleitoral do município de Maringá e o de Masanori Fukushima (1984), sobre as migrações internas no Estado do Paraná⁶⁹. Este último salienta a importância dos registros eleitorais para estudos sobre migração interna, devido à abrangência dos dados presentes, quando comparados a outros documentos, tais como:

- 1) Certidão de Nascimento: embora forneça a naturalidade, a data de nascimento e a filiação, faltam os elementos após o nascimento;

⁶⁸ Até 1986, os títulos eleitorais emitidos pelos cartórios eleitorais possuíam uma duplicata que ficava arquivada no mesmo.

⁶⁹ As pesquisas realizadas por Ivani Omura (1982), e Masanori Fukushima (1984), basearam-se na coleta de dados amostrais. A primeira consultou principalmente as folhas individuais de votação de Maringá e o segundo, consultou títulos eleitorais referentes ao município de Curitiba e dos demais municípios do Estado do Paraná.

- 2) Certidão de Casamento: só abrange os indivíduos casados e faltam os elementos verticais e horizontais após o casamento. Além disso, a idade ao casar é variável;
- 3) Carteira de Trabalho: não abrange os indivíduos que não trabalham, tampouco quem trabalha sem registro, e os aposentados;
- 4) Carteira de Identidade: registra apenas a naturalidade, a idade, a filiação e eventual expedição em outro local;
- 5) Certificado de Alistamento Militar: não inclui as mulheres;
- 6) Documentos de Igrejas: depende de religião e não abrange os não crentes. (FUKUSHIMA, 1984, p.40)

A criação do Título Eleitoral e sua instituição como documento obrigatório no ato de votar ocorreu no final do Império, em 1881, em substituição ao Título de Qualificação instituído em 1875. (TRE/RN, 2009, p.11). Em pouco mais de um século, desde que foi criado, ele sofreu diversas modificações, até chegar ao modelo que conhecemos atualmente, instituído em 1986. Ao todo, houve nove modelos de títulos eleitorais, e ao longo dessas mudanças alguns itens referentes aos dados pessoais foram incluídos e outros excluídos. No entanto, alguns deles, além do nome completo e data de nascimento, se mantiveram por um longo período, como profissão, naturalidade, idade, filiação, estado natal, domicílio. (Quadro 05)

Quadro 05. Dados pessoais presentes nos títulos eleitorais 1881-1986.

		INFORMAÇÕES PESSOAIS PRESENTES NOS TÍTULOS ELEITORAIS 1881-1986																					
Ano		Nome	Data de Nascimento	Município de Nascimento	UF	Filiação	Estado Civil	Profissão	Endereço	Foto	Número do RG	Renda	Instrução	Idade	Assinatura do Eleitor	Impressão Digital	Número de série do Título Eleitoral	Seção Eleitoral	Zona Eleitoral	Data do Alistamento	Município e ou distrito de Residência	Circunscrição Eleitoral	Número Inscrição Eleitoral
01	1881	X	-	-	-	X	X	X	-	-	-	X	X	X	X	-	-		-	X	X	-	X
02	1890	X	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X	X	-	-	X	-	X	X	-	X
03	1904	X	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X	X	-	-	X	-	X	X	-	X
04	1916	X	-	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-	-	X	X	X	X
05	1932	X	X	X	X	X	X	X	-	X	-	-	-	X	X	X	-	-	X	X	X	-	X
06	1945	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	X	X	-	X	-	X	X	X	-	X
07	1951	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X
08	1957*	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	X	-	-	X	X	X	X	X	X
09	1986	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	X	X	X	-	X

Fonte: ARRAES, 2009.

*O oitavo modelo de título eleitoral teve como base legal a lei 2.550 de 25 de julho de 1955, sendo instituído nessa data. (TRE-RN, 2012, p.25) Além dessas informações presentes neste modelo, no verso da duplicata que ficava no Cartório Eleitoral do município e alistamento do eleitor, dados referentes à transferência e a exclusão de eleitores eram assinaladas no verso. Também foi constatado que eles também traziam assinalado o partido eleitoral no qual estavam filiados.

Além do título de eleitor, também foram instituídos códigos e leis em diferentes contextos históricos para regulamentar o sistema eleitoral no país, e junto deles também foram criados mecanismos de qualificação do eleitorado. Até que fosse instituído o voto universal, existiram impeditivos para o alistamento de alguns setores da população como mulheres, analfabetos, mendigos, indígenas e determinadas categorias de religiosos e militares.

Em 1881, quando foi instituído o Título Eleitoral, a participação no processo eleitoral era restrita aos homens e o voto era censitário, sendo requerida ao eleitor, a comprovação de uma renda igual ou superior a 200 mil réis anuais. Com a proclamação da República, a partir de 1891, o voto censitário foi excluído, e foi instituído que todos os cidadãos alfabetizados (exceto as mulheres) com mais de 21 anos teriam o direito de voto. No entanto, de acordo com Arraes (2009) os eleitores analfabetos alistados em 1881 com a Lei Saraiva, não perderiam seu direito de voto. Em 1932, foi estendido o direito de voto às mulheres, apenas parcialmente.

Com a lei eleitoral de 1950 foram suprimidas as restrições ao alistamento das mulheres e mendigos, e foi instituído o voto universal, obrigatório e direto. A extensão gradativa do direito ao voto para algumas categorias possibilitou que em pouco mais de um século, a população eleitoral multiplicasse. Em 1950, o Brasil possuía apenas cerca de 30% de sua população com mais de 20 anos alfabetizadas, o que as tornavam aptas a votar. No entanto, em relação aos períodos anteriores, o percentual de participação de votantes representou um grande avanço, em relação ao contingente eleitoral observado em 1900. (OMURA, 1982, p.147) A partir de 1986, o percentual da população brasileira apta a participar plenamente do regime democrático situou-se próximo dos 2/3 do seu total (ARRAES, 2009, s/p). O voto tornou-se facultativo aos analfabetos, aos indígenas e aos jovens a partir dos 16 anos. A única restrição que permaneceu foi à proibição do voto aos estrangeiros e conscritos, ou seja, uma parcela pequena da população do país. (Quadro 06).

Quadro 06. Qualificação dos eleitores em categorias votantes e não votantes entre 1881-1985.

QUALIFICAÇÃO DOS ELEITORES								
Modelos de títulos eleitorais	Ano	Decreto/Lei Resolução Data	Censitário	Sexo	Idade Mínima	Sem direitos de alistamento	Isentos/ Facultativo	Leis Complementares
1°	1881	N° 3.029 09.01.1881	Sim	Masc.	21	Analfabetos, praças militares, policiais.	-	Até 1881, era permitido aos analfabetos votarem, no entanto, em 1882 foi instituída a extinção do direito de voto aos analfabetos.
2°	1890	N° 200-A 08.02.1890	Não	Masc.	21	Analfabetos, banidos, deportados, <i>praças de pré, excetuados os alunos das escolas militares de Ensino Superior</i> , mulheres, indígenas, religiosos de ordens com renúncia de liberdade individual.	-	-
3°	1904	N° 1.269 15.11.1904	Não	Masc.	21	Analfabetos, mendigos, mulheres, indígenas praças, religiosos de ordens com renúncia de liberdade individual.	-	-
4°	1916	N° 3.139 02.08.1916	Não	Masc.	21	Idem (item anterior)	-	-
5°	1932	N° 21.076 24.02.1932	Não	Masc. Fem.	21	Mendigos, analfabetos, <i>praças-de-pré, exceto os sargentos, do Exército e da Armada e das forças auxiliares do Exército, bem como os alunos das escolas militares de ensino superior e os aspirantes a oficial.</i>	Homens com mais de 65 anos e mulheres de todas as idades.	Voto feminino: foram contempladas somente mulheres casadas (com autorização do marido), viúvas e solteiras com renda própria. Em 1934 foi estendido o direito de voto aos religiosos de ordens monásticas.
6°	1945	N° 7.586 28.05.1945	Não	Masc. Fem.	21*	Mendigos, analfabetos, indígenas, militares na ativa (exceto oficiais) e os privados de direitos políticos.	Inválidos, maiores de 65 anos, brasileiros a serviço do país no exterior, oficiais das Forças Armadas em serviços ativos, servidores públicos em licença ou férias, mulheres que não exercessem atividades lucrativas.	O novo código eleitoral Lei n° 1.164 de julho de 1950, instituiu o voto universal, obrigatório e direto. Foi estendido o direito de voto aos mendigos, e suprimidas as restrições para o alistamento das mulheres.* A idade mínima para o alistamento baixou para 18 anos.

7°	1951	N° 4.357 31.08.1951	Não	Masc. Fem.	18	Analfabetos, indígenas, soldados e cabos.	Idem item anterior	-
8°	1957	N° 2.550 25.07.1955	Não	Masc. Fem.	18	Analfabetos, indígenas, soldados e cabos.	Idem item anterior	-
9°	1985	N° 7.444 20.12.1985	Não	Masc. Fem.	18	Estrangeiros e durante o período do serviço militar obrigatório, os conscritos.	Facultativo aos maiores de 70 anos, analfabetos e indígenas.	Em 1988 foi estabelecida a idade mínima para o alistamento de 16 anos, sendo o voto e o alistamento facultativo até os 18 anos. Neste mesmo ano, também foram rompidas as restrições aos votos dos militares. Também foi estendido o voto facultativo aos indígenas

Fonte: ARRAES, 2009 e Constituição da República Federativa do Brasil – 1988.

Uma pesquisa com os títulos eleitorais anteriores a 1986, esbarra na limitação de sua conservação. A Lei Eleitoral nº7444/85 e as Resoluções do TSE 12.547/86 e 14.948/88, que instituíram o recadastramento eleitoral e o processamento eletrônico dos dados do alistamento, determinaram também a incineração desses documentos.

O arquivamento dos materiais relativos ao sistema eleitoral é regulamentado pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) o qual outorga ao TRE (Tribunal Regional Eleitoral) de cada unidade da Federação, autonomia para legislar sobre os procedimentos de descarte, destruição, incineração ou doação e o estabelecimento de prazos mínimos de guarda dos mesmos⁷⁰. De acordo com as resoluções publicadas pelos TREs, que dispõem sobre o descarte e a conservação de materiais eleitorais, tal medida é realizada com vistas a sistematizar o banco de informações, redução de custos operacionais e revitalização dos espaços físicos das Zonas Eleitorais. No entanto, essas mesmas resoluções dispõem sobre a necessidade de manter em arquivo permanente, alguns poucos exemplares de determinados documentos e/ou processos eleitorais⁷¹.

Em alguns municípios, como Maringá e Londrina, no Estado do Paraná, esses documentos foram doados para museus históricos municipais⁷². No município de Londrina, as folhas de votação individual e os livros de registro de eleitores, anteriores a 1986 foram arquivadas no Museu Histórico de Londrina. Uma opção encontrada pelo mesmo foi à microfilmagem das folhas individuais de votação. Hoje, esse material encontra-se disponível para pesquisas acadêmicas e junto à população local,

⁷⁰ Para maiores informações sobre as listas de documentos a serem descartados ou doados ver: Tribunal Regional Eleitoral. **Resolução nº7.419/2004**. TRE-SC. Disponível em: <http://www.tresc.jus.br/site/fileadmin/arquivos/legjurisp/resolucoes/2004/7419_.pdf>. Acessado em 10/02/2014.

⁷¹ Para maiores informações ver: Tribunal Regional Eleitoral. **Corregedoria Eleitoral disciplina procedimentos para conservação e descarte de documentos**. TRE-AL. Disponível em: <<http://tre-al.jusbrasil.com.br/noticias/111912841/corregedoria-eleitoral-disciplina-procedimentos-para-conservacao-e-descarte-de-documentos>>. Acessado em 11/02/2014.

⁷² Para maiores informações ver: MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA. **Microfilmagem das Folhas de Votação referente ao período de 1956 – 1986 de Londrina-Pr**. Disponível em: <<http://www.uel.br/museu/complementares/microfilmagem.html>>. Acessado em 10/02/2014.

que frequentemente o solicita para fins de comprovação de tempo de serviço na área rural. Até o presente momento, não foram publicados estudos que utilizaram o material arquivado em Londrina.

Junto às duplicatas dos títulos eleitorais de Maringá, também estavam arquivadas as dos documentos de isenção eleitoral, também consultadas. Esses documentos foram emitidos para fins de direito pelo Fórum Eleitoral de Maringá a partir de 1970, para isentos por motivos militares, analfabetismo, invalidez e idade avançada⁷³.

No município de Maringá, as duplicatas dos títulos eleitorais e documentos de isenção eleitoral, emitidos anteriores à reforma eleitoral de 1986 foram preservadas e doadas ao setor de Patrimônio Histórico em 1990, ao ser requerido junto ao Fórum Eleitoral desse município pelo historiador amador e ocupante de diversos cargos políticos, Antônio Tortato⁷⁴. O material foi posto sob a guarda da Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá – GPH/PMM. Em 2013 foi concluído o cadastro de toda a documentação por este setor. O arquivo compõe aproximadamente duzentas mil duplicatas, emitidas entre os anos de 1956 e 1986. Além dos títulos referentes ao município de Maringá, estão arquivados também sem separação, os eleitores de outras localidades que configuravam como

⁷³ Nos documentos de isenção, consta a lei e o número do código eleitoral correspondente a cada um desses itens: analfabetismo, idade avançada, alistamento militar e invalidez. Foi identificado no levantamento realizado no arquivo eleitoral que a emissão dos documentos de isenção eleitoral se deu a partir de 1970, anterior a esse período, não houve incidências desse material. No entanto, durante a elaboração desta dissertação foi buscado junto a Fóruns e Cartórios Eleitorais mais indicações sobre o mesmo, mas não foi obtido respostas, principalmente por motivos como o intervalo de sua emissão e a contratação de novos funcionários para esses setores públicos, havendo um vácuo de mais de 30 anos, período suficiente para a aposentadoria dos funcionários antigos, somado ainda, o descarte dos materiais eleitorais anteriores a 1986. Com isso, não é possível ter uma dimensão da abrangência dos analfabetos que fizeram esse documento de isenção eleitoral.

⁷⁴ O historiador da Gerência de Patrimônio Histórico da Prefeitura do Município de Maringá - GPH/PMM, João Laércio Lopes Leal, afirma que desde o recebimento do material foram desenvolvidas atividades para a colocação em ordem alfabética e o cadastro de apenas alguns itens desses títulos, como o nome e data de nascimento, para fins de consulta. Frequentemente, antigos eleitores solicitam estes documentos para comprovação de tempo de trabalho e o requerimento aposentadorias. (Entrevista realizada em 16/05/2013).

distritos municipais, como Ivatuba, Floresta, Água Boa, Paiçandu e Dr. Camargo⁷⁵.

Nossa pesquisa ocorreu entre junho de 2012 e fevereiro de 2013, sendo recolhidos os dados dos eleitores e isentos naturais dos estados do Nordeste, que realizaram o alistamento eleitoral entre 1956 e 1972. Em função dessa periodização houve a necessidade de manusear todos os materiais arquivados, pois não existe uma separação cronológica dos mesmos. Durante a consulta foi verificado o Estado de procedência e a data de emissão do título e do documento de isenção eleitoral. Na sequência foram coletadas informações como nome, sexo, data de nascimento, naturalidade, UF, profissão, estado civil, seção eleitoral, ano de cancelamento, partido político destes nordestinos. Sobre as transferências de domicílio eleitoral, foram colhidos elementos sobre o município ou zona eleitoral no qual o título foi remetido, o Estado e a data em que foi efetuada a transferência.

As profissões registradas foram classificadas por grupos de atividades primárias, secundárias, terciárias, além disso, foram incluídos na categoria de inativos, aqueles que estavam fora do mercado de trabalho como os aposentados, estudantes e mulheres que se declararam do lar⁷⁶. A ocupação “do lar” foi incluída nesta categoria, pois geralmente ela é remetida como sinônimo de “dona de casa”, ou seja, pessoa da família que se dedica as atividades cotidianas do lar sem remuneração. No entanto, muitas dessas mulheres podem ter desenvolvido outros tipos de atividades que lhes proporcionaram renda, mas esse é um dado que escapa a esta análise. Com isso, por uma questão metodológica, a categoria “do lar” foi incluída junto

⁷⁵ Segundo Omura (1982, p.17) “os municípios de Floresta, Ivatuba, Paiçandu e os futuros municípios de Dr. Camargo e o Distrito de Água Boa integraram o município de Maringá até 1960, quando foram desmembrados; à emancipação política não se seguiu a criação de nova zona eleitoral, esses continuaram vinculados ao Cartório Eleitoral da 66ª Zona”.

⁷⁶ A organização das profissões identificadas no arquivo eleitoral do GPH/PMM seguiu a classificação presente no Censo Demográfico do IBGE de 1970, no qual a classificação das Pessoas Economicamente Ativas é apresentada segundo os Setores de Atividade, no entanto, por uma questão didática nesta dissertação, esses setores de atividades foram incluídos em categorias divididas entre setor primário, secundário, terciários e Inativos. **IBGE - VII Recenseamento Geral – 1970**. Série regional. Volume I – Tomo XIX. 1973.

aos inativos, em função da profissão declarada. Algumas profissões foram classificadas como indefinidas, devido ao fato de não ter sido encontrados correspondentes ou algo que as definam. No entanto, elas representam um número extremamente pequeno em relação ao total de profissões identificadas. Do mesmo modo, apenas uma pequena parcela dos títulos consultados não apresentava a profissão do eleitor. Para uma melhor visualização da distribuição temporal das atividades profissionais levantadas, elas foram separadas por quinquênio, exceto os anos de 1971 e 1972.

Além dos aspectos referentes às profissões, cabe salientar que entre os nordestinos identificados no arquivo eleitoral, já estavam sedentarizados no local de domicílio e com participação em suas decisões políticas. Além do mais, para o estudo de migrações internas, os títulos eleitorais permitem extrair diversas variáveis que dizem respeito à mobilidade da população, a distribuição interna no município, também para quais regiões do país e do próprio Estado se locomoveram, numa escala de tempo que varia de 01 a 30 anos. Com isso, foi incluída nesta pesquisa a categoria dos reemigrados, visto que nas duplicatas dos títulos eleitorais constam informações referentes às transferências desses eleitores que permaneceram por um determinado período no município de Maringá, e se deslocaram para outras unidades da Federação e outras regiões do Estado do Paraná.

Os dados sobre os reemigrados revelam outras dinâmicas migratórias ocorridas no norte do Paraná, e também em outras regiões do país, além daquela relacionada ao movimento de entrada desses migrantes. Sobre esta categoria foram computadas informações referentes ao tempo de permanência em Maringá, os estados e regiões no qual transferiram seus domicílios eleitorais e seus respectivos percentuais; os períodos de maior ou menor deslocamento; os tipos de atividades em que mais houve fuga de capital humano, separados todos por região. Como dado amostral, os reemigrados que se deslocaram no interior do Paraná, foram separados por cidade, mesorregiões e microrregiões para onde se deslocaram.

Apesar da obrigatoriedade, nem todos os cidadãos se alistavam como eleitores. No entanto, em 1965, foram instituídas junto ao Código Eleitoral, algumas penalidades e implicações referentes ao não comparecimento às eleições ou a quem não apresentasse justificativas do voto. Tais penalidades incidiam diretamente sobre os interesses de muitos cidadãos, como à impossibilidade de receber quaisquer vencimentos vinculados a órgãos estatais, tais como aposentadorias, pensões, além de não poderem efetuar empréstimos em bancos ou instituições públicas, e a não obtenção de carteira de identidade. Essas implicações provavelmente tiveram efeitos consideráveis na vida do cidadão comum, levando-o compulsoriamente a regularização da situação eleitoral.

[...] Art. 7º § 1º Sem a prova de que votou na última eleição, pagou a respectiva multa ou de que se justificou devidamente, não poderá o eleitor:

I - inscrever-se em concurso ou prova para cargo ou função pública, investir-se ou empossar-se neles;

II - receber vencimentos, remuneração, salário ou proventos de função ou emprego público, autárquico ou para estatal, bem como fundações governamentais, empresas, institutos e sociedades de qualquer natureza, mantidas ou subvencionadas pelo governo ou que exerçam serviço público delegado, correspondentes ao segundo mês subsequente ao da eleição;

III - participar de concorrência pública ou administrativa da União, dos Estados, dos Territórios, do Distrito Federal ou dos Municípios, ou das respectivas autarquias;

IV - obter empréstimos nas autarquias, sociedades de economia mista, caixas econômicas federais ou estaduais, nos institutos e caixas de previdência social, bem como em qualquer estabelecimento de crédito mantido pelo governo, ou de cuja administração este participe, e com essas entidades celebrar contratos;

V - obter passaporte ou carteira de identidade;

VI - renovar matrícula em estabelecimento de ensino oficial ou fiscalizado pelo governo;

VII - praticar qualquer ato para o qual se exija quitação do serviço militar ou imposto de renda⁷⁷. (Lei nº 4.737, de 15 de Julho de 1965)

Entre 1956, ano em que teve início as primeiras emissões de títulos eleitorais em Maringá, e ano da primeira eleição municipal, e 1972, ano em

⁷⁷ BRASIL. Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965. Institui o código eleitoral. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14737.html>. Acessado em: 23/03/2014.

que foi realizada a 5ª eleição municipal, no qual o ex-vereador e industrial nordestino Walber Guimarães foi eleito vice-prefeito, os eleitores foram chamados às urnas onze vezes, tanto para eleições municipais, estaduais e federais, incluindo também o referendo à Emenda Constitucional nº4, que dispunha sobre o parlamentarismo no país⁷⁸. (Quadro 07)

Quadro 07. Cronologia e relação das eleições realizadas entre 1956-1972.

ANO	ELEIÇÕES
1956	Prefeitura e Câmara Municipal;
1958	Congresso Nacional e Assembleia Legislativa;
1960	Presidência da República, Governo do Estado, Prefeitura e Câmara Municipal;
1962	Congresso Nacional e Assembleia Legislativa;
1963	Referendum à Emenda Constitucional nº 4 de 02.09.1961;
1964	Prefeitura e Câmara Municipal;
1965	Governo do Estado;
1966	Congresso Nacional e Assembleia Legislativa;
1968	Prefeitura e Câmara Municipal;
1970	Congresso Nacional e Assembleia Legislativa;
1972	Prefeitura e Câmara Municipal;

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral T.S.E.

Foram identificados no arquivo eleitoral, 8.481 nordestinos entre 1956-1972 no município de Maringá⁷⁹. No entanto, desse total, 593 possuíam documentos de isenção eleitoral, sendo 231 homens e uma maior participação das mulheres, 362. Esses documentos de isenção foram remetidos entre 1970 e 1971. De um total de 769 nordestinos identificados no arquivo eleitoral, em 1970 constam como isentos 90, sendo 45 para ambos os sexos; em 1971 de um total de 323 nordestinos alistados, 192 constam como isentos, sendo 71 homens e 121 mulheres; No ano de 1972, de um total de 1275 alistados, 311 constam como isentos, sendo 115 homens e 196 mulheres. Deste modo, excetuando os isentos, constam como eleitores, 7.888 nordestinos, representando esse total 9,4% do eleitorado maringaense no período em questão. (Quadro 08)

⁷⁸ O Referendo foi instituído pela Emenda Constitucional nº 4, de 2.9.1961, para a manutenção ou não do regime parlamentarista. Era previsto como plebiscito a realizar-se em 1965, mas foi antecipado e chamado de referendo pela Lei Complementar nº 2, de 16.9.1962. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores>>. Acessado em 20/02/2014.

⁷⁹ Não foi dado um tratamento estatístico aos dados coletados. Eles foram organizados e interpretados.

Quadro 08. Quantidade de eleitores nordestinos identificados entre 1956-1972 no Município de Maringá.

Ano	Nº de eleitores	Homens	Mulheres	% H	% M
1956	986	840	146	85,1	14,9
1957	23	20	03	87,0	13,0
1958	391	328	63	84,0	16,0
1959	20	18	02	90,0	10,0
1960	409	337	72	82,3	17,7
1961	38	38	-	100	0,0
1962	575	394	78	68,5	31,5
1963	45	42	03	93,3	6,7
1964	141	110	31	78,0	22,0
1965	1.150	860	290	74,7	25,3
1966	904	649	255	71,7	28,3
1967	136	111	25	81,6	18,4
1968	1.148	688	460	60,0	40,0
1969	148	93	55	63,0	37,0
1970	679	457	222	67,7	32,3
1971	131	90	41	68,7	31,3
1972	964	575	389	60,0	40,0
TOTAL	7.888	5.757	2.131	73,0	27,0

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá -1956-1972 - GPH/PMM.

No quadro acima, é possível identificar oscilações em relação ao número de eleitores alistados entre 1956-1972. Os picos no número de alistamentos estão diretamente relacionados à realização de eleições para diferentes cargos nesse período. Entre 1957-1964, apesar do grande número de pleitos realizados, de acordo com os dados levantados, houve a menor proporção de eleitores nordestinos alistados, totalizando nesse período 1.642 (19,3%) do total. Os maiores índices de alistamentos concentram-se nos períodos em que foram realizadas as eleições municipais de 1956, 1968 e 1972, correspondendo o total referente a essas três eleições, a 3.098 nordestinos (40%) do total de eleitores identificados⁸⁰.

Em relação às eleições estaduais, o ano de 1965 registra proporcionalmente o maior número de nordestinos alistados para os pleitos desta categoria, constando ao todo, 1.150 eleitores (14,6%). Após essa data, as eleições para governadores passaram a ser indiretas havendo, então,

⁸⁰ Nas cinco eleições municipais ocorridas entre 1956-1972 foram eleitos 07 vereadores nordestinos para a Câmara Municipal maringaense, sendo eleito nas eleições de 1956, 1960, 1964 e 1968 apenas um vereador respectivamente. Na eleição de 1972 foram eleitos três vereadores nordestinos, incluído ainda nesta mesma eleição o vice-prefeito, também natural do Nordeste. As informações pessoais referentes aos vereadores nordestinos eleitos no município de Maringá estão presentes Capítulo I, p. 47. Quadro nº 03.

apenas eleições para os representantes da Assembleia Legislativa. Após 1982, novamente passou-se a ter eleições para o cargo de governador. Já para a Presidência da República, as eleições para este cargo foi suspensa em 1964 com o golpe militar, e voltaram a ser realizadas somente em 1989⁸¹.

Os alistamentos realizados entre 1965-1972, além de marcar o intervalo com a maior quantidade de nordestinos, 5.853 ao todo (74,2%), contraditoriamente, marca o declínio da massiva migração interna à Maringá e ao Norte do Paraná, devido ao encerramento da fronteira agrícola e as mudanças ocorridas neste setor produtivo, com a substituição de lavouras permanentes por temporárias, pastagens e mecanização da agricultura.

No entanto, o aumento no eleitorado nordestino pode ser justificado, de um lado, pelo aumento na participação feminina. Entre 1965-1972, se alistaram 1.737 nordestinas (81,5%) do total de mulheres. O eleitorado masculino também apresentou um aumento significativo nesse período, correspondendo a 3.523 homens ou 61,1%. Os números referentes à participação de homens e mulheres ao longo do período pesquisado demonstram um percentual bem maior dos primeiros, representando os homens 5.757 (73%), e as mulheres 2.131 (27%) do número de eleitores naturais dos estados do Nordeste.

⁸¹ Informações disponíveis em: Tribunal Superior Eleitoral. Cronologia das eleições. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores>>. Acessado em: 20/02/2014.

Quadro 09. Nordestinos presentes no arquivo eleitoral, por Estado de nascimento e sexo.

Estados	Número de migrantes identificados	Homens	Mulheres	%	
				H	M
Alagoas	1015	710	305	69,8	30,2
Bahia	3451	2493	958	72,2	27,8
Ceará	1095	739	356	67,4	32,6
Maranhão	35	24	11	68,5	31,5
Paraíba	495	336	159	67,8	32,2
Pernambuco	1833	1274	559	69,5	30,5
Piauí	132	100	32	75,7	24,3
Rio Grande do Norte	176	128	48	72,7	27,3
Sergipe	249	184	65	73,8	26,2
TOTAL	8481	5988	2493	70,6	29,4

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

Entre os nordestinos presentes nos títulos eleitorais e nos documentos de isenção, os estados de procedência apresentam a mesma configuração que os dados dos Censos do IBGE de 1970. O Estado com maior número de eleitores é o da Bahia (3451 indivíduos), seguido de Pernambuco (1833), Ceará (1095), Alagoas (1015), Paraíba (495), Sergipe (249), Rio Grande do Norte (176), Piauí (132) e Maranhão em menor proporção (35). (Quadro 09)

Em relação ao percentual de alistamento (tanto de eleitores e isentos) de homens e mulheres referentes a cada Estado do Nordeste, foi mantida uma média semelhante daquela referente ao alistamento por ano, representando os homens 70,8% e as mulheres 29,2% do total de eleitores nordestinos identificados. O Estado com maior disparidade entre os alistados é o do Piauí, representando os homens 75,7% e as mulheres, 24,3%. Já Estado do Ceará apresentou um percentual um pouco maior na participação de mulheres em relação ao número de homens alistados, no entanto, ainda bastante abaixo em relação aos primeiros, constando os homens 67,4% e as mulheres 32,6%.

Além da identificação dos percentuais relacionados à presença de ambos os sexos, os títulos eleitorais e documentos de isenção permitem aprofundar temáticas referentes à migração feminina, frequentemente

sufocada em análises generalizantes sobre movimentos migratórios⁸². Sobre esse tema nas fontes eleitorais é possível verificar: a inserção da mulher no mercado de trabalho, relações de parentesco, filiação partidária, mobilidade. O cruzamento desses dados, com outros tipos de fontes qualitativas permitem a observação de muitos outros elementos, sobre as dinâmicas femininas numa frente de expansão. Entretanto, devido ao tempo limitado desta pesquisa, uma abordagem sobre essas temáticas escapam aos objetivos deste capítulo.

3.2. Profissões

Desde a década de 1950, Maringá se destaca pelo elevado crescimento populacional e intenso ritmo de urbanização, tendo grande parte de seu dinamismo econômico vinculado à produção agropecuária, agroindustrial e ao setor do comércio e serviços⁸³. A participação dos nordestinos nesses setores de atividade pode ser visualizada nos dados coletados nos títulos eleitorais e nos documentos de isenção eleitoral desse município. Os quadros de profissões referentes aos setores primários, secundários e terciários mostram uma enorme diversificação no setor produtivo maringaense e nas atividades exercidas por esses migrantes, sendo identificadas ao todo 225 profissões ⁸⁴.

O desenvolvimento econômico da região Norte do Paraná, primeiramente esteve assentado na extração e comércio de madeiras, pois antes da formação da lavoura era necessário empreender a derrubada das matas. Em seguida, a produção agrícola foi a base da economia regional,

⁸² Para mais detalhes sobre as relações de gênero nos movimentos migratórios, ver: BAENINGER, Rosana. PERES, Roberta Guimarães. Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013. Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013. p.01-14. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386697149_ARQUIVO_RobertaGuimaraesPeres.pdf>. Acessado em 26/07/2014.

⁸³ (Observatório das Metrópoles. 2009. p. 03) Disponível em: <http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/como_anda/como_anda_RM_maringa.pdf>. Acessado em: 12/03/2014.

⁸⁴ Em relação às profissões, os migrantes nordestinos que constam como isentos também foram incluídos, pois todos os documentos de isenção constam a profissão.

sendo a cafeicultura a atividade principal até meados da década de 1960, coexistindo esta cultura, com outras como o algodão, e aquelas destinadas ao consumo local como milho, feijão e arroz. Após esse período, uma série de fatores começou a concorrer para criar uma conjuntura adversa à manutenção da cafeicultura, levando a substituição por lavouras temporárias de maior valor comercial como soja, trigo e também por pastagens. (LUZ, 1980, p.272-274)

No setor primário de Maringá, foram constatados 2.289 nordestinos, distribuídos em duas categorias: (a) *Autônomo*, na qual estão incluídos os agricultores; (b) *Trabalhador*, na qual estão incluídos os lavradores, retireiros e tratoristas. Entre os dados coletados referentes às profissões, o setor primário ocupa o segundo posto entre os três setores de atividades. Essa mesma característica em relação ao setor primário já havia sido levantada por Luz (1980) a partir dos dados dos censos demográficos de 1960-1980. Neles a participação do setor primário também ocupava a segunda colocação por ser Maringá, o principal centro urbano da microrregião no período em questão, além do fato de possuir uma área rural bastante reduzida. (LUZ, 1980, p.327) No entanto, no que tange à microrregião Norte Novo de Maringá, o setor primário constituía como principal setor de atividade.

Quadro 10. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor primário, separados por quinquênios.

1.ATIVIDADES PRIMÁRIAS		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	TOTAL
1.AUTÔNOMO						
01	Agricultor	23	36	38	22	119
1.2 TRABALHADOR						
02	Lavrador	488	523	831	308	2.150
03	Retireiro	-	01	-	-	01
03	Tratorista	04	05	04	06	19
TOTAL		492	529	835	314	2.170
TOTAL SETOR PRIMÁRIO		515	565	873	336	2.289

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

Os profissionais do setor primário correspondem a 27% do total de nordestinos identificados no arquivo eleitoral maringaense entre 1956-1972. (Quadro 10) Na categoria de *autônomos*, ou seja, aqueles que trabalhavam em sua própria terra foram identificados 119. Os maiores percentuais nessa

categoria foram verificados entre 1961-1965 com 36 agricultores (30,2% do total), e 38 (31,9% entre 1966-1970). No entanto, esse percentual declinou para 22 (18,4% entre 1971-1972)⁸⁵.

Na categoria dos *trabalhadores*, os lavradores despontam como maioria absoluta, com um total de 2.150 nordestinos nessa atividade (94,8% do total). Em finais da década de 1950 e meados da década de 1960, o número indivíduos nessa profissão aparece de modo crescente (488 e 523 respectivamente) vindo a atingir seu pico entre 1966 e 1970 (830). Todavia, entre 1971-1972 esse número caiu para 308 lavradores, ou seja, houve uma queda de 63%. Na profissão de retireiro, foi verificada apenas um nordestino, e como tratoristas constam 19. O total representado pelas duas categorias de atividades no setor primário está disposto da seguinte forma: a) *autônomos*: 119 nordestinos (5,2% do total), e b) *trabalhadores*: 2.169 nordestinos (94,8% do total). (Quadro 11)

Quadro 11. Quantidade de profissões por categorias de atividades e de trabalhadores nordestinos no setor primário.

ATIVIDADES PRIMÁRIAS		TOTAL DE PROFISSÕES	TOTAL DE TRABALHADORES	%
1.	Autônomos	01	119	5,2
1.1	Trabalhador	03	2169	94,8
TOTAL		04	2289	100,0

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

O setor secundário ocupa o terceiro lugar entre as funções desenvolvidas pelos nordestinos no período estudado. A exploração da madeira e, principalmente a produção agrícola levou ao surgimento de pequenas indústrias destinadas ao beneficiamento de madeiras, grãos e cereais. Além das atividades destinadas à comercialização, armazenamento, transporte e beneficiamento desses produtos, também surgiram pequenas indústrias destinadas ao abastecimento local de produtos alimentícios, móveis, tecidos e confecções, utensílios domésticos. Indústrias relacionadas à reposição de peças de veículos e a construção civil também tiveram um grande desenvolvimento em Maringá. O setor secundário teve um gradativo

⁸⁵ Entre 1956-1960 o percentual de nordestinos identificados como agricultores representava 19,5%.

crescimento entre 1960-1980, ocupando o terceiro lugar entre os três setores de atividades no período em questão. (LUZ, 1980, p.309-328)

Quadro 12. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor secundário, separados por quinquênios.

2.1. AUTÔNOMO		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
01	Industrial	01	-	01	01	03
TOTAL		01	-	01	01	03
2.2. INDÚSTRIA MOVELEIRA						
02	Carpinteiro	29	23	30	12	94
03	Marceneiro	12	09	10	02	33
TOTAL		41	32	40	14	127
2.3. INDÚSTRIA TÊXTIL						
04	Aprendiz de Fiação	-	-	01	-	01
05	Tapeceiro	-	03	01	-	04
06	Tecelão	-	01	01	-	02
07	Tintureiro	03	03	04	01	11
08	Retilinista	-	-	-	02	02
TOTAL		03	07	07	03	20

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

No setor secundário foram identificados 1.669 nordestinos, distribuídos em 74 profissões distintas, incluídas em 14 categorias de ocupação: (01) *autônomos*; (02) *indústria moveleira*; (03) *indústria têxtil*; (04) *indústria do vestuário*; (05) *eletricistas*; (06) *indústria mecânica*; (07) *indústria cerâmica*; (08) *indústria metalúrgica*; (09) *indústria de alimentação e bebidas*; (10) *indústria gráfica*; (11) *indústria química*; (12) *indústria do couro*; (13) *construção civil* e (14) *indústria de transformação*. O percentual registrado no setor secundário corresponde a 20% do total de nordestinos identificados no arquivo eleitoral maringaense⁸⁶.

Entre os *autônomos*, ou seja, proprietários de estabelecimentos industriais foram identificados 03 indivíduos. Na *indústria moveleira* os carpinteiros constam em maior número, 94 ao total, e os marceneiros 32 ao todo. Essas duas atividades atingiram seus maiores patamares entre 1956-1970, constando 41 trabalhadores entre 1956-1960, (32,2%) entre 1961-1965 esse número reduziu para 32 trabalhadores (25,1%) do total. Entre 1966-1970 o número de nordestinos nessas duas atividades apresentou

⁸⁶ Os percentuais entre parênteses se referem aos números totais de cada categoria de atividade.

uma pequena elevação para 40 (31,4%), vindo a declinar para 14 entre 1971-1972, ou 11,0%. No *setor têxtil*, constam 20 profissionais, distribuídos em cinco atividades distintas. Os tintureiros compunham o maior número, com 11 (55%). O maior percentual de trabalhadores no setor têxtil concentra-se entre 1961-1970, correspondendo a 70% do total de nordestinos nesse ramo de atividade. (Quadro 12)

Quadro 13. Categorias de atividades e profissões - nordestinos empregados no setor secundário, separados por quinquênios (a).

2.4. INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
09	Modista	-	-	02	-	02
10	Costureira	08	08	14	13	43
11	Alfaiate	16	05	11	01	33
12	Sapateiro	24	16	10	02	52
TOTAL		48	29	37	16	130
2.5. INDÚSTRIA MECÂNICA						
13	Soldador	-	05	06	03	15
14	Mecânico	38	45	59	15	157
15	Funileiro	03	02	02	02	08
16	Galvanizador	-	01	-	-	01
17	Torneiro Mecânico	01	02	-	02	05
18	Ferreiro	01	03	02	02	08
19	Chefe de Mecânica	01	-	-	-	01
20	Turbineiro	-	01	-	-	01
21	Furador	-	01	-	-	01
TOTAL		44	59	69	24	196
2.6. ELETRICISTAS						
22	Eletricista	09	12	09	02	32
23	Radio técnico	02	01	01	01	05
TOTAL		11	13	10	03	37
2.7. INDÚSTRIA CERÂMICA						
24	Oleiro	03	03	02	-	08
TOTAL		03	03	02	-	08

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

O *setor de vestuário* desponta entre as atividades secundárias com um número elevado de nordestinos. Ao todo foram identificados 130 trabalhadores, distribuídos entre modistas, costureiras, sapateiros e alfaiates. Entre essas profissões, os sapateiros constam em maior número, 52 ao todo, seguido das costureiras com 43 nessa atividade, na alfaiataria constam 33, e apenas duas modistas. Nesse setor, o maior pico de trabalhadores se dá entre 1956-1960, com 48 (37%), vindo a declinar nos quinquênios seguintes, atingindo seu menor pico entre 1971-1972, com 16 trabalhadores (12,3%).

Na *indústria mecânica* foram identificados 197 nordestinos, distribuídos entre 09 profissões distintas. Destaca-se pelo elevado número, a profissão de mecânico, com 157 trabalhadores concentrados principalmente, entre meados da década de 1950 e finais da década de 1960. Nesse setor de atividade, os números referentes à participação dos nordestinos estão distribuídos da seguinte forma: entre 1956-1960 foram identificados 44 (22,4%); entre 1961-1965 esse número aumentou para 59 (30,1%); entre 1966-1970 também teve um novo aumento para 69 (35,2%); entre 1971-1972 houve uma redução para 24 trabalhadores (12,2%). Nas atividades do *ramo elétrico*, constam 37 nordestinos, distribuídos entre 32 eletricitas e 05 rádios técnicos. Desde finais da década de 1950, esse setor já registrava um número considerável de trabalhadores, mantendo-se estável entre 1961-1970, e vindo a diminuir entre 1971-1972. Na *indústria cerâmica* foi identificada apenas a profissão de oleiro, com 08 trabalhadores ao todo, distribuídos entre 1956-1970. (Quadro 13)

Quadro 14. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor secundário, separados por quinquênios (b).

2.8. INDÚSTRIA METALÚRGICA		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
25	Fundidor	-	-	01	-	01
26	Armador de Ferragens	-	02	03	02	07
27	Compensador	-	-	01	-	01
28	Folheiro	-	-	01	01	02
29	Metalúrgico	-	01	-	-	01
30	Latoeiro	-	-	01	-	01
31	Serralheiro	01	04	04	-	09
TOTAL		01	07	11	03	22
2.9. INDÚSTRIA DE ALIMENTOS E BEBIDAS						
32	Padeiro	06	14	09	02	31
33	Moleiro	-	-	01	-	01
34	Destilador	-	-	01	-	01
TOTAL		06	14	11	02	33
2.10. INDÚSTRIA GRÁFICA						
35	Paginador de Jornal	-	-	01	-	01
36	Linotipista	-	02	-	-	02
37	Litográfico	01	-	-	-	01
38	Gráfico	01	01	01	01	04
39	Tipógrafo	01	03	02	01	07
40	Serigráfico	-	-	-	01	01
41	Encadernador	-	-	-	01	01
TOTAL		03	06	04	04	17
2.11. INDÚSTRIA QUÍMICA						
42	Operador Químico	-	-	-	01	01
TOTAL		-	-	-	01	01
2.12. INDÚSTRIA DO COURO						
43	Curtidor de Couros	01	-	-	-	01
44	Seleiro	01	-	-	-	01
TOTAL		02	-	-	-	02

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

Na *indústria metalúrgica* constam 22 nordestinos, distribuídos em 07 atividades distintas. O maior percentual nesse setor situa-se entre 1966-1970, com 11 trabalhadores (50%). (Quadro 14) No setor da *indústria de alimentos e bebidas*, constam 33. A profissão de padeiro possui o maior número de trabalhadores, 31 ao todo. Foi identificado nas profissões de moleiro e destilador, apenas um nordestino respectivamente. Na *indústria gráfica* foram identificados 17 nordestinos, distribuídos em sete tipos de atividades. As atividades com menor número são o da indústria do couro com 02, e a indústria química, com apenas 01 trabalhador. (Quadro 14)

Quadro 15. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor secundário, separados por quinquênios (c).

2.13. CONSTRUÇÃO CIVIL		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
45	Azulejista	-	-	-	01	01
46	Ladrilheiro	-	01	-	-	01
47	Ajudante de Pedreiro	-	-	-	01	01
48	Construtor civil	01	03	04	-	08
49	Mestre de Obras	03	01	01	-	05
50	Pedreiro	68	59	62	44	233
51	Servente de Pedreiro	16	58	58	30	162
52	Vidraceiro	-	-	01	-	01
53	Encanador	02	07	10	05	24
TOTAL		90	129	136	81	436

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

Um setor que se destaca pelo grande número de trabalhadores é o da *construção civil*. Este se expandiu rapidamente devido ao grande crescimento urbano de Maringá. Entre as nove profissões registradas, a de pedreiro registra o maior número de trabalhadores, com 233, seguida da atividade de servente de pedreiro, com 162. Já na década de 1950, constava um elevado número de nordestinos nesse setor, 90 ao todo (20,6%). Entre 1961-1965 esse número aumentou para 129 (29,5%); entre 1966-1970 foi mantida esta mesma tendência, com 136 (31,1%), e entre 1971-1972, mesmo com um decréscimo, esse número ainda se manteve elevado com 81 trabalhadores ou (18,%) (Quadro 15)

Quadro 16. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor secundário, separados por quinquênios (d).

2.14. TRANSFORMAÇÃO	INDÚSTRIAS DE	1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
54	Ajudante de Montador	-	01	01	-	02
55	Ajudante Geral	-	04	01	-	05
56	Ajustador	-	01	-	-	01
57	Arrumador	-	-	02	-	02
58	Artífice	-	01	-	-	01
59	Auxiliar de Fábrica	-	-	-	01	01
60	Auxiliar de Máquina	-	-	01	-	01
61	Chefe de Seção	-	-	01	-	01
62	Conferente	-	-	01	01	02
63	Graniteiro	-	-	02	-	02
64	Industriário	-	03	04	03	10
65	Montador	-	-	02	-	02
66	Operador de Máquina	-	01	-	-	01
67	Operário	194	131	192	71	588
68	Ourives	-	-	01	01	02
69	Pintor de Veículos	-	-	-	02	02
70	Polidor	-	-	01	02	03
71	Ressolador	01	-	-	-	01
72	Saqueiro	-	04	02	01	07
73	Trabalhador Volante	-	-	01	-	01
74	Vulcanizador	01	-	-	-	01
TOTAL		196	146	212	82	636
TOTAL SETOR SECUNDÁRIO		449	446	540	234	1669

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

A indústria de transformação concentra o maior número de profissões e de trabalhadores do setor secundário, com 636 nordestinos ao todo. Desse total, os operários são os que constam em maior número, 588 (35%), apresentando essa profissão números elevados desde 1956-1960. A maior concentração de trabalhadores nesse setor está situada entre 1966-1970, correspondendo a (33%) do total. Entre 1956-1960 o número de trabalhadores no setor secundário registrava 449 nordestinos (27%); entre 1961-1965 houve uma pequena queda para 446 (26,7%). Já o maior pico foi verificado entre 1966-1970 com 540 trabalhadores (32,3%) e o percentual mais baixo foi verificado entre 1971-1972 com 234 nordestinos (14%).

Essa disparidade em relação ao número maior de trabalhadores em atividades que exigiam menor qualificação formal, e outras que exigiam maior qualificação, levando em conta a experiência maringaense de uma cidade em expansão, pode ser justificada devido ao nível de necessidade de trabalhadores, que pode variar para mais ou para menos em determinados

tipos de atividades. Segundo Ribeiro, “*Há que se considerar também que a necessidade de profissionais é diferenciada no sentido que se requer um número maior de pedreiros do que eletricitas, por exemplo*”. (RIBEIRO, 2008, p.82). Desse modo, algumas das 14 categorias identificadas se destacam pelo maior número de trabalhadores, como por exemplo, a construção civil e a indústria de transformação, por se tratarem de atividades que demandam maior número de mão-de-obra. Outros setores com maior participação de migrantes nordestinos são o da indústria mecânica, moveleira e vestuário, mantendo estes setores números elevados de meados da década de 1950 até o final da década de 1960. Setores como o da indústria química, cerâmica e de beneficiamento do couro apresentam os menores números de trabalhadores.

Quadro 17. Quantidade de profissões por categorias de atividades e de trabalhadores nordestinos no setor secundário.

ATIVIDADES SECUNDÁRIAS		TOTAL DE PROFISSÕES	TOTAL DE TRABALHADORES	%
2.1	Autônomos/Industriais	01	03	0,1
2.2	Indústria Moveleira	02	127	7,5
2.3	Indústria Têxtil	05	20	1,2
2.4	Indústria do Vestuário	05	130	8,0
2.5	Indústria Mecânica	09	197	12,0
2.6	Eletricistas	02	37	2,2
2.7	Indústria Cerâmica	01	08	0,5
2.8	Metalúrgicos	07	22	1,3
2.9	Indústria de Alimentação	03	33	2,0
2.10	Indústria Gráfica	07	17	1,1
2.11	Indústria Química	01	01	0,0
2.12	Indústria do Couro	02	02	0,1
2.13	Construção Civil	09	436	26,0
2.14	Ind. de Transformação	20	636	38,0
TOTAL		74	1669	100,0

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

A constatação de 74 diferentes tipos de atividades relacionadas ao setor industrial, sendo grande parte delas registradas ainda entre 1956-1960, indica que parte desses nordestinos já veio para Maringá com experiência e habilidades específicas, adquiridas tanto na região de origem, ou em experiências migratórias anteriores.

No setor terciário está concentrado o maior número de nordestinos, tanto em relação ao total de trabalhadores, como ao total de profissões. Os

trabalhadores nesse setor correspondem a quase a metade do total de nordestinos identificados no arquivo eleitoral, 4.003, representando 47,3% do total. Com o desenvolvimento das funções urbanas, com a consolidação e ampliação das atividades comerciais, prestação de serviços, e com o início da industrialização, Maringá passou a coordenar as atividades de sustentação desempenhadas pela zona rural ao seu redor e a dinamizar todo o processo de desenvolvimento de sua área de influência, concentrando atividades relacionadas ao setor bancário, saúde, escriturários, etc. A preponderância do setor terciário em Maringá já havia sido identificada por Luz (1988) através dos dados dos Censos Demográficos do IBGE entre 1960-1980. No entanto, a diferença entre esses dois tipos de dados, referentes ao setor primário, secundário e terciário, consiste no detalhamento das profissões e na identificação dos grupos regionais que as ocupavam, possibilitados pelos títulos eleitorais e pelos documentos de isenção.

Todos os 4.003 nordestinos incluídos no setor terciário, estão distribuídos em 148 profissões e incluídos em 16 categorias de ocupação: (01) *diplomados e bacharéis*; (02) *setor administrativo*; (03) *setor da saúde*; (04) *setor de comunicações*; (05) *artes e atletas profissionais*; (06) *trabalhadores especializados*; (07) *setor financeiro*; (08) *serviços de escritório*; (09) *setor de serviços*; (10) *comércio e negócios*; (11) *atividades no comércio*; (12) *atividades religiosas*; (13) *servidores públicos e militares*; (14) *setor de transportes*; (15) *serviços de higiene pessoal*; (16) *serviços domésticos e alimentação*. Algumas dessas categorias se destacam pelo maior número de trabalhadores, e outras pela diversidade de atividades, no entanto, a importância deste quadro está na multiplicidade de ocupações nos quais os nordestinos desempenharam em Maringá.

Quadro 18. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios.

3. DIPLOMADOS/BACHARÉIS		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
01	Advogado	04	01	02	-	07
02	Cirurgião Dentista	-	02	01	02	05
03	Contador	03	01	02	-	06
04	Economista	-	-	-	01	01
05	Engenheiro Civil	01	-	-	02	03
06	Engenheiro Químico	-	-	01	01	02
07	Farmacêutico	03	01	-	-	04
08	Guarda Livros	01				01
09	Jornalista	01	-	02	01	04
10	Médico	06	02	01	02	11
11	Médico Veterinário	02	-	-	-	02
12	Professor	09	09	11	09	38
TOTAL		30	16	20	18	84

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

Entre os *profissionais liberais e ou bacharéis* foram identificados 84 nordestinos, distribuídos em 12 tipos de ocupações, incluindo advogados, médicos, professores, dentistas, engenheiro civil, contadores, entre outras profissões consideradas de maior prestígio social. Cabe notar que deste total, o maior número se concentra entre 1956-1960, com 30 nordestinos (36%). Esse percentual diminuiu para 16 (19%) entre 1961-1965; entre 1966-1970 houve um aumento para 20 (24%), e entre 1971-1972 caiu para 18 (21%). (Quadro 18)

Quadro 19. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (a).

3.1 SETOR ADMINISTRATIVO		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
13	Almoxarife	-	-	01	-	01
14	Auxiliar de Almoxarifado	01	-	-	-	01
15	Auxiliar de Escritório	09	03	13	06	31
16	Feitor	01	-	01	-	02
TOTAL		11	03	15	06	35
3.2 SETOR DA SAÚDE						
17	Auxiliar de Enfermagem	-	-	02	01	03
18	Enfermeiro	05	08	07	07	27
19	Parteira	-	-	02	-	02
TOTAL		05	08	11	08	32
3.3 SETOR DE COMUNICAÇÕES						
20	Fotógrafo	02	-	01	02	05
21	Publicitário	-	-	-	01	01
22	Radialista	-	01	03	-	04
TOTAL		02	01	04	03	10
3.4 ARTES E ATLETAS PROFISSIONAIS						
23	Artista	-	02	01	02	05
24	Artista Circense	-	-	01	-	01
25	Artista Plástico	-	-	01	-	01
26	Músico	02	01	01	-	04
27	Atleta profissional	-	-	01	-	01
TOTAL		02	03	05	02	12
3.5 ESPECIALIZADOS						
28	Agrimensor	-	-	01	-	01
29	Auxiliar de Topografia	-	-	-	02	02
30	Pesquisador Agrícola	-	01	-	-	01
TOTAL		-	01	01	02	04

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

No *setor administrativo* foram identificados 35 nordestinos, distribuídos em quatro profissões. Na atividade de auxiliar de escritório foi registrado o maior número de trabalhadores, 31 ao todo (88,5%). Entre 1956-1960, neste setor constavam 11 nordestinos (31,4%); entre 1961-1965 esse número reduziu para 03 (8,5%); entre 1966-1970, esse número se elevou para 15 (42,8%); e entre 1971-1972 o número de trabalhadores reduziu para 06 (17,4%). No *setor da saúde* constam 32 profissionais, distribuídos em três profissões distintas, sendo o maior número de trabalhadores identificados no setor de enfermagem, 27 ao todo (84,4%). Entre 1956-1960 foram identificados 05 nordestinos exercendo esta atividade, 05 (15,6%); entre 1961-1965 constam 08 (25%); entre 1966-1970 subiu para 11 (34,4%), e entre 1971-1972, houve um declínio para 08 profissionais (25%).

No *setor de comunicações* foram identificados 10 profissionais, distribuídos entre 04 radialistas, 05 fotógrafos e 01 publicitário. Em meados da década de 1950, dentre essas profissões constava apenas a de fotógrafo, com 02 nordestinos. No *setor de artes e atletas profissionais* constam 12 nordestinos, distribuídos em cinco diferentes ocupações, sendo aquelas com maior número, a de artista com 05 e a de músico com 04. Entre 1956-1960 constam 02 profissionais neste setor (16,7%); entre 1961-1965 constam 03 (25%); entre 1966-1970 o número subiu para 05 (41,6%); e entre 1971-1972 foram registrados 02 nordestinos (16,7%) do total. Entre os *trabalhadores especializados*, constam 04 nordestinos, distribuídos entre agrimensores, pesquisador agrícola e auxiliar de topografia, sendo 02 ou 50% dos profissionais desse setor registrados entre 1971-1972. (Quadro 19)

Quadro 20. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (b).

3.6 SETOR FINANCEIRO		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
31	Agente Financeiro	-	-	-	01	01
32	Bancário	20	11	03	04	38
33	Cambista	-	01	-	-	01
34	Cobrador	-	02	06	04	12
35	Auxiliar de Contabilidade	01	01	-	-	02
TOTAL		21	15	09	09	54
3.7 SERVIÇOS DE ESCRITÓRIO						
36	Auxiliar de Escriturário	-	-	02	-	02
37	Cartorário	-	01	01	-	02
38	Datilógrafo	-	-	01	01	02
39	Escriturário	08	09	18	04	39
TOTAL		08	10	22	05	45

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

O município de Maringá se destaca desde finais da década de 1940, pelo elevado número de estabelecimentos bancários. Na década de 1950 o município registrava 14 agências, e em 1960 esse número aumentou para 20. (LUZ, 1980, p.384). No *setor financeiro* foram identificados 54 nordestinos, distribuídos em 05 ocupações, sendo a de bancário com maior número, num total de 20 profissionais entre 1956-1960, (37%). Nos períodos seguintes houve um declínio de sua participação nesta categoria de atividade. Nos *serviços de escritório* constam 45 nordestinos, distribuídos em quatro profissões, sendo os escriturários os que constam em maior número,

com 39 trabalhadores, (86%) do total de profissionais neste ramo de atividade. O maior número de escriturários situa-se entre 1965-1970, no qual somam 22 nordestinos ou 48,8%. (Quadro 20)

Quadro 21. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (c).

3.8 SETOR DE SERVIÇOS		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
40	Aux. Classificador de Café	-	01	-	-	01
41	Auxiliar de Farmácia	01	01	01	02	05
42	Balanceteiro	-	01	-	-	01
43	Bibliotecária	-	01	-	-	01
44	Borracheiro	-	02	01	-	03
45	Cafeteiro	01	-	-	-	01
46	Carregador	-	02	-	-	02
47	Carroceiro	07	01	01	02	11
48	Cobrador de Ônibus	01	01	-	-	02
49	Cocheiro	-	01	-	01	02
50	Coletor	01	-	-	-	01
51	Copeira	-	-	-	02	02
52	Dedetizador	-	01	-	-	01
53	Descarregador	-	-	-	01	01
54	Desenhista	-	-	01	-	01
55	Detetive	-	-	02	-	01
56	Embalador	-	-	-	01	01
57	Ensacador	02	23	28	11	64
58	Entregador	-	06	02	01	09
59	Estivador	01	-	-	-	01
60	Fiscal	-	-	02	02	04
61	Frentista	01	03	06	02	12
62	Guarda	02	05	02	01	10
63	Guarda Campo	-	-	01	-	01
64	Guarda Noturno	02	01	01	02	06
65	Guarda Urbano	08	16	10	05	39
66	Jardineiro	-	05	03	02	10
67	Jornaleiro	-	01	-	01	02
68	Laboratorista	-	01	-	-	01
69	Leiteiro	-	-	01	-	01
70	Lustrador	-	-	01	-	01
71	Oficial de Farmácia	-	-	01	-	01
72	Ótico	01	01	-	-	02
73	Pintor	11	17	30	11	69
74	Poceiro	03	-	01	02	06
75	Porteiro	01	-	02	-	03
76	Recebedor de Café	-	-	01	-	01
77	Recepcionista	-	-	02	-	02
78	Relojoeiro	03	02	01	01	07
79	Secretária	-	02	04	01	07
80	Técnico	-	-	-	01	01
81	Telefonista	-	02	01	01	04
82	Vigilante	02	01	01	-	04
84	Zeladora	02	03	08	05	18
TOTAL		50	101	115	58	324

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

No *setor de serviços* foi identificada a maior variedade de profissões, 43 ao todo. Neste setor constam 324 nordestinos, sendo as profissões com maior número a de pintor com 69 trabalhadores, a de ensacador com 64, e a

de guarda urbano com 39. Essas três atividades juntas representam 53% do total na área de serviços. Entre 1956-1960, foram identificados 50 nordestinos (15,4%) no setor de serviços como um todo; entre 1961-1965 foram identificados 101 (31,1%); entre 1966-1970, esse número aumentou para 115 (35,4%); e entre 1971-1972, houve um decréscimo para 58 trabalhadores (18%). (Quadro 21)

Quadro 22. Categorias de atividades e profissões - nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (d).

3.9 AUTÔNOMOS COMÉRCIO/NEGÓCIOS		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
85	Autônomo	-	01	-	-	01
86	Hoteleiro	-	01	-	-	01
87	Comerciante	110	74	89	45	318
88	Corretor	01	03	08	03	15
89	Feirante	-	01	09	04	14
90	Proprietário	01	01	-	-	02
TOTAL		112	81	106	52	351
3.10 ATIVIDADES NO COMÉRCIO						
91	Balconista	18	26	42	18	104
92	Açougueiro	01	01	03	01	06
93	Caixa	-	-	02	01	03
94	Comerciário	123	71	72	21	287
95	Comércio	60	72	68	30	230
96	Representante Comercial	01	-	-	-	01
97	Vendedor	-	01	04	10	15
98	Vendedor Ambulante	-	01	-	02	03
99	Vendedor Pracista	01	-	-	-	01
100	Viajante Comercial	12	11	11	10	44
TOTAL		216	183	202	93	694

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

Na categoria de *autônomos*, na qual incluem proprietários no comércio ou negócios, constam 351 nordestinos, distribuídos em seis tipos de atividades. Os comerciantes constam em maior número, 318 ao todo, representando 90% do total de profissionais identificados neste setor. O maior número de comerciantes situa-se entre 1956-1960, com 110 nordestinos (31,3%). Entre 1956-1960 foram identificados 112 profissionais na categoria de autônomos (32%); entre 1961-1965, esse número reduziu para 81 (23%); entre 1966-1970 houve um aumento para 106 (30,2%); e entre 1971-1972 reduziu para 52 (14,8%).

Entre os nordestinos que exerciam atividades no *comércio*, foram identificados 694 trabalhadores, distribuídos em 10 atividades distintas. As profissões com maior número são comerciários, num total de 287 nordestinos, seguidas dos trabalhadores no comércio com 230, e a de balconista com 104. O maior percentual de trabalhadores das atividades no comércio em geral, está concentrado entre 1956-1960, com 216 (31%); entre 1961-1965, houve uma redução para 183 (26%); entre 1966-1970 subiu para 202 (29%), e declinando entre 1971-1972 para 93 nordestinos (14%). (Quadro 22)

Quadro 23. Categorias de atividades e profissões – migrantes empregados no setor terciário, separados por quinquênios (e).

3.11 ATIVIDADES RELIGIOSAS		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
101	Ministro Adventista	01	-	-	-	01
102	Ministro do Evangelho	01	-	01	-	02
103	Missionária	-	-	-	01	01
104	Orador	-	01	-	-	01
105	Pastor	-	-	01	03	04
106	Religiosa	-	-	19	05	24
107	Sacerdote	-	01	-	-	01
108	Seminarista	-	01	-	-	01
109	Evangelista	-	-	01	-	01
TOTAL		02	03	22	09	36
3.12 SERVIDORES PÚBLICOS/MILITARES						
110	Agente	-	01	-	-	01
111	Agente de Polícia	01	-	-	-	01
112	Bombeiro	01	01	03	-	05
113	Carteiro	-	-	-	02	02
114	Fiscal Polícia Federal	01	-	-	-	01
115	Funcionário Público Estadual	01	01	01	-	03
116	Funcionário Público Federal	01	02	-	-	03
117	Funcionário Público Municipal	13	03	05	05	26
118	Oficial de Justiça	02	-	-	-	02
119	Policia Federal	01	-	-	-	01
120	Policia Militar	04	05	01	02	12
121	Servidor Administração	01	-	-	-	01
122	Servidor da Justiça	01	-	-	-	01
TOTAL		27	13	10	09	59

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

No exercício de *atividades religiosas* constam 36 nordestinos, distribuídos em 09 ocupações, tais como oradores, pastores, sacerdotes, seminaristas, evangelistas, entre outros. Nesse ramo de atividade, as mulheres constam em maior número, com um total de 24 religiosas (67%), estando concentradas em maior número entre 1966-1970. Entre os

servidores públicos e militares constam 59 nordestinos, distribuídos em 13 diferentes ocupações, tais como funcionários públicos municipais, bombeiros, policiais militares e oficiais de justiça. O maior número de trabalhadores nesse setor está concentrado entre 1956-1960, com um total de 27 (46%). Entre 1961-1965 o número de nordestinos diminuiu para 13 (22%); entre 1966-1970 foram identificados 10 (17%) e entre 1971-1972 constam 09 nordestinos (15%). (Quadro 23)

Quadro 24. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (f).

3.13 SETOR DE TRANSPORTES		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	Total
123	Aeroviário	02	01	01	-	04
124	Ajudante de Motorista	01	-	-	-	01
125	Auxiliar de Maquinista	-	01	-	-	01
126	Carreteiro	-	-	-	01	01
127	Ferroviário	05	01	01	03	10
128	Foguista	03	03	01	-	07
129	Guarda Freios	01	-	-	01	02
130	Maquinista	02	06	04	02	14
131	Marinheiro	-	-	-	01	01
132	Motorista	90	89	82	40	301
TOTAL		104	101	89	48	342
3.14 SERVIÇOS HIGIENE PESSOAL						
133	Barbeiro	13	14	14	02	43
134	Cabeleireira	-	-	03	01	04
135	Engraxate	-	-	01	-	01
TOTAL		13	14	18	03	48

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

O *setor de transporte* desponta entre os ramos de atividade com maior número de nordestinos empregados no setor terciário. Ao todo constam 342 trabalhadores, distribuídos em 10 categorias de ocupação, como carreteiros, ferroviários, aeroviários, entre outros. Os motoristas constam em maior número, 301 ao todo. O maior percentual de nordestinos no setor de transportes situa-se entre 1956-1960, com 104 (30,5%); entre 1961-1965 foram identificados 101 (29,5%); entre 1966-1970, foram identificados 89 (26%), e entre 1971-1972 foram identificados 48 trabalhadores (14%). No setor de *higiene pessoal*, constam 48 nordestinos, distribuídos entre cabeleireiras, engraxates e barbeiros, concentrando este último o maior

número de trabalhadores, 43 ao todo, apresentando essa atividade números estáveis entre 1956 e 1970, declinando entre 1971-1972. (Quadro 24)

Quadro 25. Categorias de atividades e profissões – nordestinos empregados no setor terciário, separados por quinquênios (g).

3.15 SERVIÇOS DOMÉSTICOS E ALIMENTAÇÃO		1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	TOTAL
136	Arrumadeira	-	01	-	-	01
137	Cafeteiro	01	-	-	-	01
138	Copeira	-	-	-	02	02
139	Cozinheiro	03	-	05	04	12
140	Doceiro	-	-	01	-	01
141	Doméstica*	231	330	890	382	1833
142	Empregada	-	-	-	01	01
143	Garçom	02	05	05	03	15
144	Lavadeira	-	-	-	01	01
145	Passadeira	-	-	01	-	01
146	Pasteleiro	-	-	01	-	01
147	Confeiteiro	-	02	01	-	03
148	Sorveteiro	-	-	01	-	01
TOTAL		237	338	905	393	1873
TOTAL SETOR TERCIÁRIO		840	892	1551	720	4003

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

* Foi incluída no setor terciário a ocupação de doméstica, devido à impossibilidade de diferenciar entre aquelas que prestam serviços como assalariadas, daquelas que se dedicam aos afazeres domésticos.

As atividades relacionadas aos *serviços domésticos e alimentação* concentram os maiores números de nordestinos, correspondendo a 47% do total de trabalhadores identificados em todo setor terciário. Entre as 13 ocupações identificadas constam arrumadeiras, garçons, confeiteiros, cozinheiros, lavadeiras, dentre outras. A profissão de doméstica é a que possui mais trabalhadores, 1833 ao todo. Sua maior incidência se dá entre 1966-1970, com um total de 890 nordestinas, ou 47,5% do total do setor de serviços domésticos e alimentação. (Quadro 25)

A identificação de nordestinos em várias atividades do setor terciário desde meados da década de 1950, correspondendo sua participação nesse período a 21%, mostra a sua importância na formação e consolidação do ramo de serviços maringaenses, num período em que profissionais qualificados ainda eram escassos, por se tratar de uma zona de fronteira de expansão pela agricultura. A diversidade de ocupações nesse setor, 74 ao

todo, ocupadas pelos nordestinos, mostra que uma frente de colonização atrai profissionais de todas as categorias, independente da região de origem.

Para melhor visualização do percentual dos nordestinos no setor terciário, segue o quadro abaixo com o número de profissões em cada uma dessas 16 categorias de atividades, com o total de trabalhadores em cada um dos setores, e o respectivo percentual. (Quadro 26)

Quadro 26. Quantidade de profissões por categorias de atividades e de trabalhadores nordestinos no setor terciário.

ATIVIDADES TERCIÁRIAS		Número de profissões	Quantidade de trabalhadores	%
3.1	Bacharéis/Profissionais Liberais	12	84	2,0
3.2	Atividades Administrativas	04	35	0,9
3.3	Atividades no setor da Saúde	03	32	0,8
3.4	Setor de Comunicações	03	10	0,2
3.5	Artes/Atletas Profissionais	05	12	0,2
3.6	Especializados	03	04	0,0
3.7	Setor Financeiro	05	54	1,3
3.8	Serviços de Escritório	04	45	1,1
3.9	Setor de Serviços	43	324	8,1
3.10	Autônomos Comércio/Negócios	06	351	9,0
3.11	Atividades no Comércio	10	694	17,4
3.12	Atividades Religiosas	09	36	0,8
3.13	Servidores Públicos/Militares	13	59	1,4
3.14	Setor de Transporte	10	342	8,6
3.15	Serviços de Higiene Pessoal	03	48	1,2
3.16	Serviços Domésticos/Alimentação	13	1873	47,0
TOTAL		146	4003	100,0

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

Além dos profissionais desses três setores produtivos, entre os dados coletados nos títulos eleitorais também foram identificados àqueles que não se incluem nessas classificações, por não estarem inseridos como população economicamente ativa no mercado de trabalho, como os estudantes, aposentados e as mulheres que se dedicam apenas aos afazeres do lar.

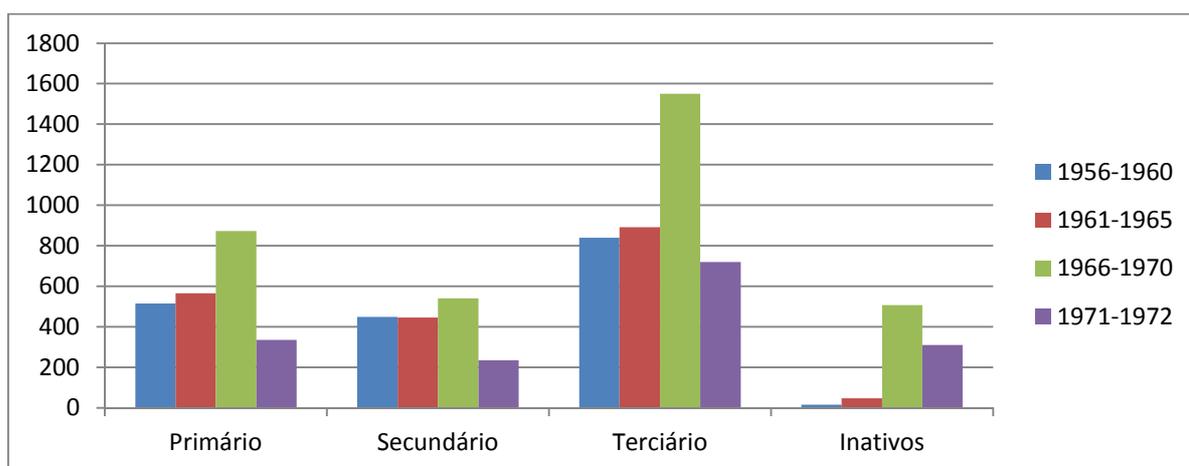
Quadro 27. Categorias de inativos, profissões indefinidas e não consta, separados por quinquênios.

INATIVOS	1956-1960	1961-1965	1966-1970	1971-1972	TOTAL
Aposentado	01	-	-	01	02
Do Lar	09	16	47	277	348
Estudante	06	31	60	32	129
TOTAL	16	47	107	310	480
Profissões Indefinidas					05
Não Consta					35
TOTAL					40

Fonte: Títulos Eleitorais e documentos de isenção eleitoral de Maringá - 1956-1972 - GPH/PMM.

Os inativos representam 6% do total de nordestinos levantados nesta pesquisa. Desse total, as mulheres que se declaram do lar constam em maior número, 348 ao todo. Na categoria do lar, as mulheres aparecem majoritariamente entre 1971-1972, num total de 278 nordestinas, ou 58% do total de inativos. Entre as profissões não identificadas e em branco, constam 05 para o primeiro e 35 para o segundo, correspondendo esses dois itens apenas 0,4% do total de nordestinos identificados nos títulos eleitorais entre 1956-1972. (Quadro 27) O percentual total correspondente à categoria de inativos, profissões indefinidas e em branco, situa em 6,1% do número de migrantes levantados nos títulos eleitorais, sendo 5,7% em relação ao primeiro e 0,4% em relação ao segundo.

Gráfico 03. Distribuição dos nordestinos por setores de atividades e períodos.



Fonte: Títulos Eleitorais e Documentos de Isenção Eleitoral de Maringá - 1956-1972. GPH/PMM

Os dados identificados nos títulos eleitorais e documentos de isenção, de um modo geral, apresentam uma participação dos nordestinos muito

maiores do que aquela trazida por historiadores, geógrafos, assim como memorialistas, jornalistas, etc., dentre outros que discorreram sobre a colonização do Norte do Paraná e do município de Maringá, o que mostra uma participação vital no desenvolvimento e consolidação de vários setores de atividades dessa região. Eles também reforçam outro aspecto, o de que muitos desses nordestinos possuíam qualificação profissional, vindo a exercer atividades em vários setores que demandavam profissionais especializados nas primeiras décadas da colonização de Maringá. A identificação de mais de duzentos tipos de atividades desempenhadas, refuta a imagem recorrente do nordestino apenas como mão de obra rural, braçal e flutuante.

3.3. Deslocamentos internos no Brasil

Nas duplicatas dos títulos eleitorais, também estão presentes as transferências de domicílio realizadas pelos nordestinos. Neste caso, a periodização referente aos reemigrados ultrapassa o limite cronológico até agora definido (1956-1972), pois são registradas transferências até o ano de 1986, último ano de vigência do nono modelo de título eleitoral⁸⁷. Além do número de nordestinos que reemigraram, é possível verificar os períodos referentes ao deslocamento, às profissões e setores de atividades em que houve maior saída de mão de obra, e quais os municípios e estados do novo domicílio eleitoral destes reemigrados. Nesta pesquisa, investigamos apenas os estados, com exceção do Paraná, onde procuramos localizar os municípios para os quais houve reemigrados.

O posterior deslocamento desses nordestinos que haviam se estabelecido no município de Maringá, atraídos anteriormente pela frente de expansão agrícola aberta em direção ao Norte do Paraná, está relacionado em grande medida ao esgotamento da expansão agrícola dessa área. Todavia, outros fatores estruturais, como mudanças nos setores produtivos, pressões demográficas, diversificação espacial das oportunidades de

⁸⁷ Não constam transferências entre os migrantes nordestinos que constam como isentos no arquivo eleitoral do GPH/PMM.

emprego, também devem ser mensurados ao analisar esse posterior movimento populacional⁸⁸. Em algumas cidades do Norte do Paraná, principalmente na mesorregião Norte-Central, houve uma maior diversificação e modernização dos seus setores produtivos, e se tornaram polos especializados em determinados setores de atividades como a agroindústria, setor de serviços, confecção, indústria de móveis, dentre outros. (IPARDES, 2004, p.16) Entretanto, esse processo não atingiu igualmente todos os municípios do Norte do Estado, havendo, muitos que perderam parte de seus habitantes. No caso da microrregião Norte Novo de Maringá,

Os municípios localizados no principal eixo rodoviário da microrregião (BR - 376) - que também são os mais antigos e industrializados - atraíram maior número de migrantes. Já aqueles que estão mais afastados da rodovia principal, e que experimentaram com mais intensidade o processo de substituição das lavouras e da mecanização, não tem atraído mas sim perdido população rural em maior proporção que as demais. Como por exemplo podemos citar os municípios de Ivatuba, Floresta e Itambé.

[...] Assim, municípios como Mandaguaçu, Ourizona, Atalaia e Uniflor, além de não mais atraírem a população trabalhadora do campo e não terem em suas sedes uma infraestrutura comercial e industrial que ofereça oportunidades de emprego, estão perdendo grande parte de sua população, tanto rural como urbana. Esta se dirige para os grandes centros urbanos ou se desloca para outros Estados da Federação. (LUZ, 1980, p. 199)

Esse mesmo processo ocasionou grandes problemas sociais e nas relações de trabalho no setor agrícola, levando a concentração fundiária, aumento do subemprego, e um aumento no processo migratório.

⁸⁸ Nesta análise, a atribuição para esse posterior deslocamento dos nordestinos, a partir da busca de emprego e reordenação dos setores produtivos no Norte do Paraná, se deu devido à dificuldade em estabelecer outras conexões somente a partir dos dados quantitativos. Para tal exercício, é necessário o cruzamento com outros tipos de dados nos locais de destino. Mesmo com essa dificuldade, não podemos perder de vista outros fatores de igual relevância nas decisões de migrar, tais como as relações de parentesco e amizade para o estabelecimento em uma nova região, proximidade, transferências de trabalho, matrimônio, saúde, educação dos filhos, etc. A importância dos laços de parentesco no estabelecimento desses nordestinos em Maringá, já foi verificada nos dois primeiros capítulos desta dissertação.

Os efeitos da cultura do soja sobre a urbanização e a industrialização paranaenses foram enormes. A intensiva mecanização do cultivo e colheita do produto levou à dispensa de um número enorme de trabalhadores rurais. Mesmo aqueles que eram pequenos ou médios proprietários enfrentavam grandes dificuldades para manter suas fazendas, se não conseguissem operar a transição das culturas tradicionais para a nova vedete agrícola: o soja. Ocorre que, tanto pela escala da produção quanto pelas dificuldades de acesso aos financiamentos, a adoção do plantio do soja só podia ser uma realidade para uma minoria de plantadores. O resultado foi a expansão do número de desempregados na área rural. Estes se dirigiram para as novas fronteiras agrícolas, ou se integraram ao contingente de despossuídos que engrossavam as favelas e cortiços das cidades paranaenses ou de outros estados. Não é por acaso que a população urbana paranaense finalmente ultrapassa a rural ao fim dos anos 70. (OLIVEIRA, 2001, p.36)

Em relação ao movimento de reemigração desses nordestinos, foram identificados fluxos migratórios inter-regionais e intra-regionais. A própria migração dos nordestinos para Maringá, já se configura num movimento inter-regional, pelo fato de terem se deslocado da região Nordeste e se estabelecerem no Sul do país. No entanto, considerando o movimento de reemigração desses nordestinos para outras regiões do país, novamente essa definição pode ser utilizada para elucidar mais esta etapa migratória, e situá-la em relação ao movimento ocorrido em nível estadual e nacional, através da identificação de quais as regiões que se constituíram como os principais destinos desses migrantes⁸⁹.

⁸⁹ As definições referentes aos movimentos intra-regionais e inter-regionais seguiram o modelo proposto por Milton da Mata, et al, 1973, para os dados dos Censos Demográficos de 1950 e 1970. Para o primeiro, os autores atribuem duas definições: “De acordo com o primeiro conceito, uma pessoa será considerada migrante intra-regional desde que, não residindo no *Município de nascimento* à data do censo, tenha nascido na região onde foi recenseada; pelo segundo conceito, a inclusão se dá sempre que o *Município anterior de residência* se situe na região de domicílio do censo”. (MATA et al, 1983, p.47). Esse segundo conceito é o utilizado em nossa pesquisa, pois indica o movimento realizado tendo como base o município anterior de residência, no caso analisado, a saída de Maringá para outros municípios do Paraná. Como migração inter-regional, segundo a definição dos autores, é entendida como: “Sempre que uma pessoa tiver saído da região de nascimento e feito ao menos um movimento dentro da região de destino, será considerada migrante intra-regional por este segundo conceito e inter-regional pelo primeiro. Quando este deslocamento posterior envolver uma nova mudança de região, haverá coincidência na classificação como migrante inter-regional, mas ainda assim haverá diferença nos quadros de origem e destino.

Quadro 28. Quantidade e percentual de nordestinos em Maringá que reemigraram para outras regiões.

Total de migrantes nordestinos	Remigrados	Total de homens	Total de mulheres
7.888	2.460	1.856	604
%	31%	75,5%	24,5%

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá - 1956-1972 – GPH/PMM.

De um total de 7.888 nordestinos identificados nos títulos eleitorais, 2.460 reemigraram para outros municípios no próprio Estado do Paraná, e para outras unidades da Federação. O percentual de reemigrados representa 31,1% do total. Desse montante, verifica-se um número bastante superior no deslocamento de homens em comparação com as mulheres. Ao todo, somam 1.856 homens (75,5%) e 604 mulheres (24,5%). (Quadro 28)

Quadro 29. Tempo médio de permanência dos migrantes nordestinos que se deslocaram para outras regiões.

Tempo de Permanência em Maringá (anos)	Total de remigrados por tempo de permanência	%
01-05	976	40,0%
06-10	744	30,4%
11-15	472	19,3%
16-20	193	8,0%
21-25	39	1,5%
26-30	21	0,8%
Total	2445*	99,3%
Média	8,06 anos	

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

* De um total de 2460 remigrados, 15 não constam a data de transferência.

Os dados eleitorais não dispõem de informações a respeito da data de chegada desses migrantes para Maringá. No entanto, considerando o tempo mínimo para solicitar a transferência do título eleitoral, um ano após o alistamento, e sendo necessário mais três meses de comprovação no novo município de domicílio, através do confronto entre a data de emissão do título de eleitor e a data de transferência entre os eleitores reemigrados, foi possível estabelecer o tempo médio de residência no município de Maringá. (Quadro 29)

(MATA, et all, 1973, p. 62). Neste caso, a definição de migração inter-regional nesta pesquisa, considera a saída de Maringá para outras regiões do país.

O tempo de permanência desses nordestinos que cumpriram mais uma etapa migratória, após terem se estabelecido em Maringá se situa entre 01 e 30 anos. Considerando a quantidade de reemigrados em relação à quantidade de anos, a média de permanência nesse município, consiste em 8,06 anos, levando em conta o tempo mínimo para solicitar transferência ao novo domicílio eleitoral.

Os maiores números de transferências ocorreram entre um e cinco anos após o alistamento eleitoral, constando nesse período 976 reemigrados (40%). Os nordestinos que reemigraram entre seis e dez anos após se alistarem como eleitores em Maringá somam 744 (30,4%). Os que se deslocaram entre 11-15 anos após se alistarem como eleitores em Maringá correspondem a 472, (19,3%). Já os que reemigraram após 16-20 anos de alistamento, consistem em 193 (8% do total). Os que reemigraram entre 21-30 anos de permanência em Maringá correspondem a um pequeno montante, apenas 60 (2,3% do total). A partir dessas análises foi possível verificar que os deslocamentos ocorridos nos dez primeiros anos após o alistamento eleitoral, correspondem aos maiores volumes de reemigrados. Nesse intervalo de 01 a 10 anos, reemigraram 1.720 nordestinos (70,4%). Já os deslocamentos realizados num período de residência maior, entre onze e trinta anos, correspondem a 725 (29,6%).

Entre os reemigrados, constam deslocamentos para todas as regiões do país, e para quase dos todos os estados da federação. No entanto, alguns estados receberam um aporte maior. Esses dados revelam tendências migratórias mais amplas e também esclarecem assertivas postuladas sobre o movimento para determinadas regiões. A principal delas é a de que com o esgotamento da frente paranaense, teria ocorrido um deslocamento massivo para as regiões Centro-Oeste e Norte cuja colonização se insere em projetos de integração econômica nacional.

A região Sul representa o principal local de destino dos reemigrados, com um aporte de 1386 nordestinos (56,3%). (Quadro 30)

Quadro 30. Reemigrados para os estados da região Sul entre finais de 1950 e 1980.

REGIÃO SUL	1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total
Paraná	99	447	592	227	07	1372
Rio Grande do Sul	01	01	05	02	-	09
Santa Catarina	-	02	03	-	-	05
TOTAL	100	450	600	229	07	1386
%	4,0	18,3	24,3	9,3	0,3	56,3

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Apenas o movimento realizado para o Estado do Paraná, representa mais da metade dos reemigrados como um todo, registrando um total de 1.372 nordestinos que realizaram transferências de domicílio eleitoral (56%). Ao tomar como base apenas o local de domicílio anterior, o Estado do Paraná na década de 1970, concentrou o maior índice de movimento migratório intra-regional do país.

[...] O Paraná recebeu nas últimas décadas um considerável influxo de migrantes, sendo que um grande número deles não se fixou na primeira residência, o que leva à inclusão nos movimentos intra-regionais pelo conceito de residência anterior (segundo); pelo conceito de lugar de nascimento (primeiro) são contados como inter-regionais, motivando a desigualdade. Pelo primeiro conceito os movimentos intra-regionais atingem a 20% da população, resultado idêntico à média do País; atingem a 35%, no entanto, pelo segundo conceito, constituindo-se no maior índice de mobilidade intra-regional [...] sugerindo uma paulatina saturação das áreas ocupadas. (MATA, et all, 1973, p. 51-52)

Em comparação com os outros dois estados do Sul, o movimento de reemigração ocorrido no próprio Paraná, situa em 99%. Para o Rio Grande do Sul consta o deslocamento de 09 nordestinos e para Santa Catarina, 05. O percentual destes dois estados corresponde a 1%. Em finais da década de 1950, se deslocaram no interior da região Sul 100 nordestinos (4%). Na década de 1960, houve um aumento para 450 (18,3%). A década de 1970 registrou o maior número de reemigrados, 600 ao todo (24,3%). Na década de 1980, esse número diminuiu para 229 (9,3%). (Quadro 30)

Quadro 31. Reemigrados para os estados da região Sudeste entre finais de 1950 e 1980.

REGIÃO SUDESTE	1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total
Espírito Santo	-	02	02	-	-	04
Minas Gerais	03	01	08	06	01	19
Rio de Janeiro	-	13	06	03	01	23
São Paulo	33	164	434	146	03	780
TOTAL	36	180	450	155	05	826
%	1,5	7,3	18,3	6,3	0,2	33,6

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

A região Sudeste registra a segundo maior quantidade de reemigrados, constando ao todo 826 nordestinos (33,6%). O Estado de São Paulo representa o principal local de destino no Sudeste, com um total de 780 (94,4%). Para o Estado do Espírito Santo reemigraram 04, para Minas Gerais 19 e para o Rio de Janeiro 23. Na década de 1950 se deslocaram para o Sudeste 36 nordestinos, (1,5%)⁹⁰; na década de 1960 se deslocaram 180 (7,3%); a década de 1970 registra o maior saldo para os estados dessa região, 450 ao todo (18,3%). Na década de 1980 esse número diminuiu para 155 (6,3%).

Quadro 32. Reemigrados para os estados da região Norte entre finais de 1950 e 1980.

REGIÃO NORTE	1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total
Amazonas	-	-	01	01	-	02
Acre	-	-	04	-	-	04
Pará	-	-	02	-	-	02
Rondônia	-	-	-	03	-	03
TOTAL	-	-	07	04	-	11
%	-	-	0,4	0,1	-	0,5

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

*Não constam reemigrados para os estados do Amapá, Roraima e Tocantins.

A região Norte é a menor como destino dos nordestinos, constando apenas 11 transferências para os estados que a compõem, representando (0,4%) do total de reemigrados. Para essa região constam deslocamentos apenas a partir da década de 1970, sendo 01 para o Estado do Amazonas,

⁹⁰ Esse percentual é referente aos deslocamentos como um todo, e não a apenas referente a região Sudeste.

04 para o Acre e 02 para o Pará. Na década de 1980 consta um reemigrado para o Amazonas e 03 para Rondônia. (Quadro 32)

Quadro 33. Reemigrados para os estados da região Centro-Oeste entre finais de 1950 e 1980.

REGIÃO CENTRO-OESTE	1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total
Distrito Federal	01	12	04	02	-	19
Goiás	-	01	11	02	-	14
Mato Grosso	-	01	13	05	01	20
Mato Grosso do Sul	-	-	05	05	-	10
TOTAL	01	14	33	14	01	63
%	0,0	0,6	1,4	0,6	0,0	2,6

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Para os estados do Centro-Oeste se deslocaram ao todo 63 nordestinos (2,6%) do total de reemigrados. Desse total, 19 foram para o Distrito Federal, 14 para o Estado de Goiás, e 20 para o Mato Grosso. Para o Estado do Mato Grosso do Sul, constam 10 nordestinos. Na década de 1950, houve apenas uma transferência, para o Distrito Federal. Na década de 1960 o número de transferidos para essa região subiu para 14 (0,6%). A década de 1970 registra o maior número de reemigrados, 33 ao todo (1,4%). Em 1980 esse número reduziu para 14 (0,6%).

Quadro 34. Reemigrados para os estados da região Nordeste entre finais de 1950 e 1980.

REGIÃO NORDESTE	1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total
Alagoas	-	05	03	01	-	09
Bahia	02	21	23	02	01	49
Ceará	-	06	13	02	-	21
Maranhão	-	-	01	-	-	01
Paraíba	-	01	05	01	-	07
Pernambuco	04	13	12	04	-	33
Piauí	-	01	02	02	-	05
Rio Grande do Norte	-	01	04	01	01	07
Sergipe	-	-	03	01	-	04
TOTAL	06	48	66	14	02	136
%	0,2	2,0	2,8	0,5	0,0	5,5

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Para a região Nordeste retornaram 136 indivíduos, representando esse total (5,5%). Entre os estados dessa região com o maior volume de reemigrados são: o Estado da Bahia com 49; Pernambuco com 33 e Ceará

com 21. Para o Estado do Alagoas se deslocaram 09, e para os estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, 07 respectivamente. Para o Piauí reemigraram 05, Sergipe 04, e Maranhão apenas 01. Em finais da década de 1950, retornaram para apenas 06, representando 0,2% dos que transferiram seu domicílio eleitoral para a região Nordeste. Na década de 1960, houve um aumento significativo para 48 (2%). Na década de 1970, houve o maior número de reemigrados, 66 ao todo, (2,8%). Na década de 1980, diminuiu para 14, (0,5%).

Com o agrupamento dos dados sobre as transferências de domicílios eleitorais, foi possível ter uma dimensão espacial do movimento realizado pelos nordestinos que deixaram o município de Maringá. Além do mais foi possível verificar proporcionalmente, o aumento e diminuição nos deslocamentos por períodos, em direção a cada uma das regiões do país. (Quadro 35)

Quadro 35. Deslocamento de nordestinos de Maringá, separados por regiões e década.

Região	Décadas										
	1950	%	1960	%	1970	%	1980	%	Sem data	Total	%
Norte	-	-	-	-	07	0,6	04	0,9	-	11	0,5
Nordeste	06	4,1	48	6,8	66	5,6	14	3,3	02	136	5,5
Sudeste	36	25,0	180	26,0	450	38,4	155	37,7	05	826	33,6
Sul	100	69,5	450	64,0	600	50,8	229	53,2	07	1386	56,3
Centro-Oeste	01	0,7	14	2,0	33	2,8	14	3,3	01	63	2,6
Sem Especif.	01	0,7	09	1,2	21	1,8	07	1,7	-	38	1,5
TOTAL	144	100	701	100	1177	100	423	100	15	2460	100
%	5,8	-	28,4	-	48,0	-	17,2	-	0,6	-	-

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

O final da década de 1950 apresentou o menor percentual de reemigrados como um todo (5,8%). Nesse período, a região Sul apresentou seu maior percentual, em relação ao movimento em direção às demais regiões, 69,5%. No entanto, na década de 1960, esta mesma região, apesar de englobar a maioria absoluta de reemigrados, houve uma pequena queda

em sua participação, para 64%, pois houve um aumento nos deslocamentos para as regiões Nordeste e Centro-Oeste, saltando o percentual de reemigrados para o Nordeste de 4,1% em finais da década de 1950, e para 6,8% na década de 1960. A participação do Centro-Oeste nesse período aumentou de 0,7% na década de 1950, para 2% na década de 1960.

Na década de 1970, mesmo que a região Sul tenha concentrado os maiores volumes de reemigrados, sua participação como local de destino diminuiu para 50,8% havendo, no entanto, um aumento dos reemigrados em direção ao Sudeste. Em finais da década de 1950, o percentual a essa região representava 25%, e 26% na década de 1960. Na década de 1970, sua participação aumentou para 38,4%. Nessa mesma década, constam pela primeira vez, reemigrados para a região Norte, representando seu volume 0,6%.

Na década de 1980, houve uma diminuição no número de reemigrados, no entanto, a região Sul permaneceu como o principal local de destino, representando 53,2% do total. O percentual para o Sudeste diminuiu para 37,7%, e a queda mais acentuada se deu em relação em direção ao Nordeste, para 3,3%. Já, para a região Norte aumentou para 0,9%, e para o Centro-Oeste aumentou para 3,3%.

Em síntese, o movimento inter-regional, ou seja, o deslocamento para outras regiões do país - exceto a região Sul - realizados pelos migrantes nordestinos foi menor que o movimento intra-regional. Para as regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste se deslocaram 1.036 nordestinos (42,1%). Já a região Sudeste se apresenta como o principal local de destino.

No entanto, o movimento intra-regional representado pela reemigração desses nordestinos no interior do Estado do Paraná, acumula um total de 1.372 (56%), ou seja, um percentual bem maior do que a soma das demais regiões juntas. Esse dado sugere a busca de novas possibilidades na região de destino, sendo essa uma opção mais viável seja pela proximidade, transporte, relações de parentesco, emprego, do que buscar outros estados e/ou retornar para a região de origem.

Figura 02: Nordestinos reemigrados – percentuais por região.



Fonte: Mapa - IBGE, 2001. Dados dos Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

A partir desses dados foi relacionado o movimento de reemigração com as dinâmicas ocorridas em âmbito nacional. O Estado de São Paulo, o segundo em importância como destino dos nordestinos reemigrados, na década de 1950 constituía como o principal centro industrial do país. Com de fortes investimentos na indústria pelo governo federal na região Sudeste, esse Estado isoladamente absorveu 57% dos novos empregos criados no período de 1950 a 1970, e passou a deter 58% da produção industrial do país, e 50% da participação no total do emprego industrial. (FILHO, et all, 1998, p.07). Desse modo, alguns fatores como a proximidade entre os dois estados, a facilidade de deslocamento e a grande oferta de emprego, também devem ser considerados no movimento de saída desses nordestinos, outrora residentes em Maringá, para o Estado de São Paulo.

Outro dado verificado foi migração de retorno de nordestinos para sua região de origem, principalmente a partir da década de 1960. Esse

movimento se situa em 5,5% do total, ou seja, um volume maior do que aquele verificado em direção aos estados do Centro-Oeste e do Norte do país. Atualmente, o movimento de retorno atinge números significativos em relação aos nordestinos no Sudeste, e se constitui num tema bastante explorado por pesquisadores que trabalham com a temática migratória⁹¹. O movimento identificado nos títulos eleitorais, coincide com os projetos de desenvolvimento industrial do Nordeste na década de 1970, em setores como química, metalurgia, minerais não-metálicos, papel e celulose, indústria têxtil⁹².

Os dados eleitorais, também trazem outra perspectiva em relação às tendências apresentadas por vários autores que discutem o tema migratório no Paraná. Com o declínio da expansão agrícola e com o processo de urbanização no Norte do Estado entre as décadas de 1960-1970, alguns pesquisadores afirmam que parte do volume de migrantes que se dirigiram a essa região, se deslocou para outras frentes de expansão, principalmente no Centro-Oeste.

Perseguindo a lenda do *ouro verde*, que ao longo dos tempos assinalou a epopeia dos pioneiros e desbravadores dos sertões – Vale do Paraíba, Oeste Paulista, Norte Paranaense -, um verdadeiro vergalhão de homens ocorreu, aos magotes, do sul para as matas amazônicas. [...] Uma “nova riqueza” passa a ser aventada para as tão propaladas manchas de terras agricultáveis da Amazônia: no *ouro verde* estava o mais importante estímulo capaz de levar agricultores de regiões tradicionalmente dedicadas às lavouras de café a ocupar produtivamente a nova fronteira agrícola”. (GUIMARÃES NETO, 1986, p.31)

⁹¹ Para maiores informações ver: BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? In: ANAIS ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, 2000. Caxambu, **Anais...** Caxambu: ABEP, 2000. P.01-44. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Brasil,%20Final%20de%20s%C3%A9culo%20-%20A%20Transi%C3%A7%C3%A3o%20Para%20Um....pdf>>. Acessado em 20/03/2014.

⁹² Para maiores detalhes consultar: OLIVEIRA, Kleber Fernandes de. JANUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, vol.19 n°.4. s/p. Out/Dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000400009>. Acessado em 22/03/2014.

Dentre os milhares de trabalhadores rurais que foram expulsos da região analisada, muitos foram aqueles que se deslocaram para o Mato Grosso em busca deste mesmo lugar imaginário, construído pela propaganda de outras companhias colonizadoras que vendiam a mesma “mercadoria”: a felicidade, a riqueza e a possibilidade de lá se ter uma vida melhor. (TOMAZI, 1997, p,310)

Nesse contexto, (1960-1970) o Centro-Oeste – principalmente com construção a de Brasília e a região Amazônica tornaram-se focos de iniciativas estatais de programas de desenvolvimento e de exploração, com o objetivo de promover a “interiorização econômica do país”. (RIBEIRO, 2008, p. 33) Isso motivou um intenso movimento migratório de populações oriundas de várias partes do país, para estas duas novas frentes.

De acordo com os dados levantados nos títulos eleitorais, as regiões Norte e Centro-Oeste foram locais de destino de uma pequena parcela desses nordestinos reemigrados, apenas 3,1% do total. A reemigração em direção ao Estado de São Paulo e a realizada no interior do Paraná, juntas, representam a maioria absoluta como local de destino com 87,4% do total. Contudo, mesmo que nossa análise se restrinja aos nordestinos, é possível considerar e estender seus resultados aos migrantes de outras regiões que aportaram em Maringá. A partir desses dados é possível afirmar, que anterior à migração para as novas frentes de expansão abertas a partir das décadas de 1960-1970, grande parte desses migrantes buscou se firmar em regiões mais próximas, que estavam num processo de reorganização de seus setores produtivos, antes de uma possível “marcha para o Oeste”.

A importância desses dados apresentados para a compreensão dos movimentos migratórios internos, consiste na possibilidade da utilização dos títulos eleitorais como fonte para a captação de deslocamentos em intervalos intercensitários. Por ser um material que estava em constante atualização devido às transferências de domicílios eleitorais, nele é possível acompanhar trajetórias de grupos migratórios específicos, a partir de uma série de dados qualitativos, tais como profissão, tempo de permanência no município. Desse modo, os deslocamentos ocorridos em períodos mais curtos podem ser mensurados e contrastados com outros tipos de informações ou

acontecimentos pontuais, tais como o surgimento de uma nova indústria, queda no emprego em determinado setor, a incidência na população de políticas públicas de desenvolvimento urbano, como por exemplo, a extinção de favelas e modernização de bairros populares⁹³.

Além do percentual de reemigrados para os estados e regiões do país, e os períodos de maior ou menor deslocamento, o movimento de reemigração identificado nos títulos eleitorais também revela aspectos referentes à mobilidade de mão de obra. Desse modo, é possível identificar as regiões para os quais os trabalhadores dos setores primários, secundários e terciários afluíram e, do mesmo modo, estabelecer relações com os sistemas produtivos de cada uma delas. No entanto, não só aspectos econômicos influenciam nas decisões de migrar. Esse movimento também implica em mudanças sociais, culturais, psicossociais.

A migração, desse modo, é um processo social inerente ao desenvolvimento do capitalismo, e a racionalidade envolvida na decisão de emigrar leva à uma decisão favorável à emigração, apesar dos custos sociais, econômicos, e psicossociais envolvidos. A migração, portanto, tende a ser, familiar e definitiva e é o caminho mais racional, economicamente, em direção a uma melhoria das condições de vida ou a uma mobilidade social. (BRITO, 2009, p.11)

Mesmo reconhecendo a importância das dimensões sociais inerentes ao processo migratório, ao analisar os dados referentes à reemigração dos nordestinos, foi dada uma maior ênfase a dimensão econômica, como por exemplo, a identificação dos setores de mão de obra que se deslocaram, relacionando com os setores produtivos das regiões de novo domicílio eleitoral. Ainda assim, as informações presentes nos títulos eleitorais permitem que se estabeleçam outros tipos de conexões e que sejam buscadas outras dimensões que escapam a esta análise.

⁹³ Em Maringá na década de 1980, com as políticas de erradicação de favelas e verticalização de alguns bairros, houve a migração da população desses bairros para municípios mais próximos, mas com menor custo de moradia, tais como Paçandu e Sarandi. Para mais detalhes, consultar: RODRIGUES, Ana Lúcia. **A pobreza mora ao lado: segregação socioespacial na região metropolitana de Maringá**. 2004, 257f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de estudos pós-graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2004.

Entre os reemigrados foi verificada uma forte tendência ao deslocamento de profissionais qualificados. Do mesmo modo, também foi verificado entre aqueles com pouca qualificação formal, como lavradores, operários, serventes de pedreiro, domésticas. No entanto, todos esses nordestinos possuíam em comum a experiência acumulada no exercício de suas funções, constituindo desse modo, uma mão de obra que se sobressaía na concorrência aos postos de trabalho.

Apesar dos dados mostrarem que muitos desses nordestinos eram profissionais qualificados, nem sempre esse fato lhes possibilitava concorrer a vagas de empregos com os naturais do Sul e Sudeste. Isto devido à existência de fortes preconceitos relacionados à origem regional nordestina, associada frequentemente a indolência e ao despreparo profissional. Esta realidade pode ser verificada claramente, nas descrições da antropóloga Virgínia Ferreira da Silva (2005), sobre as relações travadas entre migrantes de diversas regionalidades num bairro da periferia de São Carlos – SP. De acordo com a autora, os nordestinos que numa etapa migratória anterior havia se deslocado ao Paraná, tinham uma melhor aceitação entre a população local e a uma maior facilidade de acesso aos postos de trabalho local, visto que os paranaenses eram tidos como sinônimos de trabalhadores e possuidores de maior qualificação.

Quanto à enorme quantidade de paranaenses encontrada no bairro, o que a experiência de campo sugere é que muitos deles são os que outrora saíram da Bahia e de outros estados, como Minas Gerais, e foram para o Paraná. [...] Deixar de ser “baiano” e ser “paranaense” significam algo, pois o fenômeno se relaciona a um processo de construção da identidade que coloca em jogo uma série de significados.

[...] Acredita-se que ‘ser paranaense’ é uma atribuição de sentido carregado de significados ligados ao status, o qual, por sua vez, se liga ao contexto vivido por eles no bairro. Por meio de tudo que legitima uma identidade paranaense para esses migrantes, perpassa o significado do que ser paranaense adquire no contexto social em que se inserem, o que contribui (apesar de não determinar) para que eles se considerem paranaenses e não baianos ou mineiros. Acredita-se que esses migrantes estejam lutando por uma posição diferenciada no bairro ao se colocarem como paranaenses. Isso é dizer que se inserir no bairro Cidade Aracy e na cidade de São Carlos como

paranaense gera um modo de inserção diferenciado que contribui para a posição deles no novo lugar. (SILVA, 2005, p.01-04)

Com isso, muitos nordestinos adotavam uma nova regionalidade, a de *paranaenses*. A adoção de uma nova regionalidade ou a omissão da região de origem, também foi um dado encontrado na revisão bibliográfica efetuada entre os memorialistas, mais especificamente, num trabalho produzido por um nordestino sobre sua experiência migratória e a de demais naturais dessa região no município de Maringá e também no norte do Paraná⁹⁴. Mesmo com a existência de fortes preconceitos no emprego de nordestinos, muitos conseguiram se estabelecer e acessar os postos de trabalhos, como pode ser visto nos dados aqui demonstrados.

Entre os reemigrados, o total de nordestinos que desenvolviam atividades no setor primário em Maringá e se deslocaram para outras regiões do país, foi de 728 pessoas, (29,5%) do número total de reemigrados.

Quadro 36. Quantidade e percentual de reemigrados no setor primário por região.

ATIVIDADES PRIMÁRIAS	REGIÕES							Total	%
	Norte	Nordeste	Sudeste	Centro-Oeste	Sul	Não Consta	Total		
Agricultores	-	11	13	-	13	01	38	5,3	
Trabalhadores	03	31	197	11	441	07	690	94,7	
TOTAL	03	42	210	11	454	08	728	100	
%	0,4	6,0	28,7	1,5	62,3	1,1	100	-	

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Desse total, a maior parte exercia atividades como lavrador, e se deslocaram principalmente para as regiões Sul (62,3%) e Sudeste (28,7), e em menor proporção para as regiões Nordeste (6,0%), Centro-Oeste (1,5%) e Norte (0,4%). (Quadro 36) Os maiores volumes de deslocamento no setor primário ocorreram entre as décadas de 1960 e 1970, e principalmente para o Sul e Sudeste, regiões nas quais a produção agrícola já se baseava em modernos sistemas produtivos. No entanto, é possível considerar também que muitos desses nordestinos que se deslocaram a essas regiões, continuassem a buscar ocupações no meio agrícola, pois determinados tipos

⁹⁴ Para maiores detalhes, consultar: SOUTO MAIOR, Laércio. **São os nordestinos uma minoria racial?** Londrina, [s.n],1985.

de atividades, como o corte da cana, produção e colheita de legumes e frutas, até o presente momento são feitas manualmente.

Quadro 37. Quantidade e percentual de reemigrados no setor secundário por região.

ATIVIDADES SECUNDÁRIAS	REGIÕES						
	Norte	Nordeste	Sudeste	Centro-Oeste	Sul	Não Consta	Total
Indústria Moveleira	-	06	14	04	15	-	39
Indústria Têxtil	-	-	02	-	03	-	05
Ind. do Vestuário	-	04	12	-	28	02	46
Indústria Mecânica	-	-	22	02	27	01	52
Eletricistas	-	01	03	-	06	-	10
Metalúrgicos	-	-	03	-	05	01	09
Ind. de Alimentação	-	-	05	-	05	-	10
Indústria do Couro	-	-	01	-	-	-	01
Indústria Gráfica	-	-	05	-	02	-	07
Indústria Química	-	-	01	-	-	-	01
Construção Civil	01	07	47	03	51	01	110
Ind. Transformação	01	04	66	03	115	06	195
TOTAL	02	22	181	12	257	11	485
%	0,4	4,7	37,3	2,4	53,0	2,2	100

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Entre os trabalhadores que exerciam atividades no setor secundário contam 485 nordestinos (19,7%). Esses foram principalmente para a região Sul, com 53%, e 37,3% para o Sudeste. Entre os profissionais deste setor, constam em maior número os trabalhadores da indústria moveleira, da indústria do vestuário, mecânica, construção civil e indústria de transformação. Para a região Nordeste reemigraram 4,7%; para o Centro-Oeste 2,4%; e para o Norte 0,4%. (Quadro 37)

Quadro 38. Quantidade e percentual de reemigrados no setor secundário por região.

ATIVIDADES TERCIÁRIAS	REGIÕES						
	Norte	Nordeste	Sudeste	Centro-Oeste	Sul	Não Consta	Total
Artes e Atletas Profissionais	-	01	02	-	03	-	06
Ativ. Administrativas	01	-	03	-	05	-	09
Ativ. Especializadas	-	-	-	01	01	-	02
Atividades no Comércio	-	13	66	07	99	03	188
Comerciantes/Negócios	-	05	34	07	54	01	101
Comunicações	01	01	05	01	01	-	09
Diplomados/Profissionais Liberais	-	08	07	01	13	01	30
Escriturários	-	-	05	01	10	-	16
Financeiras	-	02	13	02	08	02	27
Atividades Religiosas	-	07	06	-	08	-	21
Serv. Públicos/Militares	-	-	04	-	17	-	21
Serviços	03	25	240	12	362	10	96
Saúde	-	01	01	-	03	-	05
Transportes	01	04	29	06	62	02	104
Serviços Domésticos e Alimentação	03	21	188	10	290	06	518
Higiene Pessoal	-	-	04	-	06	-	10
TOTAL	06	63	402	38	632	18	1.164
%	0,5	5,4	34,4	3,2	55,0	1,5	100

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Os trabalhadores do setor terciário, reemigraram em maior quantidade, 47,3% do total. Sendo 55% para a região Sul, e 34,4% para o Sudeste. Na sequência vem à região Nordeste com 5,4%; Centro-Oeste com 3,2%; e para o Norte 0,5%. Para as regiões Sul e Sudeste, se deslocaram principalmente os que desempenhavam funções no comércio, comerciantes e negócios, setor de serviços, transporte, serviços domésticos e alimentação. Entre os reemigrados que atuavam no setor financeiro, houve uma migração maior para a região Sudeste do que para a região Sul. Entre os diplomados e bacharéis, e os que desenvolviam atividades religiosas, houve uma migração maior desses para o Nordeste do que para a região Sudeste. (Quadro 38).

Quadro 39. Quantidade e percentual de reemigrados entre os inativos por região.

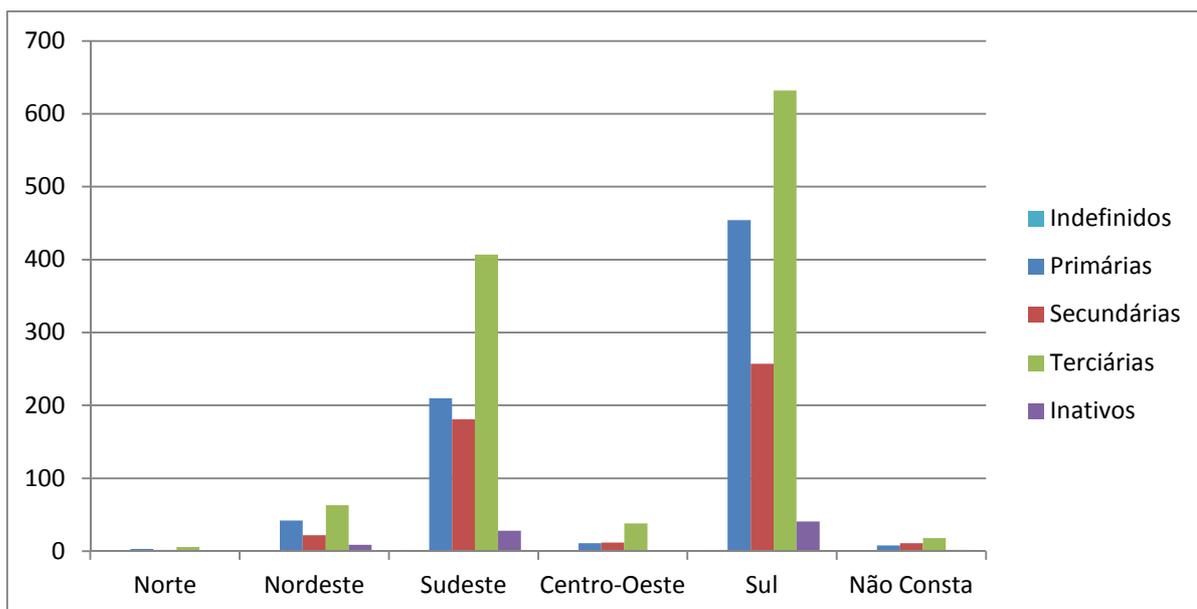
INATIVOS	REGIÕES						Total
	Norte	Nordeste	Sudeste	Centro-Oeste	Sul	Não Consta	
Estudante	-	08	20	-	25	-	53
Do lar	-	01	06	01	16	01	25
Profissões Indefinidas	-	-	02	01	02	-	05
TOTAL	-	09	28	02	43	01	83
%	-	0,3	1,2	0,0	1,8	0,0	3,3

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Na categoria de inativos constam 78 reemigrados, sendo 53 estudantes e 25 do lar. Os nordestinos dessas duas categorias se deslocaram essencialmente para as regiões Sul, Sudeste e Nordeste. Somados aos inativos constam 05 profissões indefinidas. Esses dados mostram um movimento grande de estudantes, 41% do total de nordestinos identificados nessa categoria. De um total de 53 estudantes reemigrados, de acordo com os dados levantados, 43 se alistaram como eleitores entre 1965-1972. Considerando o tempo do alistamento eleitoral e o tempo de deslocamento foi verificado que os nordestinos nessa categoria, permaneceram em média sete anos em Maringá, intervalo de tempo suficiente para a possibilidade de conclusão em cursos secundários, técnicos e terciários⁹⁵. O movimento de estudantes em direção ao Sul indica a busca por possibilidades na região de destino, e com vários campos em aberto para profissionais qualificados. Do mesmo modo, o movimento desses estudantes em direção ao Sudeste, indica a existência de oportunidades para profissionais qualificados nessa região. O retorno de estudantes ao Nordeste também foi verificado, seguindo a mesma tendência verificada entre os profissionais diplomados e liberais.

Gráfico 04. Nordestinos reemigrados por setor de atividade e região.

⁹⁵ A incidência do alistamento de um número considerável de estudantes também coincide com a formação da Universidade Estadual de Maringá (1969) sendo seus primeiros cursos o de Direito, Economia, Ciências Contábeis. Há que se considerar também que além da universidade também existiam unidades de formação religiosa para seminaristas, pastores e freiras, e também a existência de cursos técnicos em Maringá.



Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

No contexto analisado, a pressão exercida com a modernização no setor agropecuário constituiu num fator de peso nas decisões de reemigrar dos trabalhadores rurais. No entanto, entre as categorias de reemigrados, é verificado um volume maior de deslocamentos entre os trabalhadores do setor urbano, principalmente no setor terciário, e em menor proporção no secundário. Essa constatação também se deve a maior representatividade dos setores urbanos entre os dados levantados nos títulos eleitorais. A menor participação dos trabalhadores rurais nos documentos eleitorais se deve a menor participação desse setor no município de Maringá, que desde seus primeiros anos, já apresentava uma forte tendência urbana, com a especialização em vários setores de atividades, como o setor de serviços e o comércio.

3.4. Deslocamentos no Paraná

Ainda que os dados eleitorais não abarquem a totalidade dos nordestinos em Maringá, eles trazem perspectivas bastante reveladoras da trajetória desses migrantes, principalmente em relação ao movimento de reemigração ocorrido no interior do Estado do Paraná. Foi possível verificar quais as regiões do Estado que se constituíram como os principais destinos dos nordestinos que possuíam seu domicílio eleitoral e residencial em

Maringá, e acrescente-se ainda, a dispersão desses migrantes pelo Paraná segundo os setores de atividades desempenhadas. Entre as 10 Mesorregiões Geográficas do Estado, constam transferências para 09, sendo elas: Norte Pioneiro; Norte Central; Noroeste; Centro-Occidental; Metropolitana de Curitiba; Centro-Oriental; Centro-Sul; Sudoeste e Oeste. Somente para a Mesorregião Sudeste não foi verificada nenhuma transferência (Figura 03)

Figura 03. Mapa do Estado do Paraná – mesorregiões.



Fonte: IPARDES, 2004.

Ao discutir a reemigração de parte desses nordestinos que se deslocaram de Maringá para outras regiões do Estado, serão apresentados breves contextos sobre a colonização e aspectos relacionados aos setores produtivos das mesorregiões, nos quais esses indivíduos se instalaram posteriormente.

O movimento de reemigração ocorrido no interior do Norte do Paraná foi o maior no Estado, mas nem todas as quatro mesorregiões ali presentes receberam um aporte igual⁹⁶. A Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense possui 46 municípios ao todo, havendo deslocamentos de nordestinos para

⁹⁶ Compõe a região Norte do Paraná quatro mesorregiões: Norte Pioneiro, Norte Central, Noroeste e Centro Occidental.

14 deles⁹⁷. Para alguns autores, a colonização do Norte Pioneiro se dá a partir da década de 1860, quando fazendeiros paulistas e mineiros iniciaram plantações de café e a formação de fazendas. Todavia, essa mesorregião teve grande parte do seu dinamismo ligada à produção cafeeira. Com a crise da cafeicultura, iniciada ainda nos anos 60, houve a transição para novas culturas como soja, trigo, cana e pecuária extensiva. Essa mudança teve profundo impacto sobre a dinâmica demográfica regional, havendo um grande êxodo populacional. O mercado regional de trabalho do Norte Pioneiro ainda é fortemente dependente das atividades agrícolas, e trata-se de uma das mesorregiões com menor peso da indústria na absorção da força de trabalho do Estado. (IPARDES, 2004, p.19)

Ao todo deslocaram para essa mesorregião, 44 nordestinos, principalmente na década de 1960, constando deslocamentos para as microrregiões geográficas Assaí, Cornélio Procópio, Ibaiti, Jacarezinho e Wenceslau Braz. O percentual de reemigrados para essa mesorregião corresponde a 3,2% do total daqueles que se deslocaram para outras mesorregiões do Paraná. (Quadro 40).

Quadro 40. Reemigrados para a mesorregião Norte Pioneiro Paranaense por período.

MESORREGIÃO NORTE PIONEIRO								
Microrregiões Geográficas		Períodos						
		1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total	%
01	Assaí	01	10	01	01	-	13	1,0
02	Cornélio Procópio	01	08	05	06	-	20	1,5
03	Ibaiti	-	-	-	01	-	01	0,0
04	Jacarezinho	01	05	02	-	-	08	0,6
05	Wenceslau Braz	-	01	01	-	-	02	0,1
TOTAL		03	24	09	08	-	44	3,2

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

⁹⁷ A região Norte do Paraná de acordo com Filho (1991) incluem as mesorregiões Norte Pioneiro, Norte Novo e Norte Novíssimo do Paraná e Centro-Occidental. A Mesorregião Norte Pioneiro está situada entre os rios Paranapanema, Itararé e Tibagi, compreendendo as Microrregiões Assaí, Cornélio Procópio, Ibaiti, Jacarezinho e Wenceslau Braz. A Mesorregião Norte Novo limita-se ao norte com o Rio Paranapanema, ao Sul com a cidade de Manoel Ribas, a Leste com o rio Tibagi e a Oeste com o rio Ivaí e compreende as Microrregiões Apucarana, Astorga, Faxinal, Florai, Ivaiporã, Londrina, Maringá e Porecatu. A Mesorregião Noroeste compreende as Microrregiões Cianorte, Paranaíba, Umuarama. A Mesorregião Centro-Occidental compreende as Microrregiões Campo Mourão e Goioerê. (IPARDES, 2012, p.01-04)

Para a microrregião geográfica Assaí, se deslocaram 13 nordestinos, sendo 07 para esse mesmo município. Em relação a este município, cabe ressaltar que houve uma grande migração de nordestinos entre as décadas de 1950 e 1960⁹⁸. Nessa mesma microrregião, também constam reemigrados para o município de São Jerônimo da Serra (02) e Uraí (04 nordestinos). Para a microrregião geográfica Cornélio Procópio, a mais populosa entre aquelas que compõem a mesorregião Norte Pioneiro, reemigraram 20 nordestinos, sendo 07 para o município polo. Para o município de Andirá reemigraram (02); para Bandeirantes (02); para Congonhinhas (01); para Ribeirão do Pinhal (04) e para Santa Mariana (04). Para a microrregião geográfica Ibaiti reemigrou apenas 01 nordestino, para essa mesma cidade. Para a microrregião geográfica Jacarezinho se deslocaram 08 nordestinos, sendo 05 para esse mesmo município, e 03 para o município de Cambará. Para a microrregião geográfica Wenceslau Braz reemigraram 02 nordestinos, sendo 01 para esse município e outro para o município de Siqueira Campos. (Figura 04).

Entre os nordestinos que transferiram seus domicílios eleitorais para essa mesorregião, 20 exerciam atividades no setor terciário, distribuídos a maior parte entre domésticas, trabalhadores no comércio, corretores, setor de transportes e um advogado. Entre os que exerciam atividades no setor secundário, constam 19 trabalhadores, distribuídos majoritariamente entre operários, eletricitas, costureiras, dentre outros. No setor primário constam 05 lavradores.

⁹⁸ A migração de nordestinos para o município de Assaí já foi ressaltada no Capítulo I desta dissertação, a partir das análises realizadas por SILVA (2008).

Quadro 41. Reemigrados para a região Norte Central Paranaense por período.

MESORREGIÃO NORTE CENTRAL PARANAENSE									
Microrregiões Geográficas		Períodos						Total	%
		1950	1960	1970	1980	Sem Data			
01	Apucarana	09	30	16	05	01	61	4,4	
02	Astorga	18	38	43	08	-	107	8,0	
03	Faxinal	-	-	01	02	01	03	0,2	
04	Floraí	05	17	18	01	-	42	3,0	
05	Ivaiporã	-	01	03	01	-	05	0,3	
06	Londrina	09	21	37	15	-	82	6,0	
07	Maringá	04	28	32	78	02	144	10,4	
08	Porecatu	01	04	14	-	-	19	1,4	
TOTAL		46	139	164	110	04	463	33,7	

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

O movimento para as microrregiões que compõe a mesorregião Norte Central Paranaense se concentrou principalmente nas adjacências da Microrregião Geográfica Maringá. Essa microrregião concentrou o maior número de deslocamentos, 144 ao todo, principalmente na década de 1980.

Os municípios da microrregião Geográfica Maringá nos quais constam transferências eleitorais são: distrito de Água Boa (06), distrito de Floriano (01); Distrito de Iguatemi (01); Mandaguari (22); Marialva (83); Paiçandu (31). Atualmente esses municípios e distritos integram a região Metropolitana de Maringá, concentrando o município polo os setores produtivos, além de serviços de saúde, educação, e lazer⁹⁹. Esse fator, aliado à proximidade territorial, propicia um forte movimento pendular diário de trabalhadores desses municípios, em direção à Maringá. Somado a isto, os municípios de Maringá, Sarandi e Paiçandu apresentam áreas conurbadas. (RODRIGUES, 2004, p.141)

O grande número de reemigrados para Marialva sugere que parte dos migrantes nordestinos tinha passado a residir em Sarandi, que até 1981 era distrito de Marialva. Entretanto, ao analisar o movimento de reemigração para Sarandi e Paiçandu, é necessário considerar a política de segregação adotada pela prefeitura do município de Maringá, com a extinção da favela do Cemitério nas décadas de 1970 e 1980, e o encarecimento dos impostos

⁹⁹ A região metropolitana de Maringá (RMM) foi criada em 1998 pela Lei Estadual n°. 83/98, acrescida pela Lei Complementar Estadual n°. 13/565-2002 e pelas Leis Complementares n°. 110/2005 e 688/ 2005. Assim, ficou constituída pelos municípios de Maringá, Sarandi, Marialva, Mandaguari, Paiçandu, Ângulo, Iguaraçu, Mandaguaçu, Floresta, Doutor Camargo, Itambê, Astorga e Ivatuba. (SILVA, 2008, p.185)

na Vila Operária na década de 1970. Essas medidas fizeram com que muitos dos moradores dessas duas localidades, tivessem que se mudar para municípios vizinhos, principalmente para os dois citados anteriormente, devido ao custo de vida mais baixo¹⁰⁰. As microrregiões Geográficas de Astorga e Floraí também são marcadas pela proximidade e pela centralização exercida por Maringá, de modo que alguns dos municípios que as compõem, atualmente fazem parte da Região Metropolitana de Maringá¹⁰¹.

A Microrregião Geográfica Astorga recebeu um grande aporte de nordestinos, 107 ao todo, principalmente nas décadas de 1960 e 1970. Três municípios dessa microrregião na qual houve transferências, Astorga (22 reemigrados), Mandaguaçu (20) e Nova Esperança (51) fazem parte da Região Metropolitana de Maringá, havendo também migração pendular de seus trabalhadores para este município. Os demais municípios da microrregião no qual houve transferências são Colorado (06), e Jaguapitã (08).

Para a microrregião geográfica Floraí se deslocaram 42 nordestinos. Os municípios da mesma também estão marcados pela proximidade com o município de Maringá e atualmente também fazem parte de sua região metropolitana. Acrescenta ainda o fato de que até a década de 1960, os municípios de Dr. Camargo, Floresta e Ivatuba eram distritos de Maringá. Para o município de Dr. Camargo reemigraram 14; para Floresta (12); para Ivatuba (07); Ourizona (01); São Jorge do Ivaí (08).

As microrregiões geográficas de Londrina e Apucarana também se destacam pelo número de deslocamentos, sendo 82 para a primeira, e 61 para a segunda. Para a primeira, os municípios nos quais houve transferências eleitorais de nordestinos são Cambé (03); Ibiporã (04); Londrina (62) e Rolândia (13). O movimento para esta microrregião, também apresenta características semelhantes à ocorrida em relação à microrregião

¹⁰⁰ Informações disponíveis em: (Memória dos Bairros, 2002. p. 50) e (RODRIGUES, 2004. p. 75)

¹⁰¹ A microrregião geográfica Astorga compõe 22 municípios. Desse total, 11 fazem parte da Região Metropolitana de Maringá: Ângulo, Iguaraçu, Mandaguaçu, Astorga, Presidente Castelo Branco, Flórida, Santa Fé, Lobato, Munhoz de melo, Atalaia. Os municípios que dessa microrregião que não compõem a região Metropolitana de Maringá são: Cafeara; Centenário do Sul; Colorado; Guaraci; Itaguajé; Jaguapitã; Lupionópolis; Nossa Senhora das Graças; Santa Inês; Santo Inácio; Uniflor. (IPARDES, 2012, p. 02)

geográfica de Maringá, ou seja, o maior volume de reemigrados se concentrou no município polo ou em suas adjacências.

Essa mesma característica também é verificada em relação ao movimento ocorrido para a microrregião geográfica Apucarana, concentrando esse município 32 reemigrados. Também constam transferências para Arapongas (14); Jandaia do Sul (11); Marilândia do Sul (04).

Ainda na mesorregião Norte Central Paranaense, constam deslocamentos para a microrregião Geográfica de Porecatu (19), sendo 10 para esse mesmo município; Sertanópolis (03); Bela Vista do Paraíso (06). Para a microrregião geográfica Faxinal houve apenas 03 reemigrados, todos para esse mesmo município. Para a microrregião Geográfica Ivaiporã transferiram 05 nordestinos, sendo 01 para esse município; Cândido de Abreu (01); Grandes Rios (01); São João do Ivaí (02). (Figura 05)

Para essa mesorregião houve um maior deslocamento daqueles que exerciam atividades no setor terciário, sendo 221 trabalhadores, concentrados principalmente no setor do comércio, serviços domésticos, transportes e prestação de serviços em geral. O setor secundário consta em segundo lugar entre as atividades desenvolvidas pelos reemigrados na mesorregião Norte Central, sendo 123 ao todo, incluindo carpinteiros, mecânicos, e majoritariamente trabalhadores da construção civil, tais como pedreiros e serventes de pedreiros, além de operários em geral. Em relação aos do setor primário, constam 115 trabalhadores, composto essencialmente por lavradores. Entre os inativos constam 04, sendo três estudantes e 01 do lar.

forte avanço na área de confecção, na qual a região se insere como referência nacional. (IPARDES, 2004, p. 12-13) O Noroeste possui 61 municípios ao todo, e constam reemigrados para 17 deles. Essa mesorregião constitui como a segunda em quantidade de transferências no Norte do Paraná, concentradas principalmente entre as décadas de 1960 e 1970. (Quadro 42)

Quadro 42. Reemigrados para a Mesorregião Noroeste Paranaense por período.

MESORREGIÃO NOROESTE PARANAENSE								
Microrregiões Geográficas		Períodos						
		1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total	%
01	Cianorte	-	31	41	03	-	75	5,7
02	Paranavaí	04	33	36	09	-	82	6,0
03	Umuarama	-	28	49	09	01	87	6,3
TOTAL		04	92	126	21	01	244	18,0

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Para a Microrregião Geográfica Cianorte se deslocaram 75 nordestinos, sendo 63 para esse mesmo município. Para o município de Indianópolis constam 12 reemigrados. Para a Microrregião Geográfica Paranavaí reemigraram 82 nordestinos, distribuídos em 09 municípios da seguinte forma: Paranavaí (40); Alto Paraná (06); Loanda (14); Nova Londrina (03); Paraíso do Norte (02); Paranacity (09); São Carlos do Ivaí (01); Terra Rica (04); Santa Isabel do Ivaí (03). A Microrregião Geográfica Umuarama foi a que recebeu o maior aporte de nordestinos, 87 ao todo. Para esse município se deslocaram (43); Altônia (01); Cruzeiro do Oeste (15); Iporã (16); Pérola (01); Xambrê (11). (Figura 06)

Entre as atividades exercidas por estes nordestinos, constam 166 trabalhadores no setor terciário, distribuídos entre atividades no comércio, escriturários, domésticas, transportes, ensacadores, religiosos, professores. No setor secundário constam 37 trabalhadores, distribuídos entre carpinteiros, mecânicos, operários, pedreiros e serventes. No setor primário constam 33 lavradores, e entre os inativos constam 04 do lar e 04 estudantes.

Figura 06. Distribuição dos nordestinos reemigrados por município para a Mesorregião Noroeste Paranaense.

Quadro 43. Reemigrados para a Mesorregião Centro Ocidental Paranaense por período.

MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL PARANAENSE								
Mesorregiões Geográficas		Períodos						
		1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total	%
01	Campo Mourão	26	41	43	12	-	122	9,0
02	Goioerê	-	24	27	06	-	47	3,4
TOTAL		26	65	60	18	-	169	12,4

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

O movimento em direção à Microrregião Geográfica Campo Mourão, apresenta o maior volume na década de 1950, com um total de 26 transferências, majoritariamente para o município de Peabiru (21). Para Campo Mourão reemigraram 05. Nas décadas seguintes, o número de nordestinos que se deslocaram a esta microrregião continuou a crescer da seguinte forma: (41) na década de 1960 e (43) na década de 1970, ou seja, períodos que coincidem com o processo de desenvolvimento dessa região. Ao todo se dirigiram para esta microrregião 122 nordestinos. Para Campo Mourão reemigraram (33); Engenheiro Beltrão (15); Peabiru (71); Quinta do Sol (03). Para a Microrregião Geográfica Goioerê se deslocaram 47 nordestinos, sendo 29 para esse mesmo município. Para Altamira do Paraná reemigraram 02 nordestinos, e para Ubitatã (16). (Figura 07)

Entre os reemigrados para o Norte do Paraná, a mesorregião que mais recebeu trabalhadores do setor primário foi a Centro-Ocidental, constando ao todo, 70 lavradores. Exerciam atividades no setor terciário, 68 nordestinos, distribuídos entre domésticas, trabalhadores do comércio, religiosos, serviços em geral, transportes e enfermeiras. No setor secundário constam 27, distribuídos entre alfaiates, mecânicos, sapateiros e operários. Entre os inativos constam 03 estudantes, 01 do lar.

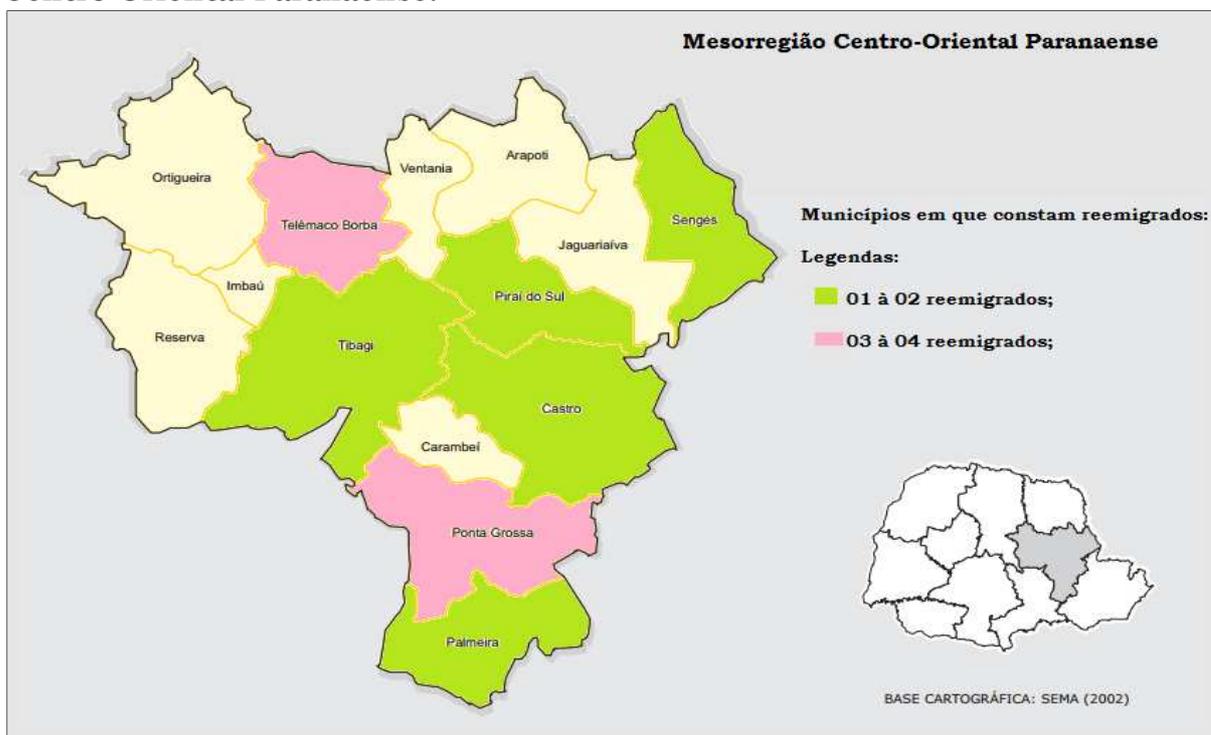
Quadro 44. Reemigrados para a Mesorregião Centro-Oriental Paranaense por período.

MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL								
Microrregiões Geográficas		Períodos						
		1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total	%
01	Jaguariaíva	-	-	01	01	-	02	0,1
02	Ponta Grossa	02	02	01	01	-	06	0,4
03	Telêmaco Borba	-	02	03	-	-	05	0,3
TOTAL		02	04	05	02	-	13	0,8

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Para a Microrregião Geográfica Jaguariaíva constam duas transferências, uma para o município de Pirai do Sul e outra para o de Sengés. Para a Microrregião Geográfica Ponta Grossa reemigraram 06 da seguinte forma: Ponta Grossa (04); Palmeira (01); Castro (01). Para a Microrregião Geográfica Telêmaco Borba se deslocaram 05 nordestinos, sendo 03 para esse mesmo município e 02 para Tibagi. (Figura 08) Entre as profissões desempenhadas pelos reemigrados para essa mesorregião, constam 07 trabalhadores do setor terciário, distribuídos entre comerciantes, domésticas, evangelista, ferroviário e guarda urbano; no setor secundário constam 04, nas profissões de mecânico, operário, armador de ferragens e operário. No setor primário constam 02 lavradores.

Figura 08. Distribuição dos nordestinos reemigrados para a Mesorregião Centro-Oriental Paranaense.



Fonte: Mapa - IPARDES, 2004e. Dados extraídos dos Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Para a Mesorregião Metropolitana de Curitiba reemigraram 267 nordestinos, correspondendo a 19,2% do total de transferências no Estado. Ao todo essa mesorregião possui 37 municípios, constando transferências para 09. Além dessa, também constam transferências para as microrregiões Lapa, Paranaguá e Rio Negro. (Quadro 45) O grande volume de reemigrados para a Microrregião Geográfica Curitiba na década de 1970, coincide com as políticas nacionais de fomento ao desenvolvimento regional e urbano, entre elas a institucionalização da Região Metropolitana de Curitiba, a implantação da refinaria Getúlio Vargas, que está na origem do Centro Industrial de Araucária, e a criação da Cidade Industrial de Curitiba, onde se instalaram importantes plantas industriais, particularmente dos segmentos modernos da metal-mecânica. Com essas medidas, parte substantiva dos fluxos populacionais, decorrentes da intensa evasão ocorrida no meio rural do Paraná, convergiu para Curitiba e adjacências. (IPARDES, 2004, p.29)

Quadro 45. Reemigrados para a Mesorregião Metropolitana de Curitiba por período.

MESORREGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA								
MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS		PERÍODOS						
		1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total	%
01	Curitiba	07	46	154	44	-	251	18,2
02	Lapa	-	-	02	02	01	05	0,3
03	Paranaguá	02	02	05	01	-	10	0,7
04	Rio Negro	-	-	-	01	-	01	0,0
TOTAL		09	49	161	48	01	267	19,4

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

A Microrregião Geográfica Curitiba concentrou 94% dos deslocamentos para essa mesorregião, sendo a maior parte para esse mesmo município, com um total de 239 nordestinos. Para o de Bocaiúva do Sul reemigrou (01); Campo Largo (01); Colombo (08); São José dos Pinhais (02). Para a Microrregião Geográfica Lapa, constam 05 transferências para esse mesmo município. Para a Microrregião Geográfica Paranaguá reemigraram 10, sendo 09 para esse mesmo município e 01 para Antonina. Para a Microrregião Geográfica Rio Negro, foi registrada a transferência de apenas 01 nordestino, para esse mesmo município. (Figura 09)

Entre aqueles que reemigraram para essa Mesorregião, os que exerciam atividades no setor primário constam em maior número, sendo 01 agricultor e 180 lavradores. Entre os trabalhadores do setor terciário, constam 54 ao todo. No entanto, foi verificado um deslocamento maior de profissionais que exerciam atividades com maior remuneração e estabilidade no emprego, como funcionários públicos estaduais, federais e militares, além de bancários, e jornalistas. Constam também domésticas, garçons, ferroviários, trabalhadores no comércio e serviços em geral. Entre os trabalhadores do setor secundário reemigraram 15, principalmente relacionados às atividades metalúrgicas e mecânicas, além de operários. Outro dado verificado foi o volume significativo de estudantes, 17 ao todo.

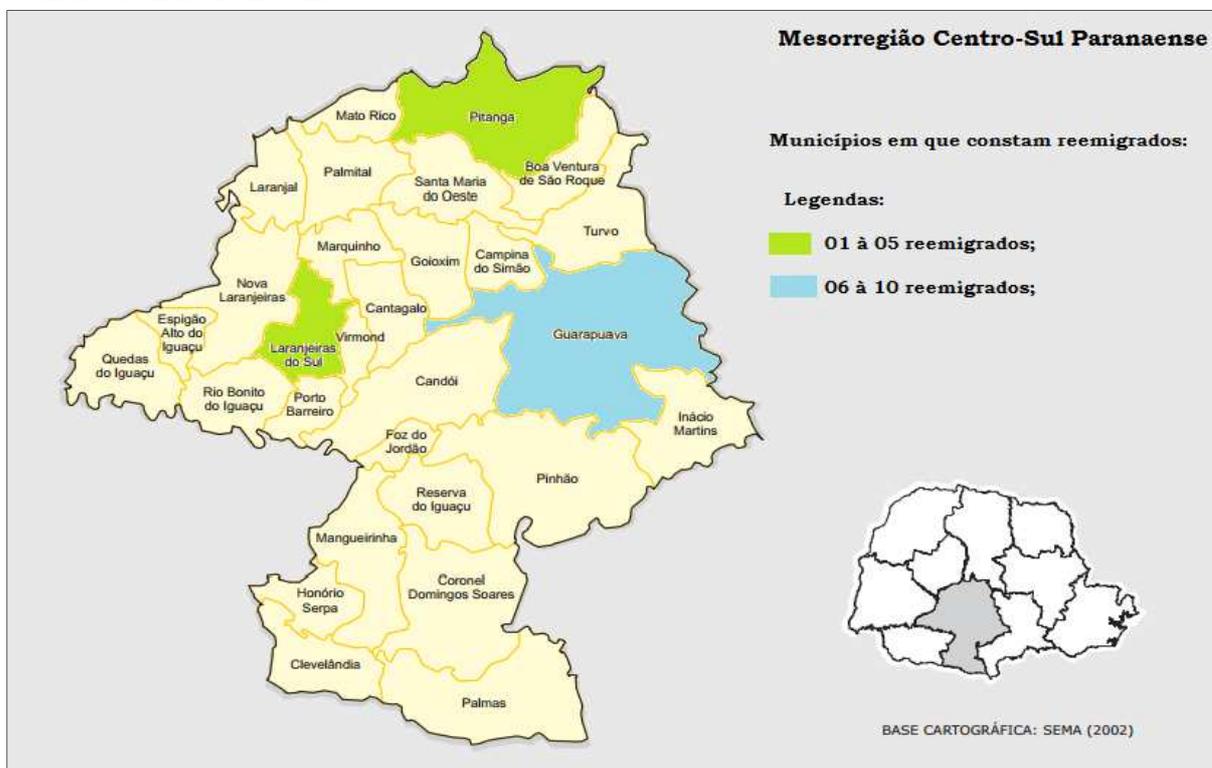
Quadro 46. Reemigrados para a Mesorregião Centro-Sul Paranaense por período.

MESORREGIÃO CENTRO-SUL PARANAENSE								
MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS		PERÍODOS						
		1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total	%
01	Guarapuava	-	03	04	-	-	07	0,5
02	Pitanga	-	02	02	-	-	04	0,3
TOTAL		-	05	06	-	-	11	0,8

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Para a Microrregião Geográfica Guarapuava, se deslocaram 07 nordestinos, sendo 06 para esse mesmo município e 01 para Laranjeiras do Sul. Para a Microrregião Geográfica Pitanga, constam 04 reemigrados, todos para esse mesmo município. (Figura 10) Entre aqueles que se dirigiram para esta Mesorregião, 06 desenvolviam atividades no setor terciário, distribuídos entre motoristas e comerciantes. Entre os que desenvolviam atividades no setor primário, constam 04 nordestinos distribuídos entre agricultor e lavradores. No setor secundário consta 01 operário.

Figura 10. Distribuição dos nordestinos reemigrados para a Mesorregião Centro-Sul Paranaense.



Fonte: Mapa - IPARDES, 2004g. Dados extraídos dos Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

Para a Mesorregião Geográfica Oeste Paranaense, constam 123 reemigrados, (9%) do total de transferências para o Estado do Paraná, distribuídos entre as microrregiões Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo. A colonização do Oeste do Paraná constituiu a última fronteira de ocupação do Estado. Iniciada a partir da década de 1940, no entanto, foi apenas no final da década de 1950, que ocorreu a integração e dinamização do Oeste com o restante do Estado, a partir da implantação de um sistema viário que viabilizou e impulsionou a produção de excedentes agrícolas para comercialização. A partir dos anos 70 a região integrou-se ao movimento de expansão da agricultura moderna, levando a mudanças no setor produtivo e a liberação de mão de obra rural. Somado a esse processo, a região rapidamente experimentou um processo intenso de urbanização, estimulado pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, caracterizando-a como uma região de intensa atração migratória e mobilidade espacial da população. Sua economia se baseia essencialmente na agricultura mecanizada e na agroindústria cooperativa. (IPARDES, 2004i, p. 24) Essa mesorregião possui 50 municípios e constam reemigrados para 09. (Quadro 47)

Quadro 47. Reemigrados para a Mesorregião Oeste Paranaense por período.

MESORREGIÃO OESTE PARANAENSE								
MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS		PERÍODOS						
		1950	1960	1970	1980	Sem Data	Total	%
01	Cascavel	-	18	06	04	-	28	2,0
02	Foz do Iguaçu	01	05	14	09	-	29	2,1
03	Toledo	01	24	35	05	01	66	4,9
TOTAL		02	47	55	18	01	123	9,0

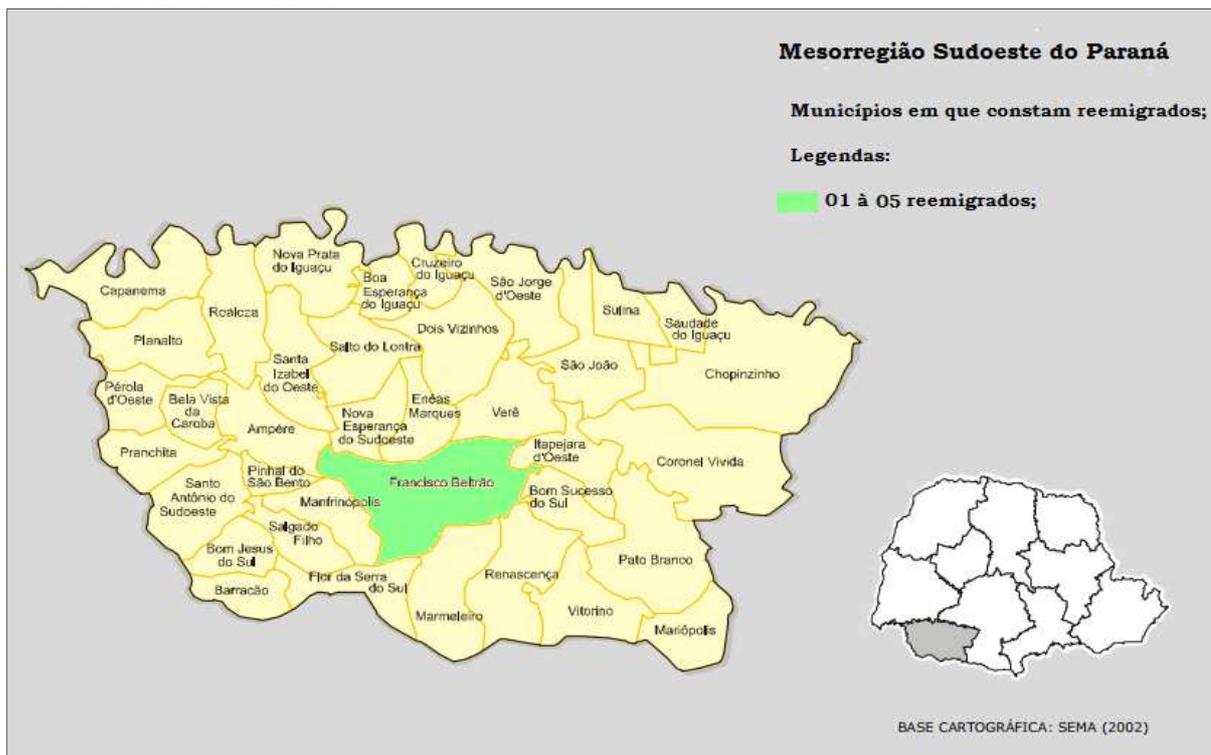
Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

A Microrregião Geográfica Toledo constituiu como o principal local de destino dos reemigrados nessa mesorregião. Ao todo, constam 66 transferências, sendo 22 para esse mesmo município. Para Guaíra se deslocaram (18); Assis Chateaubriand (12); Formosa do Oeste (13); Marechal Cândido Rondon (01). Para a Microrregião Geográfica Cascavel, constam 28 transferências, todas para esse mesmo município. Para a Microrregião Geográfica Foz do Iguaçu, se deslocaram 29 nordestinos, sendo 15 para esse mesmo município. Para o município de Matelândia constam (12); Medianeira

subsidiar a produção e industrialização da carne de aves. (IPARDES, 2004j, p.23)

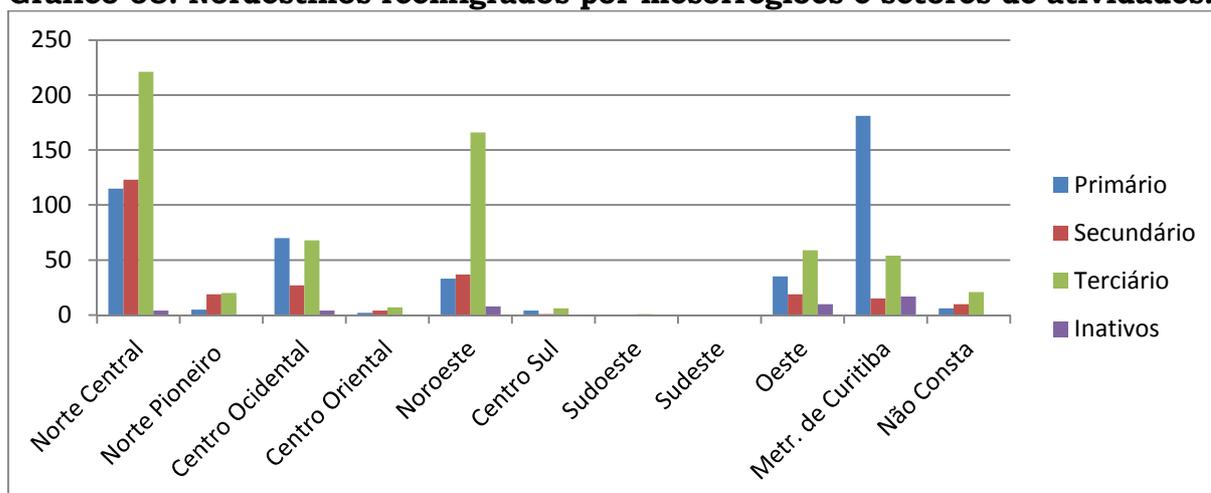
Essa Mesorregião possui 37 municípios, mas apresenta somente um reemigrado, para o município de Francisco Beltrão na década de 1970. Esse nordestino exercia a atividade de bombeiro.

Figura 12. Distribuição dos nordestinos reemigrados para a Mesorregião Sudoeste Paranaense.



Fonte: Mapa - IPARDES, 2004j. Dados extraídos dos Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

No gráfico abaixo, estão agrupados os dados referentes aos reemigrados por mesorregião e os setores de atividades nos quais esses nordestinos atuavam. (Gráfico 05)

Gráfico 05. Nordestinos reemigrados por mesorregiões e setores de atividades.

Fonte: Títulos Eleitorais de Maringá: 1956-1972. GPH/PMM.

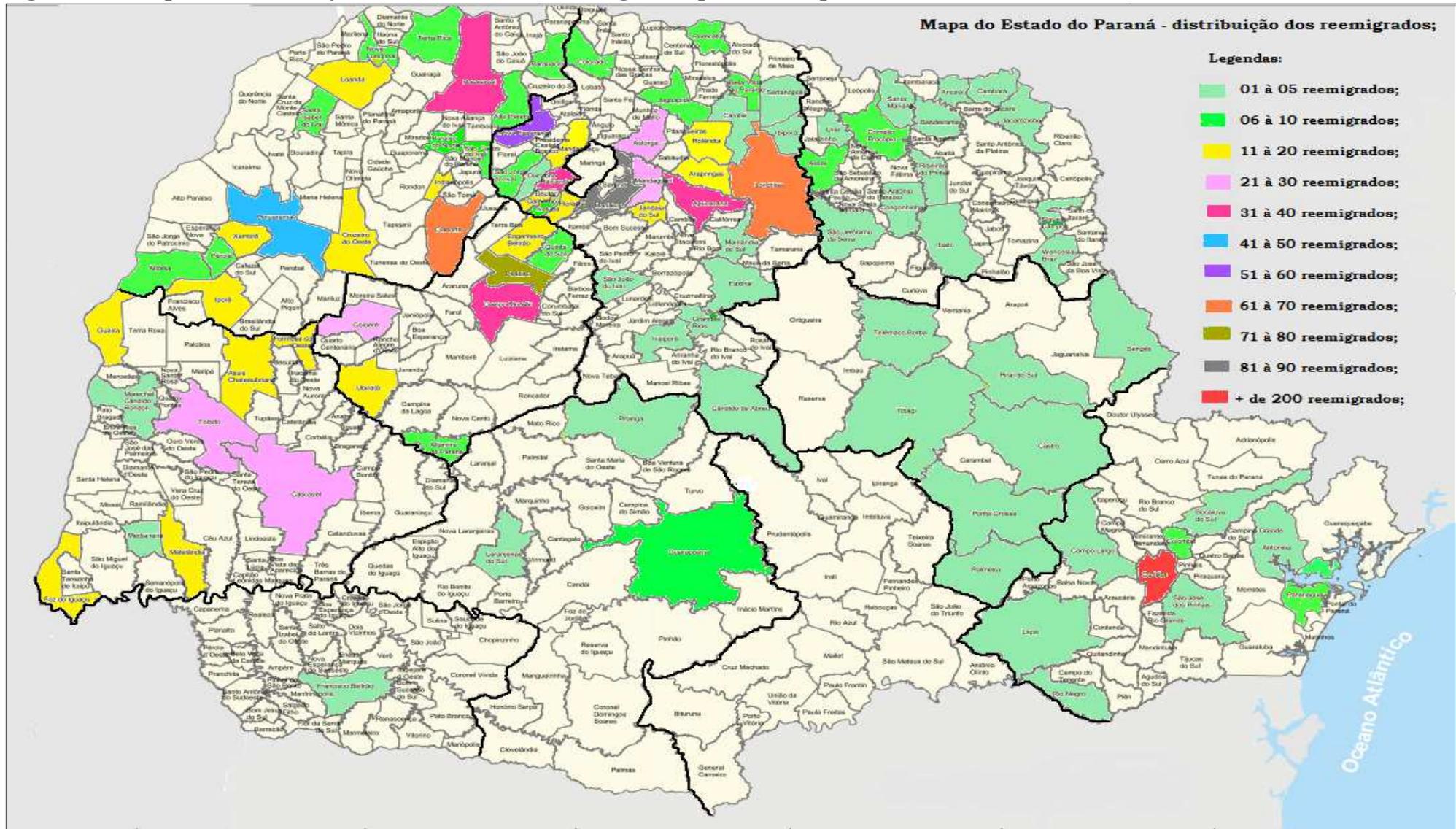
Em relação aos reemigrados atuantes no setor primário, verificamos que três das regiões que receberam um aporte considerável desses trabalhadores, apresentam características semelhantes: Mesorregião Centro-Ocidental, Oeste e Noroeste. Desde finais da década de 1950, as duas primeiras já apresentavam um movimento apreciável de nordestinos, vindo a aumentar nas décadas de 1960-1970. O início desse movimento coincide com o avanço agrícola e a ocupação dessas três áreas do Paraná. Já o movimento de reemigração de profissionais do setor primário, para a Mesorregião Metropolitana de Curitiba apresenta um contexto distinto. O maior deslocamento de trabalhadores rurais se deu essencialmente na década de 1970, período de consolidação de seu parque industrial. Entre os inativos, houve um maior deslocamento para essa mesorregião, principalmente de estudantes.

Na Mesorregião Norte Central, na qual se situa o município de Maringá, a reemigração de trabalhadores dos setores primário e secundário demonstra certo equilíbrio. No entanto, o peso maior estava entre os que exerciam atividades no setor terciário, representando 45,4% do total de reemigrados, o maior entre todas as mesorregiões. Em relação aos trabalhadores do setor secundário, apenas as Mesorregiões Norte Pioneiro, Norte Central e Noroeste apresentam maior número de trabalhadores desse setor em relação aos do setor primário.

Os deslocamentos internos realizados pelos nordestinos se concentraram principalmente nos polos das microrregiões e suas adjacências, havendo pouco distanciamento de suas áreas de abrangência. Este movimento esteve centralizado principalmente nas mesorregiões do Norte do Paraná, onde reemigraram 933 indivíduos, (68,1%). Desse total, destaca-se a mesorregião Norte Central, como principal destino. A mesorregião Norte Pioneiro, região de colonização mais antiga no Norte do Estado, atraiu apenas um pequeno volume. Entre os reemigrados para a Mesorregião Metropolitana de Curitiba, 94% se dirigiram à capital. As mesorregiões: Centro-Oriental, Centro-Sul e Sudoeste, juntos somam apenas 1,6% do total de reemigrados.

Esses movimentos ocorreram principalmente nas décadas de 1960-1970, período que no Estado do Paraná estava se configurando uma nova dinâmica econômica, com a mecanização da agricultura, expansão da pecuária, e o desenvolvimento de atividades relacionadas principalmente à agroindústria. Destaca-se também o surgimento da indústria metal-mecânica na capital e o crescimento do setor de serviços. Além dos aspectos econômicos, também podemos considerar outros fatores como decisivos nos deslocamentos internos ocorridos no interior deste Estado: o estabelecimento de família, maior proximidade de centros de ensino para o estudo dos filhos, acesso à saúde, laços de parentesco, círculos de amizades, dentre outros. Apesar das motivações pessoais, sociais e culturais desse movimento escapar neste capítulo, ao relacionar essas informações trazidas pelos títulos eleitorais com outros tipos de fontes, é possível mensurar estes aspectos, e realizar uma abordagem mais completa dos deslocamentos populacionais. Com isso, muito mais que o reconhecimento de uma limitação encontrada nesta pesquisa, os dados trabalhados apresentam mais possibilidades de estudo, do que conclusões e respostas fechadas. (Figura 13)

Figura 13 - Mapa de distribuição dos nordestinos reemigrados por município no Estado do Paraná.



Fonte: Mapa - IPARDES, 2010. Dados extraídos dos Títulos Eleitorais 1956-1972. GPH/PMM.

CONCLUSÃO

A principal imagem dos nordestinos perpetuada nas narrativas sobre o Norte do Paraná e sobre o município de Maringá, no período que se estende de 1935 a 2013, é a do trabalhador volante empregado no desmate, que de pau-de-arara percorreu milhares de quilômetros, fugindo das secas e da miséria do Nordeste. Esse discurso é facilmente assimilável em função das imagens divulgadas por diferentes canais sobre os naturais dos estados do Nordeste, principalmente em torno daqueles que migraram para as regiões Sul e Sudeste.

Nessas narrativas sobre a colonização do Norte do Paraná foi dada maior ênfase a participação de paulistas, mineiros, paranaenses e estrangeiros de diferentes nacionalidades. Contudo, ao atribuir ao nordestino somente o papel de mão de obra braçal, é ocultado o fato de que nem todos os elementos desses grupos migratórios “tradicionais” possuíam capitais para se tornarem proprietários, e nem foi inerente ao nordestino apenas à condição de miserável, e vice-versa, constando entre os naturais de todas as regiões do país e nacionalidades os dois tipos de situações.

Na luta que se trava com as populações locais ou com os migrantes ou imigrantes de diversas origens, estes vão assacar contra o nordestino aquilo que consideram ser os aspectos que o desqualificam, como a condição social e racial. E para isto vão buscar o estoque de imagens e de enunciados que foram ao longo do século sendo gestados a respeito do homem do Norte ou do Nordeste. Todos são pobres, ocupam os extratos mais baixos da sociedade, mas o nordestino vai ser estigmatizado lembrando-se de sua condição de flagelado, de retirante, que o faria ocupar uma situação mais subalterna entre os subalternos. (ALBUQUERQUE JR, 2012, p.128)

Além da existência de um discurso repetitivo e elitista, foi identificada nesta revisão, a presença de muitos estereótipos e preconceitos construídos historicamente em relação à origem regional nordestina, naturalizados no senso comum. Ao remeterem a aspectos pessoais, regionais, profissionais, culturais e econômicos desses migrantes, estes são facilmente encontrados.

O quadro 48 resume um levantamento realizado na produção bibliográfica sobre o Norte do Paraná e município de Maringá, 1935-2013.

Quadro 48. Preconceitos e estereótipos direcionados aos nordestinos no Norte do Paraná e no município de Maringá.

Pessoal	Regional	Profissional	Cultural	Econômico
Portadores de doenças	Baianos/Baianinho	Despreparados	Exóticos	Despossuídos Financeiramente
Maleitosos	Imigração da miséria	Concorrentes	Lambão = hábitos pessoais	Penuriosa
Sem hábitos de higiene	Indesejáveis	Itinerantes	Masculinizada = referente à mulher	Miseráveis
Vingativos	Nordeste = Seca	Realizadores de atividades sujas, feias	Pouca cultura	Vítimas de fome
Indigentes	Nordeste = Caatinga	Servia aos pioneiros		Desnutridos
Arataca	Pau-de-arara	-	-	Famintos
Tretero = brigão	Cabeça-chata	-	-	-
Atarracado	Subclasse= mestiçagem	-	-	-
Imprasto	Violentos	-	-	-

Esses termos listados no quadro acima fazem parte do vasto rol de enunciados depreciativos presentes tanto em descrições a respeito dos nordestinos feitas por sujeitos externos, e expressos também por eles mesmos, ao relatarem sua permanência em terras paranaenses. Além da associação do Nordeste como sinônimo de seca, e caatinga, e do nordestino como itinerante, pau-de-arara, exóticos, violentos etc., também estão embutidos nestes enunciados, outros tipos de preconceitos, como o de classe. Direcionado contra as pessoas pobres, este pode ser percebido nos discursos que os apontam como imigração da miséria, sem hábitos de higiene, portadores de doenças, pouca cultura, portanto, elementos indesejáveis. Esse também é manifesto em relação a aqueles que ocuparam atividades pouco qualificadas, mas de igual importância dentro do sistema produtivo, que dentro de sua lógica interna, desqualifica a realização de trabalhos braçais. Foi verificado também nesses materiais, preconceito racial em função da cor da pele e da mestiçagem.

No sentido oposto dessas imagens, estão os nordestinos que emergiram a categoria de pioneiros. Esses foram incluídos pela memória

local maringaense por alguns fatores: a) pelo desempenho de profissões de prestígio social; b) pelo exercício de cargos políticos; c) por ser atribuído à primazia na realização de algum tipo de atividade; d) por terem se tornados grandes empresários. Para esses, os preconceitos relacionados à origem regional nordestina são minimizados, mas não eliminados completamente. Muitas vezes eles são lembrados sem que seja ressaltada a região ou o Estado de origem.

Objetivando um contraste com essas imagens propagadas, e consolidadas como inerentes ao nordestino, foram buscadas outras perspectivas sobre a presença deste grupo migratório. Outras perspectivas sobre esses migrantes foram encontradas nos trabalhos que rompem com o modelo tradicional da escrita da história do regional, e também em alguns produzidos fora do âmbito acadêmico. Desse modo, foram constatadas a atuação dos nordestinos em atividades no comércio, além de lavradores, professores, contadores, costureiras, dentre outras, o que já revela uma participação mais ampla.

Contudo, ainda faltava uma investigação mais detalhada, e nessa perspectiva foram buscadas nos títulos eleitorais do município de Maringá, mais informações que pudessem compor um quadro mais completo sobre esses migrantes. Ao contrário dos dados trazidos por alguns geógrafos, historiadores, memorialistas e demais autores que escreveram sobre a colonização do Norte do Paraná e sobre o município de Maringá, os dados presentes nos títulos eleitorais, indicam uma gama enorme de profissões desempenhadas pelos nordestinos, num total de 225 tipos de atividades distintas, além daquelas repetidas exaustivamente, de machadeiros e poceiros.

O historiador Eric Wolf (2005) ao analisar os movimentos migratórios ocorridos entre o século XIX e início do XX a nível global, aponta que muito mais que a transferência de mão-de-obra nas frentes migratórias, há também o deslocamento de serviços e recursos, que ajudam a suprir a demanda por determinados tipos de profissionais e de serviços.

As pessoas podem mudar-se por motivos religiosos, políticos, ecológicos ou por outras razões, mas as migrações dos séculos XIX e XX foram, em grande parte, migrações de mão-de-obra, movimentos portadores da força de trabalho. Essas migrações da mão-de-obra, incluíam, é claro, editores de jornais que publicavam periódicos para os mineiros poloneses ou os metalúrgicos alemães, bem como lojistas que forneciam aos seus companheiros de imigração o macarrão e o feijão vermelho, especialistas religiosos que atendiam as almas católicas ou budistas, além de outros contingentes. Cada migração envolveu a transferência para a nova localização geográfica não apenas força de trabalho como também serviços e recursos. Cada onda migratória gerava, por sua vez, fornecedores de serviços no porto de destino, fossem eles agentes da mão-de-obra, advogados, comerciantes ou tocadores de instrumentos de percussão. (WOLF, 2005, p.432)

Esse foi o caso da migração de nordestinos para o município de Maringá. Ela significou a vinda de profissionais com qualificação e formação em áreas indispensáveis ao desenvolvimento do município, desde nível superior, técnico e secundário. Dentre as 225 profissões identificadas constam médicos, professores, advogados, motoristas, mecânicos, comerciantes, carpinteiros, contadores, enfermeiros, costureiras, religiosos, alfaiates, marceneiros, agricultores, lavradores, tratoristas, torneiros mecânicos, domésticas, dentre outras tantas atividades, desempenhadas por esses migrantes no município de Maringá. As atividades desempenhadas por esses migrantes concentraram-se basicamente na área urbana, representando 67% do total, sendo 47% no setor terciário e 20% no secundário. O percentual representado pelos nordestinos que desempenhavam funções no setor primário situou-se em 27%. Os inativos representaram 5,6% e as profissões indefinidas/não constam, 0,4%.

As informações presentes nos títulos eleitorais e nos documentos de isenção eleitoral, referentes à proporção de homens e mulheres e os estados de quais os nordestinos eram provenientes, confere com os dados do Censo do IBGE da década de 1970, sendo os estados da Bahia, Pernambuco, Ceará, Alagoas, Paraíba, Sergipe, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão, nesta sequência, os que demandaram maior volume de migrantes. No entanto, esses dados possibilitaram ir além da região de procedência e as

profissões exercidas pelos nordestinos. Foi identificado nesse material, que eles também tiveram peso nas decisões políticas do município, sendo verificado tanto pelo cruzamento de dados referentes à realização de eleições e o número de alistamentos eleitorais, quanto pela participação desses migrantes como vereadores, vice-prefeito, deputado federal, eleitos por Maringá.

Além dessas informações, também foram identificados dados referentes aos posteriores deslocamentos desses migrantes e o tempo médio de permanência em Maringá, e a tendência da migração intra-regional, revelando as tentativas de estabelecimentos desses migrantes, ainda na região de destino. De um total de 7.888 eleitores identificados como eleitores (exceto os isentos), 2.460, ou 31% reemigrou para outras localidades. Constatou-se que o período de maior incidência dessas reemigrações ocorreu na década de 1970, constando 1.177 nordestinos ou 48% do total de reemigrados. Esse período marca a reestruturação do modo de produção agrícola do Estado do Paraná.

A região Sul constituiu o local principal de deslocamento desses nordestinos, concentrando 56,3% do total de reemigrados. Desse montante, apenas os deslocamentos realizados no interior do próprio Estado do Paraná, concentrou em 99% do total de transferências eleitorais para essa região. A região Sudeste situa em segundo lugar como lugar de destino dos nordestinos que reemigraram, num total de 33,6%, concentrando apenas o Estado de São Paulo a maior parte desses deslocamentos com um total de 94,4%. A região Nordeste vem na sequência com 5,5% do total de reemigrados; a região Centro-Oeste com 2,6%; já os deslocamentos sem especificação do local de destino situam em 1,5%; e a região Norte situa como a menor em relação ao destino dos reemigrados com 0,5%.

Com isso foi possível identificar que muito embora a região Centro-Oeste, seja sempre indicada como o principal local de destino dos migrantes que numa etapa anterior havia se dirigido ao Norte do Paraná, o movimento de reemigração em sua direção foi bem menor que o verificado para as regiões Sul e Sudeste, o que indica que anterior à ida para essa nova frente,

esses migrantes tentaram se estabelecer em localidades mais próximas a Maringá. Essa tendência foi facilmente verificada ao tomar como base, apenas os deslocamentos registrados no interior do Estado do Paraná. Apenas as transferências realizadas para a mesorregião Norte Central, que possuem como principais centros os municípios de Londrina e Maringá, registraram 34% dos reemigrados, sendo que a maior parte deles se concentrou nas adjacências das cidades polos.

Além de dessas informações referentes às profissões desenvolvidas, e os deslocamentos posteriores, também foram buscados outros aspectos qualitativos sobre sua participação, ou seja, depoimentos dos próprios nordestinos sobre suas experiências em solo paranaense. Essas informações foram encontradas em trabalhos que atentavam para os silêncios e equívocos, perpetuados na historiografia e nos discursos sobre essa região, e em trabalhos escritos por eles mesmos, ainda que em pequena quantidade, e também em entrevistas trazidas por memorialistas, jornalistas etc. Nesses trabalhos, que trouxeram os nordestinos como sujeitos ativos no processo de colonização dessa região, ficaram evidentes que os laços de parentesco tiveram grande influência no deslocamento e no estabelecimento desses migrantes, assim como o estabelecimento de novas redes sociais pautadas na origem regional comum.

Esses nordestinos relatam um começo difícil no Norte do Paraná e no município de Maringá, devido ao clima e hábitos alimentares distintos, às dificuldades para adquirir um pedaço de terras, condições ruins de trabalho, frustrações por não conseguir o almejado enriquecimento fácil presentes nas propagandas sobre a região. Essas e outras memórias fazem parte das primeiras recordações desses nordestinos, que se estabeleceram e contribuíram igualmente para a formação dessa região. O confronto com uma nova realidade, a adoção de um novo estilo de vida, a busca por emprego e mudança de profissão, o medo do desconhecido, frustrações e decepções, doenças, as formas de lidar com o preconceito, foram todas situações e dificuldades que esses migrantes tiveram de enfrentar, superar ou optar pela alternativa de reemigrar.

Muito embora sejam evidentes várias formas de discriminação em torno da presença dos nordestinos, não havia somente hostilidades. Estes se integraram com a comunidade local, constituíram famílias, tiveram filhos que cresceram dentro de seu universo cultural, se estabeleceram nos setores produtivos, receberam influências e também deixaram suas marcas. Apesar da existência de preconceitos que marcaram fortemente a vida de muitos, no entanto, houve também bastante reciprocidade. Esta pode ser verificada nas influências da música, na existência de programas de rádios voltados especialmente a esses migrantes, na culinária local com a presença de Casas do Norte e restaurantes típicos, e até mesmo no desfile municipal de 2013, que teve como temática, uma homenagem aos nordestinos em Maringá.

A vinda desses migrantes ao Estado não se encerrou com o esgotamento da fronteira agrícola. Ela diminuiu em intensidade, mas ainda hoje a região continua sendo um polo de atração para muitos que buscam novas oportunidades e empregos em várias frentes. No comércio e na construção civil em Maringá atualmente, há um grande contingente de nordestinos principalmente neste segundo ramo de atividade, devido ao grande surto imobiliário vivenciado pelo município. Outra área que recebe um grande aporte de nordestinos é o da educação superior, com a frequente busca pelo acesso a cursos de graduação, como os de medicina no setor de ensino privado abertos recentemente em Maringá.

Apesar das explicações sobre o deslocamento dos nordestinos serem buscadas essencialmente no fenômeno das secas, ou na atribuição de um povo de grande mobilidade, a notícia de que uma nova região seria explorada e loteada correu o país, atraindo investidores e também mão de obra. Não havia a necessidade somente de machadeiros, mateiros e madeireiros. Em uma região em que o discurso afirmava não ter nada além de mato e terras a serem ocupadas, era preciso profissionais das mais variadas áreas. Ingenuamente, em um primeiro momento, é fácil admitir e absorver a afirmação de alguns historiadores que salientam que a região tornou-se atrativa para trabalhadores oriundos de regiões assoladas pela seca ou pela falta de recursos. Há também as memórias coletivas que se consolidaram outras imagens, não investigadas, como o de que a região servia como

esconderijo para foragidos da justiça, ou aventureiros que buscavam lugares de fácil ascensão econômica. Mesmo com o risco banal de cair no tão abominável anacronismo histórico, foi impossível não comparar os motivos que levam uma pessoa a migrar hoje e os que levavam as pessoas a migrarem em meados do século XX, as forças atuais que desencadeiam os processos migratórios são as mesmas operaram no passado. Não há somente a ilusão de um local privilegiado geográfica ou economicamente que proporcionaria o enriquecimento, prosperidade e ascensão social imediato. Essas ideias eram comumente difundidas nas propagandas divulgadas pela CTNP/CMNP, e podem ser constatadas através de suas propagandas impressas em jornais, panfletos e etc. (FIGURA 14).

Figura 14 – Propaganda da CTNP sobre o Norte Novo do Paraná.

PRODUZEM TUDO DO BOM E DO MELHOR!

Posto que o Norte do Paraná seja uma região nova, nem por isso deixa de possuir tudo como

nos grandes centros metropolitanos. O bom clima aliado à excelente rede rodoviária e

ferroviária, a água magnífica, são factores preponderantes do progresso verificado.

Cidades, villas, povoações, lá fundadas, possuem escolas, telegrapho e tudo o mais.

As terras são immensamente productivas, dando de tudo abundantemente: Café, algodão, trigo, milho, feijão, aveia, frutas, etc., havendo ainda grande quantidade e variedade de madeira.

Não ha sau'va nem outros parasitas de plantações.

Para ter a certeza de adquirir terras roxas férteis, ricas e compensadoras, com facilidade de pagamento, procure a



Cacha de bananas, contendo 355 frutas e medindo 1 metro de extensão, procedente de plantações em terras da Companhia.

COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ
A MAIOR EMPRESA COLONISADORA DA AMERICA DO SUL

Para mais informações em seu escriptorio RUA 3 DE DEZEMBRO N.º 45, antigo 12
2.º andar — Caixa Postal n.º 2.771 — São Paulo

N. B. — Nenhum agente de vendas está autorizado a receber dinheiro em nome da Cia.

Fonte: Anúncio publicado em 28 de junho de 1936, no jornal O Estado de São Paulo.

Além dos atrativos de terras férteis, supostamente de fácil aquisição e com plantações livres de pragas, deve-se considerar motivos individuais de busca de ascensão social, qualificação profissional, laços de parentesco, entre outros que visam uma melhor qualidade de vida. Se tal parâmetro não for adotado, fica inexequível compreender as motivações que impeliram pessoas que viviam em grandes centros, exerciam profissões socialmente distintas, gozavam conforto e acesso a recursos consideráveis, a deixarem seus locais de origem e encararem um novo modo de vida no então chamado, “sertão paranaense”.

Em síntese, apesar da grande quantidade de assuntos tratados em relação à migração de nordestinos ao Norte do Paraná e ao município de Maringá, outras temáticas ainda podem ser exploradas, mas dentro dos objetivos propostos para esta dissertação foi cumprido seus propósitos, que era o de identificar dados quantitativos referentes ao seu aporte, e de como sua participação aparece nas narrativas de colonização do Norte do Paraná e município de Maringá. Também foram buscadas informações qualitativas sobre o cotidiano, motivações para o deslocamento, o estabelecimento numa região distinta, as sociabilidades criadas, etc. Somados a esses aspectos, com os dados obtidos nos títulos eleitorais e documentos de isenção, foi possível verificar outra faceta sobre sua participação em terras paranaenses. Os dados mostraram uma atuação dos nordestinos, bem maior na formação da sociedade norte paranaense e maringaense, além daquela amplamente divulgada e aceita pela memória local e pela história regional. Eles tiveram uma grande inserção social, cultural, assim como na economia e na política.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar** - As fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.

ALEGRO, Regina Célia; SANTOS, Janete Oliveira; GASPARG, Edna de Souza. **Catadores de ALGODÃO**. Tantas vidas... tantas histórias. Londrina: EDUEL, 2006.

ANDRADE, Arthur. **Maringá, ontem hoje e amanhã**. São Paulo: Rumo, 1979.

ARAÚJO, Marivânia Conceição. **O Bairro Santa Felicidade por ele mesmo**. Espaço Urbano e Formas de Representações Sociais em Maringá, Paraná. 2004. 295f. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2004.

ARRAES, Virgílio Caixeta. **Títulos eleitorais: 1881-2008**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Secretaria de Gestão da Informação, 2009. (Série Apontamentos, 2)

ARRUDA, Gilmar. PROENÇA, Wander de Lara. A historiografia do Paraná e o espaço simbólico da universidade: os historiadores, seus lugares e suas regiões (1970-2012). **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v.18 n.1, p.240-260, 2013.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta Guimarães. Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013. Florianópolis, **Anais eterônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013. p.01-14. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386697149_A_RQUIVO_RobertaGuimaraesPeres.pdf>. Acessado em 26/07/2014.

BAILY, Samuel L. **Patrones de Residencia de los Italianos en Buenos Aires Y Nueva York: 1800-1914**. Estudios Migratorios Latinoamericanos. Buenos Aires, n. 1, p. 09-47. Diciembre, 1985.

BALHANA, Altiva Pilatti; PINHEIRO MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. História do Paraná. IN: In: EL-KHATIB, Faissal. (org). **História do Paraná**. 2ªed.Curitiba: Grafipar, 1969. 1ºV.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. **O problema das “Frentes Pioneiras” no Estado do Paraná**. Revista Brasileira de Geografia, v. 15, n. 3, julho-setembro de 1953.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/634115.pdf>>. Acessado em 20/02/2014.

BRASIL. **Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965. Institui o código eleitoral.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14737.html>. Acessado em 23/03/2014.

BRITO, Fausto. **As migrações internas no Brasil:** um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009. (Textos para discussão; 366)

_____. **Brasil, final de século:** a transição para um novo padrão migratório? In: ANAIS ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, 2000. Caxambu, **Anais eletrônicos...** Caxambu: ABEP, 2000. P.01-44. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Brasil,%20Final%20de%20s%C3%A9culo%20-%20A%20Transi%C3%A7%C3%A3o%20Para%20Um....pdf>>. Acessado em 20/03/2014.

BURMESTER, Ana M. de Oliveira et al. O paranismo em questão: o pensamento de Wilson Martins e Temístocles Linhares na década de 50. In: SILVA, Marcos A. (org.). **República em Migalhas.** São Paulo: Marco Zero, 1990.

CABRAL, Manoel. **Maringá da floresta à selva de pedra.** Maringá: Clichetec, 1977.

MARINGÁ. Câmara Municipal. **Vereadores de Maringá:** outras legislaturas. Disponível em: <<http://www.cmm.pr.gov.br/?inc=legislatura05>>. Acessado em: 12/06/2013.

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. **Paranismo:** arte, ideologia e relações sociais no Paraná. 1853 – 1953. 2007, 213f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.

CAMBIAGHI, Salete Maria. O Povoamento do Norte do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (orgs.) **Geografia e Norte do Paraná:** um resgate Histórico. Londrina: Humanidades, 2007. V.2.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. **Os Enfermos da Razão:** cidade planejada, exclusão e doença mental (Maringá, 1960 – 1980). São Paulo: Annablume, FAPESP, 2004.

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Conjuntura Econômica da Madeira no Norte do Paraná.** 1974. 217f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1974.

_____. **Cafeicultura Paranaense: 1900-1970 – Estudo de Conjunturas.** 1977. 497f. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo. São Paulo. 1977.

CARVALHO, Joubert. **Maringá.**

Disponível em: <<http://letras.mus.br/joubert-de-carvalho/939572/>>. Acessado em 13/08/2013.

CARVALHO, Luiz de. Conheça políticos que caíram no esquecimento. **O Diário**, Maringá, 27 nov. 2010. Disponível em:

<<http://www.odiario.com/politica/noticia/368524/conheca-politicos-que-cairam-no-esquecimento/>>. Acessado em 03/06/2013.

CAVALCANTE, Joel Júnior. **A presença nordestina em Maringá:** memória e sociabilidade dos migrantes. 2013. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2013.

CORRÊA JÚNIOR, João Antônio. **O trem de ferro!** Maringá: 5 de Abril, 1991.

DAL MORO, Nataniél. Os memorialistas e a edificação de um passado glorioso. **Revista Crítica Histórica**, Bogotá, Ano III, n° 6, p. 01-23, dez. 2012.

DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. (org). **Maringá e o Norte do Paraná:** Estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 2002.

DIAS, Reginaldo Benedito; TONELLA, Celene. **A Experiência do Legislativo municipal em Maringá – 1947 – 1988.** Maringá: Câmara Municipal de Maringá, 1999.

DINIZ, Eliel. **Lô.** São Paulo: Dutra & Xavier, 1983.

DOMINGUES, Viviane Pedroso. Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPUH, 2011. p.01-15. Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300879525_ARQUIVO_textoanpuh.pdf>. Acessado em 25/08/2013.

DUQUE ESTRADA, Jorge Ferreira. **Terra Crua.** Curitiba: [s.n.], 1961.

FERNANDES, Leticia. De Norte a Sul: os nordestinos na frente pioneira do Norte Novo de Maringá (1950- 1970). In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL: MEMÓRIA, DEMOCRACIA E JUSTIÇA, 11., 2012. Rio de Janeiro, **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. p. 01-14. Disponível em:

<http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340415862_ARQUIVO_DENORTEASULOSNORDESTINOSNAFRENTEPIONEIRADONORTENOVODEMARINGA.pdf>. Acessado em: 12/03/2014.

FILHO, Silverio T. Baeta Zebral; MARIZ, Wanderley. **A Nova Dinâmica do Desenvolvimento Regional no Brasil: Globalização, Desigualdades Sócio-Econômicas e Integração**. Rio de Janeiro: CERES/FGV, 1998. Disponível em: <https://www.academia.edu/1108887/A_NOVA_DINAMICA_DO_DESENVOLVIMENTO_REGIONAL_NO_BRASIL_Globalizacao_Desigualdades_Socio-Economicas_e_Integracao>. Acessado em 26/04/2014.

FORECK, Simone Cristina. **Biografia de Romário Martins**. Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/noticias/biografia-de-romario-martins/76>>. Acessado em 14/07/2014

FUKUSHIMA, Masanori. **Eleitores e migrações internas no Brasil o caso paranaense: 1900-1984**. Curitiba: [s.n.], 1988.

GABRIEL, Hulda Ramos. **Rumo ao Sul: História & histórias vividas no Norte e no Noroeste do Paraná**. Maringá: Sthampa, 2001.

GERMANI, Emílio. **Coletânea Rotary: Seleção de temas para a informação Rotária**. Maringá: Sthampa, 2003.

GOMES, Camila. Os nordestinos que viraram “pés vermelhos” em Goioerê. **Jornal Itribuna**, Goioerê, 07 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.tribuna.com.br/regiao/os-nordestinos-que-viraram-pes-vermelhos-em-goioere-1694/>>. Acessado em: 29/07/2014.

GONÇALVES, Cátia Rocha; ALEGRO, Célia Regina. A presença dos migrantes nordestinos em Assaí na década de 1950. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16., Porto Alegre, **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: AGB, 2010.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. **História Regional & Ideologias: Em Torno de Algumas Corografias Políticas Do Norte Paranaense – 1930/1980**. 1995, 264f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1995.

GONZAGA, Luiz. **Paraíba Mulher-Macho**. Disponível em: <<http://www.letras.com.br/#!luiz-gonzaga/paraiba-masculina>>. Acessado em: 29/04/2014

GRAF, Maria E. de Campos. A população negra do Paraná no século XIX. In: **Boletim do Depto. de História da UFPR**, Curitiba, n. 21, p. 75-78. 1974.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do Ouro Verde**. 1986, 181f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1986.

GURGEL, Rodrigo. Os pecados de Wilson Martins. **Gazeta do Povo**, Curitiba, mar, 2010. Disponível em:

<<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/os-pecados-de-wilson-martins/>>.
Acessado em: 14/07/2014.

HILÁRIO, José. **Maria do Ingá**: amargo sabor de mel na colonização do Paraná. Maringá: Ideal, 1995.

IBGE. **VII Recenseamento Geral - 1970**. Série regional. Volume I - Tomo XIX. 1973.

IPARDES. **Estado do Paraná - Divisão Política - 2010**. Disponível em:
<http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/Divisao_politica_2010.pdf>. Acessado em 02/05/2014.

_____. **Leituras regionais**: mesorregiões geográficas paranaenses. Curitiba: IPARDES, 2004.

_____. **Leituras regionais**: Mesorregião Geográfica Norte Pioneiro Paranaense. Curitiba: IPARDES/ BRDE, 2004a.

_____. **Leituras regionais**: Mesorregião Geográfica Norte Central Paranaense. Curitiba: IPARDES/BRDE, 2004b. Disponível em:
<http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_norte_central.pdf>. Acessado em 02/05/2014.

_____. **Leituras regionais**: Mesorregião Geográfica Noroeste Paranaense. Curitiba: IPARDES/BRDE, 2004c. Disponível em:
<http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_noroeste.pdf>. Acessado em 03/05/2014.

_____. **Leituras regionais**: Mesorregião Geográfica Centro-Occidental Paranaense. Curitiba: IPARDES/ BRDE, 2004d. Disponível em:
<http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_centro_occidental.pdf>. Acessado em 03/05/2014.

_____. **Leituras regionais**: Mesorregião Geográfica Centro-Oriental Paranaense. Curitiba: IPARDES/ BRDE, 2004e. Disponível em:
<http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_centro_oriental.pdf>. Acessado em 03/05/2014.

_____. **Leituras regionais**: Mesorregião Geográfica Metropolitana de Curitiba. Curitiba: IPARDES/BRDE, 2004f. Disponível em:
<http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_metropolitana_curitiba.pdf>. Acessado em 04/05/2014.

_____. **Leituras regionais**: Mesorregião Geográfica Centro-Sul Paranaense. Curitiba: IPARDES: BRDE, 2004g. Disponível em:
<http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_centro_sul.pdf>. Acessado em 04/05/2014.

_____. **Leituras regionais**: Mesorregião Geográfica Oeste Paranaense. Curitiba: IPARDES/BRDE, 2004i. Disponível em:
<http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_oeste.pdf>.

Acessado em 04/05/2014.

_____. **Leituras regionais:** Mesorregião Geográfica Sudoeste Paranaense. Curitiba: IPARDES/BRDE, 2004j. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/webisis.docs/leituras_reg_meso_sudoeste.pdf>. Acessado em 04/05/2014.

_____. **Leituras regionais:** Mesorregião Geográfica Oeste Paranaense. Curitiba: IPARDES/BRDE, 2004i. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/webisis.docs/leituras_reg_meso_oeste.pdf>. Acessado em 04/05/2014.

_____. **Relação dos municípios do estado ordenados segundo as mesorregiões e as microrregiões geográficas do IBGE.** Curitiba: IPARDES, 2012. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/relacao_mun_micros_mesos_parana.pdf>. Acessado em 02/08/2013.

KATAYAMA, Johnny. Os pioneiros foram verdadeiros heróis. **Jornal Matéria Prima.** Maringá, 17 ago.2010. Disponível em: <<http://www.jornalmateriaprima.com.br/menu/entrevista/?id=52>>. Acessado em 24/08/2013.

LEAL, João Laércio Lopes; YOSHIDA, Elise Sayuri. Maringá: as primeiras notas da Cidade Canção. IN: BONI, Paulo César. (org) **Certidões de nascimento da história:** o surgimento de municípios no eixo Londrina – Maringá. Londrina: Planográfica, 2009.

LINHARES, Temístocles. **Paraná Vivo:** sua vida, sua gente, sua cultura. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

LUPION, Márcia Regina de Oliveira. **Nas Águas de Lobato:** a construção de um espaço social na zona rural de Lobato, Norte do Paraná (1948-1973). 2003, 183f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2003.

LUZ, France. **As migrações internas no contexto do capitalismo no Brasil:** a microrregião “Norte Novo de Maringá” – 1950-1980. 1988, 367f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.1988.

_____. **O Fenômeno Urbano numa Zona Pioneira:** Maringá. 1980, 435f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo. 1980.

MANICARDI, Antônio Mário. **Maringá meu bom dia pra você!** Maringá: Sthampa, 2010.

MARINGÁ HISTÓRICA. **Dr. Lafayette da Costa Tourinho.** 2013. Disponível em:<<http://maringahistorica.blogspot.com.br/2013/03/pioneiro-dr-lafayette-da-costa-tourinho.html>>. Acessado em 03/05/2013.

MARINGÁ ILUSTRADA. Maringá: [s.n], 1957.

MARINGÁ ILUSTRADA. Maringá: Brasilgráfica, 1972.

MARINGÁ, Prefeitura Municipal. Secretaria de Cultura. Gerência de Patrimônio Histórico. **Projeto Memória dos Bairros: Vila Operária**. Maringá: 2002.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

MATA, Milton da; CARVALHO, Eduardo Werneck R. de; CASTRO E SILVA, Maria Thereza L. L. **Migrações internas no Brasil: aspectos econômicos e demográficos**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1973.

MENDES, Manuel Messias. **Sociologia de Botequim**. Maringá: Clichetec, 1995.

MICHAELE, Faris Antonio S. Formação Étnica do Paraná. IN: EL-KHATIB, Faissal. (org) **História do Paraná**. 2ªed. Curitiba-PR: Grafipar, 1969. V. 3.

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA. **Microfilmagem das Folhas de Votação referente ao período de 1956 – 1986 de Londrina-Pr**. Disponível em:<<http://www.uel.br/museu/complementares/microfilmagem.html>>. Acessado em 10/02/2014.

MONBEIG, Pierre. A zona pioneira do Norte-Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (orgs.) **Geografia e Norte do Paraná: um resgate Histórico**. Londrina: Humanidades, 2007. V. 2.

_____. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec-Polis, 1984.

MONTAGNARI, Fernando. (coord). **Retratos do lugar de uma gente**. Maringá: Funarte/Fuem,1987. N°45.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. 2ª ed. Maringá: Eduem, 2009.

MÜLLER, Nice Lecocq. Contribuição ao estudo do Norte do Paraná. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (orgs.). **Geografia e Norte do Paraná: um resgate Histórico**. Londrina-PR: Humanidades, 2007. V. 2.

MUSSALAM, René. **Norte Pioneiro do Paraná: formação e crescimento através dos censos**. 1974, 176f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1974.

NASCIMENTO, José Rodrigues. **Do Gumex ao Laquê**. Maringá: Clichetec, 2007.

NEVES, Luiz Carlos Assumpção. **História da Música na Cidade Canção**. Maringá: Prefeitura de Maringá. Secretaria de Cultura, 2009.

_____. **Instituto Victor Neves**. Entrevistas da Pesquisa de História Oral “História da Música na Cidade-Canção”. Janeiro de 2007 a maio de 2009. Maringá: [s.n.], 2009.

Observatório das Metrôpoles. **Como anda a Região Metropolitana de Maringá**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2009. Disponível em: <http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/como_anda/como_anda_RM_maringa.pdf>. Acessado em 12/03/2014.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Anúncio publicado em 28 de junho de 1936. p.02. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19360628-20464-nac-0002-999-2-not>>. Acessado em 16/08/2013.

OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e Industrialização no Paraná**. Coleção História do Paraná. Curitiba: SEED, 2001.

OLIVEIRA, Márcio. Imigração e diferença em um estado do sul do Brasil: o caso do Paraná. **Revue Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Debates. Bogotá, maio, 2007. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/5287?lang=pt>>. Acessado em 10/07/2014.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, vol.19 n°.4. s/p. Out/Dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000400009>. Acessado em 22/03/2014.

OMURA, Ivani Aparecida Rogatti. **Eleitores e Eleitos – composição e comportamento Maringá – 1956-1964**. 1982. 209f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1982.

OURA, Márcia. Festas nordestinas ajudam a reduzir o preconceito, diz Ceará. **Jornal Revelia**, Assaí, 17 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.revelia.com.br/?pagina=posts&id=7178&tipo=Assa%ED>>. Acessado em 29/07/2014.

PAULO, Miriam Lopes. **As migrações internas e a configuração sócio-econômico-espacial de Assaí - PR: o caso dos nordestinos**. 2010. 112f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas. Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2010.

PARANÁ. Governo do Estado. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da Sessão Legislativa

Ordinária de 1958 pelo Senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba, 1959.

PENA, Eduardo Spiller. **O jogo da face.** A astúcia escrava frente aos senhores e à lei na Curitiba provincial. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino:** Identidades Sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

PERARO, Maria Adenir. **Estudo do povoamento, crescimento e composição da população do Norte Novo do Paraná de 1940 a 1970.** 1978, 191f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1978.

PRANDINI, Neyde. Aspectos da geografia urbana de Londrina. In: FRESCA, Tânia Maria; CARVALHO, Márcia Siqueira de. (orgs.). **Geografia e Norte do Paraná:** um resgate Histórico. Londrina: Humanidades, 2007. V. 2.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LONDRINA. **Museu de Arte recebe nova edição da Festa Nordestina.** 2014. Disponível em:

<http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16234%3Amuseu-de-arte-recebe-nova-edicao-da-festa-nordestina&catid=108%3Adestaques&Itemid=288>. Acessado em: 29/07/2014.

PRIORI, Angelo; POMARI, Luciana Regina; AMÂNCIO, Silvia Maria; HIPÓLITO, Verônica Karina. (orgs). **História do Paraná:** séculos XIX e XX. Maringá: EDUEM, 2012.

RAMALHO, Miriam de Lima. **Memórias de uma Potingá.** Maringá: LBGRAF, 2010.

RECCO, Rogério. **Desbravadores do Comércio de Maringá.** Setenta anos de uma história e tanto. Maringá: Regente, 2012.

REIS, Osvaldo. **Maringá 60 anos:** a História em conta-gotas. 2ªed. Maringá: Primavera, 2004.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da Esperança:** a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: UNB, 2008.

RIO GRANDE DO NORTE. Tribunal Regional Eleitoral. **Títulos Eleitorais – Coleção Memória Eleitoral.** Natal: TRE-RN, 2012.

RODRIGUES, Ana Lúcia. **A pobreza mora ao lado:** segregação socioespacial na região metropolitana de Maringá. 2004, 257f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de estudos pós-graduados em ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2004.

Rotary Club Maringá. **Registro de Inventário noite de homenagens: méritos da comunidade.** 13 de maio de 2003. Vol. II.

SANCHES, Antenor. **A Cidade Canção.** Maringá: Bertoni, 2004.

_____. **Maringá Outrora e Agora.** Maringá: Bertoni, 2006.

SANCHES, Antenor. **Maringá sua História e sua Gente.** Maringá: Massoni, 2002.

SCHIAVONE, Ademar. **Memórias de um bom sujeito I.** Maringá: Sthampa, 2000.

_____. **Memórias de um bom sujeito II.** Maringá: Sthampa, 2004.

SCHIAVONE, Ademar. **Memórias de um bom sujeito III.** Maringá: Sthampa, 2007.

SILVA, Carla Holanda da. **O encontro de territorialidades na diáspora: japoneses e nordestinos em Assaí-PR.** 2008, 135f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SILVA, Juliano Alves. **A influência do associativismo no espaço urbano em dois municípios da região metropolitana de Maringá - os casos de Sarandi e Paçandu - PR.** 2008, 132f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2008.

SILVA, Miguel Fernando Perez. **Sala dos Suplícios - o dossiê do caso Clodimar Pedrosa Lô.** Maringá: Clichetec, 2010.

SILVA, Virgínia Ferreira da. Migrantes na Periferia Urbana do Interior de São Paulo: Trajetórias e Identidade. **Cadernos CERU.** São Paulo, nº 18, 2007.

SOUTO MAIOR, Laércio. **São os nordestinos uma minoria racial?** Londrina, [s.n], 1985.

STECA, Lucinéia Cunha. FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950.** Londrina: EDUEL, 2002.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná” história e fantasmagorias.** 1997, 342f. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1997.

TONELLA, Celene; GUERRA VILLALOBOS, Jorge Ulisses; DIAS, Reginaldo Benedito. **As memórias do sindicalista José Rodrigues dos Santos: as lutas dos trabalhadores rurais do Paraná.** Maringá: EDUEM, 1999.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. **Corregedoria Eleitoral: disciplina, procedimentos para conservação e descarte de documentos.** Disponível em: <<http://tre-al.jusbrasil.com.br/noticias/111912841/corregedoria->

eleitoral-disciplina-procedimentos-para-conservacao-e-descarte-de-documentos>. Acessado em 11/02/2014.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. **Resolução nº 7.419/2004 que dispõe sobre os procedimentos para conservação e desfazimento de documentos e materiais no âmbito dos cartórios eleitorais.** Disponível em: <http://www.tresc.jus.br/site/fileadmin/arquivos/legjurisp/resolucoes/2004/7419_.pdf>. Acessado em 10/02/2014.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Cadastro Eleitoral: Alistamento, transferência, revisão e segunda via.** Disponível em: <<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/alistamento-transferencia-revisao-e-segunda-via-roteiros-eje>>. Acessado em 23/02/2014.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Cronologia das Eleições.** Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleitos-1945-1990/cronologia-das-eleicoes>>. Acessado em 20/02/2014.

VIANA, Roberto dos Santos; ANDRADE, Solange Ramos de. O perfil do fiél no culto ao santo popular: o caso Clodimar Pedrosa Lô em Maringá. In: ENCONTRO DO GT NACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES, 1., 2011. Ponta Grossa, **Anais eletrônicos...** Ponta Grossa: ANPUH, 2011. p.01-05. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st2/Viana,%20Roberto%20dos%20Santos%20.pdf>>. Acessado em 14/07/2014.

VIEIRA, Ildeu Manso. **Jacus e Picaretas: A História de uma colonização.** Maringá: Bertoni, 1999.

WOLF, Eric R. **A Europa e os Povos sem História.** São Paulo: Edusp, 2005

WACHOWICZ, Ruy. Frentes Pioneiras. In: **História do Paraná** (Série Ideias em Debate). V.5. Curitiba: SECE/Biblioteca Pública do Paraná, 1986.

_____. **História do Paraná.** Curitiba: Vicentina, 1967.

APÊNDICES

Apêndice 01. Norte Novo de Maringá. Naturalidade dos cônjuges, por sexo e município, segundo os registros de casamentos 1944-1980.

Municípios da Microrregião Norte Novo de Maringá	N A T U R A L I D A D E																		
	Alagoas		Bahia		Ceará		Maranhão		Paraíba		Pernambuco		Piauí		Rio Gde do Norte		Sergipe		Total
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Atalaia	53	32	137	101	35	28	-	-	22	21	68	52	04	01	-	-	23	18	595
Dr. Camargo	17	13	63	46	12	10	-	-	03	03	29	18	01	-	03	-	04	02	224
Floraí	88	85	187	114	48	32	01	-	19	11	93	65	08	07	05	01	24	14	802
Floresta	19	07	68	56	34	31	-	-	08	02	34	33	01	-	02	-	18	10	323
Itambé	70	56	226	136	69	44	-	01	16	09	115	80	11	06	06	05	38	14	902
Ivatuba	43	35	116	102	17	17	-	-	06	03	37	31	03	01	02	05	06	06	430
Mandagua- çu	62	44	201	119	64	31	01	-	17	06	72	58	06	06	05	04	20	08	724
Mandagua- ri	66	59	352	178	89	46	01	02	30	15	162	91	13	12	13	08	26	12	1.175
Marialva	212	154	627	451	166	91	02	01	58	47	328	242	12	04	15	06	101	66	2.583
Maringá	402	263	1.224	787	368	245	08	08	174	113	689	481	34	09	58	34	114	62	5.073

Ourizona	30	32	78	48	15	15	-	-	05	05	26	22	-	-	01	-	07	05	289
Paiçandu	56	49	170	108	23	23	-	-	17	12	117	101	05	01	04	02	16	19	723
São Carlos do Ivaí	77	66	164	127	49	41	-	-	20	11	94	83	03	02	05	06	25	16	789
São Jorge do Ivaí	125	127	283	205	85	62	-	01	20	19	129	87	03	03	13	15	31	17	1.225
Uniflor	79	70	234	195	76	60	01	-	26	29	149	137	05	05	05	03	29	20	1.123
TOTAL	1.399	1.092	4.130	2.773	1.150	776	14	13	441	306	2.142	1.581	109	57	137	89	482	289	16.980

Fonte: Livros de Registro de Casamento dos Cartórios de Registro Civil – 1944-1980. IN: (LUZ, 1988. p. 226-228) Quadro adaptado¹⁰².

¹⁰² Foram selecionados somente os dados referentes a cônjuges naturais dos estados do Nordeste, e computados somente aqueles que se referem aos casamentos desses nordestinos em cada município da microrregião Norte Novo de Maringá entre 1944-1980.

Apêndice 02. Norte Novo de Maringá. Naturalidade dos cônjuges, por sexo e período, segundo os registros de casamentos 1944-1980.

Naturalidade dos Cônjuges	PERÍODO														TOTAL	
	1944-1950		1951-1955		1956-1960		1961-1965		1966-1970		1971-1975		1976-1980			
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Alagoas	16	09	86	57	247	200	337	269	283	215	258	206	172	136	1.399	1.092
Bahia	97	37	427	281	794	500	930	679	830	569	647	449	405	258	4.130	2.773
Ceará	08	03	91	30	221	135	271	186	222	156	212	171	125	95	1.150	776
Maranhão	-	01	02	-	01	01	03	03	03	03	02	02	03	03	14	13
Paraíba	02	-	30	12	77	44	107	72	81	70	81	59	63	49	441	306
Pernambuco	27	06	127	63	376	286	520	426	436	324	436	309	220	167	2.142	1.581
Piauí	02	01	17	09	28	07	22	18	17	09	15	10	08	03	109	57
Rio Grande do Norte	01	-	13	05	30	19	36	18	22	18	22	18	13	11	137	89
Sergipe	06	-	32	16	77	42	107	56	100	65	102	84	58	26	482	289
TOTAL	159	57	825	473	1.851	1.234	2.333	1.727	1.994	1.429	1.775	1.308	1.067	748	10.004	6.976

Fonte: Livros de Registro de Casamentos dos Cartórios de Registro Civil – 1944-1980. IN: (LUZ, 1988, p.233-234) Quadro adaptado.

Apêndice 03. Bibliografia consultada – não cita nordestinos.

Título	Autor	Categoria	Área	Editora	Ano
Isto é Maringá	-	Revista	Comunicação	-	1957
A Maria fumaça!	CORRÊA JR, João Antonio	Livro	Ensaio	Gráfica Ivaí	1988
Paróquia Cristo Ressuscitado: vinte e cinco anos de história 1969-1994	SCHNEIDER, Pe. Geraldo	Livro	Memórias	-	1994
História da Paróquia Cristo Ressuscitado	SCHNEIDER, Monsenhor Geraldo	Livro	Memórias	-	1995
Paixão ela vida: autobiografia de Francisco Gonçalves, um pioneiro	GONÇALVES, Francisco	Livro	Memórias/ Biografia	Ed. Paranaense	1999
Maringá Cidade Canção: Volta às raízes VI	WAGNER, Benno	Livro	Memórias	Gráfica Torres	2000
COCAMAR: uma história de quatro décadas.	RECCO, Rogério (ORG)	Livro	Jornalismo	Flamma Comunicação	2003
A história do futebol profissional de Maringá	LIMA, Reginaldo; VIEIRA, Ortílio C. (Tilinho)	Livro	Memórias	Ed. Sthampa	2005
O Sonho se faz ACIM	-	Livro	Comércio	Dental Press	2006
Retalhos da Vida	GERMANI, Emílio	Livro	Biografia	-	2007
Seu Joaquim, um brasileiro de Coragem	RECCO, Rogério	Livro	Memórias	Midiograf	2008
Jaime: uma história de fé e empreendedorismo. Biografia de Dom Jaime Luiz Coelho	BARBOSA, Everton; PEÑA, Luciana.	Livro	Biografia	DNP Editora	2011

Fonte: Acervo bibliográfico sobre o município de Maringá - GPH/PMM.

Apêndice 04. Nomes, naturalidade e profissões dos nordestinos considerados pioneiros.

	NOME	UF	Chegada Maringá	PROFISSÃO	Nº citações	AUTORES E ANO DA PUBLICAÇÃO
01	Aniceto Gomes da Silva	PE	1942	Padeiro	08	Maringá Ilustrada 1957; DUQUE ESTRADA, Jorge Ferreira, 1961; CABRAL, Manoel, 1977; SOUTO MAIOR, Laércio, 1985; VIEIRA, Ildeu Manso, 1999; SANCHES, Antenor, 2002; REIS, Osvaldo, 2004; RECCO, Rogério 2012.
02	Antonio Aclahir de Oliveira Coutinho	PE	1952	Médico Veterinário	02	DUQUE ESTRADA, Jorge Ferreira, 1961; MANICARDI, Antônio Mário, 2010;
03	Antonio Azevedo	-	-	Advogado	01	SCHIAVONE, Ademar, 2004.
04	Antônio Eufrázio da Silva	AL	1938	Picadeiro CTNP	01	SOUTO MAIOR, Laércio, 1985.
05	Antônio Gomes da Silva	PE	1947	Desembargador e presidente Tribunal de Justiça – PR	01	SANCHES, Antenor, 2002.
06	Benivaldo Ramos Ferreira	BA	1948	Contador; Funcionário Público; Professor	02	SANCHES, Antenor, 2002 e 2004.
07	Eduardo Froes da Mota	BA	-	Médico	01	SCHIAVONE, Ademar, 2000;
08	Geny Correia de Melo	AL	1949	Juíza de Paz	01	SANCHES, Antenor, 2004.
09	Hercílio Waldemar Ribeiro	CE	1950	Auxiliar de escritório	01	Maringá Ilustrada 1957;
10	Ivan Neves Pedrosa	PB	1946	Advogado	01	SOUTO MAIOR, Laércio, 1985.
11	João Carlos do Nascimento	BA	1948	Pedreiro, Comércio Vereador	01	Maringá Ilustrada 1972;
12	João Tenório Cavalcante	PE	1944	Empreiteiro	07	Maringá Ilustrada 1957 e 1972; DUQUE ESTRADA, Jorge Ferreira, 1961; MONTAGNARI, F. 1987; HILÁRIO, José, 1995; VIEIRA, Ildeu Manso, 1999; RECCO, Rogério 2012.
13	Joaquim Ferreira Dias	BA	1948	Vereador	01	SANCHES, Antenor, 2002.
14	José Carlos Cal Garcia	BA	-	Advogado, 1º reitor UEM	01	SOUTO MAIOR, Laércio, 1985.

15	José Inácio da Silva	PE	1942	Hoteleiro	09	Maringá Ilustrada 1957 e 1972; DUQUE ESTRADA 1961; CABRAL, Manoel, 1977; SOUTO MAIOR, Laércio, 1985. HILÁRIO, José, 1995; VIEIRA, Ildeu Manso, 1999; SANCHES, Antenor, 2002; REIS, Osvaldo, 2004;
16	José Joaquim Pereira	BA	1950	Lavrador, comércio, Sindicalista	01	SANCHES, Antenor, 2006.
17	Lafayette da Costa Tourinho	BA	1944	Médico	07	Maringá Ilustrada 1957 e 1972; DUQUE ESTRADA, Jorge Ferreira, 1961; SOUTO MAIOR, Laércio, 1985. HILÁRIO, José, 1995; VIEIRA, Ildeu Manso, 1999; SCHIAVONE, Ademar, 2007;
18	Leandro Lobão Luz	BA	1951	Médico	02	SCHIAVONE, Ademar, 2000; RECCO, Rogério, 2012;
19	Miravam Barlavento Salles	MA	-	Professor Vereador	04	HILÁRIO, José, 1995; SCHIAVONE, Ademar, 2000; REIS, Osvaldo, 2004; RECCO, Rogério, 2012.
20	Napoleão Moreira da Silva	BA	1945	Comerciante Vereador	09	Maringá Ilustrada 1957 e 1972; DUQUE ESTRADA, Jorge Ferreira, 1961; SOUTO MAIOR, Laércio, 1985. HILÁRIO, José, 1995; VIEIRA, Ildeu Manso, 1999; GERMANI, Emílio, 2003; SCHIAVONE, Ademar, 2007; RECCO, Rogério 2012.
21	Raimundo Coimbra Leite	CE	1952	Caixeiro, Carregador, Agropecuário	02	Maringá Ilustrada 1972; SANCHES, Antenor, 2002;
22	Reverendo Raimundo Nunes dos Santos	MA	1950	Jornalista, Pastor Evangélico	01	Maringá Ilustrada 1957.
23	Severino Gomes da Silva	PE	1942	Padeiro	07	Maringá Ilustrada 1957; DUQUE ESTRADA 1961; HILÁRIO, José, 1995; VIEIRA, Ildeu Manso, 1999; SANCHES, Antenor, 2002; REIS, Osvaldo, 2004; RECCO, Rogério, 2012.
24	Tenente Roque de Oliveira Valença	PE	1950	Militar	01	Maringá Ilustrada 1957.
25	Walber de Souza Guimarães	MA	1960	Industriário, Vereador, Vice-prefeito; Deputado Federal;	07	CORRÊA JÚNIOR, João Antônio, 1991; HILÁRIO, José, 1995; SANCHES, Antenor, 2002 e 2004; SCHIAVONE, Ademar, 2000 e 2004; RECCO, Rogério, 2012.
26	Waldyr de Oliveira Coutinho	PE	-	Médico	01	MANICARDI, Antônio Mário, 2010.
27	Zé Risada	-	-	-	-	SCHIAVONE, 2000.

Fonte: Acervo bibliográfico sobre o município de Maringá - GPH/PMM.

Apêndice 05. Fotografias de nordestinos em Maringá.

Fonte: Títulos eleitorais e documentos de isenção. GPH-PMM.

ANEXOS

Anexo 01. Título Eleitoral do Município de Maringá – 8º modelo. Frente.

10913
74371
N.º INSCRIÇÃO

56 ZONA

Maringá
MUNICÍPIO OU DISTRITO

NOME Almy Bispo da Costa

13.7.2.948 DATA DO NASCIMENTO

Bos Vista Ba. NATURALIDADE

Solteiro ESTADO CIVIL

Exídio Bispo da Costa e Constancia Maria de Jesus
FILIAÇÃO

Levraador PROFISSÃO

Rua Mandacaru RESIDÊNCIA

VOTA NA 55 SECCÃO 102 Bispo da Costa
ASSINATURA DO ELEITOR

10.8.68
EM
T. S. E. - TÍTULO (2ª PARTE) - MOD. 8

JUIZ ELEITORAL Almy

Fonte: Títulos eleitorais do município de Maringá. DPH/PMM.

Anexo 02. Título Eleitoral do Município de Maringá – 8º modelo. Verso - constando transferência.

quite P/of. 1.076/71 rematida à 102ª Zona de Mandaguapé-Pr.
em 31/agosto/1971.-
Ofício recebido nº 956/71.-

Dano. sob nº 33.368

ARQUIVO
PA OTE Nº 5372

Fonte: Títulos eleitorais do município de Maringá. DPH/PMM.

Anexo 03. Documento de Isenção Eleitoral.

República Federativa do Brasil
 PODER JUDICIÁRIO
 JUÍZO ELEITORAL DA 66ª ZONA DE MARINGÁ
 - ESTADO DO PARANÁ -

Pres. do J. Ele. de Maringá - Pr.

ALBERTINA GUILHERME DE OLIVEIRA

DATA DO NASC. Jacaraci - Ba. ESTADO CASADA
 NATURALIDADE EST. CIVIL

Odorico Guilherme de Sousa e Maria de Jesus

PROFISSÃO Do Lar RESIDÊNCIA Rua Manoel Macedo, 85

Cert. Casam. nº. 854, livro B, fls. 255, de Maria Helena-Pr.

DOCUMENTO APRESENTADO

conforme compareceu perante este JUÍZO está ISENTO do alistamento Eleitoral EK-VI do disposto no art. 5º
 n.º 1º do Código Eleitoral, do que se lhe fornece o presente certificado para os fins de direito.

MARINGÁ 03 DE agosto DE 1972

N.º 367

ANTONIO DOMINGUES DOS SANTOS JUNIOR
 JUÍZ ELEITORAL

Fonte: Títulos eleitorais do município de Maringá. DPH/PMM.